

JOSÉ PESTANA DE AGUIAR D'AGORRETA D'ALPUIM

**FACTORES DE SUCESSO INTERNACIONAL DAS
FEDERAÇÕES DE RUGBY DA ÁFRICA DO SUL,
AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA**

Tese defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Doutor em Educação Física e Desporto, na especialidade de Didática da Educação Física e do Desporto, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 20 de janeiro de 2021, com o Despacho nº 246/2020, de 26 de outubro de 2020, com a seguinte composição do Júri:

Presidente

Prof. Doutor Jorge dos Santos Proença Martins, por delegação do Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, FEFD/ULHT;

Vogais

Prof. Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa, Faculdade de Educação Física e Desporto - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, FEFD/ULHT;

Prof. Doutor João Valente dos Santos, Faculdade de Educação Física e Desporto - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, FEFD/ULHT;

Prof. Doutor José Guilherme Oliveira, Faculdade de Desporto - Universidade do Porto, FD/UP;

Prof. Doutor Rui Jorge Lara Madeira Claudino, Faculdade de Motricidade Humana - Universidade de Lisboa, FMH/UL;

Orientadora

Profª Doutora Maria Salomé Fernandes Martins Marivoet, Investigadora do CIES – Instituto Universitário de Lisboa.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

20 de janeiro de 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mulher e aos meus filhos, nascidos durante esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos ao Instituto Federal de Brasília (IFB), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) e à University of Technology Sydney, que contribuíram para a concretização deste estudo. De forma mais personalizada, desejamos expressar os nossos sinceros agradecimentos:

Aos meus orientadores Prof^a Salomé Marivoet (ULHT) e Prof. Lino Castellani (UNICAMP); aos meus professores de Mestrado StellaMaris Bortoni, Alfredo Feres, Mauro Del Grossi, Paulo Henrique Azevedo e Dulce Filgueira (todos da UnB); Fernando Carvalho, António Marques Mendes e Miguel Torres Preto (todos da U.Coimbra); e Soeren Keil (Canterbury CCU); aos amigos professores que contribuíram com suas sugestões Zeca Marques (UNESP), Victor Ramalho (Ludens-USP), Francisco Pinheiro (CEIS20-U.Coimbra), Warren Whisenant (Uni Miami), Gallen Clavio (Indiana Uni), Brenda Pitts (Georgia State Uni), Michael Burgess (Univ of Kent), Victor Agulló (Univ Valencia), Gleen Fyall (U.Canterbury), Bachir Zouddji (Univ Valenciennes), Janica Van Wyk, Julius Jooste, Alliance Kubayi (todos da TUT-Pretoria), Wladimir Andreff (Sorbonne); e aos professores que tão bem me receberam na UTS (Sydney) Paul Jonson, Simon Darcy, Johanna Adriaanse e Antoine Hermens.

Aos 81 entrevistados, que gentilmente ofereceram uma ou duas horas do seu tempo. Em especial a Hamish Riach, Peter Rowles, Tony Crawford, Michael Backstorm, Brett Hollister, Dan Tatham e Barend van Graan que, após as suas entrevistas, fizeram questão de me ajudar a entrar em contacto com vários dos outros entrevistados. Sem a ajuda deles, tal não teria sido possível. Uma palavra de gratidão também a todos os que me ajudaram a entrar em contacto com os primeiros entrevistados: João Nogueira e Agustín Danza (CBRu), Rui Alvarez, Rohan Hoffmann, Damien Steele (Portugal) e Mahlubi Puzi (SARU).

À minha Mãe (Lisboa e Montargil), aos meus Sogros (Sarzedo e outros), Olinda, Linita e Lino (Arganil), tia Nita (Vilamoura e Lisboa), Carlos e Catarina (Porto), Inácio e Roberta

(Coimbra), Ricardo e Thaís (Coimbra), tia Cuca e tia Zé (Viana), João Neto (Sydney), Jo Geary (Christchurch), Mateus e Liz (Coolum Beach-QLD), Jeremy, Kelly, Sue, Jason, Arianne e Miguel (Glenfield/Auckland), Fernando (Pretoria), Barend (Bloemfontein), Francisco (Genève), André (Vienna), Tia Ana Esteves (Salvador), David e Teresa (Brasília), Francisca (Lisboa), Filipa e Marco (Cascais) e Osvaldo e Vica (Porto), pelas estadias e apoios logísticos.

E um MUITO OBRIGADO especial à minha mulher Ana Beatriz, que me deu todo o apoio que um doutoramento realmente necessita, e durante o qual ainda nos brindou com um casal de filhos !

FRASES ICÓNICAS

"Because we are better travellers" (SANZAR and Brumbies CEOs, on "Why SANZAR nations win so consistently ?")

"Rugby is a socialist system in a free market country" (Dave Barker, Marist Albion president)

"The 'old farts'" (Will Carling, on Home Unions administrators. RETIEF, 2011)

"Doc Daniel Craven use to say money was the cancer that would kill rugby" (GROUNDLINGH, 2008)

"Sports and sporting events cannot be comprehended without reference to relations of power: who attempts to control how a sport is to be organised and played, and by whom; how is it to be represented; how is it to be interpreted" (J. MacClancy, 1996, pp 4-5.)

"The people of New Zealand are more All Blacks-mad than rugby-mad" (Chantal BAKER, opinion of an Auckland friend)

"My son has a picture of you on his wall. You are his hero. You have a big job to do today, but my son says you can do it." (Mandela to James Small, just before RWC95 final)

"Lomu has a Small problem !" (fans banner at RWC95 final)

"We agreed that I would stand wide and force Lomu inside, which made me very nervous and uncomfortable. It was not the way I was accustomed to defending. I liked to think the touchline was my ally." (James Small, on tactics to defend Lomu)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi procurar saber quais poderiam ser os principais factores da supremacia do rugby do hemisfério sul, nomeadamente da África do Sul, Nova Zelândia e Austrália (SANZAR).

Como demonstramos, as competições equilibradas, o apoio público ao nível amador e os recursos privados na vertente profissional do jogo tinham uma conexão com a integração dos modelos competitivos desses países. Para isso, definimos três hipóteses e construímos um modelo de análise para sua operacionalização. Utilizamos uma metodologia extensiva e a aplicação de várias técnicas de pesquisa social: análise documental, observação direta e inquérito por questionário. 81 questionários foram respondidos por CEOs, presidentes e diretores de alto escalão em 4 níveis: Federações Nacionais, Franquias do Super Rugby, Federações Provinciais e Clubes Amadores.

Os resultados mostram uma maior facilidade de garantir o apoio público da parte do rugby amador (ou semiprofissional) da SANZAR, como considerava a primeira hipótese. A análise da informação mobilizada aponta que a delimitação geográfica dos níveis competitivos facilita o trabalho de branding de todas as equipas, conforme pressupõe a nossa segunda hipótese. Os dados também esclarecem que, a partir da internacionalização do produto de rugby em 1996, foi possível atrair patrocinadores multinacionais e/ou grandes empresas nacionais, como afirma a nossa terceira hipótese.

Concluimos que os modelos competitivos nos 4 níveis se ajustam a um posicionamento de mercado correto, que conseguem financiamento público e apoio não financeiro ao nível mais baixo da competição amadora, com a cobertura dos media aumentando à medida que se sobe para os níveis competitivos superiores, donde as equipas alcançam patrocínios adequados ao seu nível de competição. Além disso, os elevados dividendos de direitos de TV que vêm da exposição internacional, tanto das seleções nacionais quanto das franquias do Super Rugby, são devidamente canalizados para os níveis mais baixos, onde são criadas as possibilidades de carreira profissional para todos os jogadores.

Palavras-chave: Sucesso Desportivo Internacional, Competições Equilibradas, Modelos Competitivos, Políticas Públicas, Recursos, Estratégia Internacional, Gestão de Marcas

ABSTRACT

The purpose of this research was to find out what could be the main factors of the southern hemisphere rugby supremacy, namely South Africa, New Zealand and Australia, haka SANZAR.

We tried to demonstrate that balanced competitions, public support to amateur level and private resources on the professional side of the Game had a link to the integrated competition models of this countries. For that, we set three hypotheses and construct an analysis model for its operation. We have used extensive methodology and the application of various techniques of social research: documentary analysis, direct observation and survey with a questionnaire.⁸¹ questionnaires were responded by CEOs, Presidents and high profile Directors from 4 *tiers*: National Unions, Super Rugby Franchises, Provincial Unions and Amateur Clubs.

Results show the greater ease of securing public support by SANZAR's amateur (or semi-professional) rugby, as proved by the first hypothesis. The analysis of the information mobilized points out that the geographical delimitation of the competitive levels facilitates the branding work of all teams, as it presupposes our second hypothesis. The data also clears that from the internationalization of the rugby product in 1996, it was possible to attract Multinational and/or major National sponsors, as affirmed by our third hypothesis.

We conclude that the 4 tier competition model fits to a correct market positioning that reach public funding and non-financial support in the lower level of competition, with media coverage rising throughout higher levels, were teams achieve sponsorship adequated to their level of competition. In addition, big TV rights that come from international exposure both from National teams and Super Rugby franchises, are dully channeled to the lower levels, which are responsible for feedind a professional pathway for players.

Keywords: International Sporting Succes, Balanced Competitions, Competitive Models, Public Policies, Resources, International Strategy, Branding

ABREVIATURAS

ACT Australian Capital Territory
AFL Australian Football League
AFS África do Sul
ANZAC Australia and New Zealand Army Corps
AR Alto Rendimento
ARU Australian Rugby Union
AUD Australian Dollar
CAGE Culturais, Administrativas, Geográficas e Económicas
CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBRu Confederação Brasileira de Rugby
CDUL Centro Desportivo Universitário de Lisboa
CEO Chief Executive Officer
COI Comité Olímpico Internacional
COB Comité Olímpico Brasileiro
CRFU Canterbury Rugby Football Union
CUT Central University of Technology
DE Desporto Escolar
DP Desporto de Participação
EP Eastern Province
EUA Estados Unidos da América
FIAT Fabbrica Italiana Automobili Torino
FIRA Federation International du Rugby Amateur
FFR Federation Française de Rugby
FS Free State
GDD Grupo Desportivo de Direito
GPS Great Public Schools
IBM International Business Machines
IFB Instituto Federal de Brasília
iRB International Rugby Board
JO Jogos Olímpicos
LIE Lei de Incentivo ao Esporte

LNR Ligue National de Rugby
MLB Major League Baseball
MCMMG Media, Corporações, Merchandising, Mercados, Global
NBA National Basketball Association
NFL National Football League
NHL National Hockey League
NPC National Provincial Championship
NPO Non Profit Organization
NRC National Rugby Championship
NRL National Rugby League
NSW New South Wales
NSWRU New South Wales Rugby Union
NZRU New Zealand Rugby Union
NZ\$ New Zealand Dollar
OLI Ownership, Location, Internalization
PIB Produto Interno Bruto
PIRA Pacific Islands Rugby Alliance
QLD Queensland
R Rand
RFU Rugby Football Union
RU Rugby Union
RWC Rugby World Cup
SANZAR South Africa, New Zealand and Australia Rugby
SARU South Africa Rugby Union
SPSS Statistical Package for the Social Sciences
SR Super Rugby
SSSL Spectateurs, Subventions, Sponsors, Local
SWD South Western Districts
TUT Tshwane University of Technology
UJ University of Johannesburg
ULHT Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
UnB Universidade de Brasília
UTS University of Technology Sydney

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	2
AGRADECIMENTOS	3
FRASES ICÓNICAS	5
RESUMO.....	7
ABSTRACT	9
ABREVIATURAS	11
ÍNDICE DE FIGURAS.....	17
ÍNDICE DE TABELAS	17
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA [<i>racional</i>]	21
1.1 Rugby no Mundo: Competições Norte vs Sul [<i>North vs South</i>].....	21
1.2 Sucesso Desportivo Internacional [<i>international sporting success</i>].....	23
1.3 Organização das Grades Competitivas [<i>competition models</i>]	26
1.3.1 Competições equilibradas [<i>balanced competitions</i>].....	26
1.3.2 Barreiras à entrada [<i>Entry barriers</i>]	33
1.3.3 Governança hierárquica [<i>Hierarchical governance</i>].....	35
1.3.4 Livre associativismo [<i>Free association</i>].....	36
1.4 Recursos [<i>Resources</i>].....	37
1.4.1 Financiamento público [<i>Public funding</i>].....	37
1.4.2 Financiamento privado [<i>Private funding</i>].....	39
1.5 Políticas públicas [<i>Public policies</i>].....	41
1.5.1 Federalismo [<i>Federalism</i>].....	42
1.5.2 Políticas desportivas [<i>Sporting policies</i>].....	44
1.6 Estratégia Internacional [<i>Internacional Strategy</i>].....	45
1.7 Branding [ou desenvolvimento de Marcas]	48
1.7.1 Branding & Media	49
1.7.2 Brand Equity [valor da Marca].....	50
1.7.2.1 Brand Loyalty [fidelidade à Marca]	50
1.7.2.2 Brand Awareness [reconhecimento da Marca]	51
1.7.2.3 Perceived Quality [qualidade percebida de uma Marca]	52
1.7.2.4 Brand Association [associação a uma Marca].....	52
CAPÍTULO 2 - ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO DE ANÁLISE	53
2.1 Problema e Hipóteses de Investigação	57
2.2 Desenho do Estudo.....	62
2.3 Métodos e Técnicas de Recolha da Informação	66
2.4 Caracterização da Amostra	67

2.4.1 Diário de campo	68
2.5 Procedimentos na Recolha e Análise da Dados	72
2.6 Financiamento da Pesquisa de Campo	73
 CAPÍTULO 3 - CARACTERIZAÇÃO DAS COMPETIÇÕES DE RUGBY NOS PAÍSES DA SANZAR	75
3.1 Tier 1 (International)	78
3.2 Tier 2 (Franquias do <i>Super Rugby</i>)	79
3.3 Tier 3 (Provincial)	80
3.3.1 NPC - <i>National Provincial Championship</i> (Nova Zelândia)	80
3.3.2 <i>Currie Cup</i> (África do Sul)	82
3.3.3 NRC - <i>National Rugby Championship</i> (Austrália)	84
3.4 Tier 4 (Clubes Amadores)	85
3.4.1 <i>Carlton League</i> (Pretória)	85
3.4.2 <i>Pirates Grand Challenge</i> (Johannesburg)	85
3.4.3 <i>Saty League</i> (Bloemfontein)	86
3.4.4 <i>Shute Shield</i> (Sydney)	86
3.4.5 <i>Queensland Premiership</i> (Brisbane)	87
3.4.6 <i>John I Dent Cup</i> (Canberra)	87
3.4.7 <i>North Harbour Premier</i> (zona a norte da Baía de Auckland. Sede: Albany)	88
3.4.8 <i>Gallaher Shield</i> (Auckland)	88
3.4.9 <i>McNamara Cup</i> (a região sul de Auckland. Sede: Pukekohe)	89
3.4.10 <i>Waikato Premier</i> (capital e sede: Hamilton)	89
3.4.11 <i>Hankins Shield</i> (Sede: Palmerston North)	90
3.4.12 <i>Jubilee Cup</i> (Wellington)	91
3.4.13 <i>Hawkins Cup</i> (Christchurch)	91
3.5 Evidências do Equilíbrio Competitivo	92
3.6 Governança	96
3.6.1 Nos clubes amadores (nível 4)	96
3.6.2 Das competições inter-provínciaes (nível 3)	98
3.6.3 Da competição <i>Super Rugby</i> (nível 2)	99
 CAPÍTULO 4 - A FACILIDADE DE SE CONSEGUIREM APOIOS PÚBLICOS, NO RUGBY AMADOR (OU SEMI-PROFISSIONAL) DA SANZAR	101
4.1 Tier 1 (International)	102
4.2 Tier 2 (Franquias do <i>Super Rugby</i>)	103
4.3 Tier 3 (Provincial)	105
4.4 Tier 4 (Clubes Amadores)	105
4.5 Síntese Conclusiva (H ¹)	109

CAPÍTULO 5 - A LIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DAS COMPETIÇÕES DE RUGBY NO HEMISFÉRIO SUL	113
5.1 Sentido de Afiliação dos Entrevistados	113
5.2 Atitude Perante a Indústria do Rugby	115
5.3 <i>Brand Awareness</i> [consciência ou conhecimento de uma Marca]	116
5.3.1 <i>Tier 1</i> - Rugby Championship	117
5.3.2 <i>Tier 2</i> - Super Rugby	117
5.3.3 <i>Tier 3</i> - Provincial Rugby competitions (Currie Cup, ITM Cup e NRC)	120
5.4 <i>Brand Association</i> [associação a uma Marca]	123
5.4.1 <i>Tier 1</i> - Rugby Championship	124
5.4.2 <i>Tier 2</i> - Super Rugby	127
5.4.3 <i>Tier 3</i> - Provincial Rugby competitions (Currie Cup, ITM Cup e NRC)	129
5.4.4 <i>Tier 4</i> - Campeonatos Amadores	131
5.5 <i>Brand Loyalty</i> [Fidelidade a uma Marca]	133
5.6 Qualidade Percecionada	135
5.6.1 <i>Tier 1</i> - Rugby Championship	137
5.6.2 <i>Tier 2</i> - Super Rugby	138
5.6.3 <i>Tier 3</i> - Provincial Rugby competitions (Currie Cup, ITM Cup e NRC)	139
5.7 Marcas nos Media [<i>Branding & Media</i>]	141
5.8 Síntese Conclusiva (H ²)	144
 CAPÍTULO 6 - A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RUGBY E SUA TRANSFORMAÇÃO EM PRODUTO COMERCIAL	 147
6.1 Tipo de Patrocinadores Segundo os Níveis de Competição	147
6.2 Estratégia de Internacionalização CAGE	149
6.2.1 Verificando a existência de diferenças culturais	149
6.2.2 Verificando a existência de diferenças administrativas	153
6.2.3 Verificando a existência de diferenças geográficas	156
6.2.4 Verificando a existência de diferenças económicas	158
6.3 Síntese Conclusiva (H ³)	160
 CONCLUSÃO	 161
LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES EMPÍRICAS E CONCEPTUAIS	165
RECOMENDAÇÕES PARA ESTRATÉGIAS NO BRASIL E/OU EM PORTUGAL, A PARTIR DO ESTUDO DA REALIDADE DA SANZAR	 169
 BIBLIOGRAFIA	 179
 ANEXOS	 194
Anexo I - Inquérito por Questionário [<i>english</i>]	195

Anexo II - Inquérito por Questionário (português)	202
Anexo III - Outputs do SPSS	209
Anexo IV - Histórico das Classificações de Todas as Competições Pesquisadas, na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia	289
Anexo V - fotos das Competições da SANZAR	313
Anexo VI - Carta de Apresentação da CBRu	315
Anexo VII - Lista dos entrevistados	317

ÍNDICE FIGURAS

Capítulo 2

Figura 1 - Número de jogadores de rugby	58
Figura 2 - Desenho do Estudo	63

Capítulo 3

Figura 3 - As competições pesquisadas nos três países da SANZAR	77
---	----

Capítulo 4

Figura 4 - Calendário anual dos países da SANZAR	111
--	-----

Recomendações para estratégias no Brasil e/ou em Portugal, a partir do estudo da realidade da SANZAR

Figura 5 - Federações Provinciais da Ilha do Sul (Nova Zelândia)	170
Figura 6 - Clubes de North Canterbury	171
Figura 7 - Clubes metropolitanos de Christchurch	171
Figura 8 - Clubes suburbanos de Christchurch (Ellesmere Division)	171

ÍNDICE TABELAS

Capítulo 2

Tabela 1 - Classificação nos Mundiais de Rugby, de 1987 a 2015	58
Tabela 2 - Histórico absoluto dos jogos entre os 3 Países da SANZAR e os 5 Países do Torneio das Cinco Nações	59
Tabela 3 - Modelo de Análise Desagregado (MAD)	64

Capítulo 3

Tabela 4 - Quadro-resumo das características de cada competição	93
Tabela 5 - Relação entre as que são consideradas "melhores equipas" e os finalistas ou campeões de cada competição	94

Capítulo 4

Tabela 6 - Q22 "Do your Entity receive any Public Financial Subvention ?"	102
Tabela 7 - Q25 "Do your Entity receive any Public non-Financial Subvention ?"	104

Capítulo 5

Tabela 8 - Nível de suporte/torcida por "rugby"	114
Tabela 9 - Atitude perante a indústria do rugby da SANZAR	116
Tabela 10 - Citação de três seleções nacionais de rugby, suas cores e logotipo	117
Tabela 11 - Citação de três franquias do Super Rugby, suas cores e logotipo	118
Tabela 12 - Citação de três equipas Provinciais de rugby, sua cor e logotipo	121
Tabela 13 - Equipa favorita	124
Tabela 14 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos All Blacks	125
Tabela 15 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos Wallabies	126
Tabela 16 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos Springboks	126
Tabela 17 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das franquias NZ do Super Rugby	127
Tabela 18 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das franquias australianas do Super Rugby.....	128
Tabela 19 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das franquias sulafricanas do Super Rugby.....	129
Tabela 20 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das seleções provinciais da NZ.....	130
Tabela 21 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das seleções provinciais sul-africanas	130
Tabela 22 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos clubes amadores da NZ	131
Tabela 23 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos clubes amadores australianos.....	132
Tabela 24 - Fidelidade a uma Marca [<i>Brand Loyalty</i>]	133
Tabela 25 - Fidelidades médias, por equipa.....	134
Tabela 26 - A equipa mais admirada em cada país	136
Tabela 27 - "Respeito e Confiança" pelas seleções nacionais	137
Tabela 28 - "Respeito e Confiança" pelas franquias do Super Rugby	138
Tabela 29 - "Respeito e Confiança" pelas seleções provinciais	140
Tabela 30 - O rugby nos media do hemisfério sul (em %)	142

Capítulo 6

Tabela 31 - Relação entre tipo de patrocinadores e níveis de competição	148
Tabela 32 - Diferenças Culturais	150
Tabela 33 - Diferenças Administrativas	154
Tabela 34 - Diferenças Geográficas	157
Tabela 35 - Diferenças Económicas	158

Conclusão

Tabela 36 - Síntese comercial do rugby do hemisfério sul	163
--	-----

INTRODUÇÃO

O porquê das três nações do hemisfério sul – África do Sul, Austrália e Nova Zelândia – serem tão bem-sucedidas no rugby mundial é uma questão que tem sido investigada, tanto nesses três países, para saberem o porquê do seu sucesso, como nos países europeus, nomeadamente nas Ilhas Britânicas e em França, para saberem o porquê do seu insucesso. Apesar de Pierre Bourdieu (1990) considerar o rugby como um esporte popular, na verdade, talvez o seja apenas na sua França e em uma outra vintena de países, na sua quase totalidade, pertencentes à *Commonwealth* Britânica.

Nesta pesquisa, procurei encontrar indicações de possíveis respostas a essa questão.

Justificativa da Pergunta de Partida [research question]

Conforme a Figura 1 (cf. Capítulo 2, p. 58) demonstra, a Inglaterra e a França são os países com maior número de jogadores federados no Mundo, e os seus campeonatos nacionais são onde se praticam os maiores salários do Mundo, atraindo os melhores jogadores.

Apesar destes números, o sucesso internacional dessas duas seleções é historicamente inferior ao das três seleções ditas do "Hemisfério Sul": Nova Zelândia, África do Sul e Austrália (cf. Tabelas 1 e 2, no Capítulo 2, ps. 58 e 59).

Dito isto, fica no ar a pergunta do porquê dos dois países com mais jogadores e com maiores salários não conseguirem produzir resultados iguais ou superiores àqueles países do Hemisfério Sul? Ou dito de outra forma, ensaiamos a nossa Pergunta de Partida: "Porque as seleções da SANZAR ganham tão consistentemente?"

No Capítulo 1, intitulado (Contextualização Teórica) começámos por pesquisar o que já teria sido investigado nesta supremacia do rugby do sul versus o do norte, em diversas áreas, após o que decidimos procurar pesquisas sobre sucesso desportivo internacional, independentemente de qual o desporto em questão. E foi a partir daí que definimos quais as dimensões que iríamos pesquisar nesta investigação. Assim, a revisão bibliográfica aprofunda as seguintes dimensões: Organização das Grades Competitivas; Recursos; Políticas Públicas; *Branding* e Sentimento de Pertença; e Estratégia Internacional.

Em seguida, é no Capítulo 2 (Estratégia de Investigação) que expomos a metodologia utilizada nesta tese de doutoramento.

O terceiro capítulo intitulado (Caracterização das competições de rugby nos países da SANZAR) acabámos por separá-lo dos três seguintes, para poder caracterizar cada uma das competições pesquisadas no campo.

Já no Capítulo 4 (A facilidade de se conseguirem apoios públicos, no rugby amador (ou semi-profissional) da SANZAR) é onde testamos a primeira hipótese, de que "as grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções distritais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas".

Em seguida, no Capítulo 5 (A limitação geográfica das competições de rugby no hemisfério sul), é testada a segunda hipótese, para verificar se "as competições limitadas geograficamente facilitam e potencializam o trabalho do *branding* das equipas".

No sexto capítulo (A internacionalização do rugby e sua transformação em produto comercial), discute-se a veracidade da terceira hipótese, de modo a verificar se "a internacionalização do produto "Rugby" facilita a obtenção de recursos privados da sociedade".

Por fim, expomos as nossas conclusões, levantando algumas questões pertinentes para novas investigações.

Nas recomendações finais, apresentamos uma proposta da possível adaptação do sistema da SANZAR às realidades portuguesa e brasileira.

No final, encontram-se também anexados o inquérito por questionário que utilizámos nas entrevistas que realizei pessoalmente a cada um dos interlocutores privilegiados, os outputs do SPSS, o histórico das classificações das diversas competições pesquisadas, algumas imagens, a minha carta de apresentação aos entrevistados e fotos das Competições da SANZAR.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA [*racional*]

1.1 Rugby no Mundo: Competições Norte vs Sul [*North vs South*]

Procurando por análises comparativas entre o rugby europeu e o da SANZAR, encontramos o de Kuchar & Martin (2016), que compara o equilíbrio competitivo da liga de rugby inglesa (Premiership) com o Super Rugby (cf. Anexo V, p. 325), no período pós-profissionalização (1996-2014). Os seus resultados mostram que, apesar do *Salary-Cap*, a Premiership está cada vez mais e mais desequilibrada, enquanto que no Super Rugby ocorre o inverso. Uma palavra-chave que decidimos pesquisar a partir daqui foi "*Balanced Competitions*".

Também Fourie & Siebrits (2008) tentaram comparar a incerteza de resultados de um jogo e o grau de atratividade, no período de 2006-08, das ligas do hemisfério norte como a Premiership inglesa, a Top14 francesa, a Magner's League celta, como também as ligas continentais europeias como a Heineken Cup e a secundária Challenge Cup. Adicionalmente, pesquisaram nas três competições mais importantes do hemisfério sul: o Super Rugby, a Currie Cup sulafricana (cf. Anexo V, p. 326) e a NPC neozelandesa (cf. Anexo V, p. 326). Concluiu que, nesse período, a Premiership foi a liga mais atrativa, seguida da Magner's League e do Super Rugby.

Um marco importante também é a análise histórica comparada, que Collins (2010) faz dessas duas realidades, no período de 1871 a 1995, ano em que o profissionalismo foi finalmente permitido (Cordery & Davies, 2016). O Autor relata que enquanto a Inglaterra só teve o seu primeiro selecionador profissional em 1987, os três países do hemisfério sul já eram orientados profissionalmente após a Segunda Guerra. Esse artigo foi baseado no capítulo introdutório que faz parte de um livro que se focou no Profissionalismo pós-1996: *The Changing Face of Rugby*, editado por Gregg Ryan em 2009, onde convidou outros oito autores para cada um escrever um dos nove capítulos, de como o profissionalismo se desenrolou nos seguintes nove países: França (Dine & Nier, 2009), Nova Zelândia (pelo próprio Ryan, 2009), África do Sul (Grundlingh, 2009), Fiji, Samoa e Tonga (Dewey, 2009), Inglaterra (Smith, 2009), Irlanda (O'Callaghan & Cronin, 2009), Japão (Light, Hirai & Ebishima, 2009), Gales (Harris, 2009), Australia (Hickie & Bushby, 2009) e Escócia (Bushby, 2009).

Outro artigo que encontramos (Harris, 2013) foi sobre as manutenções e alterações ocorridas no rugby entre as finais das RWC 1987 e 2011 (ambas no "mesmo" estádio Eden Park), com a coincidência (ou não) das mesmas quatro seleções chegarem às semi-finais, sendo ambas finais vencidas pela Nova Zelândia sobre a França, com o bronze sendo alternado entre Gales (87) e Austrália (2011). Os autores evidenciam a enorme diferença de tratamento mediático às celebrações populares relativas à vitória mais natural do mundo dos kiwis, mas que tardou bastante em se repetir¹. Outra grande diferença foram os estádios: em 87 poucos tinham iluminação, pelo que os jogos foram todos realizados de dia, o que ocasionou problemas para espectadores em dias úteis; e não houve possibilidade de adaptar os horários às exigências televisivas de outros países, literalmente do outro lado do mundo. Esta foi uma das razões que obrigou a gestão amadora do rugby a procurar aproximar-se de modelos comerciais, culminando na Copa de 1995, com Jonah Lomu a tornar-se um protagonista global e Mandela a ser um mestre na arte de utilizar-se da globalidade do evento. E claro, o amadorismo secular do rugby foi finalmente deixado para trás.

Mas aquela produção académica que realmente foi ao encontro do que nós pretendíamos foi a de Morgan (2002), que analisa como as estruturas de competição esportiva interna afetam as performances das respectivas seleções nacionais. É um estudo sobre as diferentes alternativas que foram implementadas em diferentes partes do mundo, após a profissionalização do Rugby em 1995, e do qual todos os esportes podem se beneficiar e/ou espelhar. O foco está não apenas no desenho operacional das competições internas, empregabilidade dos atletas, mas também no financiamento e governança do esporte. Traz uma comparação entre três modelos de competições: aquilo a que chama de o "cartel" norte-americano, a "oligarquia" do futebol inglês, e a "governança hierárquica" do Super Rugby (da SANZAR). O autor mostra que as formas como esportes específicos em países específicos resolvem seus problemas, dependem de como se desenvolvem as relações de dependência/poder entre os principais interessados.

Para uma maior aproximação à realidade empírica, começámos por fazer entrevistas exploratórias (Quivy & Campenhoudt, 2008) a jogadores e treinadores desses três países, exercendo as suas atividades em Portugal. Apesar de lisongeados com a questão, as respostas foram muito variadas e muito pouco conclusivas. Desde "é uma questão cultural", "temos o

¹ Em 1987 a Nova Zelândia foi a campeã, conforme esperado, mas depois demorou exatos 24 anos para conseguir repetir o feito.

melhor rugby escolar do Mundo", "temos os melhores treinadores do Mundo", "é uma questão genética", "a nossa meteorologia induz-nos a treinar mais e melhor". Ou seja, encontrar uma palavra-chave nessas entrevistas acabou por ser frustrante, o que nos obrigou a novas pesquisas.

Um dia decidi tirar um dia de "férias" desse meu quebra-cabeças, dizendo a mim próprio que precisava mudar o meu ponto de vista, para conseguir encontrar uma primeira palavra-chave que fosse orientadora da minha Tese. Não foi imediato, mas de repente, um dia acordei não sei nem bem porquê com "*International Sporting Success*" na cabeça, e fui logo procurar por isso no Google Académico.

1.2 Sucesso Desportivo Internacional [*international sporting success*]

Baimbridge (1998) refere que a maioria dos estudos sobre o sucesso esportivo incidem sobre os Jogos Olímpicos e dedicam-se prioritariamente a procurar razões de sucesso em termos de medalhas ou até de classificações.

Por exemplo, Elling, van Hilvoorde & van den Dool (2010, 2014) referem que, dado o objetivo de organizar a Olimpíada de 2028, os governos holandeses da última década têm vindo a aumentar os investimentos no desporto de alto rendimento. Mas para legitimar esses gastos públicos, o argumento usado pelos sucessivos governos é de que megaeventos desportivos e conquistas nacionais alimentam o orgulho nacional, coesão social e prestígio internacional. Os autores dedicaram-se a pesquisar se as conquistas desportivas² teriam realmente impacto no orgulho nacional, num estudo longitudinal com 27 adultos, entre 2008 e 2010. Concluíram então que o sucesso desportivo internacional influi no orgulho nacional, mas apenas no curto prazo, dado que verificaram que esta é uma variável bastante estável.

Em 1995, Morgan³ escreveu um artigo tentando compreender o impacto dos nacionalismos no Olimpismo. O autor discorre à volta da frase de Coubertin "o nacionalismo em si não é pernicioso. Mas facilmente se poderá tornar, caso não seja corrigido por um internacionalismo sincero". Morgan utilizou conceitos de Cosmopolitanismo nômade, iluminado e etnocêntrico para chegar à conclusão que enquanto a promoção das trocas culturais

² Europeu 2008, Mundial 2010, Olimpíadas de Verão 2008 e de Inverno 2010.

³ Norte-americano, do Tennessee.

ocorrer (durante os quatro anos de uma Olimpíada), haverá sempre lugar para esse internacionalismo sincero florescer.

Já Bernard & Musse⁴ (2004) preferiram relacionar a dimensão da população (recursos humanos) e os recursos económicos de um país com o número de medalhas olímpicas⁵ que esse país conquistou, entre os Jogos de 1960 e 1996. Os autores chegaram à conclusão que o tamanho da população de um país e o seu valor do PIB *per capita* têm correlação direta com o número de medalhas.

Hoffmann, Ging & Ramasamy⁶ (2002a; 2002b) pesquisaram sobre variáveis que influenciassem o sucesso internacional, no futebol. Os fatores com relevância encontrados foram económicos, demográficos, culturais e climáticos. A temperatura e o PIB per capita revelaram-se como variáveis de correlação inversa, ao passo que as origem latina e tamanho demográfico juntas mostraram-se relevantes (mas individualmente, verificou-se serem insignificantes).

Também Green & Oackley (2001) referem que as comparações pesquisadas entre o Bloco Soviético e o Ocidente se restringiram aos feitos desportivos alcançados nas olimpíadas. E que encontraram uma diferença significativa entre esses dois blocos: as razões de promoção do desporto de alto rendimento no Ocidente pareciam não estar bem definidas. Os autores acreditam que isso ocorria porque as estruturas organizacionais eram fragmentadas; porque existiam ideologias conflitantes acerca do papel do desporto; e por falta de integração do Estado com as instituições desportivas. Então questionaram-se, se o modelo de alto rendimento soviético estaria a ser copiado pelo ocidente (os testes deste estudo foram feitos no Reino Unido, França e Espanha; USA e Canadá; e Austrália), e se isso traria uma diminuição de contrastes global, ou se ainda assim haveria lugar para diversidade. Identificaram como aspectos de sucesso desportivo: i) a deteção de talentos (atletas); ii) os métodos de ensino e treino; iii) eficiência da organização desportiva; iv) e a profundidade de conhecimento de medicina desportiva e ciências do desporto.

Num estudo encomendado pela SportScotland ao prof Lyle (2009), verificou-se como uma hipótese fraca a influência de sucesso desportivo ou atletas de sucesso, sobre a participação desportiva. No entanto, refere também que o sucesso desportivo gera recursos e *know-how*, que

⁴ Norte-americanos, da California e New Hampshire.

⁵ Somente Olimpíadas de Verão.

⁶ Australiano e malaio, da Universidade de Nottingham (UK).

ainda não foram devidamente canalizados para o desenvolvimento desportivo; figuras públicas desportivas não levam a um impacto sustentável na participação desportiva; mas se imbutidos em programas monitorados de longo prazo, têm maior probabilidade de sucesso no aumento da participação desportiva.

E finalmente, como que para reforçar a ideia de que ainda estamos muito longe de encontrarmos uma fórmula perfeita para o sucesso internacional, Tucker & Collins (2012) afirmam que o sucesso no desporto de elite advém de uma combinação de inúmeros factores, que interagem de forma "ainda pobremente compreendida" para tornarem atletas talentosos em campeões. Como as federações desportivas tentam alocar recursos (escassos) por forma a optimizarem programas de alto rendimento, os autores tentaram verificar se o treino ou a genética seriam fatores determinantes para o sucesso. Concluíram que o treino eleva a performance, mas não garante campeões; mas que atletas geneticamente dotados podem sim, com treino adequado, atingir o seu potencial. Assim, tanto a identificação de talentos como a gestão da sua carreira irão ser determinantes no sucesso desportivo.

Conforme facilmente se compreenderá, existe uma infinidade de estudos sobre sucesso internacional desportivo, com uma diversidade muito abrangente de áreas correlatas e/ou não correlatas. Assim, decidimos usar os estudos de De Bosscher et al. (2006, 2009), como base da nossa revisão bibliográfica posterior.

Em 2009, os autores compararam os sistemas desportivos da Bélgica, Holanda, Noruega, Reino Unido, Itália e Canadá, com base num *framework* que definiram em 2006. Nesse trabalho de 2006, apresentaram uma grade de nove pilares, que foram fruto dessa pesquisa, concluindo serem os principais factores de sucesso desportivo internacional. Os nove pilares apresentados são: suporte financeiro (1); abordagem integrada para desenvolvimento de políticas (2); participação desportiva (3); identificação de talento e sistema de desenvolvimento (4); suporte aos atletas e à pós-carreira desportiva (5); instalações desportivas para treino (6); treinadores e desenvolvimento dos treinadores (7); competições nacionais e internacionais (8); e pesquisa científica e suporte da medicina desportiva (9). Conforme explicaremos no segundo Capítulo, nesta investigação iremos nos focar nos pilares 8 (Organização das Grades Competitivas), 1 (Recursos) e 2 (Políticas Desportivas), razão pela qual também apresentamos em seguida a revisão bibliográfica dos mesmos. Após esses três pilares, apresentamos também a revisão bibliográfica de duas dimensões que trouxemos da gestão: a Estratégia Internacional e o *Branding*.

1.3 Organização das Grades Competitivas [*competition models*]

Szymanski (2003) considera que as competições desportivas são uma das mais importantes formas de entretenimento, dada a quantidade de tempo que os consumidores destinam para o seu consumo. E que muito se tem de caminhar ainda para se encontrarem quais os pontos ótimos de: distribuição das receitas pelos participantes de uma liga; regras de entrada para novos participantes; ou concorrência com outras Ligas (desportos).

Também Pasqualin, O'Shea & Chapman (2007) referiram que havia uma falta de investigação nas mudanças estruturais que o rugby, no caso o australiano, tinham tido desde a profissionalização do mesmo, em 1996. Os autores centram o seu estudo em sugestões de tipos de competições que mais se adequariam à realidade do rugby antípoda, como também à sua sustentabilidade. Assim, desde o rugby dirigido por ex-jogadores, o negócio evolui para nomeações de Direções focadas em contratar treinadores e jogadores, além de equipas profissionais de apoio, tudo isto financiado por participação em competições comercialmente rentáveis.

1.3.1 Competições Equilibradas [*balanced competitions*]

Ao procurar por pistas que me indicassem possíveis razões que respondessem à minha pergunta de partida, cedo percebi que um dos assuntos mais investigados sobre o rugby do hemisfério sul era "competições equilibradas". No entanto, iremos começar pelas pesquisas ao equilíbrio competitivo nos outros desportos.

Scelles et al. (2013) estudaram as audiências do futebol francês, de 2008 a 2011. Os autores concluíram que o momento da época de cada jogo, em referência a objetivos da equipa da casa, é mais importante para a audiência desse jogo, do que o equilíbrio competitivo, medido pela diferença pontual na classificação momentânea dos dois clubes envolvidos nesse mesmo jogo.

Já Schiera (2006) preferiu pesquisar os efeitos da falta de equilíbrio competitivo no futebol europeu. Afirma então que – transversalmente através de todos os desportos – deverá existir equilíbrio competitivo por forma a preservar a integridade de uma competição desportiva

e o interesse dos fãs, o que originará um retorno comercial. O autor refere que esse equilíbrio sempre existiu no futebol europeu até 1995, quando a Corte Europeia sentenciou o caso Bosman, despoletando a que ficou conhecida como Lei Bosman. Conclui então, afirmando que se os resultados começarem a ser previsíveis, o interesse dos espetadores e, por arrasto, dos patrocinadores e veículos de comunicação, irá decair, citando um estudo da BBC e outro da Reuters, ambos de 2005, com os decréscimos acentuados na Premier League inglesa e na Série A do Calcio italiano, como exemplos dessa realidade. Termina perguntando se algum dia a União Europeia permitirá que o futebol europeu restabeleça o equilíbrio competitivo que a mesma ajudou a destruir.

Schiera (2006) refere como formas de promoção do equilíbrio competitivo o *Salary-Cap*⁷, a taxa de luxo⁸, a divisão das receitas dos direitos de TV, prioridade no *Draft*⁹ para equipas que não se classificaram para os *Play-offs* na temporada anterior, e dá como exemplo mais claro o desequilíbrio do futebol americano, que teve apenas sete campeões entre 1972-1993 (vinte e uma temporadas), e que a introdução desses mecanismos em 93 provocou a vitória de nove franquias diferentes, nos treze anos seguintes. E que, nesse período, a NFL se tornou no desporto mais lucrativo¹⁰ dos Estados Unidos.

Também Baimbridge et al. (1996) alertou que os direitos de TV da Premier League inglesa (futebol) iriam reduzir o equilíbrio competitivo, aumentando a diferença das receitas entre os clubes. Mas Szymanski (2003) defende que o argumento do equilíbrio competitivo é baseado em duas observações, que poderão ser únicas nos desportos norte-americanos, explicitando: que a oferta de talento é fixa; e que a ausência de promoção/rebaixamento das Ligas norte-americanas faz com que o equilíbrio competitivo seja mais importante para manter o interesse dos fãs ao longo do tempo. Por outro lado, Szymanski (2007) acha estranho que o campeão europeu FC Porto tenha recebido menores prémios financeiros do que outros clubes, que nem à final chegaram. E que o vice-campeão europeu Arsenal de 2006 tenha recebido exatamente o dobro do FC Porto em 2004. "Parece claro que a Champions League criou um

⁷*Salary-Cap* é uma percentagem fixa das despesas de uma equipa.

⁸ Taxa de luxo é o nome que Schiera dá ao *competitive balance tax* da MLB, em que as franquias que optam por gastar mais do que um determinado montante fixado, deverão ser taxadas no valor excedente. Essa taxa é usada pela MLB para promover o baseball amador.

⁹ O *Draft* é o evento onde cada franquia escolhe os novos jogadores a contratar.

¹⁰ O autor cita um estudo da Forbes em 2003, onde as 32 franquias conseguiram receitas totais de US\$ 5,3 Bilhões e custos globais de US\$ 851 Milhões.

desequilíbrio crônico, tanto dentro quanto fora da competição em si, bem como nas diversas competições domésticas." (Szymanski, 2007, p. 20).

Como já referimos acima, Morgan (2002) evidencia a importância dos formatos de competições internas, e em como eles afetam o sucesso das seleções nacionais. O autor usa a profissionalização do Rugby, em 1995, como uma lição que pode ser levada em conta por outros desportos. Assim, aproveita para comparar três formatos competitivos, os quais define como “Cartel norte-americano”, “Oligarquia do futebol inglês”, e o “Modelo hierárquico dos três países líderes no rugby mundial”.

Mehra & Zuercher (2006) relaciona a cartelização das grandes ligas americanas, criticando as barreiras à entrada de clubes e de jogadores, monopolizando o mercado dos fãs. E refere a Premier League inglesa como um exemplo de maior liberdade de comércio, possibilitando que qualquer clube ou jogador possam subir de divisões e até alcançar a divisão máxima – a Premier League.

Teixeira, Santos e Mourão (2015) construíram uma planilha em Excel, identificando seis fatores que influenciam o equilíbrio competitivo no futebol: i) o número de times de uma competição (e número de rodadas da mesma); ii) os pontos atribuídos a uma vitória; iii) a vantagem de jogar em casa e a pressão do tamanho das torcidas; iv) erros e acertos dos árbitros; v) histórico dos times; vi) qualidade tática; vii) e sorte. Quanto ao primeiro fator, os autores fornecem como exemplo as Ligas fechadas norte-americanas e as Ligas abertas europeias; no segundo, destacam a introdução dos três pontos por vitória no futebol inglês, em 1981, copiado de forma generalizada, desde os anos 90; relativamente aos terceiro e quarto fatores, defendem que as multidões presentes nos estádios têm uma influência enviesada sobre o ser humano que é o árbitro, especialmente em situações de tempo adicional, grandes penalidades, cartões amarelos e/ou vermelhos, livres e foras de jogo; já no quinto fator, é trazido à tona a questão de que o histórico de uma equipa está positivamente co-relacionado com o tamanho do orçamento, e da probabilidade de ganhar jogos e competições; no sexto, encontrar formações-tipo das equipas, quando são vencedoras, também poderá ser um forte fator a ter em conta; e finalmente, mesmo que residual, o fator sorte está sempre presente.

Em 2007, Macdonald & Booth dedicaram o seu livro à evolução dos diferentes códigos de *football* australiano e suas novas Ligas: a Australian Football League (AFL), a National Rugby League (NRL), o "nosso" Super Rugby e a A-League (futebol). Os autores fizeram um inventário sobre as mudanças em governança, regulamentações, estruturas competitivas,

receitas, salários dos jogadores, assistência aos jogos, participação popular, exposição mediática, equilíbrio competitivo e performance de cada uma das seleções nacionais. Os autores defendem que, incluindo também o Cricket, Basquetebol e Netball, aparentemente existe um modelo de abordagem australiano, numa amálgama com forte influência dos modelos europeu e norte-americanos. Relativamente ao equilíbrio competitivo, os autores referem que nenhum outro desporto evoluiu tanto quanto a AFL, no período pesquisado. Concluem então que existem três formas dos organizadores aumentarem o equilíbrio de uma competição: i) mudar a distribuição geográfica dos participantes, para que todos tenham um tamanho de mercado de onde gerar receitas próprias; ii) distribuir receitas de vendas de direitos de TV e/ou *merchandising*, que tenham sido vendidas coletivamente; iii) e/ou limitar a migração dos melhores jogadores para as equipas mais ricas (seja por *draft*, regulamentação de transferências e/ou *Salary-Cap*).

Tendo por objeto de análise o rugby, Howarth & Robinson (2009) estudaram o impacto que o *Salary-Cap* teve na Super Liga europeia de Rugby League, o parente mais próximo do "nosso" Rugby Union, num período entre 1976-2006, sabendo que o *Salary-Cap* foi introduzido em 1997. Os autores referem que diversos desportos já assumiram o *Salary-Cap* como a Premiership inglesa de rugby, a National Rugby League (NRL) e a Australian Football League (AFL) australianas, além das norte-americanas NFL (futebol americano), NBA (basquete), NHL (hóquei no gelo) e MLB (baseball). Afirmam que as formas mais comuns de medir o equilíbrio competitivo são o desvio-padrão das percentagens de vitórias, o coeficiente de Gini e as curvas de Lorenz, mas que foram medidas sugeridas e usadas para os desportos americanos, onde o empate não é uma opção. Outras medidas seriam a percentagem de campeões, de entre todos os participantes; o rácio (C4 ou C5) dos 4 ou dos 5 primeiros classificados, sobre o total de pontos de todos os clubes; ou o índice Herfindahl-Hirshman (HH) que normalmente é usado para medir desigualdades entre companhias de uma indústria. Os resultados foram inconclusivos, pois os testes com os diferentes indicadores foram incongruentes.

Situação no rugby

No caso do rugby, a convivência entre os modelos competitivos “balanceados” ou “equilibrados” - tidos como principal razão do sucesso esportivo – e as relações de poder dos associados dessas três Federações de rugby (África do Sul, Austrália e Nova Zelândia), são expostas por Obel (2010), afirmando que se acredita serem elas a principal razão do sucesso

esportivo internacional, mas alguns problemas/atritos internos, de gestão e de relacionamento, que também surgem com essa opção de organização competitiva.

Concordando, McMillan (1997, p.3) afirma que “a descentralização do controle é essencial para a integridade de qualquer competição esportiva (...) Os fãs precisam olhar para os times como independentes”. O autor refere também que esse diapasão foi essencial para a manutenção do saudável nível competitivo no rugby neozelandês. Mas adverte que seria improvável que o equilíbrio competitivo fosse alcançado sem alguns limites nos movimentos dos jogadores. Um mercado livre para os jogadores não funcionaria bem, por várias razões.

Os já citados Kucher & Martin (2016) também defendem que uma maior incerteza torna uma liga mais atrativa. Por mais atrativa, os autores querem dizer maiores audiências. Com maiores audiências, essas ligas serão mais atrativas para os patrocinadores, o que levará a maiores volumes de negócio para o desporto.

Hogan, Massey & Massey (2011, 2013, 2014) afirmam que existe grande variedade de literatura económica sobre ligas desportivas profissionais. A maioria dessa literatura é sobre os desportos profissionais norte-americanos, mas também sobre o futebol, o principal desporto profissional europeu. Muita dessa literatura discorre sobre a importância do equilíbrio competitivo e incerteza como elementos de atratividade de um desporto. Mas a profissionalização do rugby em 1995, trouxe a oportunidade de estudá-lo como um estudo de caso.

A primeira grande diferença do rugby para o futebol é que aquele não exige alinhamento perfeito das suas ligas com as fronteiras dos países. Assim, os autores investigaram o equilíbrio competitivo das três grandes ligas: a Premiership inglesa, o Top14 francês e a Magners League (Liga Celta inter-provincial de Irlanda, Gales, Escócia e Itália): a primeira é uma liga quase fechada, pois somente um de doze clubes é rebaixado (dez desses doze clubes nunca foram rebaixados) a cada ano, tem um *Salary-Cap* e tem uma forma de distribuição de receitas, que inclui as receitas da Heineken Cup (equivalente à Champions League, do futebol). Além disso, sete ou oito dos participantes também se qualificam para a competição europeia, com os restantes participando na Amlin Cup (a equivalente à Europa League, do futebol); a liga francesa também é uma competição interligada hierarquicamente com ligas inferiores, com dois rebaixamentos no final da temporada, mas não tem distribuição de receitas e somente introduziu um *Salary-Cap* em 2010, que ainda assim é considerado muito alto.

Em ambas as competições, os donos de todas as equipas são privados; já a Magner's League é uma liga fechada, em que virtualmente todas as equipas se qualificam para a Heineken ou Amlin Cup. Como esta liga tem participantes de quatro países diferentes, o arranjo de distribuição de receitas varia de país para país. Hogan, Massey & Massey (2014) compararam o equilíbrio competitivo da Premier League (futebol) com a Courage League (liga inglesa de rugby pré-1995, ainda amadora) e as três ligas de rugby em que os autores realmente focaram seus estudos: Premiership, Top14 e Magner's League.

Verificaram que, pelo método do desvio-padrão das pontuações finais na classificação de cada temporada, a Premier League (futebol) e a Courage League (rugby amador) perderam equilíbrio, no período 1996-2006. E que o inverso ocorreu nas três ligas profissionais de rugby. Também procuraram as percentagens de vitórias caseiras, onde a Premiership revelou maior equilíbrio (64%) do que a Magner's (67%) e Top14 (70%), nessa ordem.

Outro indicador testado pelos autores foram os resultados próximos, em que a incerteza do vencedor perdurou até ao apito final do arbitro. Na sua pesquisa procuraram os jogos de rugby em que a equipa perdedora tenha recebido um ponto bónus defensivo¹¹.

Também neste aspeto a Premiership revela ser mais equilibrada (50% dos jogos terminaram com menos de 7 pontos de diferença entre as duas equipas em campo), com a Magner's logo em seguida (47,5%) e o Top14 ligeiramente abaixo (44%). Na procura do "equilíbrio competitivo dinâmico", a Magner's revelou ter o melhor indicador, com 50% de equipas a já terem sido campeãs, e nenhuma a tê-lo sido em anos consecutivos. Já na Premiership, 43% das suas equipas conseguiram o título, percentagem que diminui se contabilizarmos os outros clubes que participaram na competição, mas foram rebaixados. E em sete ocasiões o campeão reconquistou o título na temporada seguinte. Finalmente, no Top14 a percentagem de campeões é de 36% (mais uma vez não contabilizando o total de clubes que também participaram em pelo menos uma vez nessa liga), mas em apenas quatro ocasiões o campeão repetiu o título em anos consecutivos.

¹¹ No rugby, quem perde por 7 pontos ou menos, recebe um ponto bónus na classificação. O intuito de usar este indicador é de que perder por menos de 7 pontos indica que houve hipótese de virar o resultado com um ensaio transformado, até ao apito final do jogo. A única crítica a este indicador é que existem jogos que terminam com mais de 7 pontos de diferença, porque o vencedor pontuou próximo do término do jogo e, portanto, o resultado desse jogo antes dessa pontuação também seria inferior aos tais 7 pontos. Donde estes jogos foram "incertos" até quase ao final, mas não podem ser computados com tal, através deste indicador.

Os autores concluem então que a *Magner's League* é quem tem o maior equilíbrio competitivo, o que é consistente por ser uma liga fechada e com receitas para todos os seus membros advindo das competições europeias. Em seguida vem a *Premiership* que é uma liga quase-fechada, tem *Salary-Cap* e redistribuição de receitas pelos seus membros, ao contrário do *Top14*, que é aberto e não tem restrições salariais nem distribuição de receitas. E que a própria *Premiership* inverteu o desequilíbrio que a sua congénere anterior demonstrava, na era amadora. E também que, comparando com a *Premier League* (futebol), a não obrigação de alinhamento de Ligas com os limites geográficos dos seus países, as Ligas de rugby conseguem diversos indicadores demonstrativos de maior equilíbrio competitivo. Comparando o rácio de vencedores da *Heineken Cup* (títulos de clubes franceses 8, ingleses 7, irlandeses 6), o maior equilíbrio competitivo da *Magner's League* aparenta ser uma boa variável a ter em conta, para explicar tal sucesso, apesar do menor número de clubes e também muito menores orçamentos.

Owen & Weatherspoon (2002) fizeram uma comparação entre o *Super Rugby* e o Campeonato Nacional Inter-Provincial (NPC) neozelandês, medindo o equilíbrio competitivo de cada uma delas. Nesse estudo, concluíram que o *Super Rugby* (apesar de recente) já era bem mais equilibrado que o NPC. No entanto, ficou também demonstrado que o desequilíbrio do NPC já vinha dos tempos do amadorismo. O que sim pareceu ser uma tendência foi o das províncias com uma equipa no *Super Rugby* estarem mais fortes no NPC. Também houveram testes para verificar se o profissionalismo do *Super Rugby* trouxe melhorias na performance dos *All Blacks*, mas foram inconclusivos.

Outro estudo focado nas limitações da profissão do jogador de rugby foi realizado por Shewan (2012), que procurou saber quais as consequências da busca pelo equilíbrio competitivo das equipas neozelandesas, tanto do *Super Rugby* como do NPC. A autora conclui que a utilização do *Salary-Cap* traz problemas aos jogadores, pois limita o seu valor, numa carreira profissional que é curta, sujeita a lesões e que tem o seu posto de trabalho constantemente em risco de ser substituído por outro profissional. Também destaca a reclamação de que a distribuição de talento pelas várias equipas neozelandesas acaba por minar a lealdade de um jogador pela "sua" equipa. Já a distribuição de receitas, constata-se ser um fator que traz o equilíbrio competitivo, que mais uma vez parece ser a palavra-chave do rugby da Nova Zelândia. O estudo conclui que assim, particularmente no NPC, as províncias de menores recursos (humanos e financeiros) conseguem competir com as historicamente mais ricas e poderosas.

Finalizando a discussão em torno das *Balanced Competitions*, será importante lembrar que Hogan, Massey & Massey (2011) tinham sugerido três tipos de análise a realizar: de curto prazo, de médio prazo e de longo prazo. Que acabam por ser análogas às diferenças de incerteza, defendidas por Szymanski (2003): incerteza de um jogo (curto prazo), incerteza durante uma temporada competitiva (médio prazo) e incerteza num campeonato (relativa ao domínio, ou não, de um pequeno número de equipas em várias temporadas consecutivas, ou "longo prazo").

1.3.2 Barreiras à entrada [*Entry barriers*]

Desde 1956 que Rottenberg enfatiza que a Cláusula de Reserva do Basebol, que restringe a liberdade dos jogadores de migrarem de uma equipa para outra, não coibiu que os melhores jogadores acabassem por ser contratados pelas melhores franquias.

No entanto Szymanski (2007) trabalha em diversos de seus artigos (2003; 2011) aspectos relacionados com Ligas Abertas versus Ligas Fechadas. No caso das Ligas Fechadas, o autor critica-as por terem Barreiras à Entrada, mas confessa que elas poderão ser legais¹², caso aumentem o interesse pela Competição (produto), e com isso aumentando o seu Mercado. O que critica também bastante são as restrições laborais, que podem prejudicar os trabalhadores (jogadores). Já na Europa pós-Bosman, encontramos um mercado laboral de mobilidade total, mas onde os mercados do produto (ligas de futebol) continuam restringidos aos seus países. Isto tem aumentado o desequilíbrio entre grandes e pequenos países, criando ligas mais ricas e outras mais pobres, e incapazes de segurarem os seus talentos.

Mehra & Zuercher (2006) foca seu artigo nos exatos mesmos dois assuntos, mas agora numa ótica totalmente do Direito. Critica as Barreiras à Entrada tanto de novas equipas, como de novos jogadores. Mas adiciona um novo dado, que é a tentativa de monopolização da propriedade intelectual das *Fantasy Leagues*¹³, a quem dedica uma especial atenção, em referência a como o Direito irá lidar com este assunto no futuro próximo. No entanto, há que referir que ambos os autores, discorrem em paralelo, dado que ambos vão sempre contrapondo

¹² Em contraposição de ilegais, em referência à Lei *Anti Trust* americana e bastante generalizada no mundo anglófono.

¹³ Ou Ligas de Fantasia, onde os fãs escolhem jogadores para formarem as suas equipas, e competem com outros fãs, pontuando conforme as performances reais dos jogadores escolhidos.

os benefícios e prejuízos com que estas Barreiras à Entrada influem nas *Balanced Competitions* das grandes Ligas americanas¹⁴.

Já Thuynsma (2012) recomenda, como futura pesquisa, saber quais os caminhos mais comuns para os jogadores chegarem mais facilmente na seleção sulafricana, desde os primeiros tempos de rugby na escola. Esta autora mostra preocupação em indicar como são os caminhos a trilhar para um jogador de rugby poder se dedicar ao mesmo, como uma profissão. É um trabalho relevante, pois torna-se socialmente importante que todos – brancos, negros e mestiços – tenham as mesmas chances profissionais, e não serem barrados no acesso à profissão de jogador.

Daly & Kawaguchi (2003, 2004) procuraram explicar como funciona o mercado de trabalho nos principais desportos da Austrália (futebol australiano, rugby league, rugby union e futebol) e do Japão (basebol e futebol). Os autores aceitam que nem todas as equipas procuram o lucro, mas sim a maximização das vitórias. Logo, a imposição de *Salary-Caps* pode ser aceita como uma forma de sustentabilidade das equipas, e não apenas como uma ferramenta que procura o equilíbrio competitivo. Mas isso não funciona no futebol, por ser um desporto global, com a Europa a ser o destino dos melhores jogadores australianos. O contrário ocorre no futebol australiano (AFL), pois não existe mercado laboral internacional. Já os rugby league (NRL) e rugby union ficam no meio desta análise, pois não só são mercados de trabalho quase-substitutos entre si, como também o mercado australiano de ambos não é tão distante do europeu, quanto o é no futebol. Para efeitos de reconhecimento do tamanho dos mercados, Daly & Kawaguchi (2003, 2004) revelam ainda dados interessantes, de audiência nos estádios em 1999: no Japão, o Basebol recebeu 23 milhões de fãs, enquanto que o futebol recebeu 4 milhões; na Austrália, o AFL teve 2,5 milhões, a NRL 1,5 milhões, os estádios de futebol foram frequentados por 600 mil espectadores, e os de rugby por 450 mil. Concluíram que a NRL e a AFL têm uma tendência de aumento de equilíbrio competitivo, desde os anos 1960, quando foram introduzidas medidas com esse fim. No entanto, não conseguiram identificar se as limitações laborais foram os factores responsáveis, dado outras medidas também terem sido implementadas.

Já citado por vários dos autores acima referidos, Dabscheck (1996) discorre sobre três formas de controlo do mercado laboral, nos desportos profissionais australianos: no recrutamento de jogadores (restritos à zona de residência ou *draft*), no movimento de jogadores

¹⁴ NBA, NFL, NHL e MLB.

entre clubes (Cláusula de Reserva ou Taxa de Transferência) e a utilização de controlo salarial (salário mínimo ou *Salary-Cap*).

1.3.3 Governança hierárquica [*Hierarchical governance*]

McMillan (1997) diz que uma empresa comum quer que seus concorrentes sejam mais fracos do que ela mesma, aliás quanto mais fraca, melhor. Uma equipa de rugby quer que seus concorrentes sejam viáveis. As equipas querem ser melhores do que sua oposição, mas não muito melhores, pois grandes disparidades de força destroem o interesse do espectador. Assim, sugere que a NZRU deve ser olhada como sendo como uma única empresa e que as Federações Provinciais sejam vistas como as divisões desta "empresa" multidivisional. Mas que um equilíbrio ótimo entre centralização e descentralização deve ser encontrado.

Meiklejohn, Dickson & Ferkins (2016) publicaram um estudo sobre a estrutura organizacional das 14 províncias neozelandesas que participam da NPC. Concluíram então que a federalização dessa estrutura é um reflexo da necessidade de sustentabilidade comercial de cada uma das Federações provinciais, da partilha de aprendizado organizacional, e por motivos de influência política. Afirmam que encontraram três claras estruturas organizadas, com níveis de formalidade diferentes: i) a das cinco franquias profissionais, mandatada formalmente pela organização que gerencia a federalização (NZRU); ii) a das cinco Federações provinciais responsáveis pelas cinco franquias profissionais, extremamente informal; iii) e a do G9, ou seja, a das nove Federações Provinciais que não são responsáveis por uma das franquias profissionais, de estrutura semi-formal.

Ferkins (2007) percorreu o seu doutoramento em volta da sua pergunta de partida "como poderão as direções de federações nacionais desenvolver as suas capacidades estratégicas?". Para tal, usou teorias de Governança Corporativa e Desportiva, mas também influências de Governança Não-Lucrativa e de Teorias da Organização. Foi uma investigação longitudinal, que acompanhou as implementações de alterações de governança nas Federações neozelandesas de ténis, squash e futebol (*soccer*). A autora conclui que, em primeiro lugar, a participação de uma direção no desenvolvimento de estratégias contribui para uma melhor funcionalidade da federação; em segundo, a capacidade estratégica de uma federação aumenta consideravelmente quando consegue envolver as suas associações regionais; e por fim, em

terceiro lugar, que o ambiente de trabalho diário é muito mais eficaz, quando todos os participantes entendem qual a estratégia.

1.3.4 Livre associativismo [*Free association*]

Louw (2002) fala como um mínimo de 10% da receita da Loteria Nacional sul-africana [*Lotto*] deve ser usada em Artes e Desporto, segundo a Lei (National Lottery Act 57 of 1997); E que a prioridade deverá ser a alocação desses recursos para Organizações sem Fins Lucrativos [*Non Profit Organizations* (NPOs)]. Verificou que a maioria das entidades desportivas que conseguem estes recursos têm necessariamente que se constituir como "*Charities*", pois o maior quinhão vai para este tipo de organizações.

Já Tennant et al. (2006) referem que o desporto foi sempre um dos setores com maior poder de *lobbie* junto dos diversos governos neozelandeses, desde 1987, quando a Hillary Comissão foi formada, para definir os moldes de distribuição dos lucros da Loteria Nacional e dos caça-níqueis ("*slot-machines*"). No caso do desporto, e do rugby em particular, o caminho tem sido via *Gaming Trusts*, i.e., fundos comunitários locais, que distribuem os lucros do jogo a organizações sem fins lucrativos locais. Segundo a Lei, para se poder candidatar a esses fundos, é necessário estar-se registado como uma *Incorporated Society* (desde a lei "Incorporated Societies Act 1908") ou uma *Charity*¹⁵ (desde o "Charities Act 1957") e com os seus Relatórios e Contas divulgados (Cordery & Davies, 2016), o que poderá ser consultado online no *Inland Revenue Department* (o equivalente à Receita Federal no Brasil, ou à Autoridade Tributária, vulgo Fisco português). Florian (2010) inclusive, põe em questão se clubes desportivos amadores seriam - legalmente - passíveis de poder ser considerados como "*Charities*" ["filantrópicos"]. Sugere também que o desporto amador em si deveria ser considerado um propósito de "*Charity*", ao invés de ser necessário identificar se a organização tem propósitos "*Charitable*" pelo Charity Act de 2005. Por outro lado, Cordery & Davies (2016) alertam para o facto de agora os clubes amadores dependerem muito dos *Gaming Trusts* (cerca de 50%) e que, inclusive, a NZRU já emitiu uma nota de que essa dependência poderá ser perigosa, caso a facilidade com que se conseguem esses recursos diminua drasticamente.

¹⁵ Entidade filantrópica (tradução nossa).

Finalmente, para uma perspectiva da realidade australiana, Fitzgerald (1997) demonstra a similaridade com as realidades neozelandesa e sulafricana, dada a proximidade trazida pela influência legal britânica e os laços com a Comunidade Britânica [*Commonwealth*]. Também na Austrália, a generalidade dos clubes amadores são *Incorporated Associations* (pela lei "Associations Incorporation Act 1981", do Estado de Queensland) ou um *Charitable Trust*. Apesar de haver autonomia legal de cada Estado, e de haverem algumas diferenças nas leis estaduais relativas a este assunto, também aqui, como na Nova Zelândia, há necessidade de registo e publicidade dos Relatórios e Contas (como este artigo é de 1997, não refere ainda a obrigatoriedade da publicidade dos Relatórios online).

Para consolidarmos esta ideia de que os países anglófonos em questão têm grandes similaridades neste assunto, verificámos que Burley & Joyce (2008) fizeram um estudo comparativo em clubes amadores de Queensland (Austrália), Auckland (Nova Zelândia) e Vancouver (Canadá), em que os recursos são captados de formas e fontes similares, no âmbito público e privado local, com legislação societária próxima.

1.4 Recursos [*Resources*]

1.4.1 Financiamento público [*Public funding*]

Enquanto na maioria dos casos da Europa continental, o desporto é um direito constitucional, no mundo anglófono o mesmo é considerado como parte integrante da educação, junto com as artes e, portanto, não é uma obrigação do Estado provê-lo a seus cidadãos fora do âmbito escolar.

Como já citados em “Sucesso Internacional”, Elling, van Hilvoorde & van den Dool (2010, 2014) afirmam que os governos holandeses da última década têm vindo a aumentar os investimentos no desporto de alto rendimento, com o objetivo de virem a organizar os Jogos em 2028. O argumento usado para justificar os gastos públicos é de que organizar megaeventos desportivos e conquistar títulos desportivos elevam o orgulho nacional, coesão social e prestígio internacional. Assim, pesquisaram sobre o impacto que as conquistas desportivas¹⁶ teriam no

¹⁶ Do Europeu 2008, Mundial 2010, Olimpíadas de Verão 2008 e de Inverno 2010.

orgulho nacional, num estudo longitudinal com 27 adultos, entre 2008 e 2010. Os autores concluíram que esse impacto se confirma apenas no curto prazo, ao verificaram que esta é uma variável bastante estável.

Matias et al. (2015) afirmam que são raras as pesquisas sobre financiamento do desporto no Brasil. Por isso decidiram averiguar como a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE) estava beneficiando o desporto brasileiro. Perceberam que em 2012 a contribuição de empresas foi de 97,97% contra apenas 2,03% de pessoas individuais/físicas. Também constataram que nesse ano apenas foram captados 38,47% dos recursos privados que poderiam ter sido isentados fiscalmente.

Os autores verificaram ainda que 58,76% dos projetos eram de alto rendimento (AR), 19,36% para desporto de participação (DP) e 21,88% para o desporto escolar (DE). Mas os recursos captados pelo AR foram exatamente 2/3 do total. Também registaram que 82% dos recursos captados foram para projetos do Sudeste, com 10% no Sul, 3% no Nordeste e no Centro-oeste, com apenas 2% destinados a projeto do Norte. Ou seja, concluem, a LIE serve mais para quem tem retorno midiático do quem realmente precisaria do apoio público. E não atende ao marco legal de isonomia entre manifestação desportiva (AR/DP/DE) nem entre regiões geográficas.

O mesmo autor principal, juntamente com Teixeira e Mascarenhas (2017), criticam o que apelidam de investimentos “urgentes”, confirmando a tese de que o aumento do investimento no esporte de alto rendimento brasileiro, no ciclo 2009-2012, não verificou um aumento nas medalhas olímpicas, em Londres 2012.

Também Silva et al. (2015) relatam a relação entre os Governo Federal e a Confederação de Rugby (CBRu) brasileiros. Destacam que a Lei de Incentivo ao Esporte (ferramenta de dedução fiscal), o Bolsa-A atleta (repasse direto do Governo a atletas elegíveis, mas com a chancela das Confederações) e a Lei Agnelo Piva (repasse direto do Governo a Confederações de esportes, com a chancela do COB) são as principais fontes de financiamento público federal. Mas que o Projeto Rio 2016 (repasse direto do Governo a Confederações de esportes participantes no Rio 2016) aumentou exponencialmente e de forma pontual, a captação de recursos públicos pela CBRu e demais confederações brasileiras.

1.4.2 Financiamento privado [*Private funding*]

Andreff (2007) refere que os clubes de futebol franceses evoluíram de um modelo de receitas SSSL (espectadores, patrocinadores e subsídios, numa envolvimento local) para receitas MCMMG (mídia, corporações, merchandising e mercados, em âmbito global).

Já Aglietta et al. (2008) tenta perceber como as oscilações dos resultados desportivos interferem nas cotações bolsistas de clubes de futebol europeu. Conclui que essa co-relação é tão forte que a procura irresponsável (financeiramente) por resultados em campo se sobrepõem a decisões racionais. E que isso leva a que as duas principais fontes de financiamento privado não sejam operacionais, mas sim financeiras: empréstimos e injeções de capital.

Posteriormente, Andreff & Scelles (2015) constata que a Ligue 1 francesa é olhada como a mais responsável das cinco maiores ligas europeias de futebol, ao ponto da UEFA ter sido forçada a adoptar o Fair Play financeiro a partir desse bom exemplo. Segundo o autor, a Ligue 1 teria três características próprias: uma vocação para produzir jogadores locais; um forte sentimento de solidariedade entre os seus clubes; e as suas auditorias e controlos financeiros. E tem também uma característica comum às outras Ligas, que é a crescente dependência das receitas de TV. De 1995 para 2012, o peso dos direitos de TV nas receitas dos clubes franceses subiu de 31 para 58%. Houve também um incremento no merchandising, que variou de 5 para 10%. Na contramão, as receitas de bilheteira caíram de 24 para 13%, os patrocinadores de 22 para 18% e os clubes – desde que se tornaram sociedades anónimas - praticamente deixaram de ser subsidiados, tendo esta receita diminuído de 17 para apenas 2%.

O mesmo autor (Andreff, 2015) fez um estudo similar do rugby francês. Com a profissionalização do rugby em 1996, a média de espectadores do Top 14 francês passou de 2.485 para 14.000, já comparáveis aos 18.900 da Ligue 1 (mas representando somente 37% das receitas de bilheteira futebolística, pela inferior média de preços), e conseguindo chegar a 19% das suas receitas totais. Se o futebol francês (e global) é TV-dependente, o rugby francês sempre foi e ainda era (em 2012) dependente de seus patrocínios, aumentando de 40% para 50% na década pesquisada. O merchandising responde por 5% das receitas, as subvenções públicas caíram de 10 para 5%, com os restantes 21% chegam ao rugby pelos direitos de TV. O que faz acreditar ao autor que ainda estará por vir um forte incremento televisivo no rugby francês, após o final do presente contrato em 2019.

McMillan (2006) refere que o rugby inglês pós-1995 parecia a Rússia pós-União Soviética, passando de um sistema altamente regulado para um “novo mundo” de ainda poucas regras, inflação galopante (dos salários dos jogadores) e uma incerteza futura desesperante. Em contraste, o hemisfério sul parecia mais a reforma bem-sucedida da China, numa transição muito mais suave. Em resultado disso, a NZRU¹⁷ quintuplicou as suas receitas, pois em 2000 os direitos de TV e patrocínios já representavam 90% das suas receitas, quando anteriormente eram insignificantes.

Finalizando, Chaix (2006) começa por fazer um resumo histórico de como o rugby se manteve amador durante 100 anos, para depois explicar como os recursos privados chegaram à federação internacional (iRB), à associação europeia de rugby (FIRA), à federação francesa (FFR), à Liga Nacional de Rugby francesa (LNR) e à federação australiana (ARU). A galinha de ovos de ouro da iRB é a Rugby World Cup, que em 2003 rendeu € 60 milhões de lucro, com as receitas vindas de direitos de TV (25%), patrocínios (32%) e comercialização de camarotes e bancadas VIP (a venda das outras bancadas é uma receita da federação organizadora), além de merchandising. Mas no ano anterior, sem Mundial, as receitas foram de apenas € 29,9 Mi, com 67,9% de TV, 18,4% de patrocinadores e os restantes 13,7% chegando de merchandising e outros. Já as receitas da FIRA (hoje Rugby Europe) são de apenas € 2 mi que chegam da própria iRB (80%).

A FIRA também aconselha a iRB em como distribuir os € 3,5 mi pelas suas 41 federações filiadas. Uma dessa filiadas, a FFR teve em 2004 receitas na ordem dos € 63 mi, vindos de: TV e patrocinadores (42,9%); jogos da Seleção francesa (25,7%); acordos com a LNR e Copa Europeia de clubes (19,3%); iRB, subsídios do Ministério do Esporte (5%); taxas de filiação (4,2%); e rugby amador (2,9%). Nesse mesmo ano, a LNF teve receitas de € 40,9 mi, maioritariamente vindas de direitos de TV (39%) e marketing (21%) do campeonato francês (que lhe foi licenciado pela FFR). Já a federação australiana (ARU) teve em 2002 receitas de € 45 mi, oriundas de direitos de TV (40%), patrocínios (27%), bilheteira (15%), camarotes e bancadas VIP (6%), merchandising (5%), juros (5%) e outros (2%).

¹⁷ New Zealand Rugby Union.

1.5 Políticas públicas [*Public policies*]

Não poderíamos nunca começar por falar em Políticas Públicas sem nos referirmos a Pierre Bourdieu (1990), que sempre usa o rugby como o exemplo de esporte popular. Na sua Teoria do Campo, o sociólogo sustenta que o interior de uma estrutura pode influenciar grupos de pessoas. O autor defende que as relações interpessoais sofrem das aparências e projeções de aparências do que é semelhante e do que é diferente.

Os produtores têm vindo a adotar padrões de oferta por diferenciação dos seus produtos, com campos de ação cada vez mais especializados. E o autor nomeia isso exatamente de 'campos'. Considera ainda que a relação de poder dentro desses campos e entre esses campos tem vindo a moldar o comportamento humano. No nosso caso, devemos entender como isso interfere nas Políticas Públicas Desportivas, dadas as relações de poder entre 'campos'. Num campo de jogo (por exemplo, de futebol), existem diferentes agentes, onde um atacante tenta marcar golo e o defesa tenta impedi-lo de marcar. Aquilo que motiva os agentes é o seu 'habitus', i.e., aquilo que foi determinado pelo seu passado, pelas suas preferências e pré-disposições, dentro de um determinado contexto social (classe social, educação, proveniência e escolhas passadas).

Na mesma metáfora, isto pode ser observado através do treino, do preparo físico, mas também das habilidades técnicas e táticas. Em seguida, o autor define o 'doxa', como sendo as regras do jogo. Tal como o 'habitus', as regras do jogo influenciam as ações dos agentes desse 'campo'. Apesar de todos saberem e aceitarem que somente os guarda-redes podem agarrar a bola com as mãos, existem situações de jogo que não estão totalmente escritas nas Leis do Jogo. E é exatamente a relação de poder dos agentes que irá determinar como se devem interpretar certas situações de jogo, em benefício próprio. Para Bourdieu, é quem tem maior poder (capital) quem determina as regras do jogo de um campo.

Vejamos então o que a literatura nos diz sobre a situação das políticas públicas desportivas dirigidas ao desenvolvimento do rugby nos países em análise.

1.5.1 Federalismo [*Federalism*]

Dado a África do Sul e Austrália serem efetivamente países federados, e da federação de rugby da Nova Zelândia também o ser, entendemos ser interessante aprofundar as particularidades que este facto apresenta. Isto porque a ideia Federal é essencialmente um princípio organizador de associação (Burgess, 2006). E é uma resposta variável às demandas opostas de centralização e descentralização do poder, numa base especificamente territorial (King, 1982).

Na sequência da introdução do sistema federal norte-americano (1789), a maioria dos países norte, centro e sul americanos foi influenciada a seguir o que se acreditava ser o caminho, pois "líderes políticos, lideranças intelectuais e até alguns jornalistas referindo-se cada vez mais ao federalismo como uma forma libertadora e positiva de organização política" (Watts, 2002, p.17).

Ronald Watts (2002) refere-se à América Latina e à sua adoção de sistemas federais, no final do século XIX, início do século XX. Para o autor, as "características estruturais das Federações" (1996, p.21) são:

- Dois (2) ou mais níveis de governo, cada um agindo diretamente sobre seus cidadãos, combinando as leis compartilhadas com as leis autónomas;
- Uma distribuição constitucional formal de autoridades legislativa e executiva e alocação de recursos fiscais entre os dois (2) ou mais níveis de governo, garantindo algumas áreas de genuína autonomia fiscal, de cada nível;
- Provisão para a representação de pontos de vista regionais distintos dentro das instituições legislativas federais, nomeadamente através da segunda câmara federal (senado);
- Uma constituição escrita, não modificável unilateralmente e requerendo o consentimento de uma proporção significativa das unidades constituintes;
- Um árbitro - sob a forma de tribunais ou de referendo - para decidir sobre disputas entre os diferentes governos;
- Processos e instituições para facilitar a colaboração intergovernamental nas áreas em que as responsabilidades governamentais são compartilhadas ou que, inevitavelmente, se sobrepõem;

Sobre a questão "Porquê federalizar ?" há também diferentes autores e respostas que devemos considerar neste estudo, nomeadamente:

- Estabelecer a paz e a segurança (Kincaid, 2011; Mill, 1861);
- Por razões económicas (Moravcsik, 1998);
- Unir comunidades diversas, baseadas territorialmente, num único Estado-nação (Kincaid, 2011);
- Acomodar as minorias nacionais (Kymlica, 2005);
- Perseguir "interesses comuns e ameaças reais ou imaginárias, externas e/ou internas" (Burgess, 2006, p.99).

Também foi interessante verificar como as "forças contrárias e dinâmicas" de Friedrich (1968) se aplicam ao Brasil:

- Emenda Constitucional;
- Disposição constitucional para isenção;
- Direitos assimétricos;
- Autonomia local;
- Governos regionalizados;
- Subsidiariedade;
- Aplicabilidade - com acordos informais e não constitucionais.

Finalmente, trouxemos alguns elementos de Proudhon & Miranda (1863) para o Brasil contemporâneo, como "revolução desde a base" e "contato federal". Na primeira, os autores defendem que as revoluções de baixo para cima são mais bem-sucedidas; mas ainda hoje se debate se as revoluções violentas ou pacíficas são as melhores; e que uma figura de autoridade não deve ser usada. Sobre este o último, Proudhon & Miranda escrevem que "o poder federal não pode exceder em número e importância ao das autoridades locais ou provinciais, assim como este último nunca pode superar os direitos e prerrogativas do homem e do cidadão" (Proudhon & Miranda, 1863, p.2).

1.5.2 Políticas desportivas [*Sporting policies*]

Um dos debates encontrados (e ouvidos) um pouco por todo o lado do mundo é sobre a elegibilidade de um jogador estrangeiro poder representar um outro país. Começando pelo Japão, Sakata (2004) afirma que desde o primeiro caso em 1986, isso tem sido um debate na forma como o jogo nipónico se desenvolveu desde lá, e de como os jogadores japoneses originais se estão tornando mais leais às suas Equipas-Companhias¹⁸ do que à própria seleção nacional.

Num outro artigo, Collins (2010) refere que o rugby se tornou o coração da política externa sulafricana, com a ascensão ao poder por parte do Partido Nacional, em 1948; que a federação de rugby francesa emergiu mais forte do que nunca, após a segunda guerra mundial; e que as Federações australiana e neozelandesa estavam cada vez mais irritadas com as restrições impostas pela federação inglesa, nomeadamente a proibição de um treinador de rugby não poder ser pago para exercer essa atividade.

Outro tipo de Política Pública para a qual o rugby foi usado, foi a seleção formada pela *Pacific Islands Rugby Alliance* (PIRA), em que os governos de Fiji, Samoa e Tonga vislumbraram uma forma de serem vistos pelo mundo. Dewey (2014) tentou entender quais os objetivos e desafios encontrados por esse empreendimento.

Já Hoffmann, Ging & Ramasamy¹⁹ (2002b) pesquisaram sobre políticas públicas que influenciassem o sucesso internacional, nos Jogos Olímpicos. Os fatores com maior relevância encontrados foram geográficos, demográficos e culturais. No entanto confirma-se que existe espaço para que políticas públicas desportivas tenham impacto no rendimento desportivo.

Andreff (2007) compara diferentes opções institucionais entre a América do Norte (ligas fechadas) e esportes profissionais Europeus (ligas abertas). Uma significativa regulamentação (quase-socialista) em ligas americanas contrasta com o aumento da desregulamentação em esportes profissionais europeus. Na Europa, a subida repentina dos valores dos direitos de transmissão televisiva levam a concentração de recursos financeiros em

¹⁸ Os jogadores japoneses recebem salários muito inferiores aos dos jogadores estrangeiros, e alguns outros nem são profissionais de rugby, mas sim contratados para trabalharem nas Empresas que detém equipas de rugby profissional, com a obrigação de também jogar rugby.

¹⁹ Australiano e malaio, da Universidade de Nottingham (UK).

poucos clubes ricos. Isso prejudica o equilíbrio competitivo dos campeonatos nacionais, e o autor diz que isso justifica que se apele a uma maior regulamentação.

Sulayman (2006) mostra no seu estudo que apenas 8,5% dos jogadores que atingiram o nível Springbok são negros, desde 1992. O seu objetivo foi compreender como os “interessados” vêm essa transformação. No final a autora faz recomendações para possíveis ações de Políticas Públicas. Ao Governo, ela sugere que efetive o monitoramento da implementação das cotas legais. À Federação sulafricana, ela sugere que não só se acelere esse processo de Transformação, através das cotas, mas que se implementem academias de rugby em todas as zonas "negras" do país, para que as cotas deixem de ser necessárias num médio prazo.

Um estudo parecido foi feito por De Wet (2004), mas apenas em escolas de Ensino Médio/Secundário sulafricanas, para averiguar qual o nível de integração que já teria sido conquistado pelo rugby. O foco deste estudo foi de determinar qual a influência do rugby na integração racial, na África do Sul.

Green & Collins (2008) acusam os diversos governos de terem o desenvolvimento do esporte como uma prioridade periférica, nas agendas políticas. Por outro lado, afirmam que ao longo da última década, no Canadá, China, Alemanha, Noruega, Polônia, Singapura e Reino Unido, as políticas públicas para atividades relacionadas ao desporto aumentaram em grande relevância. Este estudo analisa ainda a política nacional de desenvolvimento desportivo na Austrália e Finlândia, dois países com contextos políticos, culturais e esportivos bastante distintos. Nas conclusões, os autores sugerem que a Austrália (elite sport) e a Finlândia (Sport for All) se focaram nos seus desportos mais populares, apesar de alguns programas criados na Austrália para aumentar os níveis de participação desportiva em grupos específicos, como escolas, mulheres e indígenas (aborígenes).

1.6 Estratégia Internacional [*Internacional Strategy*]

Analizando os assuntos de internacionalização de um negócio, Johanson & Vahlne (2009) trazem-nos o Modelo de Uppsala, que defende que a experiência e o conhecimento são as chaves para reduzir distâncias psicológicas. Para um negócio se internacionalizar, uma empresa deve começar por fazer exportações não regulares, para nesse momento encontrar os

representantes comerciais através dos quais se deverão começar as exportações regulares. Se houver sucesso nessa etapa, passar para a seguinte, com a implantação de filiais comerciais nos destinos comerciais que assim o justificarem. E só após a maturidade dessa etapa se deverá pensar em evoluir para filiais que também sejam pontos de produção.

Já Dunning (1991, 1997, 1998, 2000, 2001, 2006, 2015) teorizou o Paradigma Eclético, através do Modelo OLI (*Ownership, Location, Internalization*), em que defende que uma empresa irá se internacionalizar apenas e só se os seus custos internalizados forem inferiores aos custos de transação internacionais, em mercado livre. A primeira etapa deverão ser as exportações simples, seguidas do licenciamento (que também poderá ser por franquias ou joint-ventures), terminando com o investimento direto externo (que poderá ser do zero, ou através de aquisição ou fusão de empresas locais).

Outros autores (McDougall, 1989,1994; Rennie, 1993; Bell et al, 2001, 2003) acreditam que existem negócios que por si só já são globais, apelidando-os de "*Born Global*". Consideram também que este tipo de negócios só se internacionaliza quando são liderados por empreendedores com uma vasta rede de contactos internacionais, e que se apoiam em recursos humanos especializados.

Eric Ries (2014) é um autor mais recente, que traz a novidade do "Pense em Grande, Faça Pequeno" para teorizar sobre o sucesso de internacionalização das Micro e Pequenas e Empresas, onde se enquadram as famosas *Start-ups*. Através da sua "Lean Start-up Strategy", sugere que as primeiras exportações deverão ser pequenas, e assumir o prejuízo como um aprendizado. Este autor afirma que é a experiência do processo que trará lucros de longo prazo, e que esse processo é uma roda de sequências em que: ideia -> construção -> do produto -> avaliação -> dos dados -> aprender com eles -> e ter novas ideias -> reconstruir ou construir um novo produto -> etc...

Geert Hofstede (1991, 1994, 2003) era um diretor de recursos humanos da IBM que se apercebeu das diferenças culturais dos 117.000 funcionários da mesma, em diferentes partes do globo. Com dados concretos, este autor construiu uma ferramenta digital, assente em seis dimensões: i) Individualismo vs Coletivismo; ii) Masculinidade vs Feminidade; iii) índice de Aversão à Incerteza; iv) índice de Pragmatismo; v) Indulgência vs Restrições; vi) e índice de Distância ao Poder.

Através dessas seis dimensões, a ferramenta compara até três países de cada vez, para que - culturalmente - seja ou não recomendável uma empresa se internacionalizar para o mercado do país comparado. A dimensão do individualismo expressa o grau com o qual os membros de uma sociedade se sentem ligados e/ou conectados entre si. A dimensão da masculinidade expressa o grau pelo qual culturas com alta masculinidade favorecem os desempenhos e as realizações materiais, enquanto culturas femininas valorizam qualidade de vida e relacionamentos. A dimensão da aversão à incerteza expressa o grau com o qual os membros de uma sociedade se sentem confortáveis com determinada percentagem de incerteza e ambiguidade. Esta dimensão descreve como as pessoas, no passado, assim como no presente, se relacionam com o fato de que muito do que acontece ao seu redor não poder ser explicado. A dimensão da indulgência é definida como a medida em que as pessoas tentam controlar as suas necessidades humanas básicas e impulsos. A dimensão da distância do poder expressa o grau com o qual todos os membros de uma sociedade se sentem, relativamente ao acesso aos membros mais influentes ou poderosos.

Finalmente, chegamos a Ghemawat (2001, 2007, 2011), que teorizou quatro tipos de diferenças entre países, que devem ser tidos em conta, ao se definirem estratégias de internacionalização de empresas: diferenças Culturais, Administrativas, Geográficas e Económicas (C.A.G.E.):

"Ao invés de se concentrar no tamanho do mercado e na ilusão de um mundo sem fronteiras, este livro lembra aos gerentes que, se seus negócios querem cruzar fronteiras com sucesso, precisam prestar atenção séria às diferenças sustentadas entre países no desenvolvimento e avaliação de estratégias" (Ghemawat, 2007, p.1)

"Redefinir a estratégia global: cruzar as fronteiras num mundo onde as diferenças ainda importam" (Ghemawat, 2007, p.1)

Na sua análise, Ghemawat (2007) usou o futebol como metáfora, como refere: "para ilustrar essa perspectiva sobre a globalização - ou o que chamo de semiglobalização - usarei o futebol como metáfora". Essa breve discussão sobre futebol foca-se na globalização - e na estratégia global. O autor usa este exemplo, pois o progresso global do futebol reflete o de muitos indicadores económicos da globalização.

Por exemplo, o fracasso do futebol, até agora, nos Estados Unidos é apenas um indicador da importância das diferenças entre os países. A importância recorrente dos fatores administrativos e institucionais é visível, assim como o registro mais favorável do investimento estrangeiro em clubes ingleses do que no futebol brasileiro. Afirma também que o preconceito

mais comum na avaliação de estratégias transfronteiriças é a ênfase no "tamanho-ismo", que não consegue apreciar a persistência de diferenças entre países. Conclui então que as estratégias seguidas pelos clubes de futebol exibem uma série de abordagens para lidar com as diferenças entre os locais²⁰. O autor designa essas abordagens como estratégias AAA: i) Adaptação à identidade local; ii) Agregação (Real Madrid "global"); iii) e Arbitragem.

Culturalmente, existem especificidades de cada país, e também do rugby (produto) em cada um desses países. Horton (2009) transcorre pela evolução dos primeiros 75 anos (1874-1949) do rugby na Austrália, explicando a resistência anti-imperialista que sofreu, e de como somente se instalou nas colónias de New South Wales e Queensland; e que, apesar do nascimento da Austrália federal em 1901, a federação de rugby australiana apenas se concretizou em 1949.

1.7 Branding [ou desenvolvimento de Marcas]

Em janeiro de 2016, Giovane Agnelli, o presidente da Juventus (futebol) e do grupo FIAT afirmou que a Liga dos Campeões, do futebol europeu, valia apenas 1,5 mil milhões de euros em direitos televisivos, enquanto o futebol americano (NFL) valia sete mil milhões. Depois, chamou a atenção que os estudos de mercado mostravam que, dos dois mil milhões de adeptos desportivos em todo o mundo, 1,6 mil milhões eram adeptos de futebol, enquanto apenas 150 milhões o eram de futebol americano. Concluiu dizendo que isso devia levar a uma reflexão quanto ao potencial que, com os formatos competitivos atualmente existentes, não estava a ser explorado.

Atendendo aos factos de que o Futebol é líder incontestado, como produto, na Europa, sabendo que a NFL tem a concorrência da MLB, NBA e NHL; e de que a Europa tem cerca de 750 milhões de habitantes versus os "apenas" 350 milhões estado-unidenses, há espaço para nos perguntarmos porque isso acontece ? Porque essas Ligas Profissionais / Marcas norte-americanas são - comercialmente - tão mais valiosas ?

²⁰ De referir que a descrição do futebol se centrou no seu estado até ao final de 2006. Mas as mudanças não podem ser excluídas, vide a recente entrada em cena do futebol chinês no mercado mundial.

No "nosso" caso do rugby do hemisfério sul, vamo-nos centrar em encontrar indícios de como as Marcas são trabalhadas.

É interessante verificar que Skinner, Stewart & Edwards (2003) referiram que o profissionalismo, ou melhor o posmodernismo, no rugby removeu inevitavelmente as barreiras entre o desporto e os negócios, pelo que não é de estranhar que a SANZAR tenha começado e ainda hoje seja sediada em Sydney, um dos mais importantes e desenvolvidos centros de negócios mundial. Para estes autores, o rugby de hoje é não só um desporto, mas também um negócio que desperta atenções dos media, interesse de patrocinadores em associar as suas marcas e o interesse das audiências.

1.7.1 Branding & Media

Yang e Kumareswaran (2009) centraram um de seus estudos no porquê das audiências televisivas serem maiores ou menores, no caso particular do Campeonato Neozelandês Inter-Provincial (NPC). Concluíram que a incerteza dos resultados era uma hipótese fraca. E que outras razões se mostraram muito mais fortes, tais como: a capacidade que as famílias têm para pagar a subscrição televisiva; os horários da transmissão do jogo; o número de jogos no mesmo dia; a concorrência de outros espetáculos desportivos televisionados; elementos do espetáculo; e - aquilo que mais nos interessa neste capítulo da revisão bibliográfica - a afinidade dos telespectadores para com uma das equipas em jogo, majorado pela importância que esse jogo teria para que a sua equipa se classificasse para os *Playoffs*.

Já Owen & Weatherston (2004b) haviam feito um estudo similar, mas para audiências nos estádios, tendo em vista a proposta de uma nova regra que impossibilitava as Províncias de usarem os jogadores que estavam a representar os All Blacks. Concluíram que existia uma correlação direta positiva da participação desses jogadores internacionais com aumentos de audiência.

1.7.2 *Brand Equity* [valor da Marca]

De acordo com Taylor (2003, p.22), "os Springboks são, de longe, a marca de rugby mais valiosa da África do Sul". O valor da marca é geralmente chamado de *brand equity* e transcende os ativos contabilísticos²¹ de uma organização.

Os marqueteiros desportivos não gostam de depender de vitórias e derrotas, para aumentar os níveis de público e receitas financeiras. Cada vez mais equipas são comercializadas numa combinação de publicidade, mala direta, promoções e outras formas de comunicação. Ao criar consciência de marca [*Brand Awareness*], imagem e lealdade [*Brand Loyalty*], as organizações desportivas podem atingir metas de venda de ingressos, independentemente do seu desempenho desportivo. "Os símbolos e logotipos da marca, em particular, tornaram-se importantes contribuintes financeiros para os desportos profissionais" (Keller & Swaminathan, 2003, p.28). Assim, pode-se dizer que todos os aspectos da marca [*Branding*] e da gestão da marca podem ser aplicados ao marketing desportivo.

"Os principais componentes da *Brand Equity* são a fidelidade à marca [*Brand Loyalty*], o reconhecimento da marca [*Brand Awareness*], a qualidade percebida [*Perceived Quality*] e a associação à marca [*Brand Association*]" (Aaker, 1996, p. 8). Logo, são esses os componentes que passamos a definir em seguida.

1.7.2.1 *Brand Loyalty* [fidelidade à Marca]

Conforme Aaker (1996) definiu, um caso de gestão da marca é a relação de lealdade do consumidor-torcedor com a equipa/marca.

Prahalad & Ramaswamy (2004) são tidos como autores percussores em Marketing de Experiências. O que esses autores dizem é que nunca os consumidores tiveram acesso a tantos produtos e serviços e, paradoxalmente, também nunca se sentiram tão insatisfeitos. Defendem em seu artigo que o significado de valor e o processo de criação de valor estão rapidamente

²¹ Em Contabilidade, os valores estimados das "Marcas" são contabilizados como "Ativos não-Circulantes Intangíveis", assunto que não faz parte desta Tese.

mudando de uma visão centrada no produto/empresa para uma visão centrada nas experiências personalizadas/vivenciadas do consumidor.

Morgan (2007) ao citá-los, discorre sobre os efeitos que o turismo desportivo têm numa economia, através do estudo de caso da visita quadrienal dos British & Irish Lions²² a um dos três países do hemisfério sul, neste caso a visita à Nova Zelândia em 2005 e seus leais seguidores-turistas-consumidores de terras de Sua Majestade. O autor refere que eventos desportivos são oportunidades para um destino turístico se reposicionar, mercadologicamente falando. E destaca que estádios lotados e coloridos são parte importante da imagem que os media vão publicitar.

1.7.2.2 Brand Awareness [*reconhecimento da Marca*]

Aaker (1996) afirma que o reconhecimento de uma marca é a presença dessa marca na mente do consumidor e que proporciona à marca um sentimento de familiaridade²³. O autor defende ainda que a *Brand Awareness* é um ativo fortemente durável e, portanto, sustentável. Pode ser extremamente difícil desalojar uma marca que tenha atingido um nível de consciência/reconhecimento dominante.

Bovée et al. (1995) sugerem que a *Brand Awareness* pode ser medida pela percentagem do público-alvo que está ciente de uma determinada marca. E Strydom et al. (2000) acreditam que os marqueteiros podem trabalhar essa conscientização no seu público-alvo, através de ações de propaganda e publicidade.

De acordo com Lamberti (2001), a KwaZulu-Natal Rugby Union tem sido a federação provincial sulafricana de maior sucesso, na criação de uma marca forte e reconhecida, os Natal Sharks em 2000²⁴.

²² Os British & Irish Lions, ou simplesmente os Lions, são a seleção de jogadores de Inglaterra, Gales, Irlanda e Escócia para defrontarem as seleções de rugby da Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, e que visita um desses países a cada quatro anos.

²³ A repetição da palavra "marca" nesta mesma frase não foi feita de forma ingénua...mas sim para enfatizar o que se pretende descrever.

²⁴ De 1890 a 2000, esta seleção provincial denominava-se simplesmente de "Natal".

1.7.2.3 Perceived Quality [*qualidade percebida de uma Marca*]

Parte da imagem de uma marca de um consumidor é baseada em fatos e experiências reais. No entanto, outra parte dessa imagem é baseada em percepções nascidas da reputação de um produto, cobertura mediática e/ou outras fontes indiretas de informação (Bovée et al., 1995). Uma marca de sucesso tem um nome reconhecível associado a atributos específicos, na óptica do consumidor (Palumbo & Herbig, 2000).

Aaker (1996) define qualidade percebida como uma associação da marca [*Brand Association*] que traz retorno financeiro, e que pode determinar quais as estratégias de marketing a serem adoptadas.

1.7.2.4 Brand Association [*associação a uma Marca*]

Brand Associations [associações a uma Marca] são percepções e imagens que as pessoas associam a marcas específicas (Bovée et al., 1995). Uma imagem de marca positiva é criada por programas de marketing que vinculam associações fortes, favoráveis, únicas e admiráveis à marca na memória do consumidor (Keller & Swaminathan, 2003).

Um dos bons exemplos de associação de marcas foi o estudo de caso relatado por Andrew Smith (2014), em que até o título é apaixonante: "*Je suis socialiste et quinziste: rugby, wine and socialism in the Aude since 1976*". Nele, o autor nos descreve como nos finais dos anos 70, a principal indústria da região – o vinho – e o passatempo preferido dos locais – o rugby – se associaram fortemente, com vários jogadores e ex-jogadores coincidindo em posições políticas locais, sindicais e empresariais (vitivinícolas), num forte conluio regional, que o autor apelida de socialista, resultando numa forte afirmação de identidade (neste caso, regional).

CAPÍTULO 2 - ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO

No Capítulo 1 vimos não a sequência lógica das nossas leituras académicas, mas sim um ordenamento da lógica que viria a nortear a nossa Investigação.

Iniciámos com uma Revisão de Literatura de tudo o que encontrámos sobre Rugby do hemisfério norte versus hemisfério sul, no intuito de perceber se já alguém havia encontrado alguma explicação para a nossa Pergunta de Partida.

Ao não encontrarmos razões conclusivas, decidimos procurar razões de sucesso desportivo internacional, em qualquer desporto. O interesse desta nova Revisão Bibliográfica foi o de encontrar factores desse sucesso, para depois tentar testar se os mesmos poderiam ser a resposta aos nossos anseios.

Tendo definido a pirâmide de De Bosscher et al. (2006) como um resumo de várias respostas encontradas em nossas leituras, conseguimos desenhar o nosso estudo e partir para as leituras específicas de cada Dimensão. Assim, primeiramente focámo-nos no pilar 8 dessa pirâmide (Organização das Grades Competitivas), seguidamente no pilar 1 (Recursos), e finalmente no pilar 2 (Políticas Públicas). Adicionalmente, trouxemos duas Dimensões da área da Gestão para esta pesquisa: a Estratégia Internacional e o Desenvolvimento de Marcas (*Branding*).

Quanto à primeira Dimensão (Organização das Grades Competitivas) definida, Szymanski (2003) alerta que muito ainda tem de se caminhar para se encontrarem pontos ótimos de: distribuição das receitas pelos participantes de uma Liga; regras de entrada para novos participantes; ou concorrência com outras Ligas (desportos).

Dentro da primeira Dimensão, fomos descobrindo/definindo quais as Variáveis que nos poderiam trazer respostas: Competições Equilibradas, Barreiras à Entrada, Governança Hierárquica e o Livre Associativismo.

Quanto à primeira Variável (Competições Equilibradas), Schiera (2006) afirma que foi o Equilíbrio Competitivo que tornou a NFL no desporto mais lucrativo dos Estados Unidos. Mas Szymanski (2003) alerta que o argumento do equilíbrio competitivo é baseado na oferta de talento fixa e na ausência de promoção/rebaixamento, duas observações que poderão ser únicas das Ligas norte-americanas. Em 2007, Macdonald & Booth descrevem as três distribuições para se aumentar o equilíbrio de uma competição: i) geográfica, para que todos os participantes tenham um tamanho de mercado de onde gerar receitas próprias; ii) de receitas de vendas de direitos de TV e/ou *merchandising*, que tenham sido vendidas coletivamente; iii) e

de talento, limitando a migração dos melhores jogadores para as equipas mais ricas. Howarth & Robinson (2009) define algumas formas de mensuração do equilíbrio competitivo de várias ligas desportivas, sendo uma delas a percentagem de campeões, dentre todos os participantes.

Já quanto à segunda Variável (Barreiras à Entrada), Mehra & Zuercher (2006) critica as Barreiras à Entrada de clubes e de jogadores, nas grandes Ligas americanas. Também Szymanski (2007) trabalha em diversos de seus artigos (2003; 2011) aspectos relacionados com Ligas Abertas versus Ligas Fechadas.

Em referência à terceira Variável (Governança Hierárquica), Meiklejohn, Dickson & Ferkins (2016) publicaram um estudo sobre a estrutura organizacional das 14 províncias neozelandesas, concluindo que a federalização foi um reflexo da necessidade de sustentabilidade comercial. McMillan (1997) sugere que a NZRU deve ser olhada como sendo como uma única empresa, e que as federações Provinciais sejam vistas como as divisões desta "empresa" multidivisional.

Finalmente, o Livre Associativismo (quarta Variável) foi comparado por Burley & Joyce (2008), em clubes amadores de Queensland (Austrália), Auckland (Nova Zelândia) e Vancouver (Canadá), confirmando que os recursos são captados de formas e fontes similares, no âmbito público e privado local, com legislação societária próxima.

Passando para a segunda Dimensão (Recursos) da nossa investigação, tentámos verificar as Variáveis dos Financiamentos Público e Privado.

Quanto ao Financiamento Público (primeira variável), Elling, van Hilvoorde & van den Dool (2010, 2014) afirmam que os governos holandeses da última década têm vindo a aumentar os investimentos no desporto de alto rendimento, com o objetivo de virem a organizar os Jogos em 2028. Matias et al. (2015) averiguaram como e se a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE) estava beneficiando o desporto brasileiro. E Silva et al. (2015) confirmaram que a Lei de Incentivo ao Esporte, o Bolsa-Atleta e a Lei Agnelo Piva são as principais fontes de financiamento público federal às diversas confederações brasileiras.

Relativamente ao Financiamento Privado (segunda variável), Andreff (2007) refere que os clubes de futebol franceses evoluíram de um modelo de receitas SSSL (espectadores, patrocinadores e subsídios, numa envolvimento local) para receitas MCMG (mídia, corporações, merchandising e mercados, em âmbito global). O mesmo autor, junto com Scelles (2014), apontam que entre 1995 e 2012, o peso dos direitos de TV nas receitas dos clubes franceses subiu de 31 para 58%, que as receitas de bilheteira caíram pela metade e que os clubes – desde que se tornaram sociedades anônimas - praticamente deixaram de ser subvencionados.

Ainda Andreff (2015), afirma que como o rugby ainda só atinge 21% de suas receitas, via direitos de TV, ele acredita que ainda estará por vir um forte incremento televisivo no rugby francês, após o final do presente contrato em 2019. Já McMillan (2006) contrapõe que o rugby inglês pós-1995 parecia a Rússia pós-União Soviética, passando de um sistema altamente regulado para um “novo mundo” desregrado, contrastando com o hemisfério sul, que parecia mais a transição suave da China.

No âmbito da Dimensão das Políticas Públicas, Pierre Bourdieu (1990) considera, na sua Teoria do Campo, que a relação de poder dentro das organizações tem vindo a moldar o comportamento humano. Para Bourdieu, quem tem maior poder (capital) é quem determina as regras do jogo. Assim, baseámo-nos nas Variáveis do Federalismo e das Políticas Desportivas para verificar qual a realidade dos três países pesquisados.

A escolha dessa primeira Variável (Federalismo) adveio da oportunidade de participar de um curso de Verão sobre Federalismo, em Canterbury (sul da Inglaterra), nos quais aprofundei as possíveis analogias entre as Federações a serem pesquisadas e os sistemas político-administrativos Confederados desses três países. Isto porque a ideia Federal é essencialmente um princípio organizador de associação (Burgess, 2006) e porque também é uma resposta à alternância de centralização e descentralização do poder, de forma territorial (King, 1982). Para verificar essas analogias, baseámo-nos nas características estruturais das Federações, de Watts (2002).

Já em relação à Variável das Políticas Desportivas, apesar de Green & Collins (2008) acusarem os governos de usarem o esporte com prioridade periférica, eles afirmam que nos últimos anos, as políticas públicas para atividades relacionadas ao desporto aumentaram em grande relevância, em países como Canadá, China, Alemanha, Noruega, Polónia, Singapura e Reino Unido. Mas o foco dos seus estudos foram as políticas nacionais de desenvolvimento desportivo na Austrália e Finlândia. Ao pesquisarem sobre políticas públicas que influenciassem o sucesso internacional (nos Jogos Olímpicos), Hoffmann, Ging & Ramasamy (2002b) concluíram que os fatores de maior relevância seriam geográficos, demográficos e culturais.

Quanto à Dimensão de Estratégia Internacional, bibliografámos sobre diversas teorias de internacionalização de negócios, como o Modelo Uppsala (Johanson & Vahlne (2009), o Modelo OLI (*Ownership, Location, Internalization*) de Dunning (1991, 1997, 1998, 2000, 2001, 2006, 2015), a teoria "*Born Global*" (McDougall, 1989,1994; Rennie, 1993; Bell et al, 2001, 2003), a "*Lean Start-up Strategy*" de Eric Ries (2014), o Modelo Hofstede (Geert

Hofstede, 1991, 1994, 2003) e o Modelo CAGE (Ghemawat, 2001, 2007, 2011). Foi a partir deste último modelo que definimos as nossas quatro Variáveis: Diferenças Culturais, Administrativas, Geográficas e Económicas.

Finalmente, na Dimensão de Desenvolvimento de Marcas (*Branding*), o Capítulo 1 reflete as leituras que fizemos sobre as Variáveis que influenciam o valor de uma Marca: a fidelidade a uma marca (*Brand Loyalty*), o reconhecimento da marca (*Brand Awareness*), a qualidade percebida (da marca) (*Perceived Quality*) e a associação à marca (*Brand Association*) (Aaker, 1996, p. 8). Além disso, procurámos entender como relacionar as Marcas com os Media (*Branding & Media*), sabendo que Yang e Kumareswaran (2009) se centraram no porquê das audiências televisivas serem maiores ou menores, no Campeonato Neozelandês inter-Provincial (NPC), e que Owen & Weatherston (2004b) fizeram algo similar, mas sobre as audiências nos estádios.

Terminado este breve apontamento sobre o percurso que me levou à formulação da estratégia de investigação da presente dissertação de doutoramento, entramos numa espécie de “diário de bordo”, agora sim cronológico, por forma a registar o passo a passo da metodologia que foi seguida.

Recuando então no tempo, a partir do momento que me decidi a enveredar pela Pós-Graduação, percebi que deveria me inscrever em disciplinas isoladas ou como aluno especial. Aí veio a primeira dúvida, mas qual a Faculdade a que me devo aproximar? Sendo Economista com extrema ligação ao Desporto, fui visitar as Faculdades de Educação, Economia, Administração e Educação Física, da Universidade de Brasília (UnB).

A verdade é que nem sabia como se processavam as inscrições, nem o que exatamente eu devia procurar. O que eu sabia sim, era que precisava me aproximar da Academia, para caminhar nesta empreitada.

Das disciplinas que estavam sendo ofertadas para alunos especiais, achei que me encaixava em "Educação em Língua Materna", da Faculdade de Educação; e em "Métodos e técnicas de pesquisa em Educação Física aplicados às Ciências Sociais", da Faculdade de Educação Física. Em boa hora o fiz. Com a Prof.^a Stella Maris Bortoni, comecei a ter noção da diferença que foi ser aluno de Licenciatura - em que tudo nos é dado, e devemos provar que o apreendemos - e aluno de Pós-Graduação, em que "Meu querido, se vire !". Este "se vire" inclui até aquilo que queremos, não mais estudar, mas agora Pesquisar. (In)felizmente, a partir de agora, não mais iria ter um(a) Professor(a) a decidir o meu objeto de estudo !

E com a Prof.^a Dulce Figueiredo, o meu maior legado foi a sua frase "Escolham um Tema que amem de Paixão! Isto porque irão casar com ele nos próximos 3 a 4 anos !". Era tudo o que eu precisava ouvir. Além da minha mulher e família, a minha grande paixão sempre foi o Rugby. Logo, o Objeto Empírico já estava definido. O problema agora seria encontrar algo que fosse minimamente inovador ou com um mínimo grau de impacto, isto é definir o meu Objeto de Estudo.

Demorei. Mas demorei mesmo para chegar lá. Até que, no semestre seguinte, na disciplina de "Gestão do Esporte", um dia me enchi de coragem e abordei o Prof Paulo Henrique Azevedo. Da nossa conversa - rápida, como sempre tem de ser com ele - lá me explicou que deveria encontrar uma variável independente, para tentar explicar uma outra dependente. Ainda lembro do triângulo dele no quadro, me perguntando "quem são os melhores países do Mundo, no rugby ?". Nova Zelândia, África do Sul e Austrália, respondi. "Então, por exemplo 'Modelos de Gestão' seriam a variável independente, e o 'sucesso' das federações desses países, a variável dependente". Simples assim.

Ok, mas e agora, que já tinha o Tema da minha Tese, seria bom encontrar uma pergunta de partida. A partir deste ponto, passei a seguir as indicações do "Manual de Investigação em Ciências Sociais" (Quivy & Campenhoudt, 2008), por sugestão da minha orientadora, a Prof^a Salomé Marivoet, já na Lusófona. Escolhi o doutoramento na Lusófona, por sentir que os Profs Carreiro da Costa e António Palmeira acolheram com agrado o Rugby como tema, através do viés da Gestão Desportiva.

O primeiro ano do doutoramento foi ministrado num seminário de 10 conferências, com vista a nos proporcionar uma visão geral sobre as várias dimensões da Didática em Educação Física e Desporto.

Tendo então finalizado o primeiro ano do doutoramento, apresentei o meu Projeto de Investigação, como parte integrante da avaliação curricular.

2.1 Problema e Hipóteses de Investigação

Como se pode observar na Figura 1 (página seguinte), a Inglaterra é o país com maior número de jogadores no Mundo. Em seguida, vem a França...

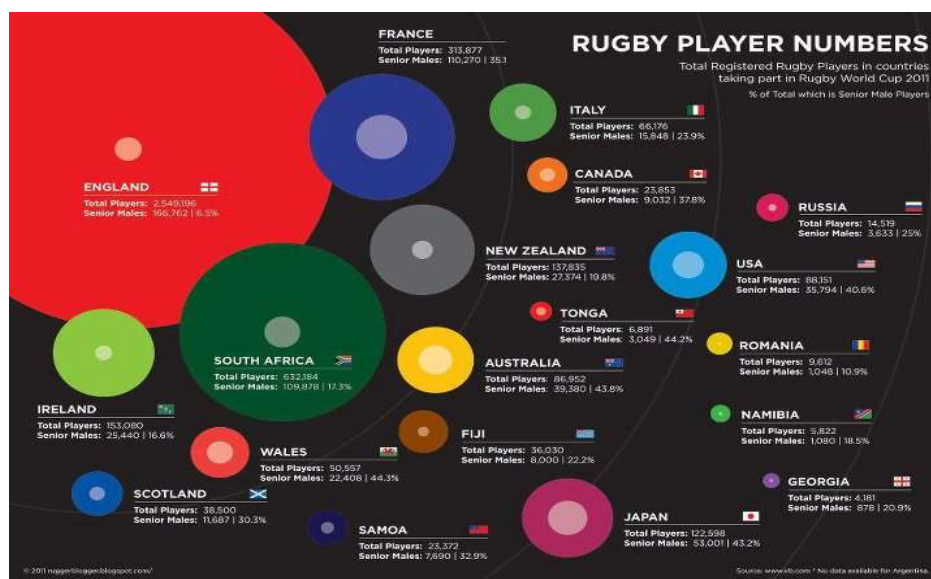


Figura 1 - Número de jogadores de rugby

Fonte: iRB, 2011

No entanto, como indica a Tabela 1, a França nunca foi Campeã do Mundo; e a Inglaterra apenas o foi uma vez. Já os três países do hemisfério sul, ganharam oito dos nove Mundiais disputados até hoje.

Tabela 1 - Classificação nos Mundiais de Rugby, de 1987 a 2015

Ano	Campeão	Vice	3º Lugar	4º Lugar
1987	Nova Zelândia	França	P. Gales	Austrália
1991	Austrália	Inglaterra	Nova Zelândia	Escócia
1995	África do Sul	Nova Zelândia	França	Inglaterra
1999	Austrália	França	África do Sul	Nova Zelândia
2003	Inglaterra	Austrália	Nova Zelândia	França
2007	África do Sul	Inglaterra	Argentina	França
2011	Nova Zelândia	França	Austrália	P. Gales
2015	Nova Zelândia	Austrália	Africa do Sul	Argentina
2019	Africa do Sul	Inglaterra	Nova Zelândia	P. Gales

Fonte: iRB, 2019

Aceitando que, ainda assim, a França e a Inglaterra foram seis vezes finalistas vencidas, resolvemos averiguar o histórico entre os países do famoso Torneio das Cinco Nações²⁵ e as seleções do Tri Nations²⁶. Conforme a Tabela 2 na página seguinte, configura-se como

²⁵ Desde o ano 2000, o centenário Torneio da Cinco Nações expandiu-se para Torneio das Seis Nações, com a adição da Itália.

²⁶ Desde 2012, o Tri Nations expandiu-se para o Rugby Championship, com a adição da Argentina.

consistente a supremacia do rugby da SANZAR sobre as Cinco Nações europeias, e em particular, sobre as poderosas França e Inglaterra.

Tabela 2 - Histórico absoluto dos jogos entre os 3 Países da SANZAR e os 5 Países do Torneio das Cinco Nações

	Vitórias	Empates	Derrotas	Primeiro	Último	
NZ – França	47	1	12	1/jan/1906	23/jun/18	78%
NZ – Inglaterra	33	1	8	2/dez/1905	26/out/19	79%
NZ – Wales	32	-	3	16/dez/1905	1/nov/19	91%
NZ - Irlanda	29	1	2	25/nov/1905	19/out/19	91%
NZ - Escócia	29	2	-	18/nov/1905	18/nov/17	94%
Af.Sul - França	27	6	11	11/jan/1913	10/nov/18	61%
Af.Sul - Inglaterra	26	2	15	8/dez/1906	2/nov/19	60%
Af.Sul - Wales	29	1	6	1/dez/1906	27/out/19	81%
Af.Sul - Irlanda	18	1	7	24/nov/1906	11/nov/17	69%
Af.Sul - Escócia	22	-	5	17/nov/1906	17/nov/18	81%
Austrália - França	27	2	18	22/jan/1928	19/nov/16	57%
Austrália - Inglaterra	25	1	25	9/jan/1909	19/out/19	50%
Austrália - Wales	30	1	12	12/dez/1908	29/set/19	70%
Austrália - Irlanda	22	1	13	12/nov/1927	23/jun/18	61%
Austrália - Escócia	21	-	11	17/dez/1927	25/nov/17	66%

Fonte: Dados coletados nos sites oficiais de todas as federações envolvidas (2019)

Dado que o que eu queria pesquisar eram as razões do sucesso desses três países, face ao insucesso de países com mais recursos - humanos e financeiros - como Inglaterra e França, decidi procurar leituras desses mesmos países, de modo a encontrar algumas pistas me pudessem orientar sobre o que efetivamente eu iria pesquisar.

Assim, procurei encontrar artigos científicos, principalmente pelo Google Acadêmico, através do cruzamento de palavras-chave como "Rugby", "Sport Management", "Success", em cada um dos três países: "Australia", "South Africa" e "New Zealand". Encontrei muita coisa, desde teses de Mestrado, Doutorado, Artigos Científicos, Livros, apresentações em Congressos, etc,— aos quais me referirei como "artigos" —, tanto desses países, como em Inglaterra e Estados Unidos, talvez pela pesquisa ter sido feita em inglês. Quando me apercebi disso, refiz as pesquisas em português, francês e espanhol, as outras línguas que eu poderia ler. Apareceram-

me muito menos opções, mas pelo menos deparei-me com novas realidades, tanto da francesa, que muito me interessava, mas também da África francófona, Espanha e da América hispânica.

As áreas de todos os artigos analisados eram muito díspares, desde biomecânica, técnicas, táticas, treino, detecção de talento, instalações desportivas (do jogo em si mesmo), desporto de participação, sociológicas, algumas filosóficas, mas também da área da gestão, que era o que mais me interessava, como organização das instituições, organização das competições, marcas (*Branding*), governança, políticas públicas, media, patrocínios, etc. Sem fazer nenhum estudo estatístico, em breve me apercebi do termo "*balanced competitions*" em vários artigos, especialmente escritos por neo-zelandeses. Aprofundi mais a pesquisa por novos artigos, com essa palavra-chave.

Em paralelo, comecei a falar informalmente (pessoalmente ou por via digital) com jogadores e/ou treinadores desses três países que fui conhecendo, ao longo da minha vida no rugby. Nessas entrevistas exploratórias (Quivy & Campenhoudt, 2008), fui ouvindo as opiniões pessoais de cada um deles, em que as respostas foram apontando para que a maior razão desse sucesso prender-se-ia com as razões culturais. Alguns deles diziam que esses países teriam melhores treinadores, melhores biótipos, meteorologia mais adequada ao sucesso, mas as fortes razões culturais tendiam a surgir sempre.

Bom, essas opiniões foram importantes por duas razões: a primeira é que me pareceu importante averiguar a possibilidade de as questões culturais poderem ser uma forte razão. Dos meus estudos académicos, lembrei-me logo da Teoria de Estratégia Internacional de Ghemawat (2007), em que utiliza uma *framework* para identificar exatamente essas diferenças Culturais, mas também Administrativas, Geográficas e Económicas (com as siglas CAGE).

Precisei então de dar uma parada, olhar para o que andava a ler, porque o objetivo naquele momento era chegar à minha pergunta de partida. E, como tantas vezes acontece quando buscamos um caminho, um dia acordei (literalmente) e percebi o que devia fazer: pesquisar por artigos focados em "*International sporting success*" (Sucesso desportivo internacional).

E nada melhor do que começar a ler e ler, e ler mais, sobre o muito já escrito sobre este assunto. Mais uma vez, existem múltiplas respostas de diferentes áreas, que tentam dar um norte a quem procura as razões do sucesso desportivo, sendo que a maioria destes artigos se referem ao sucesso olímpico.

Li sobre tudo um pouco, mas acabei por definir a minha curiosidade na seguinte pergunta: "Porquê os países da SANZAR ganham sempre ?". Mais uma vez, falei com alguns

dos meus conhecidos jogadores e/ou treinadores "sanzarianos", ao que um – na verdade, ele é luso-galês – e que jogou comigo desde criança, se sentiu um pouco ofendido (com alguma razão) e sugeriu-me uma pergunta politicamente mais correta, e que também achei academicamente mais adequada: "Porque as nações da SANZAR ganham tão consistentemente?"

Considerámos então, que a resposta a esta pergunta de partida iria ser profícua para uma melhor reflexão sobre as estratégias de desenvolvimento do Rugby no Brasil e em Portugal. O Rugby no Brasil não é recente, mas apenas agora está sendo gerido de forma profissional, pelo interesse pessoal dos donos da Topper, ex-jogadores de rugby. Com eles chegou a experiência de governança corporativa mas, naturalmente, não teve como também vir a experiência desportiva, que poderia levar o Brasil a postular a medalhas olímpicas. Sendo assim, pensa-se que seria relevante apontar possíveis caminhos, baseando-nos em quem tem mais sucesso, para que o Brasil se possa aproximar mais rapidamente do topo do rugby mundial. Pensamento similar relativamente a Portugal, que apesar de maior experiência desportiva de rugby que o Brasil, está bastantes furos atrás no que tange à profissionalização da sua Gestão.

Mediante ao exposto, o problema a ser pesquisado será identificar qual a influência que os modelos de gestão das Federações de Rugby da África do Sul Austrália e Nova Zelândia (SANZAR) têm em seus resultados desportivos internacionais? Dito de outra forma, será que o “Modelo de competição hierárquico” (Morgan, 2002) da SANZAR é a principal causa de sucesso desses três países, a nível internacional ?

Definimos então como **Objetivo Geral**, investigar os modelos de gestão das Federações de Rugby da SANZAR, e a sua relação com os resultados desportivos internacionais.

Como **Objetivos Específicos**, identificar como são construídas as estruturas organizacionais e de gestão de Federações de Rugby de países considerados “modelo de sucesso”. Verificar quais as diferenças e aproximações podem ser identificadas entre estes três “modelos” de gestão e organização, com referência às relações de poder.

Dando resposta à pergunta de partida para a presente investigação, e tendo por base os contributos dos autores analisados no Capítulo 1, definimos como pressuposto central ou tese a investigar, que **o sucesso desportivo das nações da SANZAR nos campeonatos internacionais de Rugby assenta na estrutura organizacional das competições internas, que potencia o cruzamentos de vários apoios, como sejam os financeiros dos sectores público e privado, e os simbólicos resultantes do desenvolvimento de marcas das equipas junto de uma base alargada de adeptos.**

Para o aprofundamento da nossa hipótese central ou pressuposto a investigar, definimos três Hipóteses, cuja operacionalização se encontra no Modelo de Análise Desagregado na Tabela 3 (pág. 77):

- i.H¹: "As grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e nas seleções estaduais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas"
- ii.H²: "As competições limitadas geograficamente facilitam e potencializam o trabalho do *branding* das equipas"
- iii.H³: "A internacionalização do produto 'Rugby' facilita a obtenção de recursos privados da sociedade"

2.2 Desenho do Estudo

Para a operacionalização das nossas hipóteses definimos seis Dimensões de análise: Perfil dos Entrevistados (D1), Organização das Grades Competitivas (D2), Recursos (D3), Políticas Públicas Desportivas (D4), Estratégia Internacional (D5) e Desenvolvimento de Marcas [*Branding*](D6).

Identificámos o “perfil dos entrevistados” (D1) segundo as variáveis país, nível de competição, posição na organização, género e idade.

Através da revisão bibliográfica relativa à "Organização das grades competitivas" (D2), constatámos que os neo-zelandeses, em particular, acreditam que o segredo do sucesso do seu rugby está nas "Competições Balanceadas/Equilibradas". No entanto, atentando aos factores críticos sublinhados por De Bosscher et al. (2009), na base da pirâmide do "sucesso desportivo internacional", tornou-se importante averiguar as Dimensões “Recursos” (D3), “Políticas Públicas” (D4) e Desenvolvimento de Marcas (D6), cruzá-las com a Dimensão "Organização das Grades Competitivas" (D2) no estudo das hipóteses 1 e 2., como se pode observar no Desenho de Investigação (cf. Figura 2, na página seguinte).

Relativamente aos "Recursos" (D3), e sendo o rugby de clubes da SANZAR totalmente amador, é interessante verificar como Teixeira et al (2017) se referem à utilização do tempo de ócio, criticando severamente os Mega-eventos, mas também como Phaala (2002) questiona se o caminho actual é o mais correcto, para que a população negra (da África do Sul) também possa ambicionar ser profissional de rugby, dado que os *Maoris* (NZ) e *Aborígenes* (Austrália) têm tido muito sucesso em conseguir chegar a esse patamar.

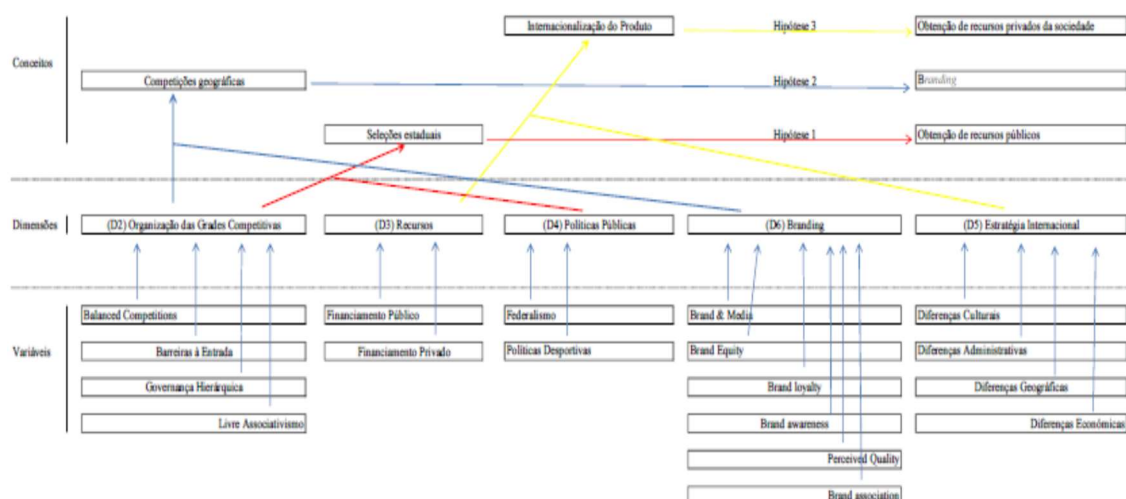


Figura 2 - Desenho do Estudo

Por outro lado, na D4, considerámos que as "Políticas Públicas" das Federações da SANZAR poderão ser cruzadas com as teorias de "federalismo" de Burgess (2006) e Watts (2002), dadas as analogias entre esse sistema político e a co-organização inter, supra e nacional das três federações.

Quisámos também introduzir algum elemento de gestão nesta pesquisa, dedicando a nossa atenção às "Estratégia Internacional" (D5) (Ghemawat, 2001, 2007; Johanson & Vahlne, 1977, 1990, 1992, 1997, 2006, 2009, 2013; Dunning, 1991, 1997, 1998, 2000, 2001, 2006, 2015; Hofstede, 1991, 1994, 2001, 2003, 2014; Wrona & Trqpczynski, 2012; Chetty & Campbell-Hunt, 2004; Ries, 2012) que a SANZAR possa ter utilizado com o seu produto (Rugby).

Finalmente, em relação ao "Desenvolvimento de Marcas" D6), (a sequência do Desenho do Estudo) optámos por trazer elementos de "Sentimento de Pertença" (Elias, 1992; Marivoet, 2006), dado o carácter amador da base do rugby da SANZAR, e compreender como a SANZAR aproveita esse sentimento para que sejam trabalhadas as "Marcas" (Kotler, 2002, 2010, 2012; Marques & Cafeo, 2014; Gerber-Nel, 2004, 2006), nos diferentes níveis de competição.

Na Tabela 3, nas páginas seguintes, apresenta-se o Modelo de Análise Desagregado, encontrando-se as dimensões desagregadas em variáveis e indicadores que nos permitiram a respetiva observação e medição na realidade empírica em estudo.

Tabela 3 - Modelo de Análise Desagregado (MAD)

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Questões do Questionário/ Fonte
(D1) Perfil	1.1 País (VAR Indep)	1.1.1 Australia 1.1.2 New Zealand 1.1.3 Sout Africa	Q1
	1.2 Competition Level (VAR Indep)	1.2.1 Country 1.2.2 Super Rugby 1.2.3 Provincial 1.2.4 Club	Q2
	1.3 Position in Organization		Q3
	1.4 Género		Q4
	1.5 Idade		Q5
(D2) Organização das Grades Competitivas	2.1 Balanced Competitions	2.1.1 Rácio (%) de equipas Campeãs, entre todos os participantes 2.1.2 Quantas Equipas (%) citadas como "melhores" ? 2.1.3 Quais as equipas mais citadas ? (Tiers 2, 3 e 1) 2.1.4 Rácio (%) de equipas nas últimas Finais, entre todos os participantes 2.1.5 Média da Diferença de Pontos por jogo, do Campeão	Q6, Q9, Q10 Q7, Q8 Q80.1, Q81.1, Q82.1 Classificações Classificações
	2.2 Barreiras à Entrada	2.2.1 Requisitos para Entrada 2.2.2 Regras para Subida/Descida de Divisão 2.2.3 Regulamento de Transferência de Jogadores 2.2.4 Jogadores transferidos para os 2 primeiros Clubes	Q11, Q12 Q13 Q14, Q15, Q16 Q17
	2.3 Governança Hierárquica	2.3.1 Estrutura de Votação em AGs 2.3.2 Divulgação Pública do Relatório Financeiro 2.3.3 Receitas 2.3.4 Despesas 2.3.5 Organizational Chart (Competências de cada Nível)	Q18 Q21 Q33, Q34 Q40 Q19
	2.4 Livre Associativismo	2.4.1 Lei do "Livre Associativismo"	Q20
(D3) Recursos	3.1 Financiamento Público	3.1.1 Subsídios 3.1.2 <i>Grants</i> de "Jogos de Azar" direcionados ao Desporto 3.1.3 Incentivos Fiscais 3.1.3 Apoios Não-Financeiros (em Espécie)	Q22, Q23, Q24 Q28 Q25, Q26, Q27
	3.2 Financiamento Privado	3.2.1 Empresas Locais 3.2.2 Empresas Regionais 3.2.3 Empresas Nacionais 3.2.4 Empresas Multinacionais 3.2.5 Total de Patrocínios (%) 3.2.6 Outras Receitas (%) 3.2.7 Apoios comunitários ("Pai-trocínios") 3.2.8 Problemas com Patrocínios 3.2.9 Retorno para Patrocinadores	Q29 Q30 Q31 Q32 Q33 Q34 Q35 Q36 Q37
(D4) Políticas Públicas	4.1 Federalismo	4.1.1 Analogia do sistema político Federal com a organização Federal do rugby 4.1.2 Autonomia formal entre o LEGISLATIVO e o EXECUTIVO 4.1.3 Interdependência entre os diferentes níveis governativos 4.1.4 Proporção de votos para alterar uma Constituição/Estatutos/Contrato Social 4.1.5 <i>Umpire</i> 4.1.6 Instituições facilitadoras da colaboração intergovernamental	Q41 Q42 Q43 Q44 Q45 Q46, Q47
	(Países vs Unions)		

	4.2 Políticas Desportivas	4.2.1 Das Federações de Rugby vs as Outras 4.2.2 Importância das Federações de Desportos Olímpicos vs as Outras	Q48 Q49
Dimensões	Variáveis	Indicadores	Questões do Questionário/ Fonte
(D5) Estratégia Internacional (Modelo C.A.G.E. ou CAGE Framework)	5.1 Diferenças Culturais	5.1.1 Língua/linguagens [Same Language (English)] 5.1.2 Costumes sociais [Close social costumes (British culture)] 5.1.3 Identificação nacional com o Rugby [Great national identification with Rugby] 5.1.4 Importância da modalidade [Rugby is an important product in the 03 countries] 5.1.5 Questões étnicas [Some Ethnic differences (but low)] 5.1.6 Questões religiosas [Some Religious differences (but low)]	Q50-53 Q54 Q55, Q60 Q56 Q57, Q58 Q59
	5.2 Diferenças Administrativas	5.2.1 Ligações coloniais [Strong colonial ties] 5.2.2 Políticas desportivas [Common sporting policies] 5.2.3 Estruturas federativas [Strong Rugby Unions] 5.2.4 Gestão do rugby local [Domestic Rugby run by Provincial Unions] 5.2.5 Modelos competitivos do rugby [Same competition models] 5.2.6 Simetria das franquias profissionais [New Franchises are symmetrical]	Q61 Q62 Q63 Q72 Q73 Q74
	5.3 Diferenças Geográficas	5.3.1 Fusos horários e Distâncias [Time zones & Physical distances (Problems)] 5.3.2 Dimensão dos Países [Big countries (except NZ)] 5.3.3 Conexões aéreas [Good train/airport facilities]	Q64-67 Q68 Q69, Q70
	5.4 Diferenças Económicas	5.4.1 Poder da mídia [Strong media] 5.4.2 Renda dos consumidores [Consumers Income] 5.4.3 Salários dos jogadores [Players Wages]	Q71 Q75, Q76 Q77, Q78
(D6) Branding	6.1 Branding & Media	6.1.1 Quais as Mídias em que uma equipa aparece regularmente	Q38, Q39
	6.3 Brand loyalty	6.3.1 I am proud to be a South African rugby supporter. 6.3.2 I will recommend my team (team in question 83) to anyone to support? 6.3.3 I am very loyal to the (team in question 83); I will probably still be supporting (team in question 83) in two years' time.	Q93.2 Q93.4 Q93.6, Q93.8
	6.4 Brand awareness	6.4.1 Which National rugby teams are you most aware of ? 6.4.2 Which Super Rugby teams are you most aware of ? 6.4.3 Which (Currie Cup, ITM Cup or NRC) rugby teams are you most aware of ? 6.4.4 Determinar <i>Brand Awareness</i> nas suas competições (Tiers 1-4) 6.4.5 Do you know what the team colour(s) of the (teams mentioned in questions 80.1 to 82.1) is ? ...Logos ?	Q82.1 Q80.1 Q81.1 Q7, Q8 Q80.3-4, Q81.3-4, Q82.3-4
	6.5 Perceived Quality	6.5.1 Which South African/Australian/NZ rugby team do you think is the most admired in South Africa/Australia/NZ ? 6.5.2 What is your trust and confidence in the teams mentioned in questions 80.1 to 82.1?	Q85 Q80.2, Q81.2, Q82.2
	6.6 Brand Association	6.6.1 Which rugby team do you personally support? 6.6.2 What is the first thing that comes to mind when you think of (team in Q83)?	Q83 Q90, Q91, Q92
	6.7 Support	6.7.1 To what extent are you a rugby supporter? 6.7.2 How long have you been a (team in question 83) supporter? 6.7.3 Out of every 10 games (team in question 83) plays, how many do you watch ? ...Live ?	Q79 Q84 Q86, Q87 Q88, Q89

		6.2.2 What are you prepared to pay for a ticket to watch (team in question 83) play? ...for a rugby Jersey ? 6.7.4 Seven Questions about respondent's attitude towards South African rugby industry.	Q93.1, Q93.3, Q93.5, Q93.7, Q93.9, Q93.10, Q93.11
--	--	---	---

2.3 Métodos e Técnicas de Recolha da Informação

Tendo por base os indicadores ou variáveis em cada uma das dimensões do Modelo de Análise Desagregado, construímos um inquérito por questionário (cf. Anexo I), aplicado de forma presencial entre 14 de Julho e 2 de Novembro de 2015, junto dos interlocutores privilegiados, os nossos entrevistados (cf. 2.4 Caracterização da Amostra) em cada um dos três países do SANZAR (África do Sul, Nova Zelândia e Austrália).

Na Dimensão 1 (D1), identificámos as características do perfil dos entrevistados quando aos três países em estudo (Q1), nível de competição em que se encontravam envolvidos (Q2), posição que detinham da organização (Q3), género Q4) e idade (Q5).

A Dimensão “Organização das Grades Competitivas” (D2), que pretendia averiguar se as competições desses três países eram efetivamente equilibradas. Enquanto que para os três primeiros níveis competitivos (Internacional, Super Rugby e Provincial) a informação de históricos e classificações é de fácil acesso, nas competições de clubes amadores foi extremamente difícil encontrar esses dados, pela internet. A razão principal – fiquei a saber posteriormente – prendeu-se fundamentalmente com o meu desconhecimento dos nomes delas, mas também à diferença de termos usados nos três países, diferentes também aos termos ingleses que eu conhecia previamente. Por exemplo, sempre que procurei por "classificações" na BBC e outros sites ingleses, bastava-me buscar por "*Tables*". No entanto, na Austrália aprendi que o termo utilizado por lá é "*Ladder*", na Nova Zelândia é "*Standings*" e na África do Sul são "*Logs*".

As questões elaboradas pretenderam averiguar os nomes das mesmas (Q6-Q10), para facilitar futuras buscas pela internet, requisitos de participação (Q11-Q12), regulamentos competitivos (Q13), problemas que pudessem existir e clubes com maior histórico de sucesso (Q14-Q17) – fatores de equilíbrio competitivo sugeridos por Schiera (2006), Howarth & Robinson (2009), Hogan, Massey & Massey (2011, 2013, 2014) e Teixeira, Santos e Mourão (2015). A questão 17, "Onde poderei consultar os jogadores que se transferiram para os dois clubes de maior sucesso, na sua competição ?" foi um fracasso, pois aparentemente nunca ninguém se preocupou com isso.

Quanto à Dimensão “Recursos” [*Resources*] (D3), o questionário versou sobre de onde as instituições dos entrevistados captavam as suas Receitas (Q22-Q39) e onde aplicavam as suas Despesas (Q40). Para minha surpresa, não se registou nenhuma dificuldade, especialmente nas questões Q34 "Quais as percentagens de cada uma de suas Receitas ?" e Q40 "Quais as suas Despesas Principais, em percentagem ?".

Relativamente à Dimensão “Políticas Públicas” [*Public Policies*] (D4), recorremos à variável "Federalismo", para compreender se existiria alguma analogia entre as Políticas Públicas das Províncias/Estados desses países e as Federações de Rugby dos mesmos (Q41-Q49).

Passando para Dimensão “Estratégia Internacional” (D5), utilizei o questionário utilizado pela CAGE Framework (Q50-Q78), para averiguar a existência de diferenças culturais, administrativas, geográficas e/ou económicas entre os três países.

Finalmente, na Dimensão “Desenvolvimento de Marcas” [*Branding*] (D6), utilizei exatamente o mesmo questionário (Q79-Q93) que foi utilizado por Charlene Gerber-Nel (2004, 2006, 2007), nos seus trabalhos sobre marcas de rugby, na África do Sul.

2.4 Caracterização da Amostra

Como já referido anteriormente, precisei pesquisar via internet dados referentes ao rugby dos três países, e foi bastante fácil conseguir essas informações nos níveis de rugby profissional, pois todas as federações nacionais e provinciais e equipas/franquias têm sites com todas as informações necessárias. A maior dificuldade centrou-se nos sites de clubes amadores, e no meu desconhecimento dos termos pelos quais procurar nos motores de busca.

Foi com esse levantamento de dados que organizei os meus alvos, na Pesquisa de Campo. Após a Pesquisa de Campo, pude pesquisar informações sobre os diversos campeonatos amadores *online*, mas também fui apresentado e/ou presenteado com livros de autores locais que me facilitaram o entendimento do rugby desses três países. Também passei a conseguir consultar o Relatório e Contas de todos os clubes amadores, de todas as federações provinciais e das três federações nacionais, publicitados nos sites das Finanças de cada um desses países.

Apesar do presente Super Rugby de 2019 continuar a ser disputado por 15 franquias, mas com a substituição dos Cheetahs (África do Sul) e Force (Austrália) pelos Jaguares

(Argentina) e Sunwolves (Japão), toda a minha pesquisa foi preparada desde 2013, para investigar o Super Rugby, ainda no formato antigo (1996-2015), dado que não sabia que haveria esse desenvolvimento. Adicionalmente, a minha viagem de cinco meses para a Pesquisa de Campo, também foi aprovada bem antes de se saber dessa alteração do Super Rugby, pelo que somente visitei Nova Zelândia, Austrália e África do Sul.

E nessas visitas, consegui aplicar os Questionários ao CEO da SANZAR; a 06 Diretores e Membros das *Boards* (Conselhos de Administração) das Federações da Nova Zelândia e Austrália; aos CEOs de 10 franquias do Super Rugby (entre as 15 franquias existentes); aos CEOs de 08 Federações Provinciais da Nova Zelândia (entre 14 Províncias); aos General Managers de 03 Federações Estaduais da Austrália (entre 08 Estados) e 03 CEOs das equipas australianas do NRC (dentre 09 participantes); aos CEOs de 08 Federações Provinciais da África do Sul (entre 14 Províncias); e a Presidentes/representantes de 42 Clubes, sendo pelo menos 02 clubes de 14 das 19 Províncias visitadas, totalizando 81 questionários preenchidos.

2.4.1 Diário de campo

Para constituir a amostra do estudo, propusemo-nos chegar junto dos CEOs da SANZAR, das Federações dos três países (somente consegui Austrália e Nova Zelândia), das cinco franquias de cada um dos três países (consegui 2 em 5 na Austrália; 4/5 na Nova Zelândia; e 3/5 na África do Sul), das Federações Provinciais de cada um dos três países (sucesso em 3 de 8, na Austrália; 8/14 na Nova Zelândia; e 8/14 na África do Sul); e de pelo menos dois presidentes clubes em cada uma das Províncias visitadas (consegui bem mais do que isso).

Antes de partir, consegui alguns contactos, que vieram a revelar-se fulcrais:

1. da CBRu, consegui uma Carta do CEO Agustín Danza²⁷, apresentando-me ao CEO dos Crusaders – **Hamish Riach** - com quem a CBRu teve um contrato de desenvolvimento, de 2010 a 2013;

2. de Rui Alvarez, ex-manager das Seleções de Portugal, consegui o agendamento de uma reunião com **Peter Rowles**, ex-manager dos Waratahs (franquia de Super Rugby, de Sydney), nos tempos em que se iniciou o Super 14 (1996); e também o contacto com o

²⁷Quem me facilitou este contacto foi o Eng João Nogueira, emigrante português de longa data, ex-jogador da Académica, SPAC e atual diretor na CBRu.

Presidente do Northern Suburbs Rugby Football Club, no qual estava a jogar um jogador do nosso clube (Grupo Desportivo de Direito), num convénio de intercâmbio entre os dois clubes;

3. do **Prof Paul Jonson**, que conheci no Congresso da Associação Mundial de *Sport Management* (WASM, da qual ele era presidente), australiano apaixonado por rugby, que fez questão de assistir à minha apresentação, uma das duas únicas sobre rugby...ele tornou-se o meu Orientador informal na Austrália, tendo-me inclusive arranjado um "*Honorary appointment*" na UTS, que resultou em eu poder circular pela UTS – University of Technology of Sydney, com o meu cartão de "*staff*", e acesso irrestrito à biblioteca, fotocópias, impressões e digitalização de documentos. Quem vier a passar por uma situação análoga, recomendo vivamente, pois facilitou-me bastante a vida.

Assim, chegando em Christchurch (Ilha do Sul), fui recebido por **Hamish Riach**, às 9h do meu primeiro dia útil de Pesquisa de Campo. Além da aplicação de dois Questionários - ele também acumula o cargo de CEO da Federação Provincial de Canterbury (CRFU) -, ainda me deu um *handbook* com todos os contactos dos Clubes de Canterbury, e explicou o porquê de constar nele as informações de Mid-Canterbury (recentemente desmembrada, mas com competências e competições ainda entrelaçadas). Finalmente, disse-me que iria enviar um email para os outros CEOs das franquias de Super Rugby neo-zelandesas, assim como para o CEO da SANZAR (com sede em Sydney). Tenho que confessar que, ao checar os meus emails após o almoço, fiquei surpreso por esse email já ter sido enviado, e também com o texto, que claramente induziu os seus colegas em curiosidade. Resultado, fiquei com uma reunião agendada para as 9h do meu segundo dia em Sydney (uma semana depois), com Brendan Morris (CEO da SANZAR), e com reuniões a agendar com os CEOs das outras franquias neozelandesas, para quando a minha viagem chegasse à Ilha do Norte (dois meses depois).

Quanto aos Clubes de Canterbury, só precisei ligar para os telemóveis dos *Club Presidents*, dos clubes que entendi serem mais adequados, pela pesquisa prévia do histórico da competição local, e pela visita ao campo dos Marist Albion, que recebeu o Christchurch RC no domingo anterior. No final do jogo, pedi para participar do Terceiro Tempo desse jogo, onde conheci os presidentes desses dois clubes, e onde me apercebi de um pouco da realidade do rugby amador local. Como amostra, consegui quatro entrevistas, dos dozes principais clubes do campeonato metropolitano de Christchurch, o principal campeonato da Província de Canterbury. Três delas foram em Christchurch e uma em Lincoln, a única de fora da capital, a uns "longínquos" 25 kms de distância.

Chegando em Sydney, e a pedido dele, encontrei-me com **Peter Rowles** às 9h, no Hall de um famoso hotel de Coogee, bairro onde eu me encontrava hospedado, e um dos preferidos dele. Foi uma excelente reunião onde, além da aplicação do Questionário, aprendi muitas coisas que não estão escritas em lado nenhum, mas são tidas como óbvias (para ele), e no final ainda pegou na agenda do Telemóvel e começou a dar-me os números e emails de todos os que ele achava serem adequados eu encontrar, na Austrália.

Foi a partir dele (eu não sabia) que Brendan Morris tinha sido tão solícito (ao email de Hamish), pois Brendan trabalhou como braço direito de Peter na organização do Mundial de 2003, justamente na Austrália. Foi também a partir dele que fiquei a saber quais os livros mais interessantes para eu usar ao contar esta "história". E foi dos contactos dele que cheguei às altas esferas do rugby de Queensland, começando pelo seu amigo pessoal Geoff Shaw, um *wallaby*²⁸ dos anos 70, e ex-manager dos Reds, no início do Super 14 (1996).

Nesse fim de semana, fui ver os quartos de final da *Shute Shield*, em Manly. Foi o **Prof Paul Jonson** que organizou essa minha ida, sendo recebido e ciceroneado pelo também Prof Simon Darcy, colega do Prof Paul na UTS, mas membro ativo do seu adversário desse dia. Nesse mesmo jogo, o Prof Simon apresentou-me aos Presidentes dos quatro clubes de North Harbour, com quem me encontrei durante as duas semanas seguintes. À medida que me ia encontrando com eles, conseguia contactos de mais presidentes dos outros clubes da *Shute Shield*. Finalizei a Pesquisa com oito questionários, entre doze clubes, uma amostra que me satisfez.

A minha ida a Queensland ficou bastante facilitada pelo contacto com Geoff Shaw (através de **Peter Rowles**), que logo após a nossa reunião, na sede da Queensland Rugby Union (e também dos Reds), me apresentou pessoalmente ao CEO dos Reds (Jim Carmichael), e ao manager da Queensland Premiership (Michael Backstorm). Daí, foi fácil chegar aos presidentes de cinco dos nove clubes amadores locais, penso que uma boa amostra. Devo referir também a ajuda de Damian Steele (na altura, treinador do meu rival CDUL) e Rohan Hoffmann (internacional português, que jogou um ano comigo no Direito).

A semana seguinte foi dedicada a Canberra, onde me encontrei com um amigo pessoal do **Prof Paul Jonson**, Peter McGrath, um importante membro da *Board* dos Brumbies, desde a sua fundação em 1996. Peter me ajudou na reunião com Michael Jones, atual CEO dos Brumbies, e desta reunião, recebi os contactos dos presidentes dos clubes do Distrito Federal

²⁸*Wallaby* é o nome de quem jogou pela seleção nacional australiana, análogo aos Lobos portugueses ou aos Tupis brasileiros.

(ACT). Infelizmente, por minha indisponibilidade de poder ficar mais dias na cidade, apenas consegui aplicar dois questionários, entre os sete clubes amadores.

O retorno a Sydney ficou marcado pelas reuniões com o CEO dos Waratahs - Greg Harris, e o Diretor de Alto Rendimento da Federação Australiana (ARU) - Ben Whittaker, ambas também organizadas pelo **Prof Paul Jonson**.

Quando me dirigi à Ilha do Norte, da Nova Zelândia, já tinha agendadas duas reuniões. Uma com o CEO dos Blues, Michael Redman, através do email de **Hamish Riach**; e outra com o presidente de um clube amador – Glenfield – onde um dos treinadores principais é Jeremy Hikuroa, que jogou quatro anos comigo no Direito, entre 1998 e 2002. De Michael Redman, recebi contactos dos CEOs das Províncias de Northland, Auckland e North Harbour. Mas neste caso, Alan Linstrom (presidente de Glenfield) já me tinha organizado um encontro, por ser um clube dessa *Provincial Union*, como também com outro presidente/amigo, de um outro clube adversário, de North Harbour.

Entretanto, o email de Hamish tinha surtido efeito, e assim reuni-me com Andrew Flexman (CEO dos Chiefs, que me indicou ao CEO de Counties Manukau e Waikato, e desses, consegui chegar a dois clubes de cada província), Avan Lee (CEO dos Hurricanes) e Dan Tatham (Diretor da NZRU, que me indicou aos CEOs de Wellington e Manawatu, e desses, consegui chegar a dois clubes de cada província. Finalizei assim a Pesquisa na Ilha do Norte, com uma amostra bem acima do esperado.

Um importante facto foi também o ter aprendido a consultar os *Financial Reports* de todas as *Incorporated Societies* da Nova Zelândia, no site da Receita Fiscal. Apenas as cinco franquias do Super Rugby são *Limited Companies* (empresas), mas todas as outras organizações do rugby neo-zelandês são *Incorporated Societies* (associações sem fim lucrativo), desde a própria Federação Nacional (NZRU), às Federações Provinciais, até todos os Clubes amadores. Assim, além das reuniões e questionários aplicados, também consegui praticamente todos os *Financial Reports* (Relatórios e Contas) de praticamente todos os clubes da Nova Zelândia. Procurei saber se a mesma obrigatoriedade se aplicava na Austrália com as *Incorporated Associations*, e fiquei a saber que sim, com a diferença que precisamos pagar AUD 38,00 por download, ao invés da gratuidade kiwi. Ainda hoje não consegui saber se existe um tratamento similar às *Non-Profit Organizations* sulafricanas.

Como para a África do Sul eu não tinha contactos prévios (ou os que tinha, não funcionaram), usei a Carta da CBRu e todo o histórico de CEOs com quem já me havia encontrado, para tentar convencer, por email, alguém a me receber. Consegui os emails através

de um ex-manager da seleção feminina - MahlubiPuzi -, com quem coincidi no Mundial de 7s, em 2009 (RWC7s 2009, no Dubai). Por sorte, Barend van Graan (CEO dos Bulls) resolveu ajudar-me (quase que ousou dizer "adotar-me") e marcou-me reuniões com os também CEOs dos Lions e Cheetahs, além dos CEOs de todas as Federações Provinciais do Norte e Planalto Central: Pumas (Mpumalanga), Blue Bulls (Pretoria/norte de Gauteng e Limpopo), Falcons (centro-este de Gauteng), Golden Lions (Johannesburg/sul de Gauteng), Leopards (Nort West), Griquas (Northern Cape), Griffons (leste de FreeState) e FreeStateCheetahs (oeste de FreeState). E nas cidades de Pretoria, Johannesburg, Rustenburg e Bloemfontein, consegui contactar dois clubes amadores em cada uma dessas Províncias principais.

2.5 Procedimentos na Recolha e Análise da Dados

Como acima explicitamos, a fonte principal de informação recolhida resultou da aplicação presencial do Inquérito por Questionário (cf. Anexo I) a todos os inquiridos, redigido em inglês. Em todos os 81 encontros pedi permissão para gravar as entrevistas e, no final das mesmas, solicitei a rubrica em todas as páginas do respetivo questionário preenchido, e assinatura na última página.

Seis gravações foram perdidas, seja por falta de energia, por falha minha (não cliquei no botão correto, para gravação), ou por perca de dados na gravação para o computador. Todos os questionários assinados foram escaneados e gravados em formato digital.

Para facilitar a Análise de Dados, o Inquérito por Questionário (cf. Anexo I) foi construído com respostas fechadas e, nas poucas vezes que as respostas eram abertas, foi feita uma categorização das mesmas, para que respostas de uma mesma categoria pudessem ser computadas.

A Análise de Dados foi feita através do software do IBM SPSS Statistics versão 2.0, que permitiu o cruzamento dos dados de acordo com o Desenho do Estudo (cf. Figura 2, p. 63) de modo a podermos discutir as hipóteses em estudo. Os quadros de resultados encontram-se no Anexo III - Outputs do SPSS. Os dados foram retirados através da Análise do cruzamento das tabulações de Estatísticas Descritivas. O caminho usado foi "*Analyze*"->"*Descriptive Statistics*"->"*Crosstabs*". Também foram feitas algumas Análises de Respostas Múltiplas, através da sequência "*Analyze*"->"*Multiple Response*".

No Capítulo 3 "Caracterização por nível das competições de rugby nos países da SANZAR", usámos as Q1 e Q2 como variáveis independentes, num cruzamento tabulado com

as variáveis dependentes V2.1(Q6-Q9, Q80.1, Q81.1, Q82.1 e i211, i214 e i215) e V2.2(Q11-Q16).

Na verificação da Primeira Hipótese, no Capítulo 4, "As grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções distritais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas", usámos a Q6 como variável independente, num cruzamento tabulado com as variáveis dependentes V2.3 (Q21), V2.4 (Q20) e V3.1 (Q22-Q27).

Para a verificação da Segunda Hipótese, no Capítulo 5, "As competições limitadas geograficamente facilitam e potencializam o trabalho do *branding* das equipas", usámos as Q1 e Q6 como variáveis independentes, num cruzamento tabulado com as variáveis dependentes V6.1 (Q38-Q39), V6.3 (Q93.2,4,6,8), V6.4 (Q7, Q8, Q80.1-4, Q81.1-4, Q82.1-4), V6.5 (Q80.2, Q81.2, Q82.2, Q85), V6.6 (Q83, Q90, Q91, Q92).

Para a verificação da Terceira Hipótese, no Capítulo 6, "A internacionalização do produto 'Rugby' facilita a obtenção de recursos privados da sociedade", usámos as Q1 e Q2 como variáveis independentes, num cruzamento tabulado com as variáveis dependentes V3.2 (Q29-Q32), V5.1 (Q50-Q60), V5.2 (Q61-Q63 e Q72-Q74), V5.3 (Q64-Q70) e V5.4 (Q71 e Q75-Q78).

2.6 Financiamento da Pesquisa de Campo

Conforme regulamento da bolsa da CAPES para Doutorado Pleno no Exterior, e como a Pesquisa de Campo constava do pleito inicial, as viagens para a Austrália, Nova Zelândia e África do Sul foram financiadas pela CAPES, mas precisei pagar algumas deslocações (usando a Bolsa mensal da CAPES), conforme segue:

- voo Lisboa-Christchurch: CAPES
- aluguer de carro para visitas locais: doutorando
- voo Christchurch-Sydney: CAPES
- passe de ônibus e ferry-boat, para visitas locais: doutorando
- voos Sydney-Brisbane-Sydney: doutorando
- aluguer de carro para visitas locais: doutorando
- aluguer de carro para viagem a Canberra, visitas locais e retorno a Sydney: doutorando

- voo Sydney-Auckland: CAPES
- aluguer de carro para visitas locais, e para viagem a Pukekohe, Hamilton, Palmerston North, Wellington, visitas locais e retorno a Auckland: doutorando
- voo Auckland-Johannesburg: CAPES
- aluguer de carro para visitas locais, e para viagem a Rustenburg, Pretoria, Kimberly, Bloemfontein, Welkom, visitas locais e retorno a Johannesburg: doutorando
- voo Johannesburg-Lisboa: CAPES

De referir que as estadias em Sydney (sete semanas), Brisbane (uma semana), Auckland (um mês) e Pretoria (quinze dias) foram em casa de amigos²⁹. O gasto total entre 14/julho e 2/novembro foi cerca de 10.000 euros (incluindo os gastos do "doutorando" referidos acima), sendo que a Bolsa da CAPES durante esse período foi de 6.290 euros. Esta informação serve apenas de informativo, para quem pretender fazer Pesquisas de Campo nestes três países. Sou muito grato à CAPES pela oportunidade que me foi conferida.

²⁹ Citados nos “Agradecimentos”.

CAPÍTULO 3 - CARACTERIZAÇÃO DAS COMPETIÇÕES DE RUGBY NOS PAÍSES DA SANZAR

Para se poder caracterizar os níveis das competições desportivas, é necessário entender que o desporto assenta numa representatividade geradora de identidade de comunidades associadas a territórios nacionais, regionais ou locais (Marivoet, 2006).

Também como refere Gaffney (2014), o desporto é implicitamente geográfico, pois jogos e competições têm lugar em lugares e espaço. Deste modo, para podermos caracterizar as competições de rugby, segundo os seus diferentes níveis, necessitamos de ter presente a organização política federalista nos países da SANZAR (King, 1982; Watts, 2002; Burgess, 2006). Howarth & Robinson (2009) estudaram o equilíbrio competitivo em diversos desportos, descrevendo as formas mais comuns (por diversos outros autores) para medir o equilíbrio competitivo. Como os resultados foram incongruentes entre os diversos métodos, optámos por testar a percentagem de campeões de cada competição e também a de finalistas dos últimos anos, como medidas de equilíbrio competitivo, que foram as que Hogan, Massey & Massey (2011, 2013, 2014) comprovadamente conseguiram usar para medir o equilíbrio das Ligas de rugby europeias, e que são análogas às medidas de diferenças de incerteza, defendidas por Szymanski (2003).

Quanto às barreiras à entrada, decidimos seguir os autores Rottenberg (1956), Dabscheck (1996), Daly & Kawaguchi (2003, 2004), Mehra & Zuercher (2006), Szymanski (2007), Thuynsma (2012), e procurámos saber quais os requisitos de participação, para cada competição.

Relativamente aos países África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, sobre os quais recaiu a nossa investigação, torna-se então necessário apresentar resultados com implicações diretas. Através da análise documental, foi possível identificar que, enquanto a África do Sul e a Austrália são países federados, com seus três níveis de governos – Federal, Estadual/Provincial e Municipal – a Nova Zelândia não o é, tendo apenas dois níveis governamentais, o Nacional e os governos Municipais.

No entanto, no que ao rugby diz respeito, apenas a Austrália tem uma estrutura plenamente análoga, com as oito Federações Estaduais responsáveis pelo rugby dentro de cada um de seus oito Estados (ACT, New South Wales, Queensland, Victoria, South Australia, Western Australia, Northern Territory e Tasman³⁰).

³⁰ A Austrália tem ainda soberania sobre outras sete Ilhas/Arquipélagos e sobre parte da Antártida.

Na África do Sul, fruto também de variações históricas nas suas fronteiras internas, existem hoje 14 Federações Provinciais, mas apenas nove Províncias administrativas. Quatro Federações provinciais são análogas às Províncias administrativas (Northern Cape, North West Province, Mpumalanga e Kwa-Zulu Natal), e poder-se-ia dizer que uma quinta quase o é (a Blue Bulls Rugby Union, de Pretoria/Gauteng, é a responsável pela província vizinha e adjacente de Limpopo). Depois temos outras quatro Províncias, com mais de uma federação de rugby dentro dos seus limites geográficos: Western Cape com as Federações de rugby de Western Province, Boland e South West Districts; Eastern Cape, com Eastern Province e Border; a província de Free State, com Cheetahs e Griffons; e finalmente Gauteng, com as Federações autónomas dos Golden Lions, Falcons e Blue Bulls (também responsável pela província vizinha de Limpopo, como já referido).

Na Nova Zelândia, existem diferentes regiões razoavelmente bem definidas, mas sem correspondência administrativa, situação bem parecida com a realidade de Portugal. Por exemplo, Northland é reconhecidamente uma região, onde todos sabem os seus limites, e até características peculiares das suas gentes, mas não existe uma "província" de Northland, existindo sim uma federação de rugby de Northland. Um pouco por todo o país, "quem tem essa referência/aproximação com o povo é o Rugby e não o governo" (resposta espontânea do CEO da Northland Rugby Union à Q41). No entanto, indo um pouco ao encontro do que acontece com a África do Sul, algumas Federações já se foram desmembrando em outras, sendo o número atual de 26.

Os exemplos que visitei foram Auckland, que viu a sua federação - fundada em 1883 - ser desmembrada por Counties Manukau em 1955 e também pela sua região a norte da baía se autonomizar em 1985, ambas por solicitação dos seus clubes e aceitação em Assembleia Geral da NZRU, ou seja, aceitação das outras Federações constituintes da federação nacional. O outro exemplo similar, e visitado na nossa Pesquisa é o de Canterbury, que será aprofundado após este Tese, onde estará em discussão uma possível projeção deste sistema, na realidade portuguesa.

Assim, primeiramente iremos focar-nos na caracterização das competições dos três países (Q1³¹, variável independente), e de seus quatro níveis / *Tiers* (Q2, variável independente). Conforme a Figura 3, podemos verificar que o primeiro nível (*tier* 1) se refere

³¹ Q1 - Trata-se da Questão 1 do formulário do Inquérito por Questionário, que se encontra no Anexo I. Procedimento similar será adotado neste e nos próximos capítulos.

ao *Rugby Championship*³² (cf. Anexo V, p. 325), um torneio inter-Seleções Nacionais dos três países, que em 2012 recebeu a Argentina como nova parceira da SANZAR³³.

	South Africa	Australia	New Zealand
International (Tier 1)	----- Rug by Champion ship -----		
Franchises (Tier 2)	----- -- Super Rugby -- -----		
Provincial (Tier 3)	Currie Cup	NRC	NPC
Amateur Clubs (Tier 4)	Carlton League (Pretoria)	Shute Shield (Sydney)	Hawkins Trophy (Christchurch)
	Pirates Grand Challenge (Johannesburg)	QLD Premiership (Brisbane)	North Harbour Premier (of Auckland)
	Saty League (Bloemfontein)	ACT Premiership (Canberra)	Manawatu Senior 1
			Jubilee Cup (Wellington)
			McNamara Cup (Counties Manukau)
			Waikato Premier
			Gallaher Shield (Auckland)

Figura 3 - As competições pesquisadas nos três países da SANZAR

O segundo nível (*tier 2*) mostra-nos o Super Rugby³⁴, competição iniciada em 1996, no advento da profissionalização, em que cada país apresenta cinco franquias.

No terceiro nível (*tier 3*) encontramos as "jóias da coroa" da África do Sul e Nova Zelândia, e que a Austrália tem vindo a tentar replicar, desde o início do milénio. A competição inter-Provincial sulafricana é a *Currie Cup*, que se disputa desde 1889; já o *National Provincial Championship* (NPC) neo-zelandês existe desde 1976³⁵; e o *National Rugby Championship* (NRC) australiano vai apenas na sua sexta edição.

³² De 1996 até 2011, este torneio chamava-se de *Tri Nations*, mas alterou a sua nomenclatura com a entrada da Argentina em 2012.

³³ SANZAR = South Africa, New Zealand & Australia Rugby (uma joint-venture, em que cada federação detém 33,33% dessa empresa).

³⁴ De 1996 a 2005, o nome desta competição era *Super 12*; de 2006 a 2010 foi *Super 14*; em 2011 expandiu-se para *Super 15*; e desde 2012 que assumiu a nomenclatura de *Super Rugby*.

³⁵ Existe outro troféu inter-provincial neo-zelandês, que se disputa desde 1902 - o *Ranfurly Shield* - e que ainda hoje se mantém em competição.

Finalmente, a base do rugby sénior (adulto) do "hemisfério sul"³⁶ assenta nas competições locais inter-clubes amadores, sobre o qual recaiu igualmente a nossa análise, nas seguintes cidades: Pretória, Joanesburgo e Bloemfontein (África do Sul); Sydney, Brisbane e Canberra (Austrália); e North Harbour (a região a norte da baía de Auckland), Auckland, Counties Manukau (a região sul de Auckland), Hamilton (único caso em que a competição é realmente provincial, na província de Waikato), Palmerston North, Wellington e Christchurch.

Antes de passarmos à análise e discussão da Hipótese 1 no próximo capítulo, que pressupõe que da existência de "grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções distritais" advém benefícios nos países em análise, por ora, precisamos de caracterizar esta realidade. Com base na pesquisa realizada no terreno e nas informações conseguidas online, pudemos obter uma caracterização das competições nas nações da SANZAR, das equipas envolvidas, do equilíbrio competitivo e dos seus requisitos de participação, que passaremos de seguida a aprofundar na análise.

3.1 Tier 1 (International)

O *Rugby Championship* (Q6) é disputado por quatro seleções (Q9) - África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e Argentina, desde 1996. 75% das equipas já foram Campeãs (i211³⁷), 75% são citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8), e todas (100%) são citadas como sendo "as mais conhecidas" (Q82.1). Na análise documental, foi possível verificar que a média de diferença de pontos por jogo do Campeão, é de 11,53 pts (i215).

Os requisitos de participação (i221) são o cumprimento do caderno de encargos ("*Comply with Criteria*", Q11 e Q12) e não existe promoção/rebaixamento (i222), pois trata-se de apenas uma divisão (Q13). Não existem transferências de jogadores (i224, Q14-16), dado serem seleções nacionais, onde a elegibilidade se dá pela nacionalidade³⁸ (i223).

³⁶ Designação que o meio do rugby também usa para se referir ao rugby destes três países

³⁷ i211 - Trata-se do Indicador 2.1.1, do Modelo de Análise Desagregado (cf. Tabela 3, p. 64), constante no Capítulo 2 – Problema e Estratégia de Investigação.

³⁸ Além da nacionalidade, as regras de elegibilidade da iRB permitem a residentes permanentes com 36 meses num país de o poderem representar. Na Austrália e Nova Zelândia, existem muitos filhos de imigrantes das Fiji, Samoa e Tonga, que não são nacionais, mas são residentes e representam esses dois países. Algo similar, mas em muito menor escala, ocorre na África do Sul, com imigrantes ou seus filhos da Namíbia e Zimbabwe (e outros), países vizinhos com alguma tradição de rugby.

3.2 Tier 2 (Franquias do *Super Rugby*)

O *Super Rugby* (Q6) é disputado desde 1996, por quinze franquias profissionais (Q9), sendo cinco de cada país³⁹: Lions (Joanesburgo), Bulls (Pretoria), Cheetahs (Bloemfontein), Sharks (Durban) e Stormers (Cape Town); Waratahs (Sydney), Reds (Brisbane), Brumbies (Canberra), Force (Perth) e Rebels (Melbourne); e Blues (Auckland), Chiefs (Hamilton), Hurricanes (Wellington), Crusaders (Christchurch) e Highlanders (Dunedin). Dez (ou 67%) dessas equipes já foram Campeãs (i211), sendo que sete (47%) o foram nos últimos 10 anos, 93% são citadas como "melhores" equipes (Q7, Q8), e 100% são citadas como sendo "as mais conhecidas" (Q80.1). Na análise documental, foi possível verificar que 80% participaram das últimas dez finais (i214).

Os requisitos de participação (i221) são a obtenção de uma das cinco Licenças que a sua federação tem ("to get a License from NGB", Q11 e Q12) e não existe promoção/rebaixamento (i222), pois trata-se mais uma vez de apenas uma divisão (Q13)⁴⁰. Apesar de existirem alguns relatos de problemas nas transferências de jogadores (Q14-16), 40% dos inquiridos foram peremptórios na resposta "No problems !" (i223).

Apelidado por muito como o melhor torneio de rugby do mundo, é uma competição (até 2015, nosso objeto de estudo) disputada por 15 Franquias, sendo cinco de cada país. A escolha dessas cinco Franquias é da responsabilidade de cada uma das Federações dos mesmos, que emitem uma Licença de Participação (Q11). Isso acaba implicando que as Franquias não são totalmente livres de fazerem o que quiserem, e sim a seguir regras impostas pela sua Federação nacional. Uma das regras comuns aos três países é a limitação de dois estrangeiros⁴¹ por equipe. No entanto, dispondo da sua autonomia, a federação australiana, resolveu dar uma exceção aos Western Force (de Perth) e aos Melbourne Rebels, por serem recentes (2007 e 2013, respectivamente) e de cidades com menor expressão de rugby local. Essas duas franquias podem contratar até cinco jogadores não elegíveis para os *Wallabies*.

³⁹ Depois de 20 anos de competição, foram admitidas três novas franquias, na expansão de 2016: Kings (África do Sul), Jaguares (Argentina) e Sunwolves (Japão). No entanto, toda esta Investigação se limita até 2015.

⁴⁰ Para efeitos desta Pesquisa, consegui uma forte amostra de 10 visitas (num universo de 15), conseguindo entrevistar as Franquias de Bulls, Lions e Cheetahs (África do Sul), Reds, Brumbies e Waratahs (Austrália) e Crusaders, Blues, Chiefs e Hurricanes (Nova Zelândia).

⁴¹ Na verdade, o correto é afirmar-se "jogadores não elegíveis" para a seleção nacional, pois existe uma regra da World Rugby, que permitem a jogadores com 36 meses de residência num país, de o poderem representar.

3.3 Tier 3 (Provincial)

3.3.1 NPC - National Provincial Championship (Nova Zelândia)

O NPC⁴² (Q6) é disputado por quatorze seleções provinciais semi-profissionais (Q9) desde 1976, sendo elas: Northland, North Harbour, Auckland, Counties Manukau, Waikato, Bay of Plenty, Hawke's Bay, Taranaki, Manawatu, Wellington, Tasman, Canterbury, Otago e Southland⁴³. Destas, dez (ou 71%) já foram Campeãs (i211), 42,86% são citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8), e 85,71% são citadas como sendo "as mais conhecidas" (Q81.1). Na análise documental, foi possível verificar que 43% delas participaram das últimas seis finais (i214).

Para participar nesta competição (i221) é necessário cumprir com o caderno de encargos ("*Comply with Criteria*", Q11 e Q12) e a promoção/rebaixamento (i222) dá-se por troca direta entre o último da *Championship* e o campeão da *Premiership* (Q13)⁴⁴. A maior reclamação (40%) do regulamento de transferências de jogadores (Q14-16), refere-se ao custo de contratar um jogador oriundo de uma das outras 12 províncias, que não participam no NPC, mas sim numa divisão secundária, chamada *Heartland*, que é obrigatoriamente amadora (i223).

Costuma-se dizer que a ITM Cup neozelandesa é o equivalente da *Currie Cup* sulafricana. É verdade no formato, mas existem algumas diferenças. A começar pela disponibilidade dos jogadores. Ao contrário da África do Sul, onde os jogadores contratados para o Super Rugby, continuam os seus contratos até final do ano, qualquer *Provincial Union* pode contratar um jogador, desde que não esteja nem na Seleção Nacional (All Blacks), nem inscrito para jogar esta competição por outra província. Isto promove a distribuição de talento pelas outras equipas. Por exemplo, como existe um *Salary-Cap* (descrito posteriormente, no Capítulo 4), não é possível a províncias como Auckland, Canterbury ou Wellington, selecionar mais do que oito a dez jogadores das suas Franquias (do Super Rugby) Blues, Crusaders ou Hurricanes (para falar das províncias historicamente mais vencedoras). Logo, essas equipas completam o plantel de 24 jogadores, selecionando os melhores das competições amadoras. E

⁴² Desde 1976, o formato competitivo variou bastante, sendo disputado entre as 27 associações provinciais até 2005, quando se optou pela separação entre as 14 participantes no NPC e as 12 na *Heartland*. De 2006 a 2010, o NPC era conhecido como Air New Zealand - ANZ Cup, e de 2011 a 2015 como ITM Cup. Em 2016, o novo patrocinador da prova alterou o nome de novo, agora para Mitre10 Cup.

⁴³ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 08 Províncias (de 14): Northland, North Harbour, Auckland, Counties Manukau, Waikato, Manawatu, Wellington e Canterbury.

⁴⁴ As 14 províncias dividem-se em duas sub-divisões (Championship e Premiership), jogando 10 jornadas, sendo seis com equipas da mesma sub-divisão e quatro com 4 das equipas da outra sub-divisão.

deixam os restantes jogadores profissionais das suas Franquias "livres" para poderem ser contratados pelas outras províncias, o que equilibra a competição (i224). Resultado disso, temos o exemplo de 2014, em que Taranaki derrotou Tasman na final (tendo ambas derrotado Auckland e Canterbury nas semis, respectivamente). Ironicamente, os mesmos finalistas saíram derrotados pelos vencidos do ano anterior, nas semis de 2015 ! E eu tive a oportunidade de presenciar *in loco* Auckland a derrotar Tasman por 44-24, que na semana seguinte viria a claudicar frente a Canterbury por um apertado 25-23. Não pude presenciar esta final, porque já me encontrava em Johannesburg (palco da final da Currie Cup).

Outra diferença é a maturidade histórica. Enquanto a Currie Cup se disputa desde 1889, a ITM Cup somente se começou a realizar em 1976. E na verdade, o seu nome é *National Provincial Championship* (NPC). ITM Cup é o nome de quem pagou os *Naming Rights* da competição de 2011 até 2015. E que em 2016 passou a chamar-se Mitre 10 Cup.

A ITM Cup tem duas divisões – a Premiership e o Championship – com sete equipas cada. Ao final da competição, o último da Premiership é rebaixado ao Championship e o campeão desta é promovido à divisão principal. A disputa é feita em 10 jornadas, com os quatro primeiros de cada divisão a classificarem-se para as semi-finais e os campeões a serem definidos nas finais. Os mandos de campo das semis e finais são análogos aos da Currie Cup.

De notar que ao jogarem 10 jogos, com apenas seis adversários, os outros quatro jogos são com equipas da outra divisão. E como se escolhem esses quatro oponentes ? Bom, na verdade é muito simples, definindo-se tudo em quatro rodadas de escolhas: a primeira é automática, com o 14º (último do *Championship* do ano anterior) a jogar em casa com o 1º (campeão da ITM Cup do ano anterior), o 13º mandando o jogo com o vice-campeão e assim, sucessivamente até ao 8º (o rebaixado) receber o 7º (o promovido campeão do *Championship*); na segunda rodada, é dado às províncias do *Championship* a possibilidade de escolha de com quem querem jogar em casa, das equipas da *Premiership*. A escolha é feita por ordem inversa da classificação, com o 14º a escolher primeiro, e o 8º (mais uma vez, o rebaixado) a escolher por último; na terceira, é o inverso, com o Campeão da ITM a escolher primeiro quem quer receber no seu estádio, e o 7º (campeão promovido do *Championship*) a não escolher, ficando apenas com quem sobra; e finalmente, na quarta rodada, são mais uma vez as equipas do *Championship* a escolher quem irão receber, pela ordem da classificação (7º escolhe primeiro e o último "escolhe" por último). Em resumo, todos jogarão cinco jogos em casa e cinco fora.

Há, no entanto, um pequeno grande detalhe adicional, quando se fazem essas escolhas: a defesa do *Ranfurly Shield*, o mais antigo troféu do rugby neozelandês. Antes de explicar o

que ele representa, é importante perceber que, ao escolherem os seus adversários, há os que procuram jogar com o detentor do troféu, para o desafiar (*Challenge*) e tentar conquistar, e o detentor, que procura se defender, escolhendo os menos poderosos (neste momento, o detentor é Canterbury).

Em 1902, Auckland ficou invicto, após várias disputas com outras províncias. O então Governador da Nova Zelândia, o senhor Earl of Ranfurly, doou um escudo a Auckland, que deveria ser disputado (*Challenge*) pelas outras províncias, que passou a ser conhecido como o *Ranfurly Shield*, ou carinhosamente apelidado de *Log 'o wood*. Pelas regras atuais, o detentor (Canterbury) deverá aceitar três desafios, de três províncias do *Heartland Championship* (a "terceira" divisão, absolutamente amadora), que poderá decidir serem jogados em casa. Se após esses desafios continuar na posse do escudo, todos os seus jogos caseiros da ITM Cup, serão *Ranfurly Shield Challenges*, exceto semi-finais ou finais. Tudo isto fiquei a saber na entrevista com Dan Tatham, diretor de operações da NZRU. E mais interessante ainda, a coincidência de eu ter aplicado o Questionário ao CEO de Waikato, na quarta feira seguinte à reconquista do *Log 'o wood* por Waikato, numa mais que improvável derrota de Hawke's Bay, na sexta feira anterior, depois de quase dois anos invicto.

3.3.2 *Currie Cup* (África do Sul)

A *Currie Cup* (Q6) é disputada por quatorze seleções provinciais⁴⁵ profissionais (Q9) desde 1889, sendo elas: Blue Bulls (Pretoria e Limpopo, sediada em Pretoria), Pumas (Mpumalanga, Nelspruit), Leopards (Northwest, Potchefstroom), Falcons (Gauteng, Kempton Park), Golden Lions (Gauteng, Joanesburgo), FS Cheetahs (Free State, Bloemfontein), Griffons (Free State, Welkom), Griquas (Northern Cape, Kimberly), Natal Sharks (KwaZulu Natal, Durban), Border Bulldogs (Eastern Cape, East London), EP Kings (Eastern Cape, Port Elizabeth), Boland Cavaliers (Western Cape, Wellington), SWD Eagles (Western Cape, George) e Western Province (Western Cape, Cape Town)⁴⁶. Desde 1889, 50% já foram Campeãs (i211), 28,57% são citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8) e, ironicamente, apenas 35,71% são citadas

⁴⁵ As 9 províncias administrativas dividem-se em 14 associações provinciais de rugby, dado que 04 províncias se sub-dividem em 09 associações de rugby. São elas Gauteng (Blue Bulls, Falcons e Golden Lions), Free State (FS Cheetahs e Griffons), Eastern Cape (EP Kings e Border Bulldogs) e Western Cape (Western Province, Boland Cavaliers e SWD Eagles).

⁴⁶ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 8 Províncias (de 14 possíveis): Blue Bulls, Pumas, Leopards, Falcons, Golden Lions, Free State Cheetahs, Griffons e Griquas.

como sendo "as mais conhecidas" (Q81.1⁴⁷). Pela análise documental, verificou-se que as mesmas 35,71% participaram das últimas quatro finais (i214).

Para participar nesta competição (i221), 100% responderam que é necessário cumprir com o caderno de encargos ("*Comply with Criteria*", Q11 e Q12), mas também ser uma Equipa-residente⁴⁸ no Super Rugby ou - para as que não são - qualificarem-se, durante o primeiro semestre ("*To be a Super Rugby Team or to Qualify*", Q11 e Q12). Também 100% das respostas afirmaram que não existe promoção/rebaixamento (i222), mas sim qualificação no primeiro semestre (Q13). Quanto às transferências de jogadores (i223), o maior número de respostas (33%) revelou não haver problemas (Q14-16).

A Currie Cup sulafricana é diversas vezes referida como a "mais antiga competição inter-provincial do Mundo". De facto, ela ocorre desde 1889 e é o título mais ambicionado, no rugby doméstico da África Austral⁴⁹. A maior vencedora deste troféu é a Western Province (da capital Cape Town) com 34 títulos. Seguem-se os Blue Bulls (de Pretória) com 23⁵⁰, os Golden Lions (de Johannesburg) com onze⁵¹, Natal Sharks (sediados em Durban) com oito, os atuais campeões Free State Cheetahs⁵² (Bloemfontein) agora com seis, os Griquas (de Kimberly) com três e finalmente, os Border Bulldogs (sede em East London) foram campeões por duas vezes.

Já existiram vários formatos competitivos e quinze dias após a minha visita à África do Sul, foi aprovado o formato mais recente, que já me havia sido relato por praticamente todos os entrevistados, mas com a ressalva de ainda precisar ser aprovado pela SARU.

O novo formato compõe-se de duas fases. A primeira, chamada de *Extended Currie Cup*, é disputada pelas 14 *Provincial Unions*, e também com a convidada Namíbia. A competição ocorre durante o primeiro semestre, concomitante ao Super Rugby, pelo que as seis Franquias do Super Rugby (Stormers/Western Province, Bulls, Lions, Cheetahs, Sharks e Kings/Eastern Province), se apresentam com suas equipas secundárias. Para aceder à fase final - a Currie Cup, propriamente dita - é necessário ser-se uma das seis equipas do Super Rugby, ou classificar-se como uma das três melhores, entre as restantes (Q11). Na primeira fase, cada equipa joga 14 jogos, contra todas as outras; e na segunda fase, também jogam todas contra

⁴⁷ Isto poderá ter relação direta com onde foram feitas as entrevistas. Por exemplo, como na Q7 e Q8 a pergunta era "Quais as melhores equipas da competição ?", "Western Province" apareceu como a principal resposta (37%); já na Q81.1 a pergunta é "Quais as equipas da Currie Cup que você conhece melhor ?", onde as respostas poderão estar enviesadas pela região onde foram aplicados os questionários.

⁴⁸ As seis equipas-residentes do Super Rugby são: Blue Bulls, Golden Lions, FS Cheetahs, Natal Sharks, EP Kings e Western Province.

⁴⁹ Em várias ocasiões, Namíbia (antes e depois da independência) e Zimbabwe já participaram na Currie Cup.

⁵⁰ Até 1997, os Blue Bulls eram conhecidos como Northern Transvaal.

⁵¹ A partir de 1996, Transvaal alterou o seu nome para Golden Lions.

⁵² Em 1997, os Orange Free State renomearam-se como Free State Cheetahs.

todas, mas em oito jogos, e troca dos mandos de campo da primeira fase. As quatro primeiras qualificam-se para as semi-finais (mando de campo da 1ª com a 4ª; idem da 2ª com a 3ª) e, na semana seguinte, joga-se a Final, em casa de quem tiver tido melhor desempenho durante a segunda fase. Tive a oportunidade de estar presente em Johannesburg, onde os Lions derrotaram Western Province por 32-24. Melhor sorte tive ainda, quando fui entrevistar o CEO dos Lions na 2ª feira seguinte, e fui presenteado com uma foto com a Currie Cup acabadinha de ser conquistada.

3.3.3 NRC - *National Rugby Championship* (Austrália)

O NRC (Q6) de 2015 foi disputado por nove equipas semi-profissionais (Q9), sendo elas: Brisbane City e Queensland Country (ambas de Queensland), North Harbour Rays, Sydney Stars e Greater Sydney Rams (todas sediadas em Sydney), NSW Country Eagles (Sydney e interior de NSW), University of Canberra Vikings, Perth Spirit e Melbourne Rising⁵³. Quatro (44,4%) já foram Campeãs (i211), em apenas seis edições da prova, sendo que 66,6% já foram à final (i214). Interessante verificar que 56% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8), e 89% citadas como sendo "as mais conhecidas" (Q81.1).

Para 100% dos inquiridos, é necessário conseguir uma Licença da ARU ("*to get a License from NGB*", Q11 e Q12) para participar nesta competição (i221) e não existe promoção/rebaixamento (i222), pois trata-se mais uma vez de apenas uma divisão (Q13). 50% dos inquiridos referiram não haver problemas com as transferências de jogadores (Q14-16), mas os restantes 50% reclamam da não distribuição dos jogadores do Super Rugby (i223).

O National Rugby Championship (NRC) australiano alinha exatamente pelo mesmo diapasão da ITM Cup, com a diferença de que não existe um *Salary-Cap*, mas sim um limite de até 14 jogadores do Super Rugby, em cada equipa. No entanto, como é uma competição recente, e ainda não consegue gerar as receitas que a *Currie Cup* e ITM Cup geram, existem equipas - as quatro de Sydney - que nem chegam a contratar esses 14 jogadores permitidos, e sim apenas a seleccionar jogadores amadores, que visam exposição para um possível contrato profissional, no ano seguinte.

No NRC, as nove equipas jogam uma fase regular de oito jogos contra todos os concorrentes, apurando-se para as semi-finais os quatro primeiros, jogando o primeiro em casa

⁵³ Para efeitos desta Pesquisa, visitei apenas 3 (North Harbour Rays, Sydney Stars e Queensland Country), não conseguindo entrevistar as outras 6 equipas.

com o quarto e o segundo recebendo o terceiro. A final será jogada no estádio do melhor classificado na fase regular.

3.4 Tier 4 (Clubes Amadores)

3.4.1 Carlton League (Pretória)

A Carlton League (Q6) é disputado por oito clubes amadores (Q9) desde 1938, sendo eles: Centurion, Pretoria Police ("Bobbies"), Rustenburg Impala⁵⁴, University of Pretoria (UP "Tukkies"), Tshwane University of Technology (TUT "Vikings"), Harlequins, Oostelike Eagles e Nakka Bulle⁵⁵. Todos (100%) os clubes já foram Campeões (i211) e 38% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Através da análise documental foi possível verificar que 86% deles participaram das últimas seis finais (i214).

Para participar nesta competição (i221) é necessário apresentar 03 *grade teams* e 02 *colts* (3G + 2C)⁵⁶, sem as quais não é permitida a participação. Todos (100%) dos inquiridos afirmaram que não existe promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. A maioria (67%) afirmou não haver problemas (i223) com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.2 Pirates Grand Challenge (Johannesburg)

A Pirates Grand Challenge (Q6) é disputado por onze clubes amadores (Q9) desde 1889, sendo eles: University of Johannesburg-UJ, Wits University, University of Northwest ("Pukke")⁵⁷, Pirates, Raiders, Wanderers, Roodepoort, Randfontein, Police (apelido "Bobbies"), Union e

⁵⁴ O Impala é um clube da cidade de Rustenburg, na província vizinha de North West, onde a dimensão e as distâncias entre clubes é tão grande, que este clube solicitou a participação na Liga de Pretória, de onde dista apenas 120 kms.

⁵⁵ Para efeitos desta Pesquisa, visitei apenas 3 clubes (num universo de 8): Centurion, Pretoria Police e Rustenburg Impala. No entanto, também tive a oportunidade de fazer uma entrevista informal com o *manager* do campeonato local, que reforçou algumas das respostas dos clubes inquiridos.

⁵⁶ Apresentar 3 *grade teams* quer dizer apresentar equipa A, equipa B e equipa C; e apresentar *Colts*, refere-se a equipas sub 21, sub20 e/ou sub19.

⁵⁷ A University of Northwest ("Pukke") é um clube da cidade de Potchefstroom, na província vizinha de North West, onde a dimensão e as distâncias entre clubes é tão grande, que este clube solicitou a participação na Liga de Johannesburg, de onde dista apenas 120 kms.

Alberton⁵⁸. 73% destes clubes já foram Campeões (i211) e 36% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental foi possível verificar que 55% delas participaram das últimas seis finais (i214).

Para participar nesta competição (i221) é necessário apresentar 3 *grade teams* e 2 *colts*, sem as quais não é permitida a participação. Ambos os inquiridos afirmaram que não existe promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Também ambos os inquiridos afirmaram não haver problemas (i223) com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.3 *Saty League* (Bloemfontein)

A *Saty League* (Q6) é disputado por seis clubes amadores (Q9) desde 1895, sendo eles: University of Free State ("Shimlas"), Central University of Technology (CUT), Bloemfontein Police, Crusaders, Tjisas e Irawas⁵⁹. 33,3% destes clubes já foram Campeões (i211) e 33% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental foi possível verificar que 50% delas participaram das últimas duas finais (i214).

Para participar nesta competição (i221) é necessário apresentar 03 *grade teams*, sem as quais não é permitida a participação. O único clube pesquisado afirmou não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Também afirmou não haver problemas (i223) com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.4 *Shute Shield* (Sydney)

A *Shute Shield* (Q6) é disputado por doze clubes amadores (Q9) desde 1874, sendo eles: Randwick ("Wicks"), Sydney University ("Varsity"), Eastwood ("Woodies"), Manly ("Marlins"), Warringah ("Rats"), Gordon ("Stags"), Northern Suburbs ("Norths"), Eastern Suburbs ("Easts"), West Harbour ("Pirates"), Southern Suburbs ("Souths"), Penrith ("Emus") e Parramatta ("Two Blues")⁶⁰. Onze (ou 92%) destes clubes já foram Campeões (i211) e 50%

⁵⁸ Para efeitos desta Pesquisa, visitei apenas 2 clubes (num universo de 11): Pirates e Raiders. No entanto, também tive a oportunidade de fazer uma entrevista informal com o *manager* do campeonato local, que reforçou algumas das respostas dos clubes inquiridos.

⁵⁹ Para efeitos desta Pesquisa, visitei apenas 1 clube (num universo de 6): Crusaders.

⁶⁰ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 8 clubes (num universo de 12): Sydney University, Manly, Warringah, Gordon, Northern Suburbs, Eastern Suburbs, Southern Suburbs e Parramatta. No entanto, também tive a

foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental foi possível verificar que 50% delas participaram das últimas seis finais (i214).

Para participar nesta competição (i221) é necessário apresentar 04 *grade teams* e 03 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação. Todos (100%) afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. E 56% afirmaram não haver problemas (i223) com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.5 Queensland Premiership (Brisbane)

A *Queensland Premiership* (Q6) é disputado por nove clubes amadores (Q9) desde 1899, sendo eles: University of Queensland ("Uni"), Brothers Old Boys, Sunnybank ("Dragons"), Bond University, GPS ("Jeeps"), Norths ("Eagles"), Easts ("Tigers"), Wests ("Bulldogs") e Souths ("Magpies")⁶¹. Sete (ou 78%) destes clubes já foram Campeões (i211) e 67% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental foi possível verificar que 67% deles participaram das últimas seis finais (i214).

Para 60% dos inquiridos, é necessário apresentar 2 *grade teams* e 1 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Os outros 40% afirmam que as exigências são ainda maiores, com essa exceção apenas para a Bond University, por concordância de todos. Também todos (100%) afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. E 50% afirmaram não haver problemas (i223) com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.6 John I Dent Cup (Canberra)

A *ACT Premiership* (Q6) é disputado por sete clubes amadores (Q9) desde 1938, sendo eles: Tuggeranong Vikings, Western District Lions, Canberra Royals, Eastern Suburbs, Gungahlin Eagles, Queanbeyan Whites e Uni-Norths Owls⁶². Seis (ou 86%) destes clubes já foram

oportunidade de fazer uma entrevista informal com o *manager* do campeonato local, que reforçou algumas das respostas dos clubes inquiridos.

⁶¹ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 5 clubes (num universo de 9): Brothers Old Boys, Sunnybank, GPS, Easts e Souths. No entanto, também tive a oportunidade de fazer uma entrevista informal com o *manager* do campeonato local, que reforçou algumas das respostas dos clubes inquiridos.

⁶² Para efeitos desta Pesquisa, visitei 2 clubes (num universo de 7): Western District Lions e Canberra Royals.

Campeões (i211) e 71% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 57% deles participaram das últimas quatro finais (i214).

Ambos os inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 04 *grade teams* e 01 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Também ambos afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. E um deles afirmou haver problemas com a utilização de jogadores do Super Rugby nas finais (i223), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.7 North Harbour Premier (zona a norte da Baía de Auckland. Sede: Albany)

A *North Harbour Premier* (Q6) é disputado por dez clubes amadores (Q9) desde 1985, sendo eles: Massey, North Shore, Northcote, Glenfield, Western Pioneers, Takapuna, East Coast Bays, Silverdale Seahawks, Mahurangi e Albany Marist⁶³. Sete (ou 70%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que foram cinco diferentes nos últimos oito anos, mas apenas 30% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 70% deles participaram das últimas oito finais (i214).

Ambos os inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 2 *grade teams*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Também ambos afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. E um deles afirmou não haver problemas (i223) com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.8 Gallaher Shield (Auckland)

A *Gallaher Shield* (Q6) é disputado por quinze clubes amadores (Q9) desde 1883, sendo eles: Ponsonby, Auckland University ("Varsity"), Grammar TEC, Auckland Marist, Otahuhu, College Rifles, Manukau Rovers, Pakuranga, Eden, Te Papapa Onehunga, Suburbs, Waitemata, Papatoetoe, East Tamaki, Mt Wellington e Waitakiri City⁶⁴. Onze (ou 73%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que foram seis diferentes nos últimos oito anos, mas

⁶³ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 2 clubes (num universo de 10): Massey e Glenfield.

⁶⁴ Para efeitos desta Pesquisa, visitei três clubes (num universo de 15): Ponsonby, Auckland University e Grammar TEC.

apenas 33% foram citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 53% deles participaram das últimas oito finais (i214).

Dois dos inquiridos (67% da amostra), afirmaram ser necessário apresentar 4 *grade teams* e 1 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação. O outro inquirido afirmou que é necessário apresentar os 4 *grades teams* referidos pelos seus colegas, mas que também é necessária uma quinta equipa, seja ela de que escalão for, incluindo Equipa Feminina (i221). Também todos (100%) afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. E 25% afirmaram haver problemas com a utilização de jogadores do Super Rugby nas finais (i223), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.9 McNamara Cup (a região sul de Auckland. Sede: Pukekohe)

A *McNamara Cup* (Q6) é disputado por doze clubes amadores (Q9) desde 1955, sendo eles: Bombay, Ardmore Marist, Karaka, Pukekohe, Patumahoe, Onewhero, Waiuku, Manurewa, Te Kauwhata, Papakura, Drury e Weymouth⁶⁵. Oito (ou 67%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que foram cinco diferentes nos últimos dez anos, com 50% sendo citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 42% deles participaram das últimas sete finais (i214).

Ambos os inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 2 *grade teams* e 1 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Também ambos afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Um deles afirmou ser frequente haver problemas com a *Clearence* de jogadores de outras províncias e/ou de outros países (i223), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.10 Waikato Premier (capital e sede: Hamilton)

A *Waikato Premier* (Q6) foi a única competição onde os seus clubes são de toda a província (de Waikato), e é disputado por dez clubes amadores (Q9) desde 1921, sendo eles: Waikato University, Fraser Tech, Hamilton Old Boys, Hamilton Marist, Otorohanga, Melville, Hautapu,

⁶⁵ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 2 clubes (num universo de 12): Ardmore Marist e Karaka.

Morrinsville, Te Awamutu e United Matamata⁶⁶. Sete (ou 70%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que foram 6 diferentes nos últimos nove anos, com 50% sendo citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 80% deles participaram das últimas dez finais (i214).

Ambos os inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 2 *grade teams*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Também ambos afirmaram que existe um play-off entre os últimos 04 clubes da primeira fase, junto com os 2 primeiros da 2ª Divisão (i222), mas que só existe promoção caso se confirmem também os requisitos mínimos (além da promoção alcançada em campo), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Um dos inquiridos queixou-se de ser frequente a mudança de regras a meio da temporada (i223), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.11 *Hankins Shield* (Sede: Palmerston North)

A *Manawatu Premier* (Q6) é disputado por nove clubes amadores (Q9) desde 1886, sendo eles: Massey University ("Varsity"), Kia Toa, College Old Boys, Te Kawau, Old Boys Marist, Feilding, Feilding Old Boys Oroua, Linton e Freyberg⁶⁷. Sete (ou 78%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que foram 6 diferentes campeões nos últimos sete anos, com 56% sendo citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 67% deles participaram das últimas 3 finais (i214).

Ambos os inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 2 *grade teams* e 1 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Também ambos afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Um deles reclamou (i223) de casos de *shamateurism*⁶⁸ (Bolsas Universitárias, Carros, Empregos, etc), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

⁶⁶ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 2 clubes (num universo de 10): Waikato University e Fraser Tech.

⁶⁷ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 2 clubes (num universo de 9): Massey University e Feilding.

⁶⁸ Importante referir que, nas competições de clubes amadores neo-zelandezas, é estritamente obrigatório o amadorismo.

3.4.12 Jubilee Cup (Wellington)

A *Jubilee Cup* (Q6) é disputado por quatorze clubes amadores (Q9) desde 1879⁶⁹, sendo eles: Petone, Marist St Pats, Old Boys University, Wellington FC, Ponake, Oriental-Rongotai, Wainuiomata, Tawa, Upper Hutt, Norths (Porirua), Hutt Old Boys Marist, Avalon, Paremata-Plimmerton e Johnsonville⁷⁰. Pelo menos nove (ou 64%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que foram 6 campeões diferentes nos últimos nove anos, mas com apenas 36% sendo citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 43% deles participaram das últimas nove finais (i214).

Ambos os inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 2 *grade teams* + 1 *Colts* + 2 outras *grade teams* (incluindo equipa feminina), sem as quais não é permitida a participação (i221). Também ambos afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Dos inquiridos, 67% responderam não haver problemas (i223), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.4.13 Hawkins Cup (Christchurch)

A *Hawkins Cup* (Q6) é disputado por doze clubes amadores (Q9) desde 1879, sendo eles: High School Old Boys, Christchurch, Marist Albion, New Brighton, Sydenham, University of Canterbury, Lincoln University, Sunmer, Linwood, Burnside, Shirley e Belfast⁷¹. Pelo menos nove (ou 75%) destes clubes já foram Campeões (i211), sendo que cinco (42%) o foram nos últimos dez anos, com 58% sendo citadas como "melhores" equipas (Q7, Q8). Na análise documental, foi possível verificar que 75% deles participaram das últimas doze finais (i214).

80% dos inquiridos afirmaram ser necessário apresentar 2 *grade teams* + 1 *Colts*, sem as quais não é permitida a participação (i221). Também todos (100%) afirmaram não existir promoção/rebaixamento (i222), dado que a participação só é aceite para quem apresenta uma estrutura de clube sustentável. Dos inquiridos, 40% reclamou (i223) de casos de *shamateurism*

⁶⁹ Na verdade, este troféu em si foi apresentado pela primeira vez apenas em 1929, na comemoração do jubileu (50 anos) da Wellington Rugby Union e da sua competição local.

⁷⁰ Para efeitos desta Pesquisa, visitei dois clubes (num universo de 14): Wellington FC e Old Boys University. No entanto, também tive a oportunidade de fazer uma entrevista informal com o *manager* do campeonato local, que reforçou algumas das respostas dos clubes inquiridos.

⁷¹ Para efeitos desta Pesquisa, visitei 4 clubes (num universo de 12): High School Old Boys, Marist Albion, University of Canterbury e Lincoln University.

(Bolsas Universitárias, Carros, Empregos, etc), quando perguntados sobre problemas com as transferências de jogadores (Q14-16).

3.5 Evidências do Equilíbrio Competitivo

Como se depreende neste Capítulo, a nossa decisão de medir/verificar se as competições estudadas são ou não balanceadas/equilibradas, baseou-se na relação das equipas nomeadas como "melhores", histórica e atualmente, com a análise documental das percentagens de vencedores das mesmas (cf. Tabela 4, na página seguinte).

Começando pelo nível inferior (Clubes Amadores), há uma média de 10,5 equipas nas competições locais (Q09), variando de seis (Bloemfontein) a 15 (Auckland). Em todas as competições, não existe (i222) promoção nem rebaixamento⁷² (Q13), e a exigência mínima (i221) para uma equipa poder participar da sua competição (Q11) é de ter pelo menos equipa B (sendo Waikato Premiere e North Harbour Premier as menos exigentes), mas em 85% das competições também é necessário apresentar pelo menos uma equipa *Colt*⁷³, além da equipa B; já em 46% a exigência mínima aumenta para também ser necessário apresentar equipas B e C; em 38%, o mínimo exigido são a apresentação de três equipas (*Grade Teams*⁷⁴) e pelo menos uma *Colt*; e as competições mais fortes e exigentes são as de Sydney (*Shute Shield*), Auckland (*Gallagher Shield*) e Johannesburg (*Pirates Grand Challenge*), com todos ou quase todos os seus clubes participantes a apresentarem pelo menos quatro *Grade Teams* e três *Colts*.

Em nenhuma competição amadora existe a necessidade de se vencer uma Divisão inferior para chegar à Divisão principal (Q13). A única exigência (i222) para poder participar da elite local é cumprir com o número de equipas exigidas no seu *Participation Agreement*⁷⁵ (Q11).

Todas as competições têm um *Club's Council*⁷⁶(Q47) mensal, e a primeira reunião costuma ocorrer um mês antes do início das competições, usualmente na sede do campeão do ano anterior.

⁷² A única exceção seria a Waikato Premier, onde os 4 últimos da primeira fase disputam uma liguilha com os 2 primeiros da primeira fase da 2ª Divisão. Mas nos últimos anos, como esses 2 primeiros têm sido equipas Bs (de clubes da 1ª Divisão), na prática não tem existido Promoção/Rebaixamento.

⁷³ *Colt Team* é uma equipa de menores de 21 anos, ou menores de 20 anos, ou menores de 19.

⁷⁴ *Grade Team* pode ser a equipa principal, mas também todas as outras equipas adultas de um clube. Ex: equipa A, B, C, D, etc.

⁷⁵ Todos os clubes, de todas as competições pesquisadas, precisam assinar este documento antes da competição começar.

⁷⁶ Reunião mensal dos presidentes dos clubes amadores.

Tabela 4 - Quadro-resumo das características de cada competição

	Q 9	Q11		Q12		Q13		Q 14	Q 15	Q16	
Competition	n° of teams	Requirements	(when not 100%)	Inf Divisions	(when not 100%)	Promotion / Relegation	Transfer Rules (%)	Online (%)	Complains / Problems	(when not 100%)	
Rugby Championship	4	Comply with Criteria		Only one Division		0			SR players playing Finals without Elegibility	100	
Super Rugby	15	Get a License from NGB		Only one Division		0	82	40	No	36	
Currie Cup	14	To Be a SR Team or Qualify		Comply with Criteria		NO Promotion / Relegation	10	0	No	33	
ITM Cup	14	Comply with Criteria		Comply with Criteria		0	10	43	the cost of signing an "Heartland" player	40	
NRC	9	(indefined Answers)		Only one Division		0	50	0	No spread of SR talent	50	
Hawkins Trophy	12	2G + 1C	80%	1G		0	10	10	"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	40	
North Harbour	10	2G				0	10	10	No	50	
Premier	9								"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	50	
Manawatu	9	2G + 1C				0	50	0			
Senior 1	1	2G + 1C + 2G				0	10			6	
Jubilee Cup	4	(including Women)				0	0	67	No	7	
McNamara Cup	12	2G + 1C				0	10			5	
Waikato	1					0	0	50	Delay on Clearences	0	
Premier	0	2G		1G		0	10	50	Change of Rules in Mid-Season	50	
Gallaher Shield	15	4G + 1C	67%	Only one Division		0	10	10	SR players playing Finals without Elegibility	25	
Shute Shield	12	4G + 3C		4G + 1C 60% to Sign a participation agreement		0	78	43	No	56	
QLD	9	2G + 1C		60%		0	10	10	No	50	
Premiership	7	4G + 1C		2G 50%		0	50	0	SR players playing Finals without Elegibility	50	
ACT	7										
Premiership	7										
Carlton	8	3G + 2C		3G		0	10	10	No	67	
League	1									1	
Pirates	1	3G + 2C		3G + 1C		0	10	0	No	00	
Grand Challen	1			to Sign a participation agreement						1	
Saty League	6	3G				0	10	10	No	00	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Analisando a Tabela 5 na página seguinte, é fácil constatar que é possível estabelecer uma relação entre as que são consideradas "melhores equipas" (i212, Q7-Q8) pelos inquiridos e os finalistas (i214) ou campeões de cada competição (i211).

Tabela 5 - relação entre as que são consideradas "melhores equipas" e os finalistas ou campeões de cada competição

Competição	Desde	(dados)	Campeões	citadas como <i>Best Teams</i>	Finalistas	Últimas Finais observadas	Campeões recentes	últimos X anos
Rugby Championship	1996	1996	75%	100%	75%	2	75%	5
Super Rugby	1996	1996	60%	93%	80%	10	47%	10
Currie Cup	1889	1889	50%	29%	36%	4	36%	11
ITM Cup	1976	1976	71%	43%	43%	6	29%	6
NRC	2014	2014	44%	56%	67%	4	44%	5
Hawkins Trophy (Christchurch)	1879	1975	75%	58%	75%	12	42%	11
North Harbour Premier	1985	1994	70%	30%	70%	8	50%	8
Manawatu Senior 1	1886	1982	100%	56%	67%	7	67%	7
Jubilee Cup (Wellington)	1879	2005	64%	36%	57%	10	43%	9
McNamara Cup (Counties)	1955	1955	67%	50%	50%	10	42%	10
Waikato Premier	1921	1967	70%	50%	80%	10	60%	9
Gallaher Shield (Auckland)	1883	1883	73%	33%	53%	8	40%	8
Shute Shield (Sydney)	1874	1874	92%	50%	50%	6	33%	5
QLD Premiership	1889	1889	78%	67%	67%	6	67%	9
ACT Premiership	1938	1938	86%	71%	57%	4	43%	4
Carlton League (Pretoria)	1938	1938	100%	38%	86%	6	57%	4
Pirates Grand Challenge (Johannesburg)	1889	1889	73%	36%	55%	6	36%	7
Saty League (Bloemfontain)	1895	2010	33%	33%	50%	2	33%	5
média Comp Amadoras NZ	1913		69%	45%	63%	9,1	49%	8,7
média Comp Amadoras Australia	1900		85%	63%	58%	5,3	48%	6,0
média Comp Amadoras South Africa	1907		87%	36%	71%	6,0	47%	5,5
Total Community Rugby			76%	47%	63%	7,7	48%	7,5
Inglaterra (Aviva Premiership)	1987	1987	67%		50%	5	33%	7
França (Top 14)	1892	1892	57%		57%	7	43%	7
Heineken Cup	1996	1996	45%		45%	7	20%	7
Portugal	1959	1959	24%		12%	6	6%	7
Lisboa	1959	1959	58%		33%	6	17%	7
Brasil (Super 8)	1964	1964	70%		60%	6	40%	7
São Paulo	1979	1979	63%		17%	6	25%	7

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Por exemplo, no Rugby Championship há uma percepção de que todas as 4 seleções podem ser campeãs (i211) ou finalistas (i214), apesar de apenas 3 já o terem conseguido.

No Super Rugby, essa percepção também é forte: 93% das equipas são consideradas como sendo das "melhores" (i212), reforçado pela análise documental, em que 80% das mesmas terem atingido a final nos últimos dez anos (i214) e, no mesmo período, 47% terem efetivamente sido campeãs (i211).

Já nas competições de maior maturidade - a centenária *Currie Cup* e a quadragenária ITM Cup - a percepção de melhores equipas (i212) está muito próxima dos números dos finalistas (i214): 29% vs 36% e 43% vs 43%, respectivamente. Assim como a percepção das equipas mais conhecidas (i213) está muito próxima dos números dos campeões (i211): no caso sulafricano, os 36% de campeões nos últimos 11 anos são condizentes com os 36% de equipas mais conhecidas; e na ITM Cup, os 71% de campeões são acompanhados por uma percepção de 86% das equipas são as mais conhecidas.

Quanto ao NRC australiano, apenas seis anos de competição não nos permitem que se façamos análises credíveis.

Descendo na hierarquia competitiva, notamos que esse facto continua a verificar-se na Nova Zelândia (médias de 45% (i212) vs 63% de finalistas (i214) e 49% de campeões (i211)) e Austrália (médias de 63% vs 58% de finalistas e 48% de campeões), mas não totalmente na África do Sul (médias de 36% vs 71% de finalistas e 47% de campeões), o que poderá ser explicado pelo forte campeonato universitário, que poderá ter enviesado uma percepção dos clubes universitários mais forte do que na realidade é, quando competindo com os clubes locais.

Olhando para a análise documental, mas agora pelo viés específico das percentagens de finalistas (i214) e campeões dos últimos anos (i211), os *Tiers* 1 e 2 aparentam demonstrar que quanto mais profissional é a competição, mais equilibrada ela é. De facto, os números do Rugby Championship (75% de seleções finalistas e campeãs) e do Super Rugby (80% de franquias finalistas e 47% de campeãs, nos últimos dez anos) são claramente superiores ao *Tier* 3 (finalistas Af Sul 36%, NZ 43% e Aust 67%; campeões recentes Af Sul 36%, NZ 29% e Aust 44%). Já no *Tier* 4 encontramos novamente bons indicadores de equilíbrio competitivo (finalistas Af Sul 71%, NZ 63% e Aust 58%; campeões recentes Af Sul 47%, NZ 49% e Aust 48%).

No entanto, se compararmos essas competições profissionais com as competições profissionais de França e Inglaterra, os números destas aproximam-se muito mais dos números das competições semi-profissionais ou mesmo das amadoras.

Ao compararmos com a realidade de Portugal e do Brasil, os números indicam uma queda drástica no equilíbrio das competições locais sendo que, no caso brasileiro, o seu

campeonato nacional é uma liga quase-fechada, com percentagens melhores que Inglaterra e similares às da França.

A verdade é que – excetuando as competições de Auckland, Wellington, Christchurch, Sydney, Brisbane e Johannesburg (não visitei Cape Town, que me falaram ser similar) –, em todas as outras cidades, tanto quanto pude aperceber-me, os melhores clubes portugueses e brasileiros iriam ser competitivos (caso se encontrassem na mesma competição). Dito por outras palavras, as competições de Lisboa e São Paulo, mais concretamente, poderiam estar a um pequeno passo de atingirem um nível capaz de produzir seleções regionais competitivas, se alguns passos fossem tomados, em possíveis réplicas deste sistema.

3.6 Governança

3.6.1 Nos clubes amadores (nível 4)

Em todas as 19 Unions visitadas, existe um profissional responsável pelo *Community Rugby* (i235). Ele é pago pela sua Union, e tem de lidar com os responsáveis dos clubes, que são amadores. O seu perfil é de alguém capaz de fazer essa ligação, nem sempre fácil, entre gestão amadora (dos clubes) e gestão profissional (das Unions).

Eugene Hare (CEO dos Blue Bulls Rugby Union), confidenciou-me sobre a dificuldade em reportar a níveis superiores - profissionais -, mas ter de organizar o nível desportivo inferior - amador:

"O maior problema é que os presidentes de clubes amadores têm as suas próprias profissões e, quando dedicam o seu tempo-extra ao clube, acham que sabem tudo do assunto sem - obviamente - terem a mínima chance de serem especialistas no mesmo."

Algo similar me foi confessado pelos Managers da NSW Rugby Union, Queensland RU e Wellington RFU.

Da mesma forma, existiram algumas queixas de alguns presidentes (i223, Q16), quanto a outros presidentes que "falam uma coisa num dia, e fazem outra no dia seguinte", lembrando que o dia-a-dia "futebolero" dos rubrys luso e brasileiro também ocorre no rugby amador dos países "civilizados", apesar de muito menos recorrente.

Em resposta a essa mesma Q16, e dada a obrigatoriedade do rugby ser amador nas competições de clubes neo-zelandesas, em todas as cinco cidades visitadas e que têm uma Universidade –, existiu a reclamação do clube universitário local se beneficiar da possibilidade

de oferecer bolsas universitárias⁷⁷ aos seus jogadores. 43,8% dos clubes neozelandeses fizeram essa reclamação específica. A relação das cidades "universitárias" australianas e sulafricanas com o rugby local parece ser mais tranquila, dado o amadorismo não ser obrigatório, e os outros clubes também podem "banciar" essas Bolsas, de forma transparente.

Outras reclamações, nos três países, foram "Change of Rules in Mid-Season"⁷⁸ (7,0%), "Super Rugby players playing Finals without Eligibility"⁷⁹ (5,6%) e "Delay on Clearances"⁸⁰ (5,6%). No entanto, a nível geral, 43,7% responderam não haver problemas com transferências.

Dois pontos que me chamaram muito à atenção foram a ausência do item "Transporte" nos custos (i234, Q40) dos clubes (à exceção da competição de Waikato), e um padrão generalizado de receitas (Q29-34) vindas de *Grants* (i312, Q22-24), Bar (i326) e Patrocinadores locais (i321). Isso é coerente com o padrão de competições locais, que eu pensava serem provinciais, mas afinal são mais municipais/metropolitanas ou, no máximo, em distâncias que em Portugal se diriam "distritais".

Outra constatação foi que quase todos os clubes não têm campo próprio, sendo apoiados nesse quesito pelas autoridades locais (i313, Q25-27), à exceção dos clubes universitários, que usam as dependências universitárias, do Estado (ou União⁸¹).

Nos casos da Nova Zelândia e Austrália, acabando estas competições, bastantes jogadores são selecionados para jogar a ITM Cup ou o NRC, de forma semi-profissional. Algo similar ocorre na África do Sul, com uma competição de três a cinco jogos, entre equipas "Provincial Amateurs", totalmente amadoras. Mas além disso, existe a Gold Cup, que é disputada entre os 14 clubes não-universitários (*open clubs*) campeões de cada uma das Províncias sulafricanas, adicionadas ao campeão do ano anterior, e de cinco clubes vindos de playoffs entre os segundos classificados, perfazendo vinte clubes. A competição é análoga ao mundial de rugby (RWC), dividida em quatro grupos de cinco clubes, apurando-se os dois primeiros para os quartos de final. Os quartos, semis e finais são disputados numa semana, num

⁷⁷ Nos três países, as Universidades apesar de serem públicas, são pagas pelos usuários, variando entre US\$20-40.000 anuais. No entanto, existem Bolsas de mérito; ou os alunos podem optar por pagamento após o término da faculdade, quando começarem a trabalhar; ou então conseguir uma Bolsa como atleta, artista ou social, normalmente oferecidas pelos *Alumni* (associações de antigos alunos, muito fortes nos três países).

⁷⁸ "Mudanças de regras a meio da temporada" (tradução nossa).

⁷⁹ Jogadores profissionais, do Super Rugby, a participar das Semi-Finais e Finais, sem terem jogado um mínimo de jogos regulamentares.

⁸⁰ "Atrasos na burocracia" (tradução nossa), dos organismos federativos.

⁸¹ A Austrália e a África do Sul são países federados, com União, Estados/Províncias e Municípios. A Nova Zelândia só tem os níveis Estado e Município.

Clube escolhido pela SARU⁸². Todas as despesas de transporte, alojamento, alimentação e médicas destas competições amadoras são pagas pela SARU.

Finalmente, existem dois clubes (Impala e Univ Northwest-Pukke) que pertencem à NW Rugby Union, mas jogam nas ligas de Pretoria (Impala) e Johannesburg (Pukke), como convidados, não podendo se classificar para as semi-finais. Isto ocorre por serem de cidades próximas a esses grandes centros, e serem equipas de competitividade muito acima do resto de NW. Os jogadores desses dois clubes são a base da forte equipa dos Leopards, na Currie Cup.

3.6.2 Das competições inter-províciais (nível 3)

Nos três países, as Unions "provinciais" são as donas das Federações Nacionais (i231, Q18).

Nas 14 Unions que visitei, existe apenas um CEO liderando a mesma (Q03), com duas funções específicas, e comuns a todas: organizar a competição de clubes amadores (*Community Rugby*), para a qual é contratado um Manager; e gerir – comercial e desportivamente – a sua Seleção Distrital/Provincial, semi-profissional.

Acontece que, quem gere a participação das seleções "provinciais" na ITM Cup (Nova Zelândia) são as próprias Unions (Q06); idem para a NRC (Austrália), exceto no caso particular de Sydney/NSW (Q06); mas na África do Sul são Empresas (Q20) que competem na Currie Cup, e das quais as Unions são donas pelo menos 51%⁸³. Essas empresas são as mesmas que gerem a participação no Super Rugby, nas cinco Unions que têm essa Licença de Participação.

Como se disse, a NSW Rugby Union foi a única que entregou aos clubes da Shute Shield a organização das equipas que participam no campeonato nacional (NRC). Estas diferenças acontecem porque o NRC é muito recente. As franquias de Perth Force, Melbourne Rebels e ACT Brumbies usam 14 jogadores nas suas equipas do NRC (respectivamente Spirit, Rising e Vikings), ficando os restantes⁸⁴ livres para assinarem qualquer outro contrato.

A Queensland Rugby Union responsabilizou-se por duas equipas do NRC, distribuindo 28 jogadores entre Brisbane City e Queensland Country. As quatro equipas de Sydney não têm ligação nem com a NSWRU nem com os Waratahs. Os North Harbour Rays são uma *joint-venture* dos quatro clubes a norte de Sydney Harbour (Manly, Gordon, Warringah e Northern Suburbs); os Sydney Stars são outra junção da Sydney University com Balmain; já os

⁸² SARU: South Africa Rugby Union.

⁸³ Tive relatos, em duas entrevistas, que essa limitação já foi votada e terminará, a partir de 2016.

⁸⁴ As franquias australianas têm 35-38 jogadores contratados, por 12 meses. No final do Super Rugby, alguns são selecionados para jogarem o Rugby Championship, pelos Wallabies, os restantes irão jogar o NRC.

Greater Sydney Rams são uma ligação de Southern Disctricts com Parramatta; e os NSW Country Eagles são um investimento dos Eastern Suburbs, com alguma ajuda logística da NSW Country sub-Union.

Os clubes de Eastwood, Randwick, West Harbour e Penrith não participam ativamente de nenhuma equipa do NRC, apesar de alguns de seus jogadores serem contratados. De referir que os jogadores amadores participam nesta competição, como uma forma de terem alguma visibilidade, almejando um contrato profissional no Super Rugby. Eles recebem em média AUD 5.000 pela temporada do NRC (8-10 jogos). Já os jogadores profissionais, jogam nesta competição por ordem dos seus contratantes (Super Rugby), não recebendo nada extra por isso.

Na África do Sul não existem *Salary-Caps*, apenas salários mínimo de R180mil (USD 13mil) mensais.

Na Nova Zelândia, o Salary-Cap de cada uma das 14 Províncias participantes da ITM Cup é de NZ\$1,025 Mi (USD 680 mil)⁸⁵, com o salário mínimo em NZ\$18.000 (USD 12mil) e o máximo de NZ\$ 55mil (USD 37mil) por temporada⁸⁶.

Torna-se necessário referir que, na Nova Zelândia, existe ainda uma competição secundária, disputada por 12 Províncias, que optaram por não participar na ITM Cup, dado existir um caderno de encargos, que não conseguem ou preferem não cumprir. Assim, a Heartland Cup é totalmente amadora, mas as deslocações das seleções provinciais dessa competição são totalmente pagas diretamente pela NZRU, como também o são as da ITM Cup.

3.6.3 Da competição Super Rugby (nível 2)

Enquanto que na Austrália e África do Sul, as Unions provinciais são as mesmas que também disputam o Super Rugby, na Nova Zelândia, todas as 26 Unions são donas (com percentuais diferentes) das cinco Franquias do Super Rugby.

E na Austrália, os CEOs das Queensland e Brumbies Rugby Unions são os mesmos da Franquia do Super Rugby. Mas a NSWRU vende a sua Licença de Participação dos Waratahs no Super Rugby, a uma empresa por AUD 1,5 Milhões anuais. Assim, a NSWRU dedica-se em

⁸⁵ Existe uma obrigação de cada Província conseguir atingir certas metas em Patrocínios. Por exemplo, quando visitei a Manawatu RFU, o CEO confessou-me que não haviam cumprido com essa meta e, portanto, o Salary-Cap deles era de apenas NZ\$ 963 mil, que correspondia a 36% da média das Receitas totais dos dois últimos anos.

⁸⁶ A temporada da ITM Cup dura 3 a 4 meses (pré-temporada, temporada de 10 jogos, finalizando com semi finais e finais).

exclusivo ao desenvolvimento do rugby da sua Província, e os Waratahs dedicam-se em exclusivo ao Super Rugby, e nenhuma se encarrega do NRC (entregue aos clubes de Sydney).

Na África do Sul não há Salary-Caps, mas as franquias australianas estão limitadas a AUD 4,5 Milhões (USD 3,2 Mi), e na Nova Zelândia esse valor é de NZ\$ 4,2 Mi (USD 2,8 Mi).

Os jogadores sulafricanos recebem pelo menos um salário mínimo de R180 mil (USD13 mil) por ano, e os mais bem pagos chegam a receber até R6 Mi (USD 432 mil) anuais.

Na Nova Zelândia, o salário mínimo é de NZ\$ 70mil (USD 47mil) por temporada, mas ninguém está a receber menos de NZ\$ 100mil (USD 67mil), e os jogadores de topo estão a ser pagos na ordem do NZ\$ 1 Milhão (USD 670mil, incluindo as participações nos All Blacks e contratos de publicidade). Caso sejam selecionados para os All Blacks, esses jogadores recebem NZ\$ 7.500 por jogo (12 jogos por ano), que poderão ser acrescidos de bônus por resultados. Os 80% dos jogadores do Super Rugby que não são selecionados⁸⁷, disputam a ITM Cup, recebendo NZ\$ 55.000 pela temporada desta competição.

Cinco jogadores australianos, por franquia, poderão receber AUD 30.000 extra, se pagos diretamente por Patrocinadores. Um jogador não-australiano não poderá receber mais de AUD 137.000 anual de nenhuma franquia australiana, sendo limitado a dois os jogadores não elegíveis para os Wallabies (há uma exceção temporária para as franquias mais recentes, os Perth Force e os Melbourne Rebels, que podem recrutar até cinco jogadores não elegíveis).

Para jogar nos Wallabies, é necessário jogar no Super Rugby, mas em 2015 foi introduzida uma exceção, em que qualquer jogador que tenha jogado 60 Test-matches e participado do Super Rugby durante sete anos, poderia ser selecionado, mesmo não jogando no Super Rugby⁸⁸. A África do Sul terminou com todas essas limitações, mas a Nova Zelândia continua a selecionar somente jogadores que atuem nas suas franquias.

Terminamos assim este Capítulo, com a caracterização das competições de rugby nos países da SANZAR, e começamos no próximo a testar a nossa primeira hipótese: “As grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções distritais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas”.

⁸⁷ As franquias neozelandesas podem contratar 32 jogadores, acrescidos de até seis *development players*.

⁸⁸ Esses limites foram acordados, pois o selecionador nacional queria selecionar Matt Giteau e Drew Mitchell, ambos a jogar em França.

CAPÍTULO 4 - A FACILIDADE DE SE CONSEGUIREM APOIOS PÚBLICOS, NO RUGBY AMADOR (OU SEMI-PROFISSIONAL) DA SANZAR

Neste capítulo, por forma a verificarmos a nossa Primeira Hipótese (H¹): “As grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções distritais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas”, cruzaremos as Dimensões da Organização das Grades Competitivas (D2⁸⁹) com a dos Recursos (D3), e também com a das Políticas Públicas (D4).

A apresentação dos Resultados continuará a ser feita por Competição, descendo do nível Intenacional (*Tier 1*) até aos dos Campeonatos Locais (*Tier 4*).

Assim, iremos procurar identificar quais os efetivos apoios públicos, que o rugby de cada um destes países recebe.

Começando pelos aportes financeiros públicos, e acabado de chegar da Europa (portanto, a minha primeira entrevista de campo em Christchurch-NZ), fui logo surpreendido pelo CEO dos Crusaders, quando me respondeu que não recebia nenhuma verba pública (Q22). Insisti, dado achar estranho, ao que ele referiu que o que é possível conseguir é através de pleitos aos *Gaming Trusts* (i312), que são verbas originários dos impostos gerados pelos jogos de azar. Segundo o nosso interlocutor, os Editais são bem claros, pois trata-se de uma fonte de financiamento comum, um pouco por toda a Nova Zelândia, mas apenas acessível às *Incorporated Societies* (Q20).

No decorrer de outras entrevistas, percebi que as Federações Nacional (*tier 1*), Provinciais (*tier 3*) e clubes amadores (*tier 4*) são todas *Incorporated Societies* (i241, Q20), mas tal é vedado às franquias profissionais (*tier 2*), sendo todas elas empresas limitadas (i241, Q20). E isto é similar nos três países⁹⁰.

Também pude constatar que, na Nova Zelândia e na Austrália (com situação similar), todos esses tipos de associações são obrigados a publicar os seus relatórios financeiros (Q21) no site das Finanças Públicas/Receita Federal, com a diferença que se pode fazer o *download* gratuito na terra dos All Blacks, mas na dos Wallabies é preciso pagar AUD 38,00 por *download*. Para confirmação e posterior análise documental, descarreguei todos os relatórios, de todos os Clubes, Federações Provinciais e Federação de Rugby da Nova Zelândia (NZRU). Pude então confirmar que na Austrália é realmente necessário pagar essa quantia mínima, o que

⁸⁹ São cinco Dimensões (D1 a D5; cf Capítulo 2).

⁹⁰ Na Austrália, são chamadas de *Incorporated Associations*; e na África do Sul, de *Non Profit Organizations* (NPO).

inviabiliza que seja feito para esta Pesquisa. Não consegui saber informações se o mesmo sucede na África do Sul.

Olhando para a Tabela 6⁹¹, identificamos como "Financiamento Público" as verbas atribuídas diretamente pelos diferentes níveis de governo (Q24), mas também as originárias dos *Gaming Trusts/Grants* das Nova Zelândia e Austrália, e do *Lotto Sulafricano* (Q23).

Tabela 6 - Q22 "Do your Entity receive any Public Financial Subvention ?"

Q22	Australia		New Zealand		South Africa		Total	
	Yes	No	Yes	No	Yes	No	Yes	No
Rugby Championship	100%		100%		(*)		100%	
Super Rugby	75%		75%		100%		55%	
Currie Cup					100%		100%	
ITM Cup			100%				100%	
NRC	75%						75%	
Hawkins Trophy			100%				100%	
Shute Shield	44%						56%	
QLD Premiership	100%						100%	
ACT Premier Division	0%						100%	
North Harbour Premier			100%				100%	
Manawatu Senior 1			100%				100%	
Jubilee Cup (Wellington)			100%				100%	
McNamara Cup (Counties)			100%				100%	
Waikato Premier			100%				100%	
Auckland			100%				100%	
Carlton League					50%		50%	
Pirates Grand Challenge					50%		50%	
Saty League (Bloemfontain)					100%		100%	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

4.1 Tier 1 (International)

Todas as três Federações em análise recebem verbas públicas (i311), sendo que nos três casos, os valores são realmente irrisórios (Q34), e só começaram a chegar após o retorno do rugby aos Jogos Olímpicos⁹², destinados especificamente para as equipas masculinas e femininas de

⁹¹ Apesar de não ter aplicado nenhum inquérito na federação sulafricana, os dados financeiros são públicos e, portanto, foi possível fazer uma análise documental.

⁹² O rugby fez parte dos Jogos Olímpicos de 1900 (Paris, com a França vencedora), 1908 (Londres, Australásia ganhou), 1920 (Antuérpia, EUA ganharam) e 1924 (em Paris, os EUA tornaram-se bi-campeões olímpicos). No dia 9 outubro de 2009, o COI decidiu reintegrar o rugby no programa olímpico.

rugby de 7⁹³. A SARU recebeu do governo sulafricano e do *Lotto* 2,85% (i312) de suas receitas totais. A NZRU recebeu 2,65%, diretamente do governo nacional (i311). E a ARU recebeu 2,81%, originários de *Grants* federais (i312).

O encontro com o CEO dos Blues foi esclarecedor sobre o porquê desta situação. O nosso interlocutor explicou que o Estado não deve financiar o rugby, dado que este consegue financiar-se na sociedade privada com alguma facilidade. Isso é consistente com as respostas da Q48, em que tanto na Austrália como na África do Sul não há uma única resposta afirmativa, quando se pergunta sobre se a federação de rugby recebe maiores recursos do que outras federações (i421).

Na Nova Zelândia, também ninguém respondeu afirmativamente, entre os entrevistados com acesso direto a essa informação (*tiers* 1 e 2), sendo de estranhar que 1/3 dos CEOs provinciais, supostamente com acesso regular às informações da NZRU, o tenham feito. Já entre os presidentes de clubes amadores, essa percepção errônea existe, apesar de ser de apenas 44% entre a amostra desta Pesquisa. Talvez essa percepção advenha do tal retorno do rugby às Olimpíadas, pois na questão seguinte (Q49) é clara a percepção (93%) geral nos três países, de que federações de desportos olímpicos recebem maiores verbas do que as não olímpicas (i422).

Quanto aos apoios públicos não financeiros (i313, Q25-Q27), e conforme Tabela 7 (página seguinte), o único caso de apoio apareceu na Nova Zelândia, num "Evento Específico", no caso o Mundial de Juniores.

4.2 Tier 2 (Franquias do *Super Rugby*)

Na Austrália e Nova Zelândia, todas as sete franquias pesquisadas afirmaram não receber verbas públicas (i311, Q22), ao contrário das três franquias sulafricanas, que responderam afirmativamente. Sendo que em dois dos casos (Bulls e Lions), os valores são realmente irrisórios (0,2% da receita total e "quantia muito pequena"). Já no caso dos Cheetahs, esse valor atinge 8% das receitas totais. São a única franquia das dez pesquisadas que recebe verbas públicas assinaláveis (ainda assim, inferiores a 10%), verbas essas que vêm diretamente (Q23) das administrações provincial (Free State) e do município de Bloemfontein (Q24). As verbas "irrisórias" dos Bulls chegam também diretamente (Q23) da província de Gauteng e a dos Lions, do município de Johannesburg (Q24).

⁹³ Nas quatro edições dos Jogos de que o rugby fez parte, foi na variante de 15 jogadores (XV); o retorno a partir de 2016 deu-se com a variante de rugby de 7 (7s ou "*sevens*").

Tabela 7 - Q25 "Do your Entity receive any Public non-Financial Subvention ?"

Q25	Australia		New Zealand		South Africa	
	Yes	No	Yes	No	Yes	No
Rugby Championship	0%		100%		N/A	
Super Rugby	75%		50%		33%	
Currie Cup	50%		71%		75%	
ITM Cup						
NRC						
Hawkins Trophy	56%		80%		25%	
Shute Shield						
QLD Premiership						
ACT Premier Division						
North Harbour Premier						
Manawatu Senior 1						
Jubilee Cup (Wellington)						
McNamara Cup (Counties)						
Waikato Premier						
Auckland						
Carlton League						
Pirates Grand Challenge						
Saty League (Bloemfontain)						
	44%		84%		43%	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Quanto aos apoios públicos não financeiros (i313, Q25), existem bastantes disparidades: duas (50%) das franquias profissionais neozelandesas recebem apoio (Q27), sendo que dessa metade, 50% é local e os outros 50% provém de fonte nacional. Esses apoios chegam em forma de campos para treinos (nos dois casos) e manutenção ou escritórios, respectivamente (Q26); no caso australiano, apenas (33%) a franquia da Capital Federal (Q27) fez um acordo de investimento num Centro de Alto Rendimento em conjunto com a Universidade de Canberra, que resultou na contrapartida de poder usar o Estádio (Q26) gratuitamente; nas três franquias sulafricanas, uma não recebe apoio nenhum (Q25), outra apenas polícia de trânsito em dias de jogo (Q26) e, mais uma vez, os Cheetahs usufruem do Estádio Municipal, com seus escritórios e seus campos de treino (Q26), cedidos pela administração local (Q27).

4.3 Tier 3 (Provincial)

Os dados recolhidos ao nível Provincial corroboram a hipótese em análise, pois verifica-se absolutamente verdadeira na Nova Zelândia e África do Sul (100% das respostas à Q22), onde o rugby é o desporto número um (NZ) ou um dos dois mais importantes (Af.Sul) (Q56). Mas no caso australiano, além do rugby não ser um desporto dominante (Q56), o seu campeonato nacional é muito recente e a possibilidade de criar relações com os poderes públicos também ainda está no seu início, e talvez por isso apenas a Queensland Rugby Union tenha conseguido a aprovação de *Grants* (Q23) junto da administração estadual de Queensland (Q24).

Já quanto à origem desses apoios financeiros públicos (Q23) é que existem diferenças entre a Nova Zelândia e a África do Sul. Enquanto no primeiro caso, 100% das Federações Provinciais precisam pleitear *Gaming Trusts* (i312), para conseguirem esses apoios locais⁹⁴ (Q24), na África do Sul 88% eles chegam diretamente das administrações públicas (i311), sendo 13% de nível federal, a maioria (50%) dos governos provinciais e 38% dos municípios (Q24).

Passando aos apoios públicos não financeiros (i313, Q25), 71% das Federações Provinciais neozelandesas recebem apoio municipal (Q27), assim como 75% das sulafricanas. Já 50% das equipas do NRC australiano, o apoio vem de nível federal, através da (Q26) disponibilização de campos para treino⁹⁵ (67%) e permuta de passagens aéreas (33%). Voltando aos outros dois países, o tipo de apoio (Q26) é similar, com estádios municipais sendo disponibilizados (40% e 42%, respectivamente), assim como os seus escritórios (40% e 25%) e seus campos de treino (20% e 8%).

4.4 Tier 4 (Clubes Amadores)

No caso do Clubes Amadores a nossa hipótese confirma-se quase na totalidade na totalidade (Canberra é a exceção). Importante será referir que todos os apoios financeiros encontrados na pesquisa aos Clubes amadores são de *Gaming Trusts/Grants/Lotto* (i312), nos três países (100%, na Q23).

⁹⁴ Como já foi referido, na Nova Zelândia não existem os 03 níveis de governo que imperam nos outros dois países pesquisados. Logo, quem apoia as federações provinciais (que já ousámos dizer que são mais municipais/distritais do que provinciais) são as administrações municipais onde estão sediadas as mesmas. Neste caso, são os decisores locais dos *Gaming Trusts* que decidem apoiar financeiramente as mesmas.

⁹⁵ Campos de treino da Sydney University.

Carlton League (Pretória)

Um dos dois clubes pesquisados recebe verbas financeiras (i312, Q22) do *Lotto* (Q23), de origem provincial (Gauteng) (Q24). No entanto, nenhum dos clubes recebe qualquer apoio não financeiro (i313, Q25).

Pirates Grand Challenge (Johannesburg)

Um dos dois clubes pesquisados recebe verbas financeiras (Q22) através do *Lotto* (i312, Q23), de origem provincial (Gauteng) (Q24). E o mesmo clube usufrui (i313, Q25) de um Estádio, com seus escritórios e seus campos de treino (Q26), cedidos pela administração local (Q27).

Saty League (Bloemfontein)

O único clube pesquisado recebe verbas financeiras (Q22) do *Lotto* (i312, Q23), de origem provincial (Free State) (Q24). E o mesmo clube usufrui (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), cedidos pela administração local (Q27).

Shute Shield (Sydney)

44% dos oito clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Grants* (i312, Q23), de origem estadual (NSW) (Q24). E 56% desses clubes usufruem (i313, Q25) de um Estádio, com seus escritórios e seus campos de treino (Q26), sendo 80% destes cedidos pelas administrações locais (Q27), gratuitamente ou a preços bem abaixo do mercado. O único clube que o seu apoio não é "local" é o clube universitário, que usufrui das instalações "federais" da Sydney University.

Queensland Premiership (Brisbane)

Todos os cinco clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Grants* (i312, Q23), sendo 60% de origem estadual (QLD) (Q24) e os outros 40% de origem local (Brisbane). E 40% desses clubes usufruem (i313, Q25) de um Estádio, com seus escritórios e seus campos

de treino (Q26), todos eles cedidos pelas administrações locais (Q27), gratuitamente ou a preços bem abaixo do mercado.

John I Dent Cup (Canberra)

Conforme citado acima, na Capital Federal australiana dá-se um caso peculiar, de nenhum dos dois clubes pesquisados ter qualquer apoio público, financeiro (i312, Q22) nem não financeiro (i313, Q25).

North Harbour Premier (zona a norte da Baía de Auckland. Sede: Albany)

Os dois clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Albany) (Q24). Também os dois clubes usufruem (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), todos eles cedidos pela administração local (Q27).

Gallaher Shield (Auckland)

Os três clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Auckland) (Q24). Também os três clubes usufruem (i312, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), todos eles cedidos pela administração local (Q27).

McNamara Cup (a região sul de Auckland. Sede: Pukekohe)

Os dois clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Pukekohe) (Q24). Mas apenas um dos dois clubes usufrui (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), cedidos pela administração local (Q27).

Waikato Premier (capital e sede: Hamilton)

Os dois clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Hamilton) (Q24). Também os dois clubes usufruem (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), sendo que um deles é cedido pela administração local (Q27) e o outro pela Waikato University (apoio "federal").

Hankins Shield (Sede: Palmerston North)

Os dois clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Palmerston North) (Q24). Também os dois clubes usufruem (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), sendo que um deles é cedido pela administração local (Q27) e o outro pela Massey University ("federal"). Este último também se utiliza dos autocarros/ônibus da universidade, para deslocções.

Jubilee Cup (Wellington)

Os dois clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Wellington) (Q24). Mas apenas um dos dois clubes usufrui (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), cedidos pela Victoria University (Q27, "Federal").

Hawkins Cup (Christchurch)

Os quatro clubes pesquisados recebem verbas financeiras (Q22) através de *Gaming Trusts* (i312, Q23), todos de origem local (Christchurch) (Q24). E todos os quatro clubes usufruem (i313, Q25) de dois campos para treino e jogos, além da sua manutenção (Q26), dois deles cedidos pela administração local (Q27), e os outros dois pelas suas Lincoln University e University of Canterbury ("Federais").

4.5 Síntese conclusiva (H¹)

No presente Capítulo esteve em discussão a Hipótese, cujo pressuposto apontava para que **"As grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções distritais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas"**.

Tendo por base a análise dos resultados realizada, podemos concluir que, nos três países em observação há uma tendência para os apoios públicos (V31) se centrarem no rugby amador (*Tiers* 4 e 3 - semiprofissional), e deixar o rugby profissional (*Tiers* 1 e 2) conquistar os seus apoios na sociedade civil ou de iniciativa privada (V32).

Ao nível das Federações Nacionais (*Tier* 1), verificaram-se apoios financeiros públicos (i311/i312) muito reduzidos nos três casos - entre 2,65% e 2,85% das suas receitas totais - principalmente após o retorno do rugby (de sete) ao programa olímpico. E apenas a NZRU afirmou ter recebido algum apoio não financeiro (i313), referente a um evento específico (o Mundial de Juniores).

No *Tier* 2 verificamos que apenas uma (de dez) franquia profissional – os Cheetahs, de Bloemfontein – recebe verbas públicas (i312), mas ainda assim de apenas 8% das suas receitas totais. As diferenças ocorrem apenas nos apoios não financeiros (i313). Duas franquias de cada um dos três países afirmam não ter quaisquer apoios, mas duas neozelandesas confessam usufruir de instalações locais para seus Centros de Alto Rendimento. Uma franquia sulafricana tem o apoio do governo da província de Free State, na forma de utilização do Estádio e suas dependências, como sua sede. Finalmente, a franquia da capital australiana beneficia-se da utilização do Estádio "estadual", numa negociação que envolveu um investimento de AUD 35 milhões por parte da franquia, num Centro de Alto Rendimento, nos terrenos da Universidade de Canberra.

Já no *Tier* 3, sete em oito Federações Provinciais da NZ recebem através de *Gaming Trusts* (i312), assim como duas em oito sulafricanas recebem através do *Lotto* (i312), mas neste caso, apenas para o desenvolvimento do rugby amador, pois esses valores não podem ser usados nas suas equipas representativas (profissional). As equipas semi-profissionais do NRC australiano não podem receber ajudas públicas, mas as Federações Provinciais recebem *Grants* (i312) para o desenvolvimento do rugby amador.

Os apoios públicos não financeiros (i313) que descortinámos foram a utilização dos Estádios Municipais ou Estaduais, gratuitos ou a preços simbólicos. Com os Estádios, também os escritórios e os campos de treino fazem parte do apoio das entidades públicas. Isto ocorre

em cinco das oito Federações da NZ; em apenas uma das três australianas⁹⁶; e nas cinco Federações Provinciais sulafricanas que não têm Estádio próprio, ou seja todas as que precisam. É interessante que isto aconteça na África do Sul, quando nos outros países, as sete Federações Provinciais das cidades-sede das franquias profissionais (*Tier 2*) também não recebem essas cortesias públicas.

Finalmente, chegados no *Tier 4*, a dependência (i312) dos *Gaming Trusts* na NZ, do *Lotto* na AFS e dos *Grants* na Austrália é por demais evidente, e até perigosa, na medida em que o risco desses apoios financeiros acabarem será preponderante no rugby amador dos três países. O único caso em que as entidades locais não apoiam os clubes amadores locais é na capital australiana. E em consonância com o tratamento dado ao rugby provincial, a grande tendência é os clubes usufruírem de espaços públicos para seus treinos e jogos. Mais uma vez, o único caso em que as entidades locais não apoiam os clubes amadores locais é no Distrito Federal australiano.

O que se pretendeu mostrar na primeira Hipótese em discussão neste capítulo, foi que existe vontade política de ajudar um desporto importante como o rugby é nestes países, mas tal é vedado legalmente às estruturas profissionais (*Tiers 1 e 2*), pelo que os apoios públicos (financeiros e não financeiros) são canalizados para as estruturas amadoras (*Tiers 3 e 4*), que se tornam na base da estrutura integrada do rugby da SANZAR. Estes resultados corroboram com Louw (2002), ao referir que 10% da *Lotto* sulafricana era destinada, por Lei, às artes e desporto, a distribuir por *Non Profit Organizations*. Afirmção similar foi a de Tennant et al. (2006) sobre a situação análoga da Nova Zelândia, que Cordery & Davies (2016) corroboram indo um pouco mais longe, referindo que há uma enorme dependência desses *Gaming Trusts*, por parte dos clubes amadores, conforme nossa pesquisa também demonstrou. Também Fitzgerald (1997) e Burley & Joyce (2008) já haviam comprovado que os três países em questão têm um tratamento bem similar, nesta questão.

E tudo isto é coerente com a progressão de cada jogador, desde o amadorismo até ao patamar profissional, pois o caminho é bem claro. Conforme Figura 4 (página seguinte), quem se destacar nos seus Campeonatos Distritais/Municipais, durante o primeiro semestre, poderá ser selecionado para a equipa representativa da sua federação, ou ser contratado para jogar por uma equipa provincial mais fraca, durante o segundo semestre.

No ano seguinte, quem se tiver destacado nos Campeonatos Nacionais inter-Provinciais, poderá ganhar um contrato profissional numa franquia do Super Rugby, que joga

⁹⁶ Mas que, como já foi dito, faz parte de uma negociação paralela.

no primeiro semestre, concomitantemente ao rugby amador. E dos cerca de 175 profissionais de cada país, 30 a 35 serão selecionados para representarem as suas nações, durante o segundo semestre⁹⁷, simultaneamente aos Campeonato Nacionais semi-profissionais. Já os restantes 140 profissionais são distribuídos/contratados pelas equipas provinciais que irão disputar os 03 campeonatos Nacionais (Currie Cup sul-africana, ITM Cup neozelandesa e NRC australiano):

	Fevereiro a Julho	Agosto a Novembro
Seleções Nacionais	(recepção aos europeus - Junho 3 jogos)	Rugby Championship (6) e Digressão à Europa (4)
Franquias Profissionais	Super Rugby (15 a 18 jogos)	
Federações Provinciais		Currie Cup / ITM Cup / NRC (10 a 12 jogos)
Clubes Amadores	Campeonatos Distritais (18 a 21 jogos)	

Figura 4 - Calendário anual dos países da SANZAR

A minha percepção pessoal, embasada nestes últimos quatro anos de investigação e com quatro meses de imersão nas competições desses três países, foi que a novidade (para mim) desta integração quase-perfeita de calendários entre os 4 níveis competitivos é a principal responsável do sucesso desportivo internacional da SANZAR, o que me levou a ponderar em como poderei comprovar isto numa investigação-ação futura se porventura pudesse ser aplicado num outro país.

Terminamos assim este Capítulo, comprovando a maior facilidade de se conseguirem apoios públicos no rugby amador (ou semi-profissional) da SANZAR, e começamos no próximo a testar a nossa segunda hipótese.

⁹⁷ A exceção neste Calendário "quase-perfeito" é que as seleções europeias se deslocam ao hemisfério sul, para jogarem no final das suas temporadas, em digressões altamente patrocinadas e que geram enormes receitas de Estádio, de Patrocínios e de Direitos de TV. Estas digressões não ocorrem em ano de Mundial, por não haver "janela" no Calendário.

CAPÍTULO 5 - LIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DAS COMPETIÇÕES DE RUGBY NO HEMISFÉRIO SUL

Neste capítulo encontra-se em análise a segunda Hipótese de Investigação (H²) pressupondo que: "As competições limitadas geograficamente facilitam e potencializam o trabalho do *branding* das equipas".

O objetivo da pesquisa de Gerner-Nel (2004) era determinar a *Brand Awareness*, a *Brand Association*, a *Brand Loyalty* e a Qualidade Percecionada pelos consumidores das equipas provinciais, regionais e nacionais da África do Sul, para que assim conseguisse definir quais os valores de todas essas Marcas [*Brand Equities*]. Grosso modo, nesta nossa Hipótese, o que procurámos foi saber se as delimitações histórico-geográficas das competições da SANZAR, definidas no Capítulo 3, teriam facilitado o trabalho de construção das diferentes marcas, nomeadamente após o profissionalismo de 1996.

5.1. Sentido de Afiliação dos Entrevistados

Segundo Gerber-Nel (2004), os adeptos de rugby são pessoas que se identificam e seguem uma equipa de rugby dentro ou fora do campo, que podem comprar *merchandising* das equipas de rugby, comprar bilhetes de temporada ou avulsos, viajar assiduamente para assistir jogos da sua equipa de rugby (nos jogos "fora") e dedicar tempo social significativo assistindo, visionando e discutindo sobre uma equipa de rugby com outras pessoas comprometidas e dedicadas à mesma ou a outras equipas de rugby.

Assim, inicialmente, precisámos conferir se no perfil dos entrevistados haveria uma forte ligação com alguma Marca (*Brand*). O que foi feito, através das questões Q79 (i671, nível de adepto), Q84 (i672, tempo de adepto), Q86 (i673, visionamento de jogos, ao vivo ou pela TV), Q87 (i673, visionamento ao vivo), Q88 (i622, disposição para pagar por um bilhete da sua equipa) e Q89 (i622, disposição para pagar por uma camisola da sua equipa), conforme Tabela 8 (página seguinte).

Quanto à questão Q79, é fácil constatar que todos os entrevistados se consideram fortes adeptos de rugby (i671). Numa escala de 1 (nada interessado em rugby),

e 5 (fanático por rugby), todos os entrevistados sulafricanos responderam "5". Já os australianos e neozelandeses se confessaram ligeiramente menos fanáticos, mas ainda assim com uma média geral de 4,6 e 4,7, respectivamente.

Tabela 8 - Nível de suporte/torcida por "rugby"

Q1	Q6	Amostra	Q79	Q84	Q86	Q87	Q88	Q89
		n	Support	yrs	Watch	Live	Ticket	Jersey
Australia	Super Rugby	2	4,5	17,5	9,5	7,5	\$34	\$85
	NRC	4	4,5	31,3	6,0	0,8	\$59	\$57
	Shute Shield	9	4,6	23,9	8,9	8,0	\$33	\$71
	QLD Premiership	5	4,8	29,2	9,4	3,4	\$25	\$89
	ACT Premiership	2	5,0	23,5	7,5	7,5	\$6	\$53
	subTotal	22	4,6	25,8	8,4	5,5	\$34	\$72
New Zealand	Super Rugby	4	4,5	18,5	10,0	7,8	\$56	\$84
	ITM Cup	6	4,3	32,7	9,7	5,8	\$76	\$82
	Hawkins Trophy	5	4,6	23,6	8,4	4,6	\$49	\$83
	North Harbour Premier	2	5,0	46,5	9,5	2,5	\$77	\$78
	Manawatu Senior 1	2	5,0	37,5	9,5	5,0	\$101	\$64
	Jubilee Cup	1	5,0	47,0	10,0	1,0	\$67	\$67
	McNamara Cup	2	5,0	45,0	8,5	4,5	\$24	\$74
	Waikato Premier	1	5,0	20,0	6,0	6,0	\$0	\$101
	Gallaher Shield	3	4,7	41,0	7,7	2,3	\$63	\$90
	subTotal	26	4,7	32,2	9,0	4,9	\$61	\$81
South Africa	Super Rugby	2	5,0	52,5	10,0	10,0	\$13	\$43
	Currie Cup	6	5,0	33,6	8,6	4,9	\$14	\$46
	Carlton League	3	5,0	49,3	10,0	2,0	\$12	\$24
	Pirates Grand Challenge	1	5,0	38,0	10,0	1,0	\$72	\$144
	Saty League	1	5,0	30,0	10,0	4,0	\$36	\$43
	subTotal	13	5,0	39,7	9,3	4,6	\$19	\$48
Total		61	4,7	31,6	8,9	5,1	\$41	\$70

Escala Q79 - 1 (nada interessado em rugby) e 5 (fanático por rugby).

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Há no entanto que destacar que, em ambos esses países, o fanatismo (i671) aumenta ao "descermos" de nível organizacional, com os presidentes dos clubes amadores a registarem médias de 4,8 e 4,9 , respectivamente, destacando que apenas nos grandes centros - Sydney e Brisbane na Austrália, e Auckland e Christchurch na Nova Zelândia - houveram respostas "4", sendo "5" em todas as outras cidades.

A explicação poderá estar relacionada com os níveis superiores, onde também existiram alguns adeptos de nível "4". Uma das constatações que fiz nesta Pesquisa de Campo, foi que vários CEOs, apesar de serem confessos adeptos de rugby (i671), tinham sido contratados em grandes empresas, vindos de grande experiência profissional, nomeadamente comercial, não relacionada ao rugby. Esta poderá ser uma das explicações do "4" versus "5" dos presidentes de clubes amadores, o que também é congruente com a paixão sulafricana (i671), dado que os CEOs que entrevistei eram advindos do meio rugbístico.

Na sequência, e após perguntarmos qual era o seu time do coração (Q83), verificámos que todos eram adeptos do mesmo há mais de 20 anos (i672, Q84), exceto - mais uma vez - alguns dos CEOs do Super Rugby (*Tier 2*) australianos e neozelandeses, o que também é consistente com o parágrafo anterior. De notar que os todos os inquiridos sulafricanos têm para mais de 30 anos de paixão pelo seu time (i672), com os mais idosos a registarem mais de 50 anos de torcida. Curiosamente (ou não), estes são os CEOs de Super Rugby entrevistados, o que também é consistente com a explicação que vem sendo defendida.

A forma como a sua torcida é exercida (i673) pode ser verificada nas Q86 e Q87, pois na média, eles confessam ver 89% dos jogos da sua equipa, sendo que essa média cai para um pouco mais da metade (51%), quando perguntados se esses jogos são visionados ao vivo. A explicação principal terá a ver com a moradia atual ser diferente da do seu time do coração. Isso é consistente com as altas percentagens (75%, 78% e 100%) dos CEOs do Super Rugby que, por obrigação profissional, acabam por seguir as suas Franquias ou os jogos das suas Seleções Nacionais. Ou com os presidentes de clubes amadores de Sydney e Canberra (Austrália), que torcem pelos seus próprios clubes.

Para este efeito, as questões Q88 e Q89 serviram apenas de controle, para verificar se havia consistência nas respostas anteriores. A razão de não podermos tirar conclusões destas questões prendem-se com as diferenças cambiais, especialmente relativamente ao Rand sulafricano, mas também às grandes diferenças entre os valores de jogos e camisolas serem de nível 1 (*Tier 1*), 2, 3 ou 4 (pois o time do coração pode ser de qualquer nível).

5.2. Atitude Perante a Indústria do Rugby

Considerámos importante aprofundar qual o entendimento pessoal que cada um dos inquiridos teria perante a indústria do rugby (i674), como produto. Isso foi conferido através das Q93.1, Q93.3, Q93.5, Q93.7, Q93.9, Q93.10, Q93.11, conforme a Tabela 9.

Tabela 9 - Atitude perante a indústria do rugby da SANZAR

Q93.1, Q93.3, Q93.5, Q93.7, Q93.9, Q93.10, Q93.11	Min	Max	X	SD
Rugby is run professionally in South Africa/Australia/New Zealand	1	5	2,0	1,0
Rugby should be managed like a business	1	5	1,4	0,7
We have loads of rugby talent in South Africa/Australia/New Zealand	1	4	1,4	0,7
I feel positive about the future of South African/Australian/New Zealand rugby	1	4	2,0	0,9
South Africa/Australia/New Zealand has rugby coaches of international standard	1	3	1,4	0,6
South Africa/Australia/New Zealand can win the next rugby world cup	1	5	1,7	0,9
South African/Australian/New Zealand rugby has a lot of "flair"	1	4	2,0	0,9

Escala: de 1-"strongly agree" (concordo totalmente) a 5-"strongly disagree" (discordo totalmente)

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

As respostas variaram de "concordo totalmente" (1) a "discordo totalmente" (5) em todas as questões abordadas (i674). Os inquiridos parecem manifestaram-se bem positivos acerca do futuro do rugby do hemisfério sul (2,04), pois acreditam que há uma abundância de talento local (1,43), que têm treinadores de topo internacional (1,46) e que poderiam ganhar a Copa do Mundo de 2015 (1,70)⁹⁸.

Aparentemente, os entrevistados tendem a afirmar que é importante que o rugby tenha uma gestão profissional (1,44), mas nem todos acreditam que isso ocorra (2,02). Finalmente, a questão com resposta média menos concordante, mas ainda assim bem positiva (2,07), prende-se com a habilidade inata para o rugby, destes povos (que é uma imagem que o resto do Mundo tem).

5.3. *Brand Awareness* [consciência ou conhecimento de uma Marca]

De modo a aprofundarmos o *Brand Awareness* começámos por analisar os dados das Q80-82 (i641, i642 e i643) e Q83, respondidas em cada espaço geográfico delimitante das diferentes competições, cruzando a dimensão das Competições (D2) - tendo como variável independente a Q6 ("qual a sua competição?") - com a dimensão de *Branding* (D6). É importante referir que Gerber-Nel (2004) nos previne que resultados recentes podem ter enviesado algumas respostas.

⁹⁸ Será de ter em conta algum possível enviesamento nesta questão, pois: i- todas as entrevistas na Austrália foram antes do Mundial, mas após o Rugby Championship ganho pelos Wallabies; ii- as entrevistas na Nova Zelândia foram feitas durante o Mundial, que estava a ser dominado pelos All Blacks; iii- as entrevistas na África do Sul foram todas após os Springboks ultrapassarem os quartos de final; iv- o Mundial 2015 terminou com a vitória dos All Blacks, com os Wallabies em segundo e os Springboks em terceiro.

5.3.1. Tier 1 - Rugby Championship

Dado que a nossa Pergunta de Partida era "Porque as nações da SANZAR ganham tão consistentemente ?", é natural que tenha havido algum enviesamento nestas respostas, com essas três nações a serem as mais citadas (i641). No entanto, é de referir que 66 das 66 respostas válidas tenham citado a seleção da Nova Zelândia (ver Tabela 10), mas que os outros dois países da Pesquisa tenham tido menos 13,6 % de citações. Curioso que a presença da Inglaterra, o ex-colonizador e ainda hoje "chefe" da Comunidade Britânica, seja similar ao diferencial entre as citações dos All Blacks e os outros dois adversários "sulistas". Será importante também destacar a alta taxa de conhecimento das cores e logós (i645), tanto da sua seleção, como das outras.

Tabela 10 - citação de três seleções nacionais de rugby, suas cores e logotipo

Q82	n	Team Colours	Team Colours (Wrong %)	Team Logo	Team Logo (Wrong %)
All Blacks	66	Black	2%	Silver Fern	6%
Wallabies	57	Gold & Green	2%	Wallaby	9%
Springboks	57	Green & Gold	2%	Springbok	2%
(England)	9	White	0%	Rose	0%
(Ireland)	2	Green	0%	Clover	0%
(Argentina)	1	Blue & White	0%	Puma	0%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas

Relativamente à segunda Hipótese em teste, e apesar do já referido possível enviesamento, há uma clara relação entre as citações dos três países participantes na competição "Rugby Championship" (i641), e o conhecimento das suas marcas, através das cores e logós (i645).

5.3.2. Tier 2 - Super Rugby

A apresentação desta Tabela 11 (página seguinte) está dividida nas cinco franquias profissionais de cada um dos três países (NZ, Austrália, África do Sul), de forma decrescente no número de citações (i642).

Cada inquirido foi desafiado a citar três franquias (i642), independentemente do seu país, pelo que existe algum enviesamento por país, dado que conseguimos 25 respostas válidas na Nova Zelândia, 27 na Austrália e apenas 14 na África do Sul. No entanto, os dados são claros

no que se refere às franquias do Super Rugby mais famosas em cada país: Crusaders (Nova Zelândia), Brumbies (Austrália) e Stormers (África do Sul).

Tabela 11 - Citação de três franquias do Super Rugby, suas cores e logotipo

Q80	n	Team Colours	Team Colours (Wrong %)	Team Logo	Team Logo (Wrong %)
Crusaders	37	Red & Black	8%	Crusader	30%
Chiefs	17	Red, Black & Yellow	0%	Chief	29%
(Highlanders)	15	Blue or Green	7%	Highlander	13%
Hurricanes	13	Yellow & Black	0%	Hurricane	38%
Blues	12	Blue	0%	Rangitoto Island	25%
Brumbies	23	White, Yellow & Black	0%	Brumbie	13%
Waratahs	21	Light Blue	0%	Waratah	5%
Reds	20	Red	0%	Coala	15%
(Rebels)	7	Navy Blue	0%	M five-stars	0%
(Force)	2	Blue	100%	Black Swan	100%
(Stormers)	11	Blue	9%	Storm	27%
Bulls	10	Blue	10%	Bull/Horns	10%
Lions	5	Red & White	0%	Lion	0%
Cheetahs	3	Orange or White	0%	Cheetah	0%
(Sharks)	1	Black	100%	Shark	100%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas

Quanto aos Crusaders, a diferença de citações é enorme, pelo que os dados (i642) não deixam margem para dúvidas (de ser a Franquia mais famosa da NZ); relativamente às citações (i642) dos Stormers, trata-se de uma franquia de Cape Town, onde não ocorreu nenhuma entrevista, pelo que as dúvidas também não subsistem (de ser a Franquia mais famosa da AFS); e os Brumbies são de Canberra, onde houveram menos entrevistas do que em Sydney e Brisbane, pelo que o resultado (i642) também prevalece consistente (de ser a Franquia mais famosa da Austrália).

Como o Super Rugby somente se iniciou em 1996, foi importante verificarmos se as marcas dos seus integrantes já eram bem reconhecidas (i645) pelos inquiridos. No quesito "Cor", destacam-se nove (60% das 15 franquias) com a totalidade de respostas corretas, e percentagens de erro muito baixas (erros de 7-10%) em outras quatro (26,7% das franquias). A percentagem de 100% de erro dos Force poderá ser explicada pelos seus fracos resultados

históricos, e sua mais recente entrada na competição (apenas em 2006), além de que não podemos esquecer que é de uma cidade - Perth - que não foi visitada na nossa Pesquisa de Campo. Já a percentagem de erro dos Sharks pretos (100%) deverá ser explicada pela confusão com a dos Natal Sharks preto-e-brancos (equipa provincial), que Gerber-Nel (2006) pontifica e critica no seu "Brand confusion in South African rugby - Super 12 brands vs Currie-cup brands?".

Esta explicação é consistente com os quatro casos de baixos erros, encontrados em quatro cidades onde as marcas provinciais (todas centenárias) poderão ter sido confundidas: em Christchurch, os Crusaders vestem de vermelho e preto, enquanto a equipa provincial de Canterbury usa o vermelho-preto e branco; os Highlanders usam alternadamente o azul (jogos em casa) e o verde (fora), enquanto que a província de Otago, também com sede em Dunedin, usa sempre azul; os Stormers de Cape Town usam azul, enquanto que Western Province veste azul e branco há mais de cem anos; já o erro com os Bulls de Pretória somente se justifica por desconhecimento, pois não existe essa diferença na equipa provincial dos Blue Bulls.

Quanto ao quesito "Logotipo", nota-se uma maior necessidade de trabalho de fortalecimento de marcas [*Brand*], pois apenas três (20%) franquias citadas tiveram os seus logotipos sempre corretamente associados (i645). Outras cinco (33,3%) franquias obtiveram erros negligenciáveis, entre 5-15% das respostas. E outras cinco (33,3%) franquias obtiveram erros entre 25-38% dos inquiridos, o que deve ser tomado como uma chamada de atenção aos seus gestores. Finalmente, as mesmas duas (13,3%) franquias que tinham sido citadas com as cores erradas, também tiveram os seus logotipos descritos incorretamente.

Relativamente à segunda Hipótese em teste, destaca-se um maior acerto (menor percentagem de erros) das cores e logos (i645) das franquias australianas e sulafricanas, o que pode ser explicado pela aproximação que as franquias têm às seleções provinciais (centenárias). Já as franquias neozelandesas registam uma boa consciência (i645) das suas novas marcas [*Brand Awareness*], no que às cores diz respeito, mas deverão continuar a trabalhar os seus logotipos, para desenvolverem as suas marcas. Assim, acreditamos existir uma boa relação entre as citações (i641) de treze das quinze (86,6%) franquias participantes na competição "Super Rugby", e o reconhecimento público das suas marcas (i645), através das cores e logos.

5.3.3. *Tier 3* - Provincial Rugby competitions (Currie Cup, ITM Cup e NRC)

Na análise deste terceiro nível (*Tier 3*) competitivo, devemos ter em conta e separar as históricas competições sulafricana (Currie Cup, desde 1889) e neozelandesa (NPC, desde 1976), da recentíssima australiana (NRC, apenas seis temporadas, desde 2014).

Tanto na África do Sul como na Nova Zelândia, as seleções provinciais jogam - formal ou informalmente - desde o século XIX. Na África do Sul, o campeonato nacional inter-provincial é disputado desde 1889, e na Nova Zelândia, as seleções provinciais disputam a Ranfurly Shield desde 1904. Portanto, as seleções provinciais - e suas marcas - têm uma origem e história que não existe no *Tier 3* australiano. Os inquiridos foram induzidos a citar equipas apenas da competição nacional do seu país (i643): NPC/ITM Cup neozelandesa, Currie Cup sulafricana ou NRC australiano.

Como se pode observar na Tabela 12 (na página seguinte), na África do Sul, cinco de quatorze (35,7%) foram citadas (i645), sendo que uma delas - Western Province, com sede em Cape Town - não foi visitada por nós, mas ainda assim é a segunda mais citada, logo atrás dos Blue Bulls, de Pretória.

Na outra província citada, mas não visitada, encontram-se os Natal Sharks, de Durban (capital da província administrativa de KwaZulu Natal), e à citação desta, um inquirido (25%) errou tanto nas cores como no logotipo (i645), o que pode ser explicado pela confusão que Gerber-Nel (2006) provou existir entre as marcas da Currie Cup (o nível/*Tier* competitivo que estamos a observar) e o Super Rugby (nível/*Tier* 2, já descrito acima). No caso, as cores desta equipa usadas nesta competição são o preto-e-branco (ao invés do preto total, no Super Rugby). Já o erro no logotipo, só pode ser derivado de puro desconhecimento, pois é exatamente o mesmo - uma animação de um tubarão [*shark*].

À parte dos Sharks, duas das outras províncias foram corretamente associadas às suas cores e logotipos (cf. Tabela 12, página seguinte), enquanto as duas restantes – as mais citadas Blue Bulls e Western Province – tiveram um equívoco nas cores (8%), o que é perceptível no segundo caso (azul-e-branco vs o azul no Super Ruby), mas surpreende nos Bulls, dado ser a mesma cor. Nos Bulls, há também uma incorreção na associação do logotipo (8%), que pode ser explicada pela alteração dos últimos anos, da histórica Margarida [*Daisy*] para a palavra "Blue Bulls" com cornos.

Finalmente, quem citou a Western Province apresentou 25% de desacertos no logotipo que, mais uma vez, pode ser explicada pela confusão das marcas que a mesma equipa usa em

diferentes competições: na Currie Cup, usa a flor Disa (uma espécie local de orquídea), e no Super Rugby, usa um "S" em forma de tempestade [*Storm*]. É, no entanto, de estranhar que, com três possibilidade de citação, os CEOs dos Leopards, Falcons, Gricquas, Griffons e Pumas não tenham citado as suas próprias equipas, e que as citações tenham se limitado às cinco equipas que também participam no Super Rugby.

Tabela 12 - Citação de três equipas Provinciais de rugby, sua cor e logotipo

Q81	n	Team Colours	Team Colours (Wrong %)	Team Logo	Team Logo (Wrong %)
Auckland	20	Blue & White	10%	ARU	40%
Canterbury	14	Red, Black & White	0%	Crest	29%
Wellington	9	Black	11%	Lion	22%
Counties Manukau	6	Red, Black & White	0%	Steeler	33%
Waikato	5	Red, White & Yellow	0%	Mooloo Man	40%
North Harbour	5	Maroon	0%	Hibiscus	0%
Northland	5	Light Blue	0%	Taniwha	40%
(Otago)	4	Blue	0%	"O"	25%
(Tasman)	3	Blue & Red	33%	Mako	33%
Manawatu	3	Green	0%	Turbo	0%
(Hawke's Bay)	2	Black & White	0%	Magpie	0%
(Taranaki)	2	Black & Yellow	0%	Bull	0%
Blue Bulls	13	Blue	8%	Bull/Horns/Daisy	8%
(Western Province)	12	Blue & White	8%	Disa Flower	25%
Golden Lions	9	Red & White	0%	Lion	0%
FS Cheetahs	4	Orange or White	0%	Cheetah	0%
(Natal Sharks)	4	Black & White	25%	Shark	25%
Brisbane City	12	Yellow	25%	City Hall	42%
NH Rays	12	Harlequin	33%	Sting Ray	17%
Greater Sydney Rams	12	Orange & Blue	42%	Ram	8%
QLD Country	9	Dark Purple	11%	"Q"	33%
Canberra Vikings	9	White, Blue, Yellow	11%	Viking	11%
NSWC Eagles	9	Black & Yellow	11%	Eagle	22%
(Melbourne Rising)	7	Pink & Blue	0%	"Rising"	86%
Sydney Stars	6	Blue & Yellow	0%	Star	17%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas.

Na Nova Zelândia ocorreu o contrário, com uma boa dispersão de 12 citações (85,7%), em 14 participantes (as duas omissas são de cidades não visitadas), com três províncias não

visitadas sendo também citadas (i643). Auckland destacou-se como a província mais citada, o que pode ser explicado pelos seus 17 títulos e/ou suas defesas/desafios do Ranfurly Shield. Das 12 equipas citadas, nove (75%) tiveram as suas cores corretamente associadas (i645); duas (16,6%) apresentaram erros negligenciáveis (erro até 11%) e uma com erro "mediano" de 33%, que deve ser trabalhado. Já quanto aos logotipos, quatro equipas (33% das 14) foram corretamente associadas, mas todas as outras obtiveram percentagens não negligenciáveis, entre 22% e 40% de equívocos. Cinco destas equipas podem explicar essa discrepância, por serem equipas das mesmas cidades-sede das franquias do Super Rugby - o que deve ser trabalhado - mas, tanto Counties Manukau quanto Northland e Tasman, deveriam concentrar algum esforço numa melhoria do reconhecimento (i645) dos seus logotipos.

Chegamos então à análise da nova competição australiana que, como referimos, deverá ter o seu histórico muito recente levado em conta. Previsivelmente, o campeão da única temporada do NRC no ano anterior a esta pesquisa, Brisbane City foi o mais citado (i643), acompanhado dos North Harbour Rays e dos Greater Sydney Rams. Como se pode observar na Tabela 12, foi interessante verificar que oito (88,8%) das nove equipas participantes foram citadas e que duas delas (25% das citadas) tiveram as cores (i645) corretamente designadas, com outras três (33,3%) com apenas um desacerto (ou 11% de desacerto), o que é negligenciável.

As restantes quatro (50%) equipas obtiveram equívocos entre 25%-42%, pelo que devem trabalhar a associação (i645) das suas cores à sua marca. Já quanto aos logotipos, nenhuma equipa se pode orgulhar de um inquérito perfeito, sendo que quatro (50%) delas já chegaram num nível de consciência de marca com erros entre 8%-17%. Outras três (37,5%) estão num patamar de equívoco entre 22%-42%, pelo que devem fortalecer o trabalho de *branding* nos seus logos, assim como os Melbourne Rising o devem fazer, dado que apenas um (14,3%) dos que citaram essa equipa conseguiram designar corretamente o seu símbolo.

Relativamente à segunda Hipótese em teste, destaca-se um maior acerto (menor percentagem de erros) das cores e logos (i645) das províncias sulafricanas e neozelandesas, o que denota uma relação com o pouco mais de um século das suas competições nacionais inter-provinciais. Ainda assim, as províncias neozelandesas registam uma boa consciência (i645) das suas marcas [*Brand Awareness*], no que às cores diz respeito, mas deverão continuar a trabalhar os seus logotipos, para desenvolverem as suas marcas (curiosamente, assim como acontece com as franquias do Super Rugby), pois acreditamos existir uma boa relação entre as citações de

doze das quatorze (85,7%) participantes na competição "NPC - ITM Cup", e o reconhecimento público das suas marcas (i645), através das cores e logos.

Os melhores resultados de *Brand Awareness* registaram-se nas cinco províncias sulafricanas, mas a competição "Currie Cup" em si deveria entender o porquê de apenas essas cinco (35,7%) das suas quatorze equipas terem sido citadas (i643), curiosamente as mesmas cinco que participam do Super Ruby. Quanto ao NRC australiano, ainda é muito cedo para se fazerem análises definitivas, mas alguns indicadores já mostram quais as marcas que já vão sendo reconhecidas (i643), e quais as que devem trabalhar o seu *branding* (i645).

5.4. *Brand Association* [associação a uma Marca]

Para estudar a *Brand Association* [associação a uma Marca] analisámos as Q83 (i661) e Q90-92 (i662), respondidas dentro de cada espaço geográfico delimitante das diferentes competições, cruzando a dimensão das Competições (D2) - considerando como variável independente a Q6 ("qual a sua competição ?") – com a dimensão de *Branding* (D6).

Como se pode observar na Tabela 13 (página seguinte), das 67 respostas válidas a "Qual a equipa por quem você torce pessoalmente ?" (i661), 26 eram neozelandeses, 27 australianos e 14 sulafricanos.

Dos 27 australianos, 56,0% confessaram ser adeptos (i661) do seu clube amador, 16,0% torciam ou pelos Wallabies (selecção nacional) ou pelos Brumbies (franquia do Super Rugby). Outras franquias do Super Rugby tinham, em conjunto, 12,0% de apoiantes, e nenhum australiano torce apaixonadamente por alguma equipa do NRC (cf. Tabela 13, página seguinte). Dos 26 neozelandeses, 46,4% são loucos pelos All Blacks (i661), enquanto 10,7% preferem torcer pelos Crusaders e outros 10,7% por algum das outras quatro franquias do Super Rugby. Já 17,9% são adeptos da sua selecção provincial, e apenas 14,3% confessa seguir o seu clube amador (cf. Tabela 13, página seguinte).

Na África do Sul, também a selecção nacional é a preferência principal (i661), com 35,7% das 14 respostas. Logo atrás vêm os Bulls com 21,4%, valor idêntico ao das outras quatro franquias do Super Rugby somadas entre si. As seleções provinciais ainda têm 14,3% das preferências, mas nenhum inquirido vê o seu clube amador como primeira opção de torcida (cf. Tabela 13, página seguinte).

Tabela 13 - Equipa favorita

Q83		Australia		New Zealand		South Africa	
		f	%	f	%	f	%
Tier 1	New Zealand	2		10	46,4	1	
	Australia	4	16,0				
	South Africa			1		5	35,7
Super Rugby	Crusaders			3	10,7		
	Other NZ teams			3	10,7		
	Brumbies	4	16,0				
	Other AUS teams	3	12,0				
	Bulls					3	21,4
	Other S.Africa teams					3	21,4
Provincial Teams	ITM Cup teams			5	17,9		
	Australian NRC teams	0					
	Currie Cup teams					2	14,3
Amateur Clubs	Australian	14	56,0				
	New Zealand			4	14,3		
	South Africa					0	
n =		27		26		14	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

5.4.1. Tier 1 - Rugby Championship

Para aferir as associações que os inquiridos estabelecem com as suas equipas/marcas preferidas (i661), foram feitas três questões (i662): Q90 - qual a primeira coisa de que se lembra, quando pensa na... (equipa favorita) ?; Q91 - complete a frase: a (equipa favorita) é.... ?; Q92 - o que a sua (equipa favorita) tem de único/especial ?

Começamos com a análise no *Tier 1*, com as associações estabelecidas pelos adeptos dos All Blacks (selecção neozelandesa), Wallabies (australiana) e Springboks (sulafricana). Na Tabela 14 (página seguinte) encontram-se as associações relativas aos adeptos dos All Blacks. De todos os neozelandeses (ver Tabela 13, p. 123), treze (46,4%) responderam que eram adeptos da selecção nacional neozelandesa (i661). A associação natural (i662) que a maioria dos seus torcedores (53,85%) fazem, nas três questões (ver Tabela 14, página seguinte), é de que os All Blacks são uma equipa de sucesso (*"To Win, Success, the Best Team in the World, successfull, History of Success"*).

Tabela 14 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos All Blacks

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the ALL BLACKS ?		Complete the sentence: The ALL BLACKS are...		What is most unique about the ALL BLACKS ?	
	F	%	F	%	F	%
To Win, "Success"	7	53,85				
My Love for Rugby	2	15,38				
Colour (eg. Black), Logo, Jersey	2	15,38				
A Great team	1	7,69				
my Country	1	7,69				
...the Best Team in the World			6	46,15		
...successfull			2	15,38		
...Passionate			2	15,38		
...a Great Team			1	7,69		
...the National Rugby Team			1	7,69		
...the People's team			1	7,69		
History of Success					7	53,85
Pride they show in the Jersey					2	15,38
the Haka					2	15,38
They represent my Country					1	7,69
they Unify a Country					1	7,69
n =	13		13		13	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Na Tabela 15 (página seguinte) encontram-se as associações relativas aos adeptos dos *Wallabies*. De todos os australianos, quatro (16,0%) responderam que eram adeptos da seleção nacional australiana (i661) (cf. Tabela 13, p.123). A associação natural (i662) que a maior parte dos seus torcedores (50,0%) fazem, nas três questões, é de que os *Wallabies* são uma equipa com uma performance desportiva abaixo do que seria possível ("*Disappointment, finnally hitting their strenght, Difficulty on hitting their strenght*").

Por fim, na Tabela 16 (página seguinte), encontram-se as associações relativas aos adeptos dos *Springboks*. De todos os sulafricanos, seis (35,7%) responderam que eram adeptos da seleção nacional sulafricana (i661) (cf. Tabela 13, p. 123). A associação (i662) que a maior parte dos seus torcedores fazem é díspar, nas três questões. No entanto, é de destacar as respostas (25-33%) de que os *Springboks* são uma equipa com uma história de sucesso, mas com performance desportiva recente abaixo do que seria esperado ("*To Win, Success, Power/Strengh, the Best Team in the World, finnally hitting their strenght, History of Success*").

Tabela 15 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos Wallabies

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the WALLABIES ?		Complete the sentence: The WALLABIES are...		What is most unique about the WALLABIES ?	
	f	%	f	%	f	%
Disappointment	1	25,0%				
a Player (my son, Gregan, Larkham, Umaga...)	1	25,0%				
Team Work	1	25,0%				
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	1	25,0%				
...finnally hitting their strenght			2	50,0%		
...a Great Team			1	25,0%		
...the National Rugby Team			1	25,0%		
Difficulty on hitting their strength					1	25,0%
They represent my Province					1	25,0%
a Team that provides Joy & Frienship					1	25,0%
They represent my Country					1	25,0%
n =	4		4		4	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Tabela 16 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos Springboks

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the SPRINGBOKS?		Complete the sentence: The SPRINGBOKS are...		What is most unique about the SPRINGBOKS?	
	f	%	f	%	f	%
My Love for Rugby	2	50,0%				
To Win, "Success"	1	25,0%				
Power / Strengh	1	25,0%				
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	1	25,0%				
Playing Style	1	25,0%				
...the Best Team in the World			2	33,3%		
...finnally hitting their strenght			2	33,3%		
...a good team together			1	16,7%		
...the National Rugby Team			1	16,7%		
Different Cultures in ONE Team					2	33,3%
Style of Play					1	16,7%
History of Success					1	16,7%
Culture					1	16,7%
They represent my Country					1	16,7%
n =	6		6		6	

5.4.2. Tier 2 - Super Rugby

No *Tier 2*, analisámos respetivamente as associações estabelecidas pelos adeptos das franquias do Super Rugby neozelandesas, australianas e sulafricanas.

Como vimos, de todos os neozelandeses, seis (21,4%) responderam que eram adeptos de uma das cinco franquias neozelandesas do Super Rugby (i661), com metade seguindo os Crusaders (cf. Tabela 13, p. 123). Mais uma vez, a associação (i662) que a maioria dos seus torcedores fazem (33-40%), nas três questões (ver Tabela 17), é de que a sua franquia é uma equipa de sucesso ("*To Win, A Great team (2x), History of Success*").

Tabela 17 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das franquias NZ do Super Rugby

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the CRUSADERS, CHIEFS, BLUES or HIGHLANDERS?		Complete the sentence: The CRUSADERS, CHIEFS, BLUES or HIGHLANDERS are...		What is most unique about the CRUSADERS, CHIEFS, BLUES or HIGHLANDERS?	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
To Win, "Success"	2	33,3%				
A Great team	2	33,3%				
Good Times	1	16,7%				
Playing Style	1	16,7%				
...a Great Team			2	40,0%		
...Most Entertaining Team in Country			1	20,0%		
...the Best Team in the World			1	20,0%		
...the People's team			1	20,0%		
History of Success					2	33,3%
Culture					2	33,3%
Success WITHOUT All Blacks					1	16,7%
They represent my Country					1	16,7%
n =	6		5		6	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Como referimos, de todos os australianos, sete (28,0%) responderam que eram adeptos de uma das cinco franquias australianas do Super Rugby (i661), e desses, 16% seguem os Brumbies (cf. Tabela 13, p. 123). Neste caso, a associação (i662) que a maior parte dos seus torcedores fazem é díspar, nas três questões (ver Tabela 18, página seguinte). No entanto, são de destacar as respostas (28,6-42,9%) que trazem à tona elementos das suas marcas e culturas ("*Colour, Logo, Jersey, Playing Style, Culture*").

Tabela 18 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das franquias australianas do Super Rugby

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the REDS, WARATAHS or BRUMBIES?		Complete the sentence: The REDS, WARATAHS or BRUMBIES are...		What is most unique about the REDS, WARATAHS or BRUMBIES?	
	F	%	F	%	F	%
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	2	28,6%				
Playing Style	2	28,6%				
a Player (my son, Gregan, Larkham, Umaga...)	1	14,3%				
Problems to be fixed / "Mayhem"	1	14,3%				
Disappointment	1	14,3%				
...successfull			2	28,6%		
...the Best Team in the World			2	28,6%		
...difficult / frustrating			2	28,6%		
...Rugby			1	14,3%		
Culture					3	42,9%
Tradition					2	28,6%
a Team that provides Joy & Frienship					1	14,3%
Difficulty on hitting their strenght					1	14,3%
n =	7		7		7	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Como já mencionámos, de todos os sulafricanos, seis (42,9%) responderam que eram adeptos de uma das cinco franquias sulafricanas do Super Rugby (i661), com metade seguindo os Bulls (cf. Tabela 13, p. 123). A associação (i662) que a maior parte dos seus torcedores fazem é díspar, nas três questões (ver Tabela 19, na página seguinte). No entanto, são de destacar as respostas (33,3-66,7%) que trazem à tona elementos das suas marcas e culturas ("*Playing Style, Culture*"), mas também de um passado de sucesso ("*finnally hitting their strenght, History of Success*").

Tabela 19 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das franquias sulafricanas do Super Rugby

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the STORMERS, BULLS, LIONS or CHEETAHS?		Complete the sentence: The STORMERS, BULLS, LIONS or CHEETAHS are...		What is most unique about the STORMERS, BULLS, LIONS or CHEETAHS?	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Playing Style	4	66,7%				
My Love for Rugby	2	33,3%				
...finnally hitting their strenght			3	50,0%		
...a Great Team			1	16,7%		
...Most Entertaining Team in Country			1	16,7%		
...my Team			1	16,7%		
History of Success					2	33,3%
Culture					2	33,3%
Style of Play					1	16,7%
a Team that provides Joy & Frienship					1	16,7%
n =	6		6		6	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

5.4.3. Tier 3 - Provincial Rugby competitions (Currie Cup, ITM Cup e NRC)

Ao nível do *Tier 3*, analisámos as associações nas competições de rugby Provincial, em particular pelos adeptos das seleções provinciais da NZ e Sulafricana. Nenhum inquirido designou uma equipa do National Rugby Championship australiano, pelo que não foi possível testar nenhuma associação a nenhuma dessas nove marcas (cf. Tabela 13, 123).

De todos os neozelandeses, cinco (17,9%) responderam que eram adeptos (i661) de uma das quatorze seleções provinciais neozelandesas do NPC/ITM Cup (cf. Tabela 13, 123). A associação (i662) que a maioria dos seus torcedores (20-60%) fazem, nas três questões (ver Tabela 20, página seguinte), é de que a sua província se associa a elementos das suas marcas ("*Colour, Logo, Jersey, a Player, Most Entertaining Team in Country, Style of Play*").

De todos os sulafricanos, dois (14,3%) responderam que eram adeptos de uma das quatorze seleções provinciais sulafricanas da Currie Cup (i661), com metade seguindo os Blue Bulls (cf. Tabela 13, p. 123).

Tabela 20 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das seleções provinciais da NZ

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of your NZ PROVINCIAL TEAM?	Complete the sentence: Your NZ PROVINCIAL TEAM are...	What is most unique about your NZ PROVINCIAL TEAM?
	<i>f</i> %	<i>f</i> %	<i>f</i> %
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	2 40,0%		
a Player (my son, Gregan, Larkham, Umaga...)	2 40,0%		
Good Times	1 20,0%		
...Most Entertaining Team in Country		1 20,0%	
...the Best Team in the World		1 20,0%	
...Passionate		1 20,0%	
...represent City/Province		1 20,0%	
...the People's team		1 20,0%	
Style of Play			3 60,0%
Different Cultures in ONE Team			1 20,0%
its Location / People			1 20,0%
n =	5	5	5

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

A associação (i662) que a maioria dos seus torcedores (50%) fazem, nas três questões (ver Tabela 21), é de que a sua província se associa a elementos das suas marcas ("*Colour, Logo, Jersey, Most Entertaining Team in Country, Style of Play, Stadium*").

Tabela 21 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos das seleções provinciais sulafricanas

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of the BLUE BULLS or FS CHEETAHS?	Complete the sentence: the BLUE BULLS or FS CHEETAHS are...	What is most unique about the BLUE BULLS or FS CHEETAHS?
	<i>f</i> %	<i>f</i> %	<i>f</i> %
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	1 50,0%		
Playing Style	1 50,0%		
...Most Entertaining Team in Country		1 50,0%	
...represent City/Province		1 50,0%	
Style of Play			1 50,0%
Stadium			1 50,0%
n =	2	2	2

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

5.4.4. Tier 4 - Campeonatos Amadores

Por fim, procedemos à análise das associações dos adeptos dos clubes amadores neozelandeses e australianos às equipas dos campeonatos amadores (*Tier 4*). Nenhum inquirido designou uma equipa de um Clube Amador sulafricano (cf. Tabela 13, p. 123), pelo que não foi possível testar nenhuma associação a nenhuma dessas marcas.

De todos os neozelandeses, quatro (14,3%) responderam que eram adeptos (i661) de um dos muitos clubes amadores neozelandeses dos 26 campeonatos provinciais (cf. Tabela 13, p. 123). Nestes casos, a associação (i662) que a maioria dos seus torcedores (50%) fazem, nas três questões (ver Tabela 22), é uma mistura entre cultura, camaradagem e sucesso ("*Colour , Logo, Jersey, a Great rugby club to be involved in, History of Success*").

Tabela 22 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos clubes amadores da NZ

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of your NZ AMATEUR CLUB?		Complete the sentence: Your NZ AMATEUR CLUB are...		What is most unique about your NZ AMATEUR CLUB?	
	<i>F</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	2	50,0%				
A Great team	1	25,0%				
Honest rugby side	1	25,0%				
...a Great rugby club to be involved in			2	50,0%		
...a good team together			1	25,0%		
...finnally hitting their strenght			1	25,0%		
History of Success					2	50,0%
Style of Play					1	25,0%
Different Cultures in ONE Team					1	25,0%
n =	4		4		4	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

De todos os australianos, quatorze (56,0%), ou seja, a maioria, responderam que eram adeptos (i661) de um dos clubes australianos dos campeonatos de Sydney, Brisbane ou Canberra (cf. Tabela 13, p. 123).

Neste caso, a associação (i662) natural que a maior parte dos seus torcedores fazem é peremptória (28,6-42,9%) (ver Tabela 23, na página seguinte), em aspectos que trazem à tona

elementos de camaradagem desportiva ("*My Love for Rugby, Community, a Great rugby club to be involved in, a Team that provides Joy & Friendship*").

Tabela 23 - Sentido de associação à equipa pelos adeptos dos clubes amadores australianos

Q90, Q91, Q92	What is the first thing that comes to mind when you think of your AUSTRALIAN AMATEUR CLUB?		Complete the sentence: Your AUSTRALIAN AMATEUR CLUB are...		What is most unique about your AUSTRALIAN AMATEUR CLUB?	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
My Love for Rugby	4	66,7%				
Community	4	66,7%				
Good Times	2	33,3%				
Team Work	1	16,7%				
Problems to be fixed / "Mayhem"	1	16,7%				
Colour (eg. BLUE), Logo, Jersey	1	16,7%				
The Field	1	16,7%				
...a Great rugby club to be involved in			6	42,9%		
...successfull			2	14,3%		
...my Team			2	14,3%		
...finnally hitting their strenght			1	7,1%		
...difficult / frustrating			1	7,1%		
...Rugby			1	7,1%		
...fair			1	7,1%		
a Team that provides Joy & Frienship					5	35,7%
the Connection with Community					2	14,3%
its Location / People					2	14,3%
History of Success					2	14,3%
Culture					1	7,1%
6 Wallabies (2 Captains) from a small town					1	7,1%
Tradition					1	7,1%
n =	14		14		14	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) -*Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Relativamente à segunda Hipótese em teste, constata-se que nos níveis competitivos superiores (Rugby Championship e Super Rugby, ambas profissionais), existe uma associação (i662) de "Sucesso" às marcas, apesar de nem todas as equipas serem vencedoras. Pelo intermédio, temos associações à "Cultura" de cada equipa, especialmente no nível/*Tier* 3 (Currie Cup e NPC/ITM Cup). E no nível inferior (Clubes Amadores), a associação principal é a de "camaradagem e ambiente desportivo saudável".

Essas associações (i662) às marcas [*Brand Association*] parecem estar a ser corretamente desenvolvidas pelos marqueteiros, que entendem qual a posição da sua Marca (Equipa) no Mercado (nível da Competição), associando mais o "Sucesso" ao ambiente competitivo, a "Cultura" à forma de estar na competição, e a "Camaradagem desportiva" ao ambiente de competição amadora.

Os dados levam-nos então a concluir que, claramente, a delimitação dos níveis competitivos facilita o trabalho de *branding* de todas as equipas.

5.5. *Brand Loyalty* [Fidelidade a uma Marca]

Na análise da *Brand Loyalty*, a Fidelidade a uma marca, começámos por analisar os dados das Q83 e Q93.2 (i631), Q93.4 (i632), Q93.6 e Q93.8 (i633) do inquérito por questionário (cf. Anexo I), respondidos em cada espaço geográfico delimitante das diferentes competições, cruzando a dimensão Competições (D2) - considerando como variável independente a Q6 ("qual a sua competição ?") - com a dimensão de *Branding* (D6).

Para aferir a fidelidade dos inquiridos às suas equipas/marcas preferidas (Q83), foram feitas quatro afirmações: Q93.2 - "eu sou um adepto orgulhoso do rugby do meu país" (i631); Q93.4 - "eu recomendo a minha equipa" (i632); Q93.6 - "eu sou muito fiel à minha equipa" e Q93.8 - "provavelmente, eu serei adepto da minha equipa daqui a dois anos" (i633).

Em média, os inquiridos nos três países apresentam-se muito Fiéis (V6.3) à sua equipa, e ao rugby do seu país (ver Tabela 24). Nenhuma resposta foi inferior a "3", e as médias são muito próximas a "1" (*strongly agree*).

Tabela 24 - Fidelidade a uma Marca [*Brand Loyalty*]

Q93.2, Q93.4, Q93.6 e Q93.8	Min	Max	X	SD
I am proud to be a South African/Australian/New Zealand rugby supporter	1	3	1,20	0,4402
I will recommend my team	1	3	1,18	0,5201
I am very loyal to my team	1	3	1,13	0,3852
I will probably still be supporting my team in 2 years time	1	3	1,10	0,3540

Escala: de 1-"*strongly agree*" (concordo totalmente) a 5-"*strongly disagree*" (discordo totalmente)

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

De destacar que nenhuma equipa do NRC australiano (*Tier 3*), nem qualquer Clube Amador sulafricano (*Tier 4*) são seguidos fielmente por algum dos inquiridos desta Pesquisa. Também,

Tabela 25 - Fidelidades médias, por equipa

Q83	f	Q90.4 I will recommend my team	Q90.6 I am very loyal to my team	Q90.8 I will probably still be supporting my team in 2 years time	Q88 Ticket (USD)	Q89 Jersey (USD)
All Blacks	13	1,1	1,2	1	110	98
Wallabies	4	1	1	1	100	54
Springboks	6	1	1	1	47	70
Crusaders	3	1	1	1	66	102
Chiefs	1	1	1	1	80	125
Hurricanes	0					
Blues	1	1	1	1	80	151
(Highlanders)	1	1	1	1	80	151
Reds	2	2,5	2	1	59	213
Waratahs	1	2	2	2	67	156
Brumbies	4	1	1	1,5	36	64
(Force)	0					
(Rebels)	0					
(Stormers)	1	1	1	1	60	143
Sharks	0					
Bulls	3	1	1	1,6	32	71
Lions	1	1	1	1	53	107
Cheetahs	1	1	1	1	53	121
Blue Bulls	1	2	1	2	53	71
FS Cheetahs	1	1	2	2	53	114
Auckland	1	2	1	1	53	172
Counties Manukau	1	1	2	1	59	138
North Harbour	1	2	1	1	63	151
Northland	2	1,5	1	1	60	116
HSBO	1	1	1	1	53	105
Massey Uni	1	2	1	1	46	98
Karaka	1	1	1	1	46	138
Waikato Uni	1	1	1	1	46	172
Eastwood	1	1	1	1	57	72
Manly	2	1	1	1	36	63
Southern Districts	1	1	1	1	60	72
Sydney University	0					
Warringah	1	1	1	1	60	121
Northern Suburbs	0					
Gordon	1	1	1	1	57	156
Eastern Suburbs	1	1	1	1	60	114
Parramatta	1	2	1	1	57	72
Kiama RFC	1	1	1	1	60	72
Brothers	1	1	2	1	60	177

East's QLD	0					
Sunnybank	1	1	1	1	46	
Souths QLD	0					
GPS	0					
Bowen RFC	1	1	1	1	53	72
West's Lions	1	1	1	1	53	106
Canberra Royals	1	1	1	1	50	72

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas

dos 18 presidentes de Clubes Amadores neozelandeses entrevistados, apenas quatro (ou 22,2%) são torcedores do Clube do qual são presidentes; contrariamente aos 15 presidentes de Clubes Amadores australianos, onde dez (ou 66,7%) são torcedores do Clube do qual são presidentes (ver Tabela 25).

Em termos de recomendação da sua equipa (i632), numa escala de 1-"*strongly agree*" (concordo totalmente) a 5-"*strongly disagree*" (discordo totalmente), somente os Reds (de Brisbane, Austrália) tiveram um adepto respondendo "3", mas que depois responde "1" quanto a continuar sendo adepto dentro de dois anos (i633), o que indica apenas algum descontentamento momentâneo. Explicação essa que deverá ser a mesma para o único (de 13) torcedor dos All Blacks que confessou não ser tão fanático assim, indicando um "3" à afirmação de fidelidade ao seu time (i633). E também será consistente afirmar que um desânimo pontual é a explicação para o único (em 4) torcedor dos Brumbies e também o único (em 3) adepto dos Bulls que indicaram "3" quanto a continuar a seguir os seus times dentro de dois anos (i633).

5.6. Qualidade Percecionada

Na análise das representações dos adeptos aos seus *times* de eleição, começámos por analisar os dados da Q85 (i651, "qual a equipa mais admirada no seu país ?") e das Q80-82 (i652) do Inquérito por Questionário (cf. Anexo I), respondidos em cada espaço geográfico delimitante das diferentes competições, cruzando a dimensão Competições (D2) - considerando como variável independente a Q6 ("qual a sua competição ?") - com a dimensão de *Branding* (D6). Passamos então a analisar as respostas dos adeptos inquiridos, segundo o respetivo país da nossa amostra.

Sem surpresa, a equipa que 65% dos 26 inquiridos na Nova Zelândia pensam ser a mais admirada no seu país (i651) é a seleção nacional (ver Tabela 26, na página seguinte), conhecida mundialmente como os All Blacks. Logo após, vem a equipa mais vitoriosa do Super

Rugby, os Crusaders com 23%. Na sequência, 12% dos neozelandeses acreditam que a província-sede dos Crusaders – Canterbury – seja a equipa mais admirada do NPC.

Tabela 26 - A equipa mais admirada em cada país

Q85	New Zealand	Australia	South Africa
f	26	22	14
All Blacks	65%		
Crusaders	23%		
Canterbury	12%		
Wallabies		27%	
Brumbies		50%	
(Randwick)		5%	
Outros Super Rugby		18%	
Springboks			14%
(Stormers)			29%
(Western Province)			7%
Outros Super Rugby			50%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas

Atravessando o Mar da Tasmânia, 27% das 22 respostas válidas na Austrália assumiram que a seleção nacional – os Wallabies – seriam a equipa mais admirada do país (i651). Mas 50% acredita que sejam os Brumbies, de Canberra, com 18% respondendo que seriam as restantes equipas participantes do Super Rugby (ver Tabela 26). Interessante que 5% acredita que o clube amador mais vitorioso de Sydney possa ter esse posto de admiração nacional.

Já na África do Sul, enquanto 14% dos 14 inquiridos defendem a seleção nacional – Springboks – como a equipa mais admirada (i651), a maioria acredita que o sejam as equipas dos Super Rugby (79%), respetivamente: Stormers de Cape Town, com 29%; Bulls de Pretória, e Lions de Johannesburg, ambos com 21%; e 8% das restantes equipas profissionais. Finalmente, a equipa provincial de Western Province, sede dos Stormers, vencedora de 33 títulos da Currie Cup, recebeu os restantes 7% de preferência (cf. Tabela 26).

Questionámos também qual o grau de "Respeito e Confiança" [*Trust and Confidence*] (i652) que os inquiridos tinham das diversas equipas Nacionais, Franquias Regionais e Seleções Provinciais. O "Respeito e Confiança" (*T & C*) que uma pessoa tem em cada uma das equipas da qual eles tinham conhecimento (das respostas aos i641, i642 e i643, anteriormente referidas no tópico de *Brand Awareness*) foram medidos pedindo-lhes que indicassem se "concordavam

fortemente" (1), se "concordavam" (2), se eram "neutrais" (3), se "discordavam" (4) ou se "discordavam fortemente" (5), nas questões Q80, Q81 e Q82.

5.6.1. Tier 1 - Rugby Championship

Conforme descrito no tópico *Brand Awareness*, ao citarem três seleções nacionais (i641) que conhecessem (ver Tabela 27), todos os 66 inquiridos mencionaram a Nova Zelândia, com mais de metade indicando-a como primeira menção (53%). Além disso, também indicaram que tinham um forte "Respeito e Confiança" (i652) pelos All Blacks, registrando uma média de 1,14, numa escala de 1 a 5.

Tabela 27 - "Respeito e Confiança" pelas seleções nacionais

Q82	First Mention	T & C	Second Mention	T & C	Third Mention	T & C	Total	T&C
New Zealand	35	1,03	28	1,18	2	2,00	66	1,14
Australia	22	1,73	19	2,06	15	2,00	57	1,95
South Africa	9	1,00	13	1,66	34	1,97	56	1,76
England			1		8	2,00	9	1,67
Ireland			1	2,00	1		2	2,00
Argentina					1	2,00	1	2,00

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Em segundo lugar, podemos olhar para a África do Sul, com 56 citações (84,84%), dado ter havido um menor número de sulafricanos entrevistados e ter conseguido um melhor registo de "Respeito e Confiança" (1,76). Mas também podemos alegar que 33% das primeiras menções tenham sido para a Austrália, se bem que o "Respeito e Confiança" (i652) foi um pouco inferior: 1,95. Há ainda a realçar os resultados que a Inglaterra registou, com 4,68% das citações (i641), mas com um "Respeito e Confiança" (i652) superior às próprias Austrália e África do Sul, com uma marca de 1,67. Finalizando, tanto Irlanda como Argentina foram mencionadas duas e uma vez (i641), respectivamente, e ambas com um registo de "Respeito e Confiança" (i652) de 2,00 (cf. Tabela 27).

Relativamente à segunda Hipótese em teste, a delimitação geográfica do Rugby Championship denota uma boa influência no "Respeito e Confiança" (i652) conseguido pelas seleções nacionais citadas (i641).

5.6.2. Tier 2 - Super Rugby

Para não enviesar os resultados, separámos a apresentação dos mesmos, país a país. Assim, e apesar das primeiras citações estarem bem distribuídas, os Crusaders receberam 39,36% de todas as citações (i642) às cinco franquias neozelandesas, e com o segundo melhor registo de "Respeito e Confiança" (1,41) entre todas as 15 franquias do Super Rugby (ver Tabela 28).

Tabela 28 - "Respeito e Confiança" pelas franquias do Super Rugby

Q80	First Mention	T & C	Second Mention	T & C	Third Mention	T & C	Total	T&C
Crusaders	5	1,0	19	1,4	13	1,5	37	1,41
Chiefs	6	1,7	8	1,8	3	1,7	17	1,70
(Highlanders)	6	1,8	4	2,0	5	1,6	15	1,80
Hurricanes	5	2,0			8	2,4	13	2,23
Blues	7	2,9	3	3,0	2	2,5	12	2,83
Brumbies	7	1,6	7	2,0	9	1,8	23	1,78
Waratahs	11	1,9	7	2,7	3	2,3	21	2,24
Reds	6	3,0	10	2,4	4	2,8	20	2,65
(Rebels)					7	2,3	7	2,29
(Force)					2	2,5	2	2,50
(Stormers)	3	1,0	2	2,0	6	1,7	11	1,70
Bulls	6	1,7	3	2,0	1	2,0	10	2,00
Lions	3	1,0	2	2,0			5	1,40
Cheetahs	2	1,0			1	3,0	3	1,67
(Sharks)					1		1	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas

Em seguida surgem os Chiefs, com 17 citações (i642) - ou 18,09% das citações às franquias da NZ -, com um "Respeito e Confiança" (i652) de 1,70. Com 15 citações (15,96%), os então campeões em título Highlanders, cravaram uma pontuação de 1,80 no quesito "Respeito e Confiança". Com pontuações de "Respeito e Confiança" (i652) inferiores, os Hurricanes de Wellington (2,23) e os Blues de Auckland (2,83) talvez possam explicar esses números com as decepções desportivas, das equipas das maiores cidades do país (cf. Tabela 28).

Três das franquias sulafricanas registaram um "Respeito e Confiança" (i652) superior aos próprios Springboks: os Stormers, com 1,70; os Lions, 1,40; e os Cheetahs, 1,67. Só os tri-campeões Bulls, de Pretória, estiveram um pouco piores, mas ainda assim, com um registo de 2,00, ao passo que a única citação dos Sharks não teve uma resposta válida para este indicador.

É de realçar novamente que esta Pesquisa de Campo não visitou Cape Town e, no entanto, os Stormers continuam a ser a franquia/equipa profissional mais citada (i642) da África do Sul (cf. Tabela 28).

Passando para a Austrália, apenas os Brumbies tiveram um registo (1,78) de "Respeito e Confiança" (i652) superior à seleção nacional. A explicação dos resultados inferiores das equipas de Sydney (2,24) e Brisbane (2,65) terão a ver com os resultados recentes, inferiores ao esperado; e a explicação das equipas de Melbourne (2,29) e Perth (2,50) deverão estar relacionadas com a demora em conseguirem se firmar como times competitivos e/ou também poderá estar relacionado ao facto de não terem sido visitadas por esta Pesquisa (cf. Tabela 28).

Relativamente à segunda Hipótese em teste, há que destacar que oito (53,33% das quinze franquias obtiveram resultados de "Respeito e Confiança" (i652) francamente positivos (entre 1,40 e 2,00), com sete delas superando as seleções nacionais da Austrália e/ou África do Sul, o que fortalece a hipótese de que a delimitação geográfica do Super Rugby tem uma boa influência no "Respeito e Confiança" (i652) conseguido pelas franquias do Super Rugby citadas (i642).

5.6.3. Tier 3 - Provincial Rugby competitions (Currie Cup, ITM Cup e NRC)

Chegamos então à análise do nível competitivo que não tem paralelo ao usual no resto do Mundo⁹⁹: os campeonatos nacionais inter-provinciais, cujos dados se encontram na Tabela 29 (na página seguinte).

Mais uma vez, como a Currie Cup sulafricana se disputa desde 1889 e as seleções provinciais neozelandesas se enfrentam regularmente desde 1902, seja informalmente ou desafiando o Ranfurly Shield, ou formalmente desde que se instituiu o National Provincial Championship (NPC) em 1976, deveremos ter em conta a análise dos resultados das equipas do recentíssimo (2014) National Rugby Championship (NRC) australiano.

Relativamente a citações (i643), doze (85,71%) das quatorze províncias participantes no NPC foram citadas, assim como o foram também oito (88,88%) das nove equipas do NRC. Já na Currie Cup, apenas as cinco (35,71%) províncias participantes também do Super Rugby foram citadas (i643), isto apesar de cinco CEOs das outras nove províncias terem sido entrevistados (cf. Tabela 29, página seguinte).

⁹⁹ A exceção seriam as Províncias irlandesas de Leinster, Munster, Ulster e Connacht, mas que não jogam entre si um campeonato nacional, e sim participam da Pro12, com equipas escocesas, galesas e italianas; além de disputarem a Heineken Cup (a "Liga dos Campeões" do rugby europeu).

Tabela 29 - "Respeito e Confiança" pelas seleções provinciais

Q81	First Mention	T & C	Second Mention	T & C	Third Mention	T & C	Total	T&C
Auckland	3	1,33	8	2,13	9	2,22	20	2,05
Canterbury	5	1,4	4	1,25	5	1,4	14	1,36
Wellington	1	2	4	2	4	2,25	9	2,11
Counties Manukau	3	1,66	3	2,33			6	2,00
Northland	4	2,25	1	3			5	2,40
Waikato	2	2,5	1	2	2	3	5	2,60
North Harbour	2	2	2	2,5	1	4	5	2,60
(Otago)	2	2,5	2	2			4	2,25
Manawatu	2	1,5			1	3	3	2,00
(Tasman)	1	2	1	2	1	2	3	2,00
(Taranaki)	1	2			1	2	2	2,00
(Hawke's Bay)					2	3	2	3,00
(Bay of Plenty)							0	
(Southland)							0	
NH Rays	7	2	2	3	3	3,66	12	2,58
Brisbane City	5	3,2	5	2,2	2	2	12	2,58
Greater Sydney Rams	2	3	4	3	6	2,66	12	2,83
Canberra Vikings	4	2,5	1	1	4	2,75	9	2,44
QLD Country	3	2	6	3			9	2,67
NSWC Eagles	3	2,66	2	2,5	4	2	9	2,33
(Melbourne Rising)	1	2	3	2,33	3	2,33	7	2,29
Sydney Stars	2	2	3	2,33	1	4	6	2,50
(Perth Spirit)							0	
Blue Bulls	7	1,14	4	1,5	1	3	12	1,54
(Western Province)	4	1,33	4	1,25	4	1,5	12	1,48
Golden Lions	3	1	3	2	3	1,66	9	1,56
(Natal Sharks)			2	2	2	2	4	2,67
FS Cheetahs					4	1,75	4	1,75
Griquas							0	
Leopards							0	
Pumas							0	
Griffons							0	
Falcons							0	
(Boland Cavaliers)							0	
(EP Kings)							0	
(SWD Eagles)							0	
(Border Bulldogs)							0	

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nota: entre parêntesis, as equipas de cidades que não foram visitadas

Quanto ao quesito "Respeito e Confiança" (i652), as pontuações das equipas sulafricanas citadas são as melhores, atrás apenas da Canterbury neozelandesa (1,36): sempre

Western Province na frente, com 1,48, seguida pelos Blue Bulls (1,54), Golden Lions (1,56) e Free State Cheetahs (1,75). Os Natal Sharks são quem destoa, o que poderá ser explicado pela nossa ausência de Durban.

Das restantes províncias participantes do NPC neozelandês, seis (50%) em doze ainda anotaram pontuações boas, entre 2,00 e 2,11, o que juntando com Canterbury (1,36), mostra uma maioria (58,33%) de equipas com "Respeito e Confiança" (i652). Já as restantes cinco equipas apresentam resultados entre 2,25 e 3,00, ainda na metade positiva da avaliação (cf. Tabela 29).

Por fim, na avaliação (i652) das equipas do NRC australiano, pudemos constatar que todas as oito equipas citadas (i643) figuram entre 2,29 e 2,83, o que, para marcas bem recentes não pode ser considerado ruim.

Relativamente à segunda Hipótese em teste, há que destacar que 80% das seleções provinciais da Currie Cup citadas, obtiveram resultados de "Respeito e Confiança" (i652) francamente elevados (entre 1,48 e 1,75), e que 58,33% das seleções provinciais do NPC citadas, obtiveram resultados de "Respeito e Confiança" (i652) bons (entre 1,36 e 2,1). Mesmo com as menos boas pontuações de todas as equipas do NRC australiano, estes números fortalecem a hipótese de que a delimitação geográfica das competições nacionais inter-Provinciais tem uma boa influência no "Respeito e Confiança" (i652) conseguido pelas equipas participantes (i643).

5.7. Marcas nos Media [*Branding & Media*]

Para finalizar a nossa investigação sobre Marcas, seria importante perceber em que veículos mediáticos as mesmas circulam (V6.1).

Para tal, questionámos (i611, Q38) “como produto, em que mídias a sua equipa aparece regularmente ?” e também fizemos uma pergunta de controle sobre (Q39) “o que poderia ser feito para aparecer noutras mídias ?”.

Como é fácil de constatar na Tabela 30 (página seguinte), o principal meio de comunicação (i611) das respostas abertas foi a TV (31% de todas as citações), com a diferença dela poder ser “Aberta” [*National TV*], “Fechada” [*Sky/Fox/ Supersport*], “Todas” [*all Media broadcasters*] ou “TV Local”.

Também é claro que a presença nas TVs vai diminuindo, conforme o nível das competições.

Tabela 30 – O rugby nos media do hemisfério sul (em %)

Q6	Q38.1-3										
	National TV aberta	Sky/Fox/Supersport	all Media Broadcast	Local TV	Live Streaming	Radio	Local Press	Social Media	Specialised Media	Win more = more TV	Fence
National Teams	40,0	40,0				20,0					
Super Rugby	6,9	27,6	6,9	3,4		10,3	17,2	20,7	6,9		
Provincial Teams	15,4	13,5	1,9	3,8	3,8	19,2	21,2	17,3	1,9	1,9	
Clubes Amadores				17,3	8,6	1,2	30,9	35,8	2,5	2,5	1,2

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

80% das respostas afirmaram que as Seleções Nacionais aparecem nas TVs, metade dos jogos nas abertas e outra metade nos canais pagos. Já a maioria dos jogos do Super Rugby são televisionados pelas TV fechadas (27,6 %), mas atingindo um total de 44,8%, nas diferentes TVs (cf. Tabela 30).

Passando para as competições provinciais, esse percentual televisivo desce para 34,6%, e aqui já detectamos algumas diferenças entre os três países: enquanto o NRC australiano apenas transmite um jogo por rodada (na TV paga), existe uma similaridade entre a Currie Cup sulafricana e a ITM Cup neozelandesa, sendo que esta tem 2/3 dos jogos televisionados na TV aberta, e naquela ocorre o inverso (2/3 pela TV paga). Durante os quatro meses que estive nos três países, tive a oportunidade de ver ao vivo, mas também acompanhar nas TVs estas competições, embora com diferentes níveis de cobertura.

Assim, enquanto que a NRC australiana apenas transmitia um jogo semanal nas quintas à noite, todos os sete jogos da ITM Cup eram transmitidos na Nova Zelândia, numa maratona de quarta a domingo. No entanto, a News Limited - detentora dos direitos de transmissão da NRC – também vende/disponibiliza o serviço de *streaming* para todos os outros jogos da rodada. Já na Currie Cup sulafricana, havia um jogo na sexta à noite, com os outros três no sábado, todos televisionados.

Chegando nos Clubes Amadores, as únicas TVs que transmitem jogos são as TVs locais, com o grosso das mesmas sendo as da Shute Shield, campeonato local de Sydney. Apenas as finais da Galaher Shield (Auckland), Jubilee Cup (Wellington), Hawkins Trophy (Christchurch) e Waikato Premier (Hamilton) também são televisionadas localmente, e nenhum campeonato local sul-africano goza dessa exposição. Os clubes da Shute Shield pagaram AUD

200.000 para o Channel 10 passar um jogo por semana, algo que deverá ser replicado em 2016, com o mesmo canal, na Queensland Premiership.

Em Christchurch, a TV local passa os jogos do campeonato escolar local, estando os clubes amadores à procura de uma solução, onde pela primeira vez ouvi falar de se "televisionarem" os jogos por *streaming* online, e tornarem assim a sua competição num produto vendável. Noutras cidades, ouvi exatamente o mesmo, pelo que eu ia tentando encontrar um paralelo com o P3/Review Sports do campeonato português, e a disponibilização *online* de todos os jogos do Super 8 brasileiro. Uma coisa que ficou clara, foi que há uma diferença entre uma câmara de filmar e uma câmara de vídeo, e que essa é diferente no custo de produção, o principal entrave inicial para que o *streaming* saia do papel. No entanto, existem ainda diversos problemas relatados, sobre quem detém os direitos de *streaming*, dado que algumas Federações Provinciais (Queensland, por exemplo) já produzem o seu próprio conteúdo, mas alguns clubes estão querendo entrar online por conta própria, nos jogos em casa.

Passando para outras media, começamos pela crescente novidade do “*Live Streaming*”, já uma realidade para 13,3% dos Clubes Amadores australianos e duns surpreendentes 29,4% dos amadores da Nova Zelândia, contrastando com nenhum sul-africano. Não é de estranhar que 66% das equipas do NRC australiano se exponham por esta via, dado terem tão pouca presença na TV, o que contrasta com as equipas provinciais neozelandesas e sul-africanas, em que nenhuma citou esta ferramenta, mas sabendo que têm boa exposição televisiva, conforme explicado acima.

Esses números *online* corroboram com os 35,8% das citações dos Clubes Amadores que afirmam ter presença nos media digitais [*social media*], e que este é o seu principal veículo de comunicação. O investimento nesta ferramenta também representa 20,7% das Franquias do Super Rugby, com todas as australianas a considerarem-na como das mais importantes, 2/3 das sul-africanas a seguirem pelo mesmo diapasão, ao passo que apenas 1/4 das neozelandesas corroboram com essa opção. Parece importante realçar que a importância que as equipas provinciais dão aos medias digitais aparenta ser inferior ao que fazem as franquias profissionais, com apenas 17,3% das opções.

Outro importante veículo midiático é a rádio. Tão importante que aparece com 20% da exposição do rugby internacional destes países, logo atrás da TV. Mas o facto de nenhuma das franquias australianas o considerarem como um dos três principais medias, diminui a sua preponderância (10,3%) em relação aos campeonatos provinciais (sobretudo o sul-africano e neozelandês), que têm na radiofonia 19,2% das suas transmissões. Apenas um clube amador

australiano confirmou usar esta ferramenta, a que não será alheio o facto do seu presidente ser o dono de uma rádio local.

Passando para a imprensa escrita local, naturalmente é aos clubes amadores que ela mais se dedica, representando 30,9% da exposição mediática dos mesmos. Conforme esperado, essa representação diminui à medida que se sobe no nível competitivo, com 21,2% nos campeonatos provinciais, 17,2% no Super Rugby profissional e nenhuma resposta referente às Seleções Nacionais.

No que aos media especializados (em rugby) diz respeito, há ainda uma pequena representatividade, mas sendo mais forte na Austrália, o que poderá ser explicado por o seu rugby se posicionar num nicho de mercado, ao invés dos outros países, onde o rugby é muito popular. Assim, duas das três franquias profissionais australianas citaram este como um dos seus três principais veículos, como também um clube amador (dos 15 visitados) e outro neozelandês (de 17). Apenas um CEO provincial neozelandês (de 8) fez esta citação.

Terminamos com as últimas duas colunas da Tabela 30, com um CEO provincial sul-africano acreditando que mais vitórias atrairiam mais interesse das TVs, crença compartilhada por um presidente de um clube amador de Pretoria e outro de Canberra. Outra citação curiosa foi a de um presidente de um clube amador de Brisbane, que referiu um dos seus três maiores veículos de exposição serem os *outdoors* na vedação do clube.

Relativamente à Hipótese em teste, ficaram caracterizadas as abrangências geográficas que cada uma das competições delimitadas consegue alcançar, através dos diferentes níveis mediáticos.

5.8. Síntese conclusiva (H²)

O objetivo do presente Capítulo era testar a nossa segunda Hipótese, que pressupunha que "**As competições limitadas geograficamente facilitam e potencializam o trabalho do *branding* das equipas**". Tanto quanto nos foi dado observar pela análise dos resultados obtidos pudemos concluir que esta nossa segunda Hipótese ficou comprovada nos diferentes aspectos de *Branding* analisados.

Quanto aos media por onde as Marcas das equipas são veiculadas [*Branding & Media*] (i611), ficou claro que a cobertura televisiva do Rugby Championship (*Tier 1*) é maioritariamente por TVs abertas nacionais; a do Super Rugby (*Tier 2*) é maior nas TVs fechadas; já as Currie Cup/NPC/NRC (*Tier 3*) têm uma presença televisiva diversificada, desde

a TV aberta às TVs locais, passando pelas TVs fechadas e ainda um “*Live Streaming*” que não é insignificante; e, apesar de existir alguma cobertura de TVs locais aos clubes amadores, nestes a maior exposição mediática é nos medias digitais e imprensa local.

Na consciência ou conhecimento de uma Marca [*Brand Awareness*], conseguimos demonstrar que existe relação entre as citações dos três países participantes na competição "Rugby Championship" (i641), e também quanto ao conhecimento das suas marcas (i645), através das cores e logos. Os dados sugerem também existir uma boa relação entre as citações de treze das quinze (86,6%) franquias participantes na competição "Super Rugby" (i642), e o reconhecimento público das suas marcas (i645), através das cores e logos. Destaca-se ainda um maior acerto das cores e logos (i645) das províncias sulafricanas e neozelandesas, o que denota uma relação com o pouco mais de um século das suas competições nacionais inter-provinciais, mas quanto ao NRC australiano (National Rugby Championship), ainda será muito cedo para se fazerem análises definitivas, atendendo à sua recente criação.

Nas associações a uma Marca [*Brand association*], estas parecem estar a ser corretamente desenvolvidas, associando (i662) mais o "Sucesso" ao ambiente competitivo profissional, a "Cultura" à forma de estar nas competições inter-Provinciais, e a "Camaradagem desportiva" ao ambiente de competição amadora.

Em relação à fidelidade a uma Marca [*Brand Loyalty*], as evidências demonstraram que em todos os quatro níveis competitivos, existe uma forte fidelidade (i631, i632 e i633) às equipas participantes (i661).

Quanto à representação da Qualidade Percecionada das equipas, a delimitação geográfica do Rugby Championship (*Tier 1*), do Super Rugby (*Tier 2*) e da Currie Cup/NPC/NRC (*Tier 3*), denotaram uma boa influência no "Respeito e Confiança" (i652) conseguido pelas equipas participantes (i631, i632 e i633).

Tendo então por base os resultados obtidos e analisados ao longo do presente Capítulo, podemos concluir que, claramente, a delimitação geográfica dos níveis competitivos (V2.1) facilita o trabalho de *branding* (V6.1, V6.3, V6.4, V6.5, V6.6) de todas as equipas, indo ao encontro do questionário de Gerber-Nel (2004, 2006, 2007), assim como com as conclusões de Skinner, Stewart & Edwards (2003) quando referem que o profissionalismo no rugby removeu as barreiras entre o desporto e os negócios. Também, tanto Taylor (2003) como Keller & Swaminathan (2003) defenderam que as Marcas podem e devem ser trabalhadas, para não dependerem de vitórias ou derrotas.

CAPÍTULO 6 - A INTERNACIONALIZAÇÃO DO RUGBY E SUA TRANSFORMAÇÃO EM PRODUTO COMERCIAL

Neste capítulo encontra-se em análise a terceira Hipótese (H³): "A internacionalização do produto "Rugby" facilita a obtenção de recursos privados da sociedade". Para o efeito, cruzaremos os Recursos (D3) com a Estratégia Internacional (D5). A apresentação dos resultados será feita por Nível de Competição, descendo do Nível Internacional (*Tier* 1) até ao Nível de Campeonatos Locais (*Tier* 4), mas também fazendo um comparativo entre os três países.

Conforme me foi relatado pelo então vice presidente da iRB, Rob Fisher, pelo que li (Fitzsimmons, 1996, 2003; Luyt, 2003; Howe, 2004; O'Neill, 2007; Ryan et al., 2009; Retief, 2011), e também através de outras conversas informais que fui tendo sobre o assunto, os dois grande magnatas dos media australianos – Rupert Murdoch e Kerry Packer – entraram numa disputa pelo produto "rugby" em 1995, até então absolutamente amador, desde os jogadores, treinadores, árbitros, até às mais altas esferas dos decisores das organizações nacionais e transnacionais.

É então exatamente essa internacionalização do produto "rugby" que pretendemos aprofundar na nossa Pesquisa, primeiro procurando uma relação entre o Nível (*Tier*) das Competições e o nível das empresas patrocinadoras (i321, i322, i323, i324); e em seguida analisando as representações dos inquiridos com experiência internacional¹⁰⁰ (V.5.1, V.5.2, V.5.3, V.5.4).

6.1. Tipo de Patrocinadores Segundo os Níveis de Competição

Andreff & Scelles (2015) referem que os clubes de futebol francês evoluíram de um modelo local, com receitas oriundas de espetadores, subsídios e patrocinadores (SSSL¹⁰¹), para um modelo de receitas global, assentes em media/mídia, magnatas, *merchandising* e mercados (MMMMG¹⁰²). Já em 2000, Andreff & Staudohar tinham descrito essa evolução histórica.

Para que a nossa Hipótese se verificasse, seria necessário que os principais patrocinadores do nível 1 (*Tier* 1, Internacional) fossem "multinacionais"(i324); os do nível 2

¹⁰⁰ Considerámos que quem teria "experiência internacional", seriam todos os inquiridos que tivessem patrocinadoras Multinacionais nas suas equipas.

¹⁰¹ Sendo SSSL as siglas francesas para *Spectateurs-Subventions-Sponsors-Local*.

¹⁰² Sendo MCMG as siglas francesas para *Media-Corporations-Merchandising- Marchés-Global*.

(*Tier* 2, Super Rugby), "nacionais" (i323); os do nível 3 (*Tier* 3, Provincial), "regionais" (i322); e os do nível 4 (*Tier* 4, Clubes Amadores) "locais" (i321).

Como se pode constatar na Tabela 31, no *Tier* 1 apenas tivemos respostas válidas da Federação neozelandesa (NZRU), sendo o resultado bem expressivo, verificando-se a Hipótese neste nível de competição.

Tabela 31 - Relação entre tipo de patrocinadores e níveis de competição

(Tiers)	(Sponsors)	Aust	NZ	AfSul	Média
Seleções	Multinacional		90%		90%
	Nacional		10%		10%
	Regional		0%		
	Local		0%		
Super Rugby	Multinacional	40%	14%	90%	45%
	Nacional	47%	34%	3%	29%
	Regional	13%	24%	0%	14%
	Local	0%	29%	7%	14%
Provincial	Multinacional	2%	17%	43%	25%
	Nacional	3%	18%	13%	13%
	Regional	88%	26%	11%	29%
	Local	3%	38%	34%	31%
Clube	Multinacional	4%	0%	13%	4%
	Nacional	17%	12%	3%	12%
	Regional	14%	3%	0%	6%
	Local	66%	85%	83%	77%

Fonte: Q29 a Q32 do Inquérito por Questionário - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015

Já no nível [*Tier*] 2, a relação que procurávamos parece estar bem presente tanto na Nova Zelândia como na Austrália, o que poderá advir de serem mercados mais maduros e competitivos. No entanto, no nível provincial neozelandês, há uma maior captação de recursos Locais (i321) de que Regionais (i322). Assim, salvo a exceção assinalada, a relação entre o nível de empresas patrocinadoras e o nível das competições é perfeita, o que atesta a favor da verificação da nossa Hipótese, nestes dois países.

Já na África do Sul, existe uma relação crescente, mas com uma predominância de patrocinadores Multinacionais (i324), tanto no nível de franquias do Super Rugby, como no nível provincial, o que não contraria a Hipótese, mas põe-na parcialmente em causa. Mesmo sendo claro que a captação dos clubes amadores se dá com empresas Locais (i321, absolutamente coerente com a Hipótese), parece ser importante a diferença explicada no

Capítulo 3, onde as Franquias sulafricanas também são detentoras das suas equipas Provinciais (ex: os Bulls são donos dos Blue Bulls, etc). Talvez assim se explique a capacidade de captar recursos de Multinacionais (i324) para o nível da competição provincial. Outra explicação poderá residir no facto da Currie Cup ser realmente mais antiga e também um "produto" mais valioso. Finalmente, uma última razão para o efeito pode identificar-se nos resultados de capacidade económica dos consumidores, já apresentados no Capítulo 5 (cf. Tabela 8, p.114), donde se poderá deduzir que patrocinar franquias sulafricanas será mais barato do que nos outros dois países. Esta dedução advém da fraca capacidade demonstrada em captar patrocínios de empresas Nacionais (i323) e/ou Regionais (i322), em qualquer um dos quatro níveis de competições sulafricanas.

6.2. Estratégia de Internacionalização CAGE

Através do cruzamento das respostas Q50 a Q78, sobre a percepção que cada um dos inquiridos tem com os aspectos do rugby nos outros dois países, usámos a grade [*framework*] CAGE, de Ghemawhat (2001; 2007; 2011), para verificar se o sucesso comercial do produto rugby, desde 1996, poderá ser confirmado através da sua Teoria de Estratégia de Internacionalização.

Na verdade, CAGE são as siglas que representam as diferenças Culturais (V5.1), Administrativas (V5.2), Geográficas (V5.3) e Económicas (V5.4). Como referido no Capítulo 2, as variáveis CAGE influenciam a estratégia de internacionalização, justamente o que está em discussão na nossa terceira Hipótese.

Da análise das questões Q50 a Q60, teremos a possibilidade de verificar se os resultados das mesmas sugerem que existem ou não diferenças Culturais relevantes entre a indústria "rugby" nos três países. Processo similar foi realizado através das questões Q61-63 e também Q72-74, relativamente às diferenças Administrativas. Na análise das Q64-70, procurámos as diferenças Geográficas, e nas questões Q71 e Q75-78 procurámos identificar se existem diferenças Económicas entre os três países.

6.2.1. Verificando a existência de diferenças culturais

Para o estudo da variável CAGE - Diferenças Culturais no rugby, considerámos como indicadores as possíveis diferenças na língua/linguagens (i511, Q50-Q53), nos costumes sociais (i512, Q54), na identificação nacional (i513, Q55 e Q60), na importância da modalidade (i514,

Q56), nas questões étnicas (i515, Q57-Q58), e nas questões religiosas (i516, Q59), como explicitámos no Capítulo 2.

A Q50 interrogava sobre: "Qual a Língua usada pelo rugby, no seu País?". Nesta questão, tanto na Austrália como na Nova Zelândia, as respostas foram 100% "Inglês" (ver Tabela 32). Já na África do Sul, apenas 67% responderam "Inglês", com o outro terço afirmando que existem "11 línguas Oficiais na África do Sul". Assim, os dados apontam para não existirem Diferenças Culturais, neste item.

Tabela 32 - Diferenças Culturais

CULTURAL DIFFERENCES	Q50	Q51	Q52		Q53	Q54	Q55	Q56	Q57	Q58	Q59	Q60
	English	No	11 Official South African Languages	Maori	No	No	No	1-5	Yes	Yes	No	Yes (SA=NZ, but Australia less)
Australia	100%	100%	100%	60%	75%	88%	50%	3,9	75%	38%	100%	100%
New Zealand	100%	33%			89%	78%	78%	1,0	100%	78%	100%	78%
South Africa	67%	0%			100%	78%	100%	1,7	100%	78%	100%	67%
(total)	88%	42%			88%	81%	77%		92%	65%	100%	81%

Escala ordinal Q56 - 1ª a 5ª mais importante.

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015

Relativamente à Q51, que questionava se "Existem Línguas diferentes, dentro do seu País ?", e "Se sim, quais?" (Q52), já encontrámos algumas diferenças entre os Países estudados: enquanto na Austrália, as respostas continuam a ser totalmente indicativas de que apenas o inglês está presente no quotidiano (neste caso, do rugby), dois terços (67%) dos neozelandeses confessaram haver também uma forte presença da língua Maori (Q52 = 60% dos que haviam contestado a hegemonia do inglês, na Q51) no meio rugbístico, mas também de línguas das Ilhas do Pacífico¹⁰³ (22%) e uma crescente imigração recente asiática (11%), como se pode ver na Tabela 32.

Já na África do Sul, a totalidade (100%) das respostas deram-nos conta que existem "11 línguas Oficiais" (Q52 = 100%) na Nação do Arco Íris¹⁰⁴. A nossa presença no local durante a Pesquisa de Campo confirmou isso mesmo. Ficámos a saber que a "Língua Franca" na maioria do território sulafricano é o *Afrikaans*, exceto nas províncias litorâneas de Eastern Cape e Kwa-

¹⁰³ Pacific Islands = Fiji, Samoa e Tonga, de onde originalmente chegaram os Maoris há 1.200 anos atrás, e de onde têm chegado nas últimas décadas imigrantes de forma contínua.

¹⁰⁴ *Rainbow Nation* no original, apelido carinhoso com que os sulafricanos se auto-nomeiam.

Zulu Natal, onde a presença inglesa foi dominante. No entanto, ficámos com a sensação que o inglês seria a segunda Língua comum a todos, exceto nessas duas Províncias. Os resultados apontam assim para a existência de algumas pequenas diferenças neste item, dado que o inglês continua a ser uma Língua que todos falam, mesmo que não como Língua-Mãe.

Por fim, indagados se "Existem linguagens de rugby diferentes, entre os três Países ?" (Q53), é curioso que foram os australianos (75%) e os neozelandeses (89%) a não ser tão peremptórios quanto os sulafricanos (100%), ao afirmarem que não existem diferenças linguísticas, no meio oval, entre os Países estudados (cf. Tabela 32). Assim neste item, também se verifica existirem pequenas diferenças.

Tanto quanto nos é dado observar, verifica-se não existirem Diferenças Culturais, no indicador Língua/Linguagens (i511).

Já nas respostas à Q54 - "Existem costumes sociais no rugby, diferentes entre os três Países ?", como se pode constatar na Tabela 32, as respostas de que não existem diferentes costumes sociais, foram muito similares (88%, 78% e 78%).

Podemos então concluir que também no indicador Costumes Sociais (i512) não se encontram Diferenças Culturais.

Nas respostas à Q55 - "Existem diferenças na identificação nacional com o rugby, nos três Países ?". Metade dos australianos (50%) responderam que sim, muito provavelmente relacionados com a questão seguinte, como veremos mais abaixo, pois o rugby não é um desporto popular nesse País. Ainda assim, a outra metade considera que não existe essa diferença, pois acreditam que mesmo não sendo um desporto popular, a Seleção Nacional tem uma forte identificação nacional pois, por exemplo, não existe Seleção Nacional no desporto mais popular (Futebol Australiano). 78% dos neozelandeses também acreditam não existirem diferenças, e talvez 22% tenham respondido afirmativamente, sabendo da realidade dos vizinhos australianos. Já todos os sulafricanos (100%), mais distantes dessa realidade, afirmaram não existir diferenças (cf. Tabela 32).

Um pouco mais à frente, na questão de controlo Q60, a resposta mais comum é "África do Sul e Nova Zelândia são semelhantes, mas na Austrália essa identificação nacional é inferior", sendo 100% a resposta dos australianos, 78% dos neozelandeses e 67% dos sulafricanos, o que corrobora com a Q55 (cf. Tabela 32).

No indicador Identificação Nacional (com o rugby, i513), verifica-se não existirem Diferenças Culturais entre a Nova Zelândia e África do Sul, embora se verifique alguma discrepância com a Austrália.

Questionados sobre "Em que lugar está o Rugby - como produto -, entre os desportos do seu País?" (Q56), em qualquer um dos Países estudados, o Rugby é um desporto importante. Isso é confirmado por esta questão apesar de ter importância diferente, em cada deles.

Assim, enquanto na Nova Zelândia o Rugby emerge como desporto número um (100% das respostas), na África do Sul ele aparenta ser o 2º desporto, atrás do Futebol, pois como se pode observar na Tabela 32 (p. 150), a média das respostas revela que o rugby estaria na posição 1.7, numa escala de 1 a 5 (Escala ordinal: de 1º a 5º) e isto numa amostra de inquiridos que trabalham diretamente com o rugby! Já na Austrália, como já se esperava após a questão anterior, o rugby deverá estar em 4º lugar na preferência nacional (resposta média = 3.7), atrás do Futebol Australiano (AFL), Cricket e do Rugby League (NRL). Alguns inquiridos até referiram que poderia estar em 5º ou até 6º, atrás do "nosso" Futebol e/ou também do *Netball* feminino (largamente, o desporto feminino mais praticado nos três Países). A nossa percepção, durante a Pesquisa de Campo, foi a de que "as gentes" do rugby australiano se souberam posicionar - mercadologicamente falando - neste caso, num nicho de "alta renda", e não desafiar os mais que populares AFL e NRL.

Somos então levados a concluir que, também no indicador Importância da Modalidade (i514) não se verifica existirem Diferenças Culturais entre a Nova Zelândia e África do Sul, mas que se encontra alguma discrepância com a Austrália.

Na Q57 - "Existem diferenças étnicas, dentro do seu País?", somente os australianos não foram tão peremptórios nas suas respostas (75%), pois tanto os neozelandeses como os sulafricanos responderam todos (100%) afirmativamente (cf. Tabela 32, p. 150). Tanto pelas respostas *off-the-record*, como da nossa observação no local, o contexto da realidade nos três países em análise será:

- Austrália, com população largamente de descendência britânica (mas também europeia), com alguns problemas de integração com os Aborígenes, e uma recente forte imigração asiática e das Ilhas do Pacífico. Desportivamente, existe integração dos Aborígenes no AFL, dos asiáticos no Futebol e dos *Islanders*¹⁰⁵ nos dois códigos de Rugby, no "nosso" Union, mas acima de tudo no Rugby League;

- Nova Zelândia, com população de descendência dividida entre britânicos e maoris, e uma recente forte imigração asiática e das Ilhas do Pacífico. Desportivamente, existe integração total tanto dos maoris como dos *Islanders* no Rugby, e dos asiáticos no Futebol. Dos três países, foi o que nos pareceu ter uma maior harmonia étnica;

¹⁰⁵ Nome dado aos imigrantes das Ilhas do Pacífico, as já referidas Fiji, Samoa e Tonga.

– África do Sul, com problemas raciais e diferenças sociais evidentes a 'olho nu'. Além das 9 línguas nativas, derivadas de ainda maior número de tribos locais, comportou três momentos de colonização do País: a chegada dos holandeses em 1652 a Cape Town; o domínio costeiro inglês em 1806 (de Cape Town a Durban), com a consequente fuga dos holandeses (*boers*) para o Planalto Central (*Highveelt*), onde fundaram o *Orange Free State* e a *Zud-Afrika Republik*, coincidindo com o forte domínio (e ameaça) de Shaka Zulu, na atual Província de Kwa-Zulu Natal; e a descoberta das minas de ouro, platina e diamantes (entre 1866-86) no *Highveelt*, que originou a guerra Anglo-Boer, e consequente interesse britânico em fundar a União Sulafricana, em 1909. Neste item, não se verifica existirem diferenças entre a Nova Zelândia e a Austrália, mas existe uma forte discrepância com a África do Sul.

De modo a aprofundar as questões étnicas nas eventuais Diferenças Culturais, questionámos também os nossos entrevistados se "Existem diferenças étnicas entre os três Países ?"(Q58). Corroborando com a questão anterior, os australianos (38%) não foram tão afirmativos quanto os neozelandeses (78%) ou os sulafricanos (78%), como evidencia a Tabela 32 (p. 150).

Podemos então concluir que no indicador Questões Étnicas (i515), verifica-se não existirem Diferenças Culturais entre a Nova Zelândia e a Austrália, mas existe discrepância com a África do Sul.

Por fim, questionados se "Existem diferenças religiosas entre os três Países ?"(Q59), tanto na Austrália como na Nova Zelândia como na África do Sul, as respostas foram peremptoriamente "Não" (100%), pelo que se verifica não existirem Diferenças Culturais, neste indicador Questões Religiosas (i516).

Em síntese os dados sugerem que se verifica não existirem Diferenças Culturais relevantes uma vez que a organização das sociedades é similar. E isto, mesmo com as diferenças étnicas entre os três países destoando deste diapasão, que explicam algumas diferenças de línguas, especialmente na África do Sul.

6.2.2. Verificando a existência de diferenças administrativas

No aprofundamento da variável CAGE - Diferenças Administrativas no rugby, considerámos como indicadores as ligações coloniais (i521, Q61), políticas desportivas (i522, Q62), estruturas federativas (i523, Q63), gestão do rugby local (i524, Q72), modelos competitivos do rugby (i525, Q73) e simetria das franquias profissionais (i526, Q74), como explicitado no Capítulo 2.

Sobre se "Existem ligações coloniais entre o seu País e os outros dois países da SANZAR?" (Q61), as respostas afirmativas tanto pela *Commonwealth*¹⁰⁶ como pela ANZAC¹⁰⁷, foram muito similares (63%, 67% e 78%), como se pode observar na Tabela 33.

Decorrentemente, verifica-se não existirem Diferenças Administrativas, no indicador Ligações Coloniais (i521).

Tabela 33 - Diferenças Administrativas

	Q61	Q62	Q63	Q72	Q73	Q74
ADMINISTRATIVE DIFFERENCES	Yes, Commonwealth / ANZAC	No	No	Yes, SA=NZ, Australia doesn't play 2nd Semester	Yes, SA=NZ, Aust don't have Currie/ITM Cup	Yes
Australia	63%	63%	50%	50%	25%	50%
New Zealand	67%	22%	22%	78%	78%	50%
South Africa	78%	56%	22%	22%	56%	78%
(total)	69%	46%	31%	50%	54%	61%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Quando questionados se "Existem diferentes Políticas Desportivas para o rugby, nos três Países?" (Q62), os australianos (63%) e os sulafricanos (56%) têm uma percepção similar, sobre não existirem essas diferenças. Já os neozelandeses (apenas 22%), acreditam haver diferenças assinaláveis, nomeadamente o sistema de quotas¹⁰⁸ sulafricano (44%). Salvo essa diferença, no Capítulo 4 discorremos já sobre as similaridades das Políticas Públicas destes três países.

No indicador Políticas Desportivas (i522), verifica-se não existirem Diferenças Administrativas entre a Nova Zelândia e Austrália, mas existe alguma discrepância com a África do Sul.

¹⁰⁶ *Commonwealth* é a Comunidade de 52 países dos antigo Império Britânica, onde 16 dos seus membros ainda têm como Chefe de Estado a Rainha de Inglaterra, formada em 1949.

¹⁰⁷ *Australia and New Zealand Army Corps* (ANZAC) foi formado para a participação conjunta nas 1ª e 2ª Guerras Mundiais, tendo também participado da Guerra do Vietname e de variadas Missões da ONU, como por exemplo em Timor Leste (2006).

¹⁰⁸ *Transformation* é um sistema de quotas da SARU, para assegurar que o *Employment Equity Act* (1998) seja respeitado. Essa Lei obriga que qualquer organização sulafricana com mais de 30 empregados, tem que ter pelo menos 50% de "não-brancos". Por inerência, todas as equipas de rugby, profissionais ou semi-profissionais, têm de cumprir esse requisito. A SARU induz a que todas as equipas de rugby, mesmo as amadoras, respeitem essa regra.

No caso das Estruturas Federativas, questionámos se "Existem diferenças entre as Federações de Rugby dos três Países?" (Q63). Metade dos australianos inquiridos responderam não existirem diferenças (50%), e outros 37,5% acreditam que as estruturas do rugby neozelandês e sulafricano são similares. E ainda os restantes 12,5% acreditam que as Federações da Austrália e África do Sul são parecidas (cf. Tabela 33).

Apesar de apenas 22% dos neozelandeses inquiridos responder não existirem diferenças, outros 55,5% acreditam que as estruturas do rugby neozelandês e sulafricano são similares, e os restantes 23% acreditam que as suas parecenças são com o rugby australiano. Também 22% dos sulafricanos inquiridos responderam não existirem diferenças, no entanto outros 44,4% acreditam que as estruturas do rugby australiano e sulafricano são similares, e ainda 23% acreditam que as suas parecenças são com o rugby neozelandês. Os resultados sugerem então que não se encontram diferenças relevantes, neste Indicador (i523).

Questionámos ainda se "Existem diferenças em como é gerido o rugby interno, pelas Federações Provinciais destes três Países?" (Q72). 37,5% dos australianos inquiridos responderam não existirem diferenças, mas outros 50% acreditam que o rugby doméstico neozelandês e sulafricano são similares. E os restantes 12,5% acreditam que a sua similaridade é com a Nova Zelândia (cf. Tabela 33).

Apenas 22% dos neozelandeses inquiridos responderam não existirem diferenças, mas os restantes 78% acreditam que o rugby doméstico neozelandês e sulafricano são similares. Por fim, 44,4% dos sulafricanos inquiridos responderam não existirem diferenças, mas outros 22,2% acreditam que o rugby doméstico neozelandês e sulafricano são similares. É nos restantes 33,3% que reside uma resposta inédita: "o rugby amador sulafricano é fraco". Esta resposta de um terço dos sulafricanos vai ao encontro de alguns relatos informais, da pouca confiança que as Seleções Provinciais (*Tier 3*) e Franquias Profissionais (*Tier 2*) sulafricanas têm nos jogadores que militam no rugby de clubes amadores (*Tier 4*).

Podemos então concluir face aos dados analisados que se verifica a não existência de Diferenças Administrativas, no indicador Gestão do Rugby Local (i524).

Quanto à Q73 - "Existem diferentes Modelos Competitivos, nos três Países?", metade dos australianos inquiridos responderam não existirem diferenças (50%), mas outros 25% acreditam que apenas o rugby doméstico neozelandês e sulafricano são similares. Os restantes 25% não souberam opinar. Apenas 22% dos neozelandeses inquiridos responderam não existirem diferenças, mas os restantes 78% acreditam que o rugby doméstico neozelandês e sulafricano são similares. Também 44% dos sulafricanos inquiridos responderam não

existirem diferenças, mas os restantes 56% acreditam que o rugby doméstico neozelandês e sulafricano são similares. Assim, relativamente ao indicador Modelos Competitivos (i525), verifica-se não existirem diferenças.

Por fim, Q74 questionava se "As Franquias do Super Rugby são simétricas, nos três Países?". Tanto na Austrália como na Nova Zelândia, essa simetria é percebida por exatos 50% dos inquiridos, enquanto que na África do Sul essa percentagem sobe para 78%. Também neste indicador (i526, Simetria das franquias profissionais) verifica-se não existirem diferenças.

Em síntese os dados sugerem que se verifica não existirem Diferenças Administrativas relevantes, apesar de nos encontrarmos no limite dessa confirmação, uma vez que nem sempre a inexistência de diferenças é simultânea nos três países. Mas quando não são simultâneas aos três, verifica-se não existirem diferenças entre dois dos países. Claramente, a organização das sociedades tem fortes raízes inglesas.

6.2.3. Verificando a existência de diferenças geográficas

Para o estudo da variável CAGE - Diferenças Geográficas considerámos como indicadores os fusos horários e distância física (i531, Q64 a Q67), dimensão dos territórios (i532, Q68) e conexões aéreas¹⁰⁹ (i533, Q69-Q70). Será de referir que - geograficamente - o leste da Austrália (o mais representativo e que foi a nossa amostra) e a Nova Zelândia distam no máximo 3h, ao passo que de Sydney a Perth (oeste da Austrália) são 4h de diferença e para a África do Sul são mais 11h a 12h¹¹⁰. Logo, os dados coletados refletem as diferenças entre esses dois blocos: o leste da Austrália e Nova Zelândia; e a África do Sul.

Questionados se "Os Fusos Horários são um problema entre os três Países?" (Q64), e "Se sim, para quem (Q65)?", a esmagadora maioria dos inquiridos respondeu que sim (100%, 89%, 89%), sendo que a diferença se encontra assinalada nas respostas à Q65, onde 62% dos sulafricanos reclamam que isso é uma dificuldade para as viagens dos seus jogadores, enquanto

¹⁰⁹ No Questionário original, a pergunta seria sobre Infraestruturas aéro-ferroviárias, mas a ida a campo mostrou-nos que as ferrovias são quase inexistentes, nos três países.

¹¹⁰ Somente quando apanhei o avião de Sydney para Johannesburg é que me dei conta que a viagem iria demorar 14h20 ! Confesso que, com tantas viagens "curtas", entre Sydney-Christchurch-Sydney-Canberra (ida-volta de carro) -Brisbane-Sydney-Auckland-Wellington (ida-volta de carro, passando por Pukekohe, Hamilton, Taupo, Palmerston North, Napier e Rotorua) -Auckland-Sydney, a minha única preocupação até ali era saber em que fuso horário eu estava e em qual eu estaria, no aeroporto de chegada. Nesse último voo eu até iria aprender que o caminho mais "próximo" entre Sydney e Johannesburg passaria pela Antártida !

que 88% dos australianos e dos Neozelandeses o problema é para os telespectadores (ver Tabela 34).

Podemos então concluir que se verifica existirem Diferenças Geográficas, neste item (Fusos Horários), mas apenas entre a África do Sul e o bloco leste da Austrália/Nova Zelândia.

Tabela 34 - Diferenças Geográficas

GEOGRAPHICAL DIFFERENCES	Q64	Q65	Q66	Q67	Q68	Q69	Q70
	Yes	TV Viewers	Yes	Players	Yes	No	No
Australia	100%	88%	100%	88%	100%	100%	100%
New Zealand	89%	88%	89%	88%	100%	100%	100%
South Africa	89%	38%	78%	100%	100%	100%	100%
(total)	92%	71%	88%	91%	100%	100%	100%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Nas respostas à Q66 - "As Distâncias Físicas são um problema entre os três Países ?" e "Se sim, para quem (Q67)?", a esmagadora dos inquiridos respondeu que sim (100%, 89%, 78%), sendo que a diferença se encontra nas respostas à Q67, onde todos os sulafricanos reclamam que isso é uma dificuldade para as viagens dos seus jogadores (100%), como também para 88% dos australianos e dos Neozelandeses. Os restantes 12% afirmam que isso é um problema maior para as viagens dos Fãs (cf. Tabela 34).

Assim, relativamente ao indicador Fusos Horários e Distância Física (i531) podemos concluir que se verifica existirem Diferenças Geográficas, mas apenas entre a África do Sul e o bloco leste da Austrália/Nova Zelândia.

Relativamente à Dimensão dos países (i532), colocámos aos nossos inquiridos a Q68 - "Como você ranquearia o tamanho dos três Países?". Nesta questão, tanto na Austrália como na Nova Zelândia como na África do Sul, as respostas foram peremptoriamente 100%: "Austrália >> África do Sul > Nova Zelândia" (cf. Tabela 34). Verifica-se, pois, existirem Diferenças Geográficas, no indicador Dimensão dos Países (i532).

Por fim, nas questões relacionadas com as conexões aéreas (i533) entre os três países em análise, a Q69 questionava se "Existem problemas de conexões aéreas entre os três Países?". Nesta questão, tanto na Austrália como na Nova Zelândia como na África do Sul, as respostas foram peremptoriamente (100%) "Não". Também na Q70 - "Existem diferenças de infra-estruturas aeroportuárias entre os três Países?" tanto na Austrália como na Nova Zelândia como na África do Sul, as respostas foram peremptoriamente (100%) "Não".

Relativamente ao indicador Conexões Aéreas (i533) somos levados a concluir que se verifica não existirem Diferenças Geográficas.

Em síntese os dados sugerem que se verifica existirem Diferenças Geográficas relevantes entre os África do Sul e o bloco leste da Austrália/Nova Zelândia, apesar das infraestruturas aéreas e suas Conexões (i533) serem boas e similares.

6.2.4. Verificando a existência de diferenças económicas

Para o estudo empírico da variável CAGE - Diferenças Económicas no rugby dos países SANZAR, considerámos como indicadores as diferenças de poder dos media/mídia (i541, Q71), rendimento dos consumidores (i542, Q75-76), e rendimento dos jogadores (i543, Q77-78).

Quando interrogados se "Existem diferenças no Poder dos Media/Mídia, entre os três Países?"(Q71), a maioria dos inquiridos (63%, 67%, 44%) respondeu que os media da Nova Zelândia e África do Sul são similares, e que a cobertura mediática do rugby na Austrália é bastante inferior. Ainda assim, 37% dos inquiridos australianos, 22% dos neozelandeses e 56% dos sulafricanos acreditam não haver diferenças (cf. Tabela 35).

A única resposta que se afasta das referidas foi de que "os media neozelandeses é muito superior à dos outros dois países" (11%). No entanto, conforme referimos no início deste Capítulo, segundo vários autores e vários relatos informais, a internacionalização do rugby deveu-se particularmente ao Poder dos Media/Mídia australianos, e ao sério risco de que os jogadores de rugby UNION poderiam ser facilmente assediados para migrarem para o rugby LEAGUE, muito popular na Austrália. Ou seja, acreditamos que o Poder dos Media/Mídia australiano em geral é muito superior aos outros, mas a cobertura mediática do "nosso" rugby union é superior na Nova Zelândia e África do Sul.

Tabela 35 - Diferenças Económicas

ECONOMICAL DIFFERENCES	Q71	Q75	Q76	Q77	Q78
	Yes, SA=NZ, but Australia Less	Yes	Australia Top	No	South Africa top
Australia	63%	71%	100%	57%	67%
New Zealand	67%	100%	57%	33%	83%
South Africa	44%	88%	100%	88%	100%
(total)	58%	87%	84%	58%	80%

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) - *Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Os dados sugerem então, que se verifica existirem algumas Diferenças Económicas, no indicador Poder dos Media/Mídia (i541), mas que no geral acabam por se igualar.

No respeitante ao rendimento dos consumidores, quando questionados se "Existe uma grande diferença de Rendimento dos Consumidores de rugby, entre os três Países?" (Q75) e "Se sim, como você ranquearia os três Países? (Q76)", a esmagadora maioria dos inquiridos respondeu que "Sim" (71%, 100%, 88%), sendo que a diferença está nas respostas à Q76, onde todos (100%) os inquiridos na Austrália e África do Sul acreditam que os consumidores australianos são os mais abastados. Idêntica resposta deram 57% dos neozelandeses, sendo que os restantes 43% acreditam que os consumidores mais ricos são os sulafricanos (cf. Tabela 35). Importante referir que, no total dos inquiridos, 79% classificam os consumidores sulafricanos como os menos abastados, assim como 42% acreditam que essa classificação é dos neozelandeses.

A constatação *in-loco* que tivémos é absolutamente coerente com estas respostas: o rugby australiano está posicionado no nicho de mercado mais abastado, mas o sulafricano e o neozelandês, sendo mais populares, têm muito mais consumidores e (também por isso), naturalmente inferiores na média. Podemos então concluir que no indicador Rendimento dos Consumidores (i542) que se verifica não existirem Diferenças Económicas entre África do Sul e Nova Zelândia.

Também, quando questionados se "Existe uma grande diferença dos Salários dos Jogadores de rugby, entre os três Países?" (Q77) e "Se sim, como você ranquearia os três Países? (Q78), a maioria dos inquiridos respondeu que "Não" (57%, 33%, 88%), sendo que a diferença está nas respostas da Q78, onde todos (100%) os inquiridos na África do Sul acreditam que os jogadores sulafricanos são os mais bem pagos. Idêntica resposta deram 67% dos australianos, assim como 83% dos neozelandeses (cf. Tabela 35).

Importante referir que, no total dos inquiridos, 79% classificam os jogadores sulafricanos como os que têm salários maiores, assim como 80% acreditam que a condição contrária é dos neozelandeses. Mas, na verdade, ao consultar os Relatórios Financeiros (cf. Capítulo 5), constata-se que os maiores salários (i543) são os dos jogadores australianos, seguidos de perto pelos neozelandeses, e havendo uma diferença razoável para os sulafricanos. Realidade que se torna absolutamente incoerente com as respostas dadas. De facto uma das minhas maiores surpresas, foi o facto dos CEOs das Franquias profissionais em cada país,

apesar do intenso intercâmbio estabelecido entre si, não conversarem sobre números reais com CEOs dos outros Países.

Da análise da informação recolhida somos então levados a concluir que, no indicador Salários dos Jogadores (i543) se verifica existirem Diferenças Económicas, mas apenas da África do Sul para os outros, que são similares.

6.3. Síntese Conclusiva (H³)

Para a verificação da Hipótese (H³), onde se considerava que "A internacionalização do produto "Rugby" facilita a obtenção de recursos privados da sociedade", recorremos à grade [framework] CAGE de Ghemawat (2007), usada para identificar e priorizar as diferenças entre os países que as empresas devem abordar ao desenvolver estratégias transfronteiriças. Acreditamos que foi possível verificar que as proximidades Culturais (V5.1), Administrativas (V5.2) e Económicas (V5.4) dos três países são mais visíveis do que as suas diferenças. Essas proximidades permitem pensar que se sobrepujaram à distância evidente na variável Diferenças Geográficas (V5.3).

Como demonstrado no início deste capítulo, ficou também claro que, a partir da internacionalização do produto rugby em 1996, foi possível captar patrocinadores Multinacionais (i324) e/ou grandes marcas Nacionais (i323), indo ao encontro do que Andreff & Scelles (2015) referem, acerca da evolução do desporto amador para profissional, passando de receitas oriundas de espetadores-subvenções-patrocinadores de âmbito local (SSSL) para Media-Multinacionais-Merchandising-Mercados de âmbito Global (MCMMG). Conforme Tabela 31 (pág 148), isso ocorreu não só para o "novo" nível [Tier] 2 (Super Rugby), mas também aumentou a exposição/captação de recursos privados para os já consolidados níveis [Tier] 1 (Internacional) e [Tier] 3 (Provincial). E o rugby amador (nível/Tier 4) consolidou as suas captações restritas aos patrocinadores locais (i321). Seguramente que essa internacionalização só foi possível devido às proximidades culturais, administrativas e económicas entre os países da SANZAR, conforme comprovámos, usando a framework CAGE, preconizada por Ghemawat (2001, 2007, 2011).

CONCLUSÃO

O Equilíbrio Competitivo tem vindo a ser considerado como o maior responsável pela qualidade do rugby do hemisfério sul (Owen & Weatherspoon, 2002; Obel, 2010; Shewan, 2012; Hogan, Massey & Massey, 2011, 2013, 2014; Kuchar & Martin, 2016), onde se têm destacado os países do SANZAR (África do Sul, Nova Zelândia e Austrália), em análise na presente investigação. Dado o objetivo comum desses três países ser o sucesso das suas seleções nacionais, as respetivas Federações Nacionais têm mantido o controle do rugby profissional desde 1995 (FitzSimons, 2003; Retief, 2011).

Segundo a literatura, nas Competições Profissionais, o equilíbrio competitivo tem sido procurado pela limitação da utilização das Receitas (Owen & Weatherspoon, 2002; McMillan, 2006; Chaix, 2006; Andreff, 2007, 2015; Szymanski, 2007; Macdonald & Booth, 2007; Kucher & Martin, 2016); enquanto nas Amadoras, pela limitação dos Custos (McMillan, 1997; Obel, 2010).

De modo a aprofundarmos o conhecimento sobre esta realidade, definimos como **Objetivo Geral** desta Tese investigar os modelos de gestão das federações de Rugby da SANZAR, e a sua relação com os resultados desportivos internacionais. Procurámos então saber, quais os principais factores da supremacia do rugby do hemisfério sul, definindo como Pergunta de Partida “porque as nações da SANZAR ganham tão consistentemente?”. Como **Objetivos Específicos**, pretendeu-se saber como são construídas as estruturas organizacionais e de gestão dessas federações de Rugby, e quais as diferenças e aproximações que poderiam ser identificadas entre estes três “modelos” de gestão e organização, com referência às relações de poder.

Dando resposta à pergunta de partida para a presente investigação, e tendo por base os contributos dos autores analisados no Capítulo 1, definimos como pressuposto central ou tese a investigar, que **o sucesso desportivo das nações da SANZAR nos campeonatos internacionais de Rugby assenta na estrutura organizacional das competições internas, que potencia o cruzamentos de vários apoios, como sejam os financeiros dos sectores público e privado, e os resultantes da comercialização de marcas das equipas profissionais, junto de uma base alargada de adeptos.**

Para o aprofundamento da nossa hipótese central ou pressuposto a investigar, definimos três Hipóteses, cuja operacionalização se encontra no Modelo de Análise na Tabela 3 (Capítulo 2, p.64).

H¹: "As grades competitivas integradas, assentes nas bases do rugby amador e das seleções estaduais, são mais facilmente beneficiadas pelas políticas públicas desportivas"

H²: "As competições limitadas geograficamente facilitam e potencializam o trabalho do *branding* das equipas"

H³: "A internacionalização do produto "Rugby" facilita a obtenção de recursos privados da sociedade"

Estas Hipóteses foram testadas através dos cruzamentos das Dimensões desta Pesquisa (cf. Desenho do Estudo, Figura 2, p. 63), onde a H¹ testa a influência da D2 na D4, a H² testa como a D2 influencia a D6, com a H³ testando em como a D3 foi influenciada pela D5. Tendo por base os indicadores ou variáveis em cada uma das dimensões do Modelo de Análise Desagregado (MAD), construímos um inquérito por questionário (cf. Anexo I), aplicado de forma presencial entre 14 de Julho e 2 de Novembro de 2015, junto dos interlocutores privilegiados, os nossos entrevistados (cf. 2.4 Caracterização da Amostra) em cada um dos três países do SANZAR (África do Sul, Nova Zelândia e Austrália). 81 questionários foram respondidos por CEOs, presidentes e diretores de alto escalão em 4 níveis: Federações Nacionais, Franquias do Super Rugby, Federações Provinciais e Clubes Amadores, divididas por 30 na Austrália, 32 na NZ e 19 na Af Sul.

Da análise dos dados recolhidos, confirmámos que as competições equilibradas, o apoio público ao nível amador e os recursos privados na vertente profissional do jogo tinham uma conexão com a integração dos modelos competitivos desses países. Os resultados da análise da primeira Hipótese mostram uma maior facilidade de garantir o apoio público por parte do rugby amador/semiprofissional da SANZAR, conclusões que corroboram anteriores estudos (Fitzgerald, 1997; Louw, 2002; Tennant et al., 2006; Burley & Joyce, 2008; Cordery & Davies, 2016).

Também confirmámos, na nossa segunda hipótese, que a delimitação geográfica dos níveis competitivos potencializa o trabalho de branding e comercialização das marcas de todas as equipas, o que corrobora com as conclusões de Taylor (2003), Keller & Swaminathan (2003), Skinner, Stewart & Edwards (2003) e Gerber-Nel (2004, 2006, 2007).

Por fim confirmámos, na análise da terceira hipótese, que a internacionalização do produto de rugby em 1996 atraiu patrocinadores multinacionais e/ou grandes empresas nacionais, conclusões que corroboram anteriores estudos c

Os quatro níveis competitivos dos três países em análise não foram uma surpresa (Obel, 2010; Meiklejohn et al., 2016), embora tenha sido a **Integração de Calendários** entre eles. Como analisámos no Capítulo 4 (Figura 4, p.111), essa integração dos calendários permite que todas as equipas, de qualquer um dos quatro níveis de competição, consiga ter sempre outras equipas (e jogadores) como "reservas", que podem ser chamados/promovidos a qualquer momento. Também a obrigação de ter um determinado número de equipas para um Clube amador poder participar na Divisão superior da sua Federação Local, se revelou uma surpresa.

A outra surpresa que constatámos foi saber que apesar de nunca ter sido campeão do Super Rugby, os Stormers são das marcas mais respeitadas pelos sulafricanos fora da região de Cape Town, provavelmente pela forte tradição da sua equipa provincial "Western Province", o que atesta a importância dada à Currie Cup (Lamberti, 2001), mesmo sabendo que os seus melhores jogadores estarão representando os Springboks nesse período. Algo semelhante ocorre com o aparente insucesso desportivo da franquia profissional dos Blues contrastando como histórico vencedor da seleção provincial de Auckland na ITM Cup.

Mas ambas as surpresas estarão diretamente relacionadas com o **correto posicionamento comercial dos diferentes níveis competitivos**, conforme ilustra a Tabela 36.

Tabela 36 – Síntese comercial do rugby do hemisfério sul

	Sócios/ Acionistas	Media	Sponsors	apoio Público	Financiamento Público
Seleções	Provincial Unions (PUs)	TVs Abertas	Multinacionais	Estádio	2% (apenas 7s)
Super Rugby	PUs /Private Ltd	TVs pagas	Multi + grandes Nacionais	NÃO ¹¹¹	NÃO
Provincia I	Clubes	outras TVs/Rádio	Regional / Nacional	Estádio	<i>Grants</i> (% minoritária)
Clubes	Membros/sócios	Social / Imprensa	Locais	Estádio/ Parques	<i>Grants</i> (grande %)

Fonte: Inquérito por Questionário (Anexo I) -*Why SANZAR nations win so consistently?*, 2015.

Assim, da análise e discussão dos resultados, podemos concluir, que os modelos competitivos nos 4 níveis [*Tiers*] são análogos a um posicionamento mercadológico correto, possibilitando financiamento público e apoio não financeiro ao nível mais baixo da competição amadora, e com aumento da cobertura mediática à medida que se sobe para os níveis competitivos

¹¹¹ A única exceção é o caso dos Cheetahs, de Bloemfontein

superiores, onde as equipas alcançam patrocínios privados, adequados ao seu nível de competição.

Além disso, o grande quinhão dos direitos de TV advindos da exposição internacional, tanto das seleções nacionais quanto das franquias do Super Rugby, também são devidamente canalizados para os níveis competitivos inferiores, pois é a partir deles que se alimenta, detecta, seleciona e desenvolve o contínuo influxo de recursos humanos (jogadores, treinadores, *staff* técnico, etc).

Por fim, podemos concluir em resposta à nossa pergunta de partida que pretendia saber “porque as nações da SANZAR ganham tão consistentemente?”, que a supremacia mundial do rugby nestes países se pode explicar pela coerente interligação dos diferentes níveis competitivos, tanto a nível desportivo – em que sobressai a incessante procura pelo Equilíbrio Competitivo –, como ao nível do apoio Público – local, regional ou nacional, e também ao nível Comercial – em que sobressai a correspondência das Marcas com a abrangência geográfica Mediática num mundo global.

LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES EMPÍRICAS E CONCEPTUAIS

Na fase final da nossa investigação foi ficando claro que alguns aspetos da temática em análise poderão vir a ser pesquisados no futuro, como sejam: o rugby feminino; a forma como os três países irão integrar o calendário do rugby de 7 [*sevens*], agora modalidade olímpica; ou uma Pesquisa aos três países de maior notoriedade física do rugby mundial, e os grandes fornecedores de talento na Austrália e Nova Zelândia, que são claramente as ilhas Fiji, Samoa e Tonga.

A nível das Federações Nacionais, conseguimos entrevistar um membro do Conselho de Administração e dois diretores da Federação australiana (Australian Rugby Union - ARU), assim como entrevistar um membro do Conselho de Administração e um diretor da Federação neozelandesa (New Zealand Rugby Union - NZRU). Mas no caso da Federação sulafricana (South Africa Rugby Union - SARU), não foi possível a deslocação a Cape Town, o que limitou a nossa Investigação. No entanto, foi possível ter acesso (público) aos Relatórios e Contas, para comparar os dados financeiros com as outras duas.

A nível do Super Rugby, a amostra foi acima do esperado, com entrevistas com o CEO da SANZAR e com os CEOs de dez das quinze franquias participantes. Por ironia do destino, a única franquia neozelandesa que não visitámos foram os Highlanders, que viriam a tornar-se campeões inéditos. Na Austrália, visitámos as três principais franquias, não nos tendo sido possível deslocar até Melbourne nem Perth. E na África do Sul, também conseguimos três entrevistas com os CEOs de Bulls, Lions e Cheetahs, mas não sendo possível a visita aos Stormers de Cape Town, nem aos Sharks de Durban.

A nível das Federações Provinciais, também conseguimos uma amostra sólida, entrevistando oito CEOs das quatorze Provincial Unions neozelandesas e outros oito CEOs das quatorze Provincial Unions sulafricanas. Na Austrália, conseguimos visitar as três principais Federações Estaduais, das oito que compõem a ARU. As limitações estiveram no facto de apenas termos conseguido visitar uma Federação Provincial da Ilha do Sul da Nova Zelândia e, como no caso do Super Rugby, apenas termos conseguido visitar Federações Provinciais do Planalto Central sulafricano. A este nível, a limitação australiana deveu-se às equipas do National Rugby Championship não terem uma representação análoga aos dos outros dois países, nomeadamente as equipas de Sydney/New South Wales.

Ao nível dos Clubes Amadores, a limitação centrou-se mais na equidade, pois o objetivo de entrevistar Presidentes de dois clubes por província foi conseguido (e superado) em

sete das oito Províncias neozelandesas visitadas; nas visitas aos três Estados australianos; mas em apenas duas das oito Províncias sulafricanas que nos receberam.

Na Nova Zelândia, Canterbury com quatro, e Auckland com três, destoaram pela positiva, enquanto não conseguimos chegar ao contacto com nenhum clube de Northland. Na Austrália, visitámos oito dos doze clubes da Shute Shield, em Sydney; cinco dos nove clubes da principal competição amadora de Brisbane; e em Canberra, os dois que tínhamos como objetivo. Foi na África do Sul onde tivémos maior dificuldade, pois aos dois clubes de Pretória e Johannesburg, somente conseguimos entrevistar um presidente de clubes nas províncias de North West e Free State, e ficámos a dever nas Federações Provinciais dos Pumas de Mpumalanga, Valke, Griffons e Gricquas de Northern Cape.

Implicações empíricas e conceptuais

Apercebemo-nos de algumas Leis, comuns aos três países (e aos países anglófonos em geral), pelas relações diretas e indiretas que têm com o rugby, que nos parecem importantes ser mencionadas, são elas:

- As limitações de venda e liberdade para consumo de álcool em locais públicos, pelo que o rugby se beneficia por os clubes amadores terem licenças para tal, dado serem Clubes Desportivos [*Sports Clubs*];
- Como as universidades, mesmo as públicas, são pagas (e caras), o rugby escolar atrai muitos alunos, fortemente apoiados pelos seus pais, que almejam bolsas universitárias integrais, oferecidas pelas próprias universidades, ou pagas por patrocinadores (clubes ou entidades filantrópicas);
- Como os jogos de azar geram impostos, uma parte dos mesmos é devolvida à sociedade, em forma de fomento a atividades comunitárias, onde o rugby amador se insere;
- Como existe dinheiro público nas Associações Desportivas sem fins lucrativos, todas elas devem publicitar os seus Relatórios e Contas no site das Finanças/Receita Federal;
- Finalmente, como são três países de forte imigração regional, têm regras rígidas na emissão de Vistos de Residência, e ainda maiores na concessão de cidadania.

Outra constatação que também encontramos foi que todas as dez franquias profissionais do Super Rugby têm uma forte relação com uma Universidade local. Por exemplo, os Crusaders atraem jogadores amadores de toda Nova Zelândia, pois apoiam-se na Lincoln University, onde 82% dos seus jogadores são de fora da área de Canterbury. Em troca, os treinadores do clube universitário têm formação contínua e o técnico principal faz parte dos quadros dos Crusaders (inclusive, ele esteve no Brasil, ao abrigo do acordo da Confederação Brasileira com os Crusaders).

Os Hurricanes têm algo parecido com a Victoria University. Já os Blues, têm inclusive as suas instalações dentro na Unitec Institute of Technology, assim como os Chiefs dentro da Waikato University. Os Reds têm aproximação com a University of Queensland, assim como os Waratahs se apoiam na vinda de jogadores para a Sydney University, e os Brumbies construíram as suas instalações dentro da University of Canberra. Na África do Sul, as relações são ainda mais intensas, dada a importância da Varsity Cup: os Bulls têm o seu estádio e instalações paredes meias com a University of Pretoria, e paga as anuidades de seus jogadores mais jovens. Os Lions têm uma relação similar com a University of Johannesburg, assim como os Cheetahs com a University of Free State.

Restringindo-nos ao rugby amador neozelandês, apercebemo-nos da existência de uma proibição do profissionalismo, e também da proibição dos clubes terem equipas entre 12 e 17 anos, para não concorrerem com o rugby escolar. Já na Austrália, uma surpresa foi a proibição de força nas Formações Ordenadas [*scrums*], até que todos os jogadores tenham 18 anos de idade.

Na Austrália e Nova Zelândia, fomos surpreendidos com a forte presença de jogadores das Ilhas do Pacífico – filhos de imigrantes – que nos fazem acreditar que uma próxima Pesquisa de Campo se deva centrar em visitar Fiji, Samoa e Tonga. A surpresa não foi a presença desses jogadores, mas sim que os mesmos são filhos da forte imigração recente e não de jogadores importados, o que faz com que a sua presença seja também muito forte nos níveis inferiores e amadores. Isto, apesar dos *Maori* nativos da Nova Zelândia, na verdade já serem descendentes dos imigrantes dessas ilhas, que chegaram há cerca de 1.200 anos.

Fazendo um pequeno desvio relativo ao Rugby de Sete (7s), um pormenor importante com que nos deparamos durante uma das entrevistas (Q16), foi que nem todos os jogadores que qualificaram a Nova Zelândia para os Jogos Olímpicos (classificando-se em terceiro lugar no Circuito Mundial 2014-15¹¹²) puderam representar os All Blacks no Rio 2016, pois não eram

¹¹² Os quatro primeiros classificados no Circuito Mundial 2014-15 tiveram vaga garantida nos Jogos Olímpicos.

portadores de passaporte neozelandês. Isto porque as regras de elegibilidade da World Rugby (antiga iRB) são diferentes do COI¹¹³. Situação similar se verificou com a capitã da Austrália e campeã do Mundo em 2009, que representou as Fiji no Rio 2016, país pelo qual tem o seu Passaporte.

¹¹³ Para se ser elegível para jogar por um país, a iRB exige comprovação de pai ou avô, ou Visto de Residência com 36 meses. Já para o COI, a única regra - transversal a todas as modalidades - é que os atletas sejam portadores de Passaporte do país que irão representar.

RECOMENDAÇÕES PARA ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DO RUGBY O BRASIL E EM PORTUGAL A PARTIR DO ESTUDO DA REALIDADE DA SANZAR

Macdonald & Botth (2007) concluíram que existem três formas dos organizadores aumentarem o equilíbrio de uma competição: mudar a distribuição geográfica dos participantes, para que todos tenham um tamanho de mercado de onde gerar receitas próprias; distribuir receitas de vendas de direitos de TV e/ou *merchandising*, que tenham sido vendidas coletivamente; e/ou limitar a migração dos melhores jogadores para as equipas mais ricas (seja por draft, regulamentação de transferências e/ou *Salary-Cap*).

Como tanto o rugby português como o brasileiro são amadores, a segunda e terceira formas apresentadas não fazem grande sentido. E mesmo a primeira, só o fará relativamente à capacidade de gerar receitas através de financiamento público local, seja financeiro ou por fornecimento de transporte.

Por outro lado, os países mais ricos são aqueles onde as vias de comunicação são melhores e mais baratas, sejam elas rodovias, ferrovias, aerovias, vias fluviais, ou também vias telefónicas ou de internet. Ou dito de outra forma, os países mais ricos são onde as Barreiras à Entrada são menores. Dito isto, no rugby, as Barreiras à Entrada de novos clubes (ou novas equipas do mesmo Clube) estão centradas significativamente no custo das deslocações para competir. Penso ser esse o grande gargalo que tanto o Brasil como Portugal devem tentar resolver: os custos de deslocamento para competir.

Exemplo ilustrativo: o rugby nos Clubes Amadores de Canterbury (NZ)

Os All Blacks são a seleção nacional de qualquer desporto de maior sucesso mundial; os Crusaders são os maiores campeões do Super Rugby; e Canterbury é a maior campeã provincial da NZ da última década¹¹⁴.

Assim, como exemplo ilustrativo, escolhemos Canterbury porque é uma Província da NZ, onde existem 3 *Rugby Football Unions* (RFUs, ou Associações de Rugby) e com possibilidades de se autonomizarem mais 2 adicionais, num futuro próximo.

Assim, nas grandes Planícies de Canterbury, hoje existem (cf. Figura 5):

¹¹⁴ A província de Canterbury foi campeã da NZ em 9 dos últimos 12 anos desde 2008.

- a Canterbury RFU (fundada em 1879 tem 2 vertentes, o Community Rugby e o Rugby Profissional)
- a Mid-Canterbury RFU (autonomizou-se em 1927 de Canterbury RFU)
- e a South Canterbury RFU (autonomizou-se em 1888, foi Fundadora da NZRU)

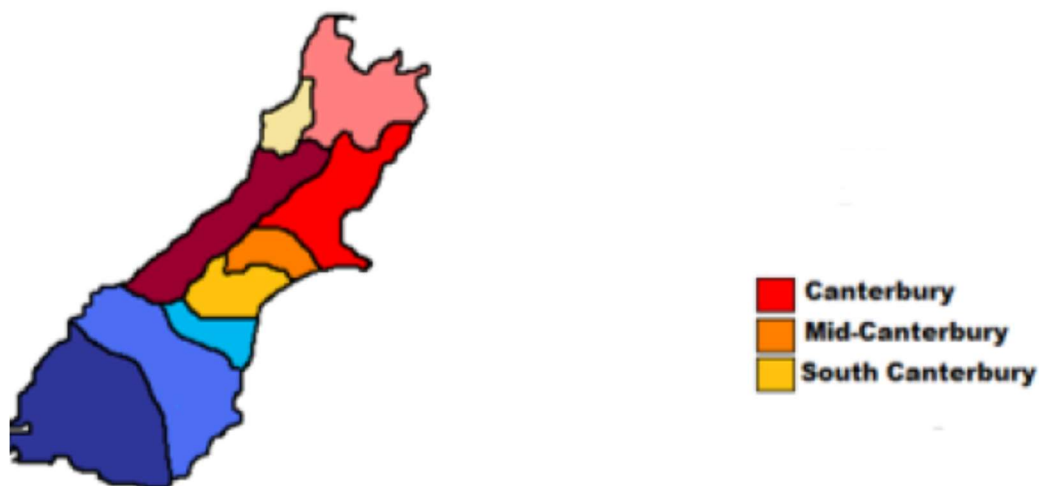


Figura 5 - Federações Provinciais da Ilha do Sul (Nova Zelândia)

Mas num futuro próximo, conforme me foi confidenciado na própria CRFU, é natural que se autonomizem mais duas:

- North Canterbury (cf. Figura 6, 16 Clubes acima do rio Waimakariri)
- Ellesmere Division (cf. Figura 8, 16 Clubes fora de Christchurch, ao redor do lago Ellesmere)

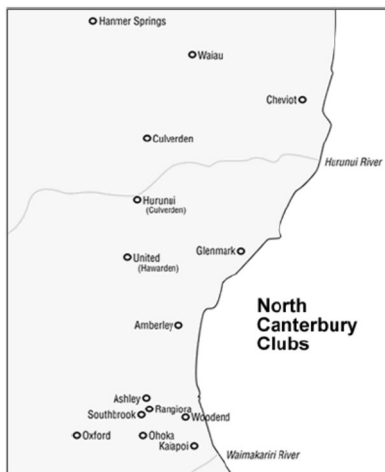


Figura 6 - Clubes de North Canterbury

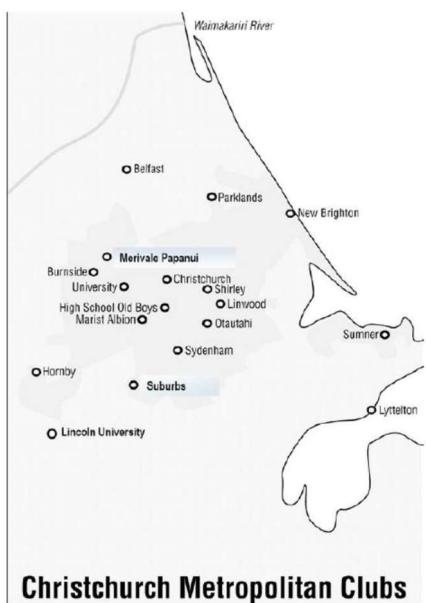


Figura 7 - Clubes metropolitanos de Christchurch

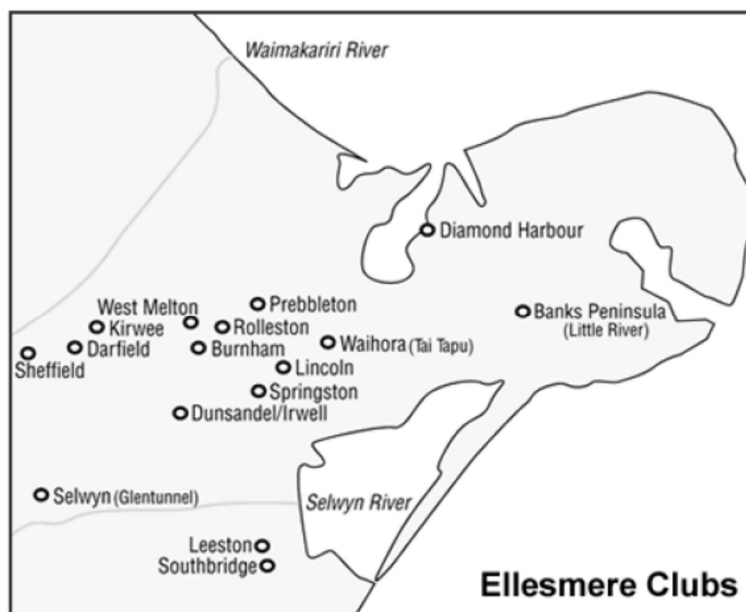


Figura 8 - Clubes suburbanos de CHCH

Sendo que a grande força de Canterbury é o campeonato **metropolitano** local (cf. Anexo IV, Hawkins Cup; e Fig 7, na página anterior), com 18 clubes que distam no máximo 28 kms. As características desta Competição são parecidas com as de Auckland, Wellington, Sydney, Brisbane, Pretoria e Johannesburg¹¹⁵, mas também de North Harbour, Counties Manukau, Palmerston North, Canberra, Bloemfontein, Welkom e Kempton Park¹¹⁶.

- Não há subida/descida de Divisão;
- Para participar na 1ª Divisão, um Clube tem de ter Equipa A + B + Sub21 (Colts) (nota: dos 12 Clubes que participam na 1ª Div, 08 têm também pelo menos equipa C; já em Auckland, Wellington, Sydney, Brisbane, Pretoria e Johannesburg, os Clubes têm 4 equipas + 3 *Colts* (s21, s20, s19);
- Os Clubes que não têm esse mínimo de equipas, participam nas Divisões inferiores, inscrevendo-se naquela que acham mais adequada (decisão do próprio Clube). Por exemplo, Suburbs tem equipas A, B e C, mas entende ser mais adequado jogar na 2ª Divisão com a equipa A, na 3ª Div com a equipa B e na 4ª Div com a equipa C. Já as equipas C de Belfast e New Brighton preferem jogar na 4ª Divisão (em vez de jogar na 3ª);
- O Profissionalismo é proibido, mas permite-se gastar até NZ\$ 5.000 (+- Eur 3.000) com recrutamento (no total), sendo vedado a busca por mais de 3 jogadores de outros Clubes locais (que tenham jogado a Hawkins Cup no ano anterior). Podem trazer quantos jogadores queiram de fora de Christchurch. A Lincoln University tem 82% de jogadores de fora, pois oferece Bolsas Académicas - todas as Universidades na NZ, apesar de "públicas" têm anuidades que variam entre NZ\$30-50.000/ano (nota: todas as 10 Franquias do Super Rugby que visitei têm forte ligação a uma importante Universidade local);

¹¹⁵ Potchefstroom e Rustenburg são 2 Clubes fortes (da Província de Northwest), mas que jogam como convidados nas competições vizinhas de Johannesburg e Pretoria, respectivamente a 140 kms de distância. Só jogam a fase regular, não podem jogar os Playoffs.

¹¹⁶ Poderá consultar-se em <http://draws.nzrugby.co.nz/competitions/Standings.aspx>. Em Waikato (Hamilton é a sede dos Chiefs), Northland e Northern Cape (Kimberly, sede dos Griquas), joga-se como em Portugal, com importantes gastos com **Transporte**. Os Clubes/Competição de Northern Cape não conseguem produzir NENHUM jogador capaz de jogar pelos Griquas (são todos contratados/emprestados de outras Províncias). Northland é a pior equipa da ITM Cup. e Waikato não consegue reproduzir na ITM Cup o mesmo sucesso que os Chiefs têm no Super Rugby.

- Na NZ é proibido aos Clubes terem equipas dos 12 aos 17 anos, para não roubar jogadores dos Colégios (na Austrália e Af.Sul essa regra não existe, mas o rugby de clubes nessas idades é muito inferior ao rugby escolar);
- Grande parte dos Clubes têm o que eles chamam de *Junior Rugby*, dos 6-12 anos;
- São 4 meses de competição, com 18 fins-de-semana consecutivos (16 + Semis + Final). (Nota: a competição amadora mais comprida é a Shute Shield, de Sydney, com 21 fds consecutivos, com a final a coincidir com a Final do Super Rugby);
- Todos os jogadores dos Crusaders têm de estar registados por um desses Clubes amadores. Como os Crusaders têm 35 jogadores contratados e somente 23 vão a jogo, os 12 restantes jogam pelos "seus" clubes amadores, para não perderem ritmo de jogo.

Características que observei nesses Clubes Amadores:

- Nos Custos, praticamente não existe o item "Transporte/Deslocações";
- Nas Receitas, o F&B¹¹⁷ é significativo (conforme disse ao Luis Filipe¹¹⁸, todos os jogos em casa deles são como foi o Torneio Rui Pinto Fernandes - vários jogos consecutivos, desde os Colts à equipa A);
- Nas Receitas, os Patrocínios são largamente LOCAIS (assim como os de Empresas Regionais preferem apoiar a equipa de Canterbury na ITM Cup, e Empresas Nacionais/Multinacionais preferem apoiar a franquia dos Crusaders);
- Nenhum Clube é dono dos seus locais de treino/jogo. Os Clubes universitários usam os campos das Universidades (Univ Canterbury e Lincoln Univ), e os outros usam Parques públicos, onde os campos x, y, z, etc lhes são alocados, durante a temporada (depois, esses espaços passam a ser utilizados pelos Clubes de cricket, no segundo semestre);

¹¹⁷ F&B ou "Food & Beverage" é o equivalente à sigla portuguesa de A&B ou "Alimentos e Bebidas"

¹¹⁸ Luis Filipe Lança de Morais, presidente do "meu" Grupo Desportivo de Direito.

Sugestões para uma possível réplica do modelo SANZAR aplicado ao Rugby português e brasileiro

Como assumido desde o início, um dos Objetivos da minha Tese de Doutoramento foi propôr uma **possível réplica** do Sistema SANZAR em Portugal e no Brasil, depois de encontrar respostas para a pergunta de partida "Porque as nações da SANZAR ganham tão consistentemente?".

Gostaria de começar por manifestar alguns aspectos pessoais da minha identidade e percurso profissional. Sou Minhoto do coração, tendo-me alfabetizado e morado em Viana do Castelo até aos sete anos, mudando-me depois para a cidade Setúbal até aos 12. Apenas em 1985 fui morar em Lisboa, onde joguei toda a minha vida no Direito (com um intervalo no primeiro ano de juniores no CDUL, pois o Direito não conseguiu formar equipa nessa época de 1988-89). Aos 30 anos, mudei-me para a Bahia, onde introduzi o rugby, tendo feito o mesmo em 9 meses de Alagoas e noutros 9 meses em Petrolina (Sertão Pernambucano).

De 2011 ao final de 2013, ajudei os vários Clubes de Brasília, tendo ido morar em Arganil no final desse ano, para começar este Doutoramento. Ajudei os sub14 da Lousã nesse ano e fui convidado para liderar os sub18 na temporada seguinte. Claro que sou orgulhosamente da "minha quintinha" do Direito, mas a minha vida proporcionou-me contacto com outras realidades, e com diferentes problemas, experiência essa que espero me tenha ajudado a discernir na SANZAR como resolvê-los.

Peço que vejam as minhas propostas como sugestões, talvez como um ponto de partida, e não como o modelo final. Além da minha paixão pelo rugby, não posso deixar de reforçar que este é um exercício meramente **académico**.

Assim, como esta Tese demonstra, a SANZAR opera em quatro níveis de competição sénior:

1. Seleções Nacionais (All Blacks, Springboks e Wallabies)
2. Franquias de Super Rugby (5 por país até 2015, delimitação da minha Pesquisa)
3. Campeonato Nacional, de Províncias/Cidades (ITM Cup, Currie Cup, National Rugby Championship)
4. Campeonatos locais, de Clubes Amadores

Ao visitar os três países durante 5 meses, tive duas grandes surpresas:

- O **Calendário ser totalmente integrado**, com os níveis 2 e 4 a serem jogados **simultaneamente** no primeiro semestre e suas finais no mesmo fim de semana (fds), e com os níveis 1 e 3 sendo disputados **simultaneamente** no segundo semestre, começando no fim de semana seguinte às finais anteriores

- As **Competições de Clubes** que eu pensava serem provinciais ou estaduais, afinal são ainda mais restritas geograficamente, sendo de **cidades** onde a demografia o permite, e de pequenas regiões (de distâncias próximas às de distritos portugueses), quando a população não é tão densa

Para a presente proposta, também tive em conta que a Irlanda foi o único país que aplicou na prática algo semelhante ao Hemisfério Sul (IRFU, 2012). A Irlanda também tem quatro níveis:

1. Seleção Nacional, que joga três amistosos em novembro (com seleções da SANZAR, que visitam o Norte), o Seis Nações (6N, em Fev-Mar), e visita o Hemisfério Sul em Junho (este ano de 2016, três jogos com os Springboks);

2. Tem cinco Franquias (Leinster, Munster, Ulster, Connacht e...Exiles¹¹⁹ !), com as primeiras quatro a competirem na Heineken Cup (HC) e Challenge Cup (CC). A HC e CC são competições que parecem fotocópias do futebol europeu¹²⁰. O Calendário depende das Instituições Europeias, com forte influência/interferência inglesa e francesa. Além disso, essas quatro Unions (Associações de Rugby) regionais jogam a Guinness Pro12 (Pro12, também conhecida por Celtic League), uma Liga destas quatro equipas adicionadas de mais quatro galesas, duas escocesas e duas italianas. O Calendário é definido por forma a escapar às datas das HC e CC, pois são exatamente os mesmos jogadores que jogam as duas competições até janeiro, quando o nível 2 pára para os melhores jogadores poderem jogar no nível 1 (Seleção Nacional);

3. Seleções Provinciais, que aparentam ser as equipas B das Franquias, alimentadas em alguns momentos por jogadores do nível 4. Estas seleções competem na British & Irish Cup, em datas absolutamente simultâneas com as HC e CC;

¹¹⁹ Os Exiles são uma associação de irlandeses na Inglaterra, onde os ingleses com descendência irlandesa se inscrevem, para que possam ser selecionados para a Seleção da Irlanda. Até 1995, esta Franquia era a principal fornecedora de jogadores da Seleção. Hoje raramente algum jogador consegue chegar à seleção por este caminho.

¹²⁰ Nestas Pesquisas por competições ao redor do Mundo, apercebi-me que na Europa em geral, todos os desportos copiam o futebol, com todas as suas vantagens (de identificação mais fácil, por exemplo) e desvantagens (principalmente financeiras).

4. Clubes Amadores, que jogam simultaneamente nas datas da Pro12.

Sugestão de possível réplica da SANZAR aplicada ao Rugby português

A minha proposta de réplica do Sistema SANZAR para o caso português, ou sugestão, seria análoga ao caso da Irlanda acima referido:

1. Seleção Nacional (**Lobos**), que costuma jogar três amistosos em novembro (com seleções do *Tier 2* não-europeias), o European Nations Cup (ENC, também conhecido por Seis Nações B, em Fev-Mar), e preencher o que não costuma conseguir preencher no Calendário internacional, com digressões para jogar em Junho, preferencialmente em algum país do Hemisfério Sul;

2. Inicialmente três Franquias - a seleção de Lisboa (**Corvos**), e duas análogas aos Irish Exiles¹²¹: os Luso-Franceses (com sede em Paris ou Clermont) e os Luso-Sulafricanos (Johannesburg). Os Corvos jogariam a qualificação da Challenge Cup (CC) e, quando o conseguissem (em 2 ou 3 anos ?), pensar-se-ia na participação de uma segunda Franquia portuguesa (Beiras ? Alentejo ?). Quanto às duas Franquias de importantes comunidades portuguesas, em países de rugby de primeiro mundo, elas seriam responsáveis por tentar não só detectar todos os jogadores locais elegíveis para os Lobos, mas também em captar recursos financeiros locais para enviarem esses jogadores, quando chamados à Seleção Nacional e, muito importante, organizar a recepção de jogos entre as três Franquias, em Novembro (em Paris/Clermont) e/ou Junho (em Johannesburg), onde se poderão gerar receitas interessantes, dada a forte presença dos media dessas comunidades, e de patrocinadores interessados nesse nicho de mercado;

3. **Seleções Distritais**¹²², que jogariam o Campeonato Nacional inter-Distrital, coincidindo em datas com o ENC. Essas seleções hoje seriam organizadas pelas Associações de Rugby de (no futuro, idealmente, seriam as dos 20 distritos portugueses, analogamente ao que acontece hoje com o futebol): Minho, Porto, Trás-os-Montes, Beiras, Oeste/Ribatejo, Lisboa B (Alfacinhas), Alentejo e Algarve;

4. **Competições locais** como Minho, Beiras, Lisboa (2 Divisões - mas sem promoção/rebaixamento, dependendo do número de equipas B e sub20 dos Clubes a sua

¹²¹ Os jogadores apenas são listados, sem deixarem de jogar pelos seus clubes

¹²² da mesma forma que nos países da SANZAR, qualquer seleção distrital pode contratar jogadores de outros distritos, após divulgação dos 24 escolhidos por cada Associação Distrital

participação na divisão superior) e Alentejo. As datas seriam definidas pelos próprios Clubes, na sede dessas quatro Associações de Rugby Distritais. No caso de Lisboa, a proposta mais razoável seria de setembro a janeiro; mas as outras Associações, que não têm Franquia na Challenge Cup, poderiam optar por um Calendário coincidente com o nível 3, para alimentarem as suas seleções distritais com jogadores, no caso de lesões.

Sugestão de possível distribuição dos Clubes, nos diferentes quatro campeonatos regionais/distritais:

Minho com CRAV, Guimarães, Braga, Famalicão, Viana (?) e Garranos (?) (com CDUP e/ou Prazer de Jogar e/ou UTAD como possíveis convidados);

Beiras com Académica, Lousã, Bairrada, Agrária, Aveiro, NR Lousã, Moitense, Mortágua (?), Tondela (?), Guarda (?), Covilhã (?) e Naval (?) (com CDUP e/ou Prazer de Jogar e/ou UTAD como possíveis convidados);

Lisboa com Direito, CDUL, Agronomia, Cascais, Técnico, Belenenses, Benfica, Sporting, CR Técnico, São Miguel, Belas, FTC, Ubuntu, Oeiras (?), Dark Horses (?), Jaguares (com Caldas e/ou Santarém e/ou IP Tomar como possíveis convidados);

e **Alentejo** com Montemor, Évora, Vila da Moita, Vitória de Setúbal, Elvas, Borba, Estremoz (?), Beja (?), Portalegre (?) (com Loulé e/ou Santarém como possíveis convidados)

Sugestão de possível réplica da SANZAR aplicada ao Rugby brasileiro

O Brasil é um país federado, onde todas as suas confederações esportivas são uma confederação das federações estaduais. Assim sendo, a réplica do modelo SANZAR torna-se tranquilamente numa aplicação do que todos os esportes brasileiros já fazem.

Na prática, a sugestão seria:

1. Seleção Nacional (**Tupis**), que costuma jogar o Americas Rugby Championship (ARC, em Fev-Mar), o Sulamericano (logo em seguida), três amistosos em junho (preferencialmente com seleções do *Tier 2*) e três amistosos em novembro (preferencialmente com seleções do *Tier 2*);

2. Inicialmente uma ou duas **Franquias Profissionais** – que irão jogar a futura Liga Americana de Rugby (LAR), a partir de 2021, que deverá ter 6 a 10 equipas da Argentina,

Brasil, Uruguay, Chile, Paraguay e Colômbia, numa primeira fase, com possibilidade de expansão futura para o Peru e México;

3. **Seleções Estaduais**¹²³, que jogariam o Campeonato Nacional inter-Estadual, coincidindo em datas com ARC e o Sulamericano. Essas seleções hoje seriam organizadas pelas atuais 27 Federações Estaduais, e a competição poderia ser disputada em 3 divisões, com as duas primeiras com 8 equipas, e a terceira dividida em duas zonas (Norte e Sul, por exemplo), todas com acesso e rebaixamento. Poder-se-ia pensar numa autonomia de regiões de São Paulo, por exemplo, formando suas Seleções, imitando um pouco a autonomia descrita acima, no caso de Canterbury (NZ);

4. **Competições Estaduais** que já existem um pouco por todo o país, mas tentando que não se formem Divisões, nem promoções/rebaixamentos, mas sim exigindo equipas B e sub20 aos Clubes, para a sua participação na divisão superior. As datas seriam definidas pelos próprios Clubes, na sede dessas Federações Estaduais. No caso de São Paulo, se optar por participar no nível 3 com seleções de suas sub-Federações autónomas, a proposta mais razoável seria também regionalizar a sua competição estadual, deixando em aberto a possibilidade de convites inter-Sub Federações, como seriam os casos de S.José Campos e Jacareí. O ideal seria as datas destas competições coincidirem com as datas da LAR, para alimentarem a(s) sua(s) franquia(s) com jogadores, no caso de lesões, e para também poder dar oportunidade dos profissionais não relacionados (nos 23), que não percam ritmo de jogo, jogando em seus clubes amadores¹²⁴.

¹²³da mesma forma que nos países da SANZAR, qualquer seleção estadual pode contratar jogadores de outros estados, após divulgação dos 24 escolhidos por cada Federação Estadual

¹²⁴ existem muitos exemplos, mas o mais recente e badalado foi o de Dan Carter, que jogou pelo seu Southbridge, enquanto não é convocado para jogar pela Franquia dos Blues (Super Rugby 2020)

BIBLIOGRAFIA

Aaker, DA. (1996). *Building strong brands*. London: The Free Press.

Aglietta, M., Andreff, W., & Drut, B. (2008). Bourse et football. *Revue d'économie politique*, 118(2), 255-296.

Andersson, U., Johanson, J., & Vahlne, J. E. (1997). Organic acquisitions in the internationalization process of the business firm. *MIR: Management International Review*, 67-84.

Andreff, W. & Staudohar, P. D. (2000). The evolving European model of professional sports finance. *Journal of sports economics*, 1(3), 257-276.

Andreff, W. (2006). *New Perspectives in Sports Economics: A European View*. 8th IASE-AK Conference Proceedings New Perspectives in Sports Economics, Working Paper Series No. 06-05, Bochum.

Andreff, W. (2007a). French football: A financial crisis rooted in weak governance. *Journal of Sports Economics*, 8(6), 652-661.

Andreff, W. (2007b). Governance issues in French professional football. In.: Rodríguez, P., Késenne, S., & García, J. (Eds), *Governance and Competition in Professional Sports Leagues* (pp. 55-86). Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo.

Andreff, W. (2007c). Régulation et institutions en économie du sport. *Revue de la régulation. Capitalisme, Institutions, Pouvoirs*, 1.

Andreff, W. (2008). Globalization of the sports economy. *Rivista di diritto ed economia dello sport*, 4(3), 13-32.

Andreff, W. (2009). The economic effects of 'muscle drain' in sport. *Labour Market Migration in European Football: Key Issues and Challenges*, 2(2), 9-31.

Andreff, W. (2011). Les risques financiers de la glorieuse incertitude du sport. *Risques. Les cahiers de l'assurance*, 88(décembre), 21-27.

Andreff, W. (2014). French professional football: how much different?. In.: Goddard, J., & Sloane, P. (Eds). (pp. 298-321). *Handbook on the economics of professional football*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

Andreff, W. (2015a). Analyse économique du rugby professionnel en France: Equilibre compétitif et contrainte budgétaire. In.: Chaix, P. (Ed.) *Le nouveau visage du rugby professionnel français : Argent, succès & dérives*. (pp. 157-189). Paris: L'Harmattan.

Andreff, W. (2015b). Governance of Professional Team Sports Clubs: Agency Problems and Soft Budget Constraints. In.: Andreff, W. (Ed.), *Disequilibrium Sports Economics* (pp. 175-227). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

Andreff, W., & Scelles, N. (2015). Le modèle économique d'un club professionnel de football en France. In.: Chanavat, N., & Desbordes, M. (Eds.), *Marketing du Football*. (pp. 84-100). Paris: Editions Ecomica.

Andreff, W., & Szymanski, S. (Eds.). (2006). *Handbook on the Economics of Sport* (1st ed.). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

- Antonio, V. S. R. (2017) Passe para trás! Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891-1933). Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de mestre, orientada por Flavio de Campos, São Paulo, Brasil.
- Augustin, J. P. (1999). From one stage to another: French rugby caught between local and global cultures. *Journal of European Area Studies*, 7(2), 197-210.
- Baimbridge, M., Cameron, S. & Dawson, P. (1996). Satellite television and the demand for football: a whole new ball game?. *Scottish Journal of Political Economy*, 43(3), 317-333.
- Baimbridge, M. (1998). Outcome uncertainty in sporting competition: the Olympic Games 1896-1996. *Applied Economic Letters*, 5(3), 161-164.
- Bauer, T. & Vincent, J. (2012). A Portrait of a Rugby Man with a 'Broken Face' Le Flambeau dans la nuit (Torch in the Night)(1927) by Henry Decoin. *The International Journal of the History of Sport*, 29(10), 1405-1424.
- Bell, J., McNaughton, R., & Young, S. (2001). 'Born-again global' firms: An extension to the 'born global' phenomenon. *Journal of International Management*, 7(3), 173-189.
- Bell, J., McNaughton, R., Young, S., & Crick, D. (2003). Towards an integrative model of small firm internationalisation. *Journal of International Entrepreneurship*, 1(4), 339-362.
- Bermejo, J. P. & Ruano, M. Á. G. (2012). Estudio comparativo de la ventaja de jugar en casa en balonmano y rugby como deportes colectivos de colaboración-oposición con contacto. *E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte*, 8(1), 17-24.
- Bernard, A. B. & Busse, M. R. (2004). Who wins the Olympic Games: Economic resources and medal totals. *Review of Economics and Statistics*, 86(1), 413-417.
- Borell, P. J. (2012). He iti hoki te mokoroa: Maori Contributions to the Sport of Rugby League. Master thesis, University of Canterbury, Christchurch, New Zealand.
- Bourdieu, P. (1990). Droit et passe-droit [Le champ des pouvoirs territoriaux et la mise en oeuvre des règlements]. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 81(1), 86-96.
- Bovée, CL, Houston, MJ & Thill, JV. (1995). *Marketing*. 2nd edition. London:McGraw-Hill.
- Boyle, G. & Walter, B. (2003). Reflected glory and failure: International sporting success and the stock market. *Applied Financial Economics*, 13(3), 225-235.
- Brown, L. T., Rugman, A. M. & Verbeke, A. (1989). Japanese joint ventures with western multinationals: Synthesising the economic and cultural explanations of failure. *Asia Pacific Journal of Management*, 6(2), 225-242.
- Bhulungu, S., Daniel, J. & Southall, R. (Eds.). (2007). *State of the nation: South Africa 2007*. Cape Town: HSRC Press.

- Burgess, M. (2006). *Comparative federalism: theory and practice*. London: Routledge.
- Burley, P. & Joyce, W. (2008). Contributing factors toward an understanding of local sport club partnerships: A study of partnership forming behaviour in Australia, Canada and New Zealand. *Australasian Parks and Leisure*, 11(4), 38.
- Bushby, M. (2009). The changing face of rugby in Scotland the development of a professional game. In: Ryan, G. (Ed.), *The changing face of rugby: The union game and professionalism since 1995* (pp. 207-225). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Buzzacchi, L., Szymanski, S. & Valletti, T. M. (2003). Equality of Opportunity and Equality of Outcome: Open Leagues, Closed Leagues and Competitive Balance. *Journal of Industry, Competition and Trade*, 3(3), 167-186.
- Carter, D. (2015). *The Autobiography of an All Blacks Legend*. London: Headline.
- Chaix, P. (2006). The economics of professional rugby. In: Andreff, W., & Szymanski, S. (Eds.), *Handbook on the Economics of Sport*, (pp. 573-584). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Chetty, S. & Campbell-Hunt, C. (2004). A strategic approach to internationalization: a traditional versus a “born-global” approach. *Journal of International Marketing*, 12(1), 57-81.
- Collins, T. (2009). The first principle of our game’: The rise and fall of amateurism: 1886—1995. In: Ryan, G. (Ed.), *The changing face of rugby: The union game and professionalism since*, (pp. 1-19). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Collins, T. (2010). Amateurism and the Rise of Managerialism: The Case of Rugby Union, 1871–1995. *Sport in History*, 30(1), 104-120.
- Combeau-Mari, E. (2011). The Catholic Mission, Sport and Renewal of Elites: St Michel de Tananarive Jesuit College (1906–1975). *The International Journal of the History of Sport*, 28(12), 1647-1672.
- Combeau-Mari, E. (2011). Rugby on the High Plateaus: A Physical Culture of Combat and Emancipation. *The International Journal of the History of Sport*, 28(12), 1703-1715.
- Cordery, C. J. & Davies, J. (2016). Professionalism versus amateurism in grass-roots sport: Associated funding needs. *Accounting History*, 21(1), 98-123.
- Costantini, D., Villepreux, P. & Mandigout, S. (2008). Intérêt des apports scientifiques dans la recherche de la performance en handball et en rugby. *Science & Sports*, 23(1), 1-5.
- Dabscheck, B. (1996). Playing the team game: Unions in Australian professional team sports. *Journal of Industrial Relations*, 38(4), 600-628.

- Daly, A. & Kawaguchi, A. (2003). Professional Sport in Australia and Japan: League rules and competitive balance. *The Otemon Journal os Australian Studies*, 29, 21-32.
- Daly, A., & Kawaguchi, A. (2004). Competitive Balance in Australian and Japanese Sport. *The Otemon Journal os Australian Studies*, 30, 23-36.
- De Bosscher, V., De Knop, P., Van Bottenburg, M. & Shibli, S. (2006). A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. *European sport management quarterly*, 6(2), 185-215.
- De Bosscher, V., De Knop, P., Van Bottenburg, M., Shibli, S. & Bingham, J. (2009). Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*, 12(3), 113-136.
- De la Vega, E. (2010). El retorno del cuerpo: deporte, política y poscolonialidad. *Ágora para la Educación Física y el Deporte*, 12(1), 29-48.
- De Wet, E. S. (2004). The phenomenological experience of ethnic integration by individuals in high school rugby teams. Doctoral dissertation, University of Johannesburg, Johannesburg, South Africa.
- Dewey, R. F. (2009). Pacific Islands rugby: Navigating the global professional era. In.: Ryan, G. (Ed.), *The changing face of rugby: The union game and professionalism since*, (pp. 82-108). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Dewey Jr, R. F. (2014). Pacific Islands Rugby Alliance (PIRA): Rugby in 'our sea of islands'. *The International Journal of the History of Sport*, 31(11), 1406-1420.
- Dine, P. & Nier, O. (2009). La Vie En Rose: reinventing French rugby in the professional era. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Face of Rugby: The Union Game and Professionalism since 1995*, 21-40. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Duffy, N. & Hooper, J. (2004). *Passion branding: harnessing the power of emotion to build strong brands*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Dunning, J. H. (1991). The eclectic paradigm of international production. In.: Pitelis, C. N., & Sugden, R. (Eds) (2000). *The nature of the transnational firm*, 121. London: Routledge.
- Dunning, J. H. (1998). Location and the multinational enterprise: a neglected factor?. *Journal of International Business Studies*, 29(1), 45-66.
- Dunning, J. H. (2000). The eclectic paradigm as an envelope for economic and business theories of MNE activity. *International Business Review*, 9(2), 163-190.

- Dunning, J. H. (2001). The eclectic (OLI) paradigm of international production: past, present and future. *International Journal of the Economics of Business*, 8(2), 173-190.
- Dunning, J. H. (2006). Towards a new paradigm of development: implications for the determinants of international business. *Transnational Corporations*, 15(1), 173-227.
- Dunning, J. H. (2015). Reappraising the eclectic paradigm in an age of alliance capitalism. In.: Cantwell, J., & Academy of International Business (Eds) (2015). *The Eclectic Paradigm* (pp. 111-142). London: Palgrave Macmillan.
- Dunning, J. H., & Bansal, S. (1997). The cultural sensitivity of the eclectic paradigm. *Multinational Business Review*, 5(1), 1.
- Elias, N. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Elling, A., Van Hilvoorde, I. & Van Den Dool, R. (2014). Creating or awakening national pride through sporting success: A longitudinal study on macro effects in the Netherlands. *International Review for the Sociology of Sport*, 49(2), 129-151.
- Ferkins, L. (2007). Sport governance: Developing strategic capability in national sport organisations. Doctoral dissertation, Deakin University, Melbourne, Victoria, Australia.
- Forster, J. & Pope, N. K. L. (2002). A comparative study of market entry strategies in sport leagues: Two Australian examples. *International Journal of Sports Marketing and Sponsorship*, 4(1), 31-47.
- Forster, J. (2006). Global sports organisations and their governance. *Corporate Governance: The International Journal of Business in Society*, 6(1), 72-83.
- Fitzgerald, E. (1997). *Structuring and restructuring nonprofit associations*. Brisbane: QUT.
- FitzSimons, P. (2003). *The rugby war*. Sydney: HarperCollins Australia.
- Florian, C. (2010). Clarifying the charitable status of amateur sport in the Charities Act 2005.
- Fourie, J., & Siebrits, K. (2008). *From competitive balance to match attractiveness in rugby union*, Economic Working Paper No. 09/2008, Department of Economic, Stellenbosch University.
- Franke, R. H., Hofstede, G. & Bond, M. H. (1991). Cultural roots of economic performance: A research note. *Strategic management journal*, 12(S1), 165-173.
- Friedrich, C. J. (1968). *Trends of federalism in theory and practice* (Vol. 652). New York: Praeger.
- García, R. H. (2011). Vacceos, ¿identidad de pasado o de futuro?. *El Futuro del Pasado: revista electrónica de historia*, (2), 353-369.

- Garland, R., Macpherson, T. & Haughey, K. (2004). Rugby fan attraction factors. *Marketing Bulletin*, 15(3), 1-12.
- Gerber-Nel, C. (2004). Determination of the brand equity of the provincial, regional and national rugby teams of South Africa. Doctoral dissertation, University of South Africa, Pretoria, South Africa.
- Gerber-Nel, C. (2007). *Brand management in South African rugby: the Super 12 case*. 6th International Congress–Marketing Trends Proceedings, (Vol. 27, p. 2007), Paris.
- Gerber-Nel, C. & Strydom, J. W. (2006). Brand confusion in South African rugby - Super 12 brands vs Currie-cup brands? *South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation*, 28, 43-54.
- Gerrard, B. (2003). What does the resource-based view “bring to the table” in sport management research?. *European Sport Management Quarterly*, 3(3), 139-144
- Ghemawat, P. (2001). Distance still matters. *Harvard Business Review*, 79(8), 137-147.
- Ghemawat, P. (2007). *Redefining global strategy*. Boston: Harvard Business School Publishing.
- Ghemawat, P., & Siegel, J. I. (2011). *Cases about redefining global strategy*. London: Kogan Page.
- Green, M. & Oakley, B. (2001). Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, 20(4), 247-267.
- Green, M. & Collins, S. (2008). Policy, politics and path dependency: Sport development in Australia and Finland. *Sport Management Review*, 11(3), 225-251.
- Grundlingh, A. (2009). Rands for rugby: Ramifications of the professionalisation of South African rugby, 1995–2007. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Face of Rugby: The Union Game and Professionalism since 1995*, 63-81. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Harris, J. (2009). Tales from the outside half factory: from (sh) amateurism to professionalism in the autobiographies of Welsh rugby's number tens. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Face of Rugby: The Union Game and Professionalism since 1995*, 165-184. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Harris, J. (2010). *Rugby union and globalization: An odd-shaped world*. Heidelberg: Springer.
- Harris, J. (2013). Definitely maybe: continuity and change in the Rugby World Cup. *Sport in Society*, 16(7), 853-862.
- Hickie, T. & Bushby, M. (2009). A case study of Sydney University Football Club 1995-1997: grafting professionalism on the amateur ideal. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Face of Rugby: The Union Game and Professionalism since 1995*, 185-206. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.

- Hillemann, J. & Verbeke, A. (2014). An internalization theory perspective on the Bottom of the Pyramid. In: Van Tulder, R., Verbeke, A. and Strange, R. (eds.), *International Business and Sustainable Development* (pp. 69-90). Bingley: Emerald publishing.
- Hoehn, T. & Szymanski, S. (1999). The americanization of European football. *Economic Policy*, 14(28), 204-240.
- Hoehn, T. & Lancefield, D. (2003). Broadcasting and sport. *Oxford Review of Economic Policy*, 19(4), 552-568.
- Hoehn, T. (2006). Governance and Governing Bodies in Sport. In.: Andreff, W., & Szymanski, S. (Eds.), *Handbook on the Economics of Sport* (pp. 227-241). Cambridge: Edward Elgar Publishing
- Hoffmann, R., Ging, L. C. & Ramasamy, B. (2002). The socio-economic determinants of international soccer performance. *Journal of Applied Economics*, 5(2), 253-272.
- Hoffmann, R., Ging, L. C., & Ramasamy, B. (2002). Public policy and Olympic success. *Applied Economics Letters*, 9(8), 545-548.
- Hofstede, G. (1991). *Cultures and organisations: software of the mind*. Londres, Mc Graw-Hill.
- Hofstede, G. (1994). Management scientists are human. *Management Science*, 40(1), 4-13.
- Hofstede, G. (2001). *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations*. Thousand Oaks: Sage publications.
- Hofstede, G. (2003). What is culture? A reply to Baskerville. *Accounting, Organizations and Society*, 28(7), 811-813.
- Hogan, V., Massey, P., & Massey, S. (2011). *Late conversion: The impact of professionalism on European rugby union* (No. 11/18). Working Paper Series, UCD Centre for Economic Research.
- Hogan, V., Massey, P. & Massey, S. (2013). Competitive balance and match attendance in European rugby union leagues. *The Economic and Social Review*, 44(4), Winter, 425-446.
- Hogan, V., Massey, P., & Massey, S. (2014). *Competitive Balance: Results of Two Natural Experiments from Rugby Union*. 6th Annual Conference of the European Sports Economics Association Proceedings, Working Paper Series, Paper No. 201413). Antwerp.
- Horton, P. (2009). Rugby Union Football in the Land of the Wallabies, 1874–1949: same game, different ethos. *The International Journal of the History of Sport*, 26(11), 1611-1629.
- Howarth, A. & Robinson, T. A. (2009). The impact of the salary cap in the European rugby Super League. *International Journal of Business and Management*, 3(6), 3.

- Howe, P. D. (2004). *Sport, Pain and Professionalism: Ethnographies of Injury and Risk*. London: Routledge.
- Hughes, A. (1996). Muscular Judaism and the Jewish rugby league competition in Sydney, 1924 to 1927. *Sporting Traditions*, 13, 61-80.
- Hutchins, B. (1996). Rugby wars: The changing face of football. *Sporting Traditions*, 13, 151-151.
- Hutchins, B. (1998). Global processes and the rugby union World Cup. *Football Studies*, 1(2), 34-54
- Johanson, J. & Vahlne, J. E. (1990). The mechanism of internationalisation. *International Marketing Review*, 7(4), 11-24.
- Johanson, J. & Vahlne, J. E. (1992). Management of foreign market entry. *Scandinavian International Business Review*, 1(3), 9-27.
- Johanson, J. & Vahlne, J. E. (1977). The internationalization process of the firm-a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. *Journal of international Business Studies*, 23-32.
- Johanson, J. & Vahlne, J. E. (2006). Commitment and opportunity development in the internationalization process: A note on the Uppsala internationalization process model. *Management International Review*, 46(2), 165-178.
- Johanson, J. & Vahlne, J. E. (2009). The Uppsala internationalization process model revisited: From liability of foreignness to liability of outsidership. *Journal of International Business Studies*, 1411-1431.
- Kahn, L. M. (1991). Discrimination in professional sports: A survey of the literature. *Industrial & Labor Relations Review*, 44(3), 395-418.
- Kincaid, J. (Ed.). (2011). *Federalism: Alternative Models, Constitutional Foundations, and Institutional Features of Federal Governance*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- King, P. (1982). *Federalism and Federation Croom Helm*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Kirk, D. (1992). World-class teams. *McKinsey Quarterly*, 1, 143-152.
- Keller, K., & Swaminathan, V. (2003). *Strategic brand management: building, measuring and managing brand equity*. (5th ed.). Harlow: Pearson Education.
- Kotler, P. (2000). *Administração de marketing*. São Paulo: Prentice Hall.
- Kotler, P. (2002). *Marketing places*. New York: Simon and Schuster.

- Kotler, P., Kartajaya, H. & Setiawan, I. (2010). *Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Kotler, P., Kartajaya, H., & Setiawan, I. (2019). Marketing 3.0: *Do produto e do consumidor até ao espírito humano*. In.: Kompella K. (eds) *Marketing Wisdom. Management for Professionals* (pp. 139-156). Singapore: Springer Singapore Publisher.
- Kotler, P. (2012). *Kotler on marketing*. New York: Simon and Schuster.
- Kuchar, R. & Martin, A. (2016). The Comparison Of Competitive Balance Between Super Rugby (Sanzar) And English Premiership Rugby: A Case Study From 1996-2014 Season Or Not Attractive–No People–No Money. *International Journal of Entrepreneurial Knowledge*, 4(1), 112-129
- Kymlicka, W. (2005). Federalism, nationalism, and multiculturalism. In.: Karmis, D., & Norman, W. (Eds.) *Theories of Federalism: A reader* (pp. 269-292). Palgrave Macmillan, New York.
- Lamberti, T. (2001). Sarfu keen to market Bok merchandise. Business Day, 16. Acedido em 10 de Janeiro de 2020 em <https://allafrica.com/stories/200101180079.html>.
- Light, R., Hirai, H. & Ebishima, H. (2009). Tradition, Identity, Professionalism and Tensions in Japanese Rugby. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Faces of Rugby: The union game and professionalism since*, 147-164. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Louw, S. (2002). Smoke and mirrors? The National Lottery and the Non-Profit Sector. Centre for Civil Society, Research Report, 1. Acedido em 10 de Janeiro de 2020 em https://sarpn.org/documents/d0000027/National_Lottery.pdf.
- Luyt, L. (2003). *Walking Proud: The Louis Luyt Autobiography*. Cape Town: Don Nelson.
- Lyle, J. (2009). *Sporting success, role models and participation: A policy related review*. Edinburgh: Sportscotland.
- Macdonald, R. D., & Booth, R. (2007). Around the Grounds: A Comparative Analysis of Football in Australia. In.: Stewart, B. (Ed.) *The Games Are Not the Same: The Political Economy of Football in Australia* (pp. 236-331. Carlton: Melbourne University Press.
- Marivoet, S., & Malveiro, O. (2001). Les Rapports entre l'État et le Mouvement Associatif au Portugal (1984-1999). In.: Menaut, A., & Reneaud, M. (Eds.) *Sport de haut niveau. Sport professionnel en région (s)* (pp. 121-134). Bordeaux: MSHA, 121-134.
- Marivoet, S. (2006). Part 3 Sports Mega-Events, Power, Spectacle and the City: UEFA Euro 2004TM Portugal: The social construction of a sports mega-event and spectacle. *The Sociological Review*, 54(s2), 125-143.

- Marques, J. C. & Cafeo, M. R. G. (2014). Women do it?--Analysis of women's rugby management strategies in Brazil/Mulheres fazem isso?--Análise das estratégias de gestão do rugby feminino no Brasil/Mujeres hacer eso?--Análisis de la gestión de rugby femenino estrategias en Brasil. *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review*, 3(2), 26-41.
- Martin, G. J. (2005). The game is not the same: a history of professional rugby in New Zealand. Doctoral dissertation, Auckland University of Technology, Auckland, New Zealand.
- Matias, W. B., Athayde, P. F., Húngaro, E. M. & Mascarenhas, F. (2015). A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. *Movimento*, 21(1), 95.
- McDougall, P. P. (1989). International versus domestic entrepreneurship: New venture strategic behavior and industry structure. *Journal of Business Venturing*, 4(6), 387-400.
- McMillan, J. (1997). Rugby meets economics. *New Zealand Economic Papers*, 31(1), 93-114.
- McMillan, J. (2006). Rugby: Strategy and structure. In: Andreff, W., & Szymanski, S. (Eds.), *Handbook on the Economics of Sport* (pp. 565-572). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Mehra, S. K., & Zuercher, T. J. (2006). Striking Out" Competitive Balance" in Sports, Antitrust, and Intellectual Property. *Berkeley Technology Law Journal*, 1499-1545.
- Meiklejohn, T. (2010). The Formation, Processes and Impacts of Interorganisational Cliques: A Study of New Zealand Provincial Rugby. Master in Administration thesis, Auckland University of Technology, Auckland, New Zealand.
- Meiklejohn, T., Dickson, G., & Ferkins, L. (2016). The formation of interorganisational cliques in New Zealand rugby. *Sport Management Review*, 19(3), 266-278.
- Mejía, E. D. J. A. (2009). Deporte: ¿ Fenómeno natural y eterno o creación socio-histórica?. *Espacio Abierto*, 18(1), 7-23.
- Mill, J. S. (1861). *Representative government*. Montana: Kessinger Publishing.
- Minkov, M., & Hofstede, G. (2014). Nations versus religions: which has a stronger effect on societal values?. *Management International Review*, 54(6), 801-824.
- Moravcsik, A. (1998) *The Choice for Europe. Social Purpose and State Power from Messina to Maastricht*. Ithaca: Cornell University Press
- Moreno Pires, S. (2011). Sustainability indicators and local governance in Portugal. Tese apresentada na Universidade de Aveiro para obtenção do grau de doutoramento em Ciências Aplicadas ao Ambiente, orientada por Teresa Fidélis, Aveiro, Portugal.

- Morgan, M. (2002). Optimizing the structure of elite competitions in professional sport – lessons from Rugby Union. *Managing Leisure*, 7, 41-60.
- Morgan, M. (2007). ‘We’re not the Barmy Army!’: reflections on the sports tourist experience. *International Journal of Tourism Research*, 9(5), 361-372.
- Morgan, W. J. (1995). Cosmopolitanism, Olympism, and nationalism: A critical interpretation of Coubertin's ideal of international sporting life. *Olympika*, 4, 79-92.
- Obel, C. (2001). Unions, leagues and franchises: The social organisation of rugby union in New Zealand. Doctoral dissertation, University of Canterbury, Christchurch, New Zealand.
- Obel, C. (2010). ‘Club versus country’ in rugby union: tensions in an exceptional New Zealand system. *Soccer & Society*, 11, 442-460.
- O’Callaghan, L. & Cronin, M. (2009). ‘Without Its Clubs, Rugby Union Is Nothing’’: Resisting and Embracing Professional Rugby in Ireland,”. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Faces of Rugby: The union game and professionalism since*, 130-46. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- O'Neill, J. (2008). *It's only a game: A life in sport*. Sydney: Random House Australia.
- Oviatt, B. M., & McDougall, P. P. (1994). Toward a theory of international new ventures. *Journal of international business studies*, 25(1), 45-64.
- Owen, P. D., & Weatherston, C. R. (2002a). *Professionalization of New Zealand Rugby Union: Historical Background, Structural Changes and Competitive Balance*, Economics Discussion Papers No. 0214, Department of Economics, University of Otago.
- Owen, P. D., & Weatherston, C. R. (2002b). *Uncertainty of outcome and Super 12 rugby union attendance: application of a general-to-specific modelling strategy*. Department of Economics, University of Otago.
- Owen, P. D., & Weatherston, C. R. (2004a). Uncertainty of outcome and super 12 rugby union attendance: Application of a general-to-specific modeling strategy. *Journal of Sports Economics*, 5(4), 347-370.
- Owen, P. D., & Weatherston, C. R. (2004b). Uncertainty of outcome, player quality and attendance at national provincial championship rugby union matches: An evaluation in light of the competitions review. *Economic Papers: A journal of applied economics and policy*, 23(4), 301-324.
- Palumbo, F. & Herbig, P. (2000). The multicultural context of brand loyalty. *European Journal of Innovation Management*, 3(3), 116-125.

- Pasqualin, R., O'Shea, M., & Chapman, R. L. (2007). *Structural change in the Australian Rugby Union: the espousal of a new national competition*. 21st ANZAM Conference Proceedings Managing Our Intellectual and Social Capital, 4-7 December 2007, Sofitel Wentworth, Sydney.
- Peng, M. W., Wang, D. Y. & Jiang, Y. (2008). An institution-based view of international business strategy: A focus on emerging economies. *Journal of International Business Studies*, 39(5), 920-936.
- Phaahla, D. J. (2002). Ministerial Task Team on Sport: A High Performance sports system for South Africa. Ministerial Task Team. Acedido em 10 de Janeiro de 2020 em https://www.gov.za/sites/default/files/gcis_document/201409/sport1.pdf.
- Prahalad, C. K. & Ramaswamy, V. (2004). Co-creation experiences: The next practice in value creation. *Journal of Interactive Marketing*, 18(3), 5-14
- Proudhon, P. J. & Miranda, M. L. (1863). *Du principe fédératif*. Paris: Dentu.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais (2a)*. Lisboa: Gradiva.
- Rennie, M. W. (1993). Born global. *The McKinsey Quarterly*, (4), 45-53.
- Retief, D. (2011). *The Springboks and the Holy Grail: Behind the scenes at the Rugby World Cup, 1995-227*. Cape Town: Penguin Random House South Africa.
- Richardson, S. (2005). Determinants of attendance and the value of consumption benefits for provincial rugby in New Zealand: the case of Wanganui 1972-1994. *Massey University Applied and International Economics Discussion Paper*, No 05-06.
- Ries, E. (2012). *A startup enxuta: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas*. São Paulo: Lua de Papel.
- Rottenberg, S. (1956). The baseball players' labor market. *Journal of political economy*, 64(3), 242-258.
- Rugman, A. M. & Verbeke, A. (1991). Mintzberg's Intended and Emergent Corporate Strategies and Trade Policy. *Canadian Journal of Administrative Sciences/Revue Canadienne des Sciences de l'Administration*, 8(3), 200-208.
- Rugman, A. & Verbeke, A. (2004). Regional transnationals and triad strategy. *Transnational Corporations*, 13(3), 1-20.
- Ryan, G. (2009). Theatregoers in the heartland: New Zealand rugby and the contradictions of professionalism. In: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Faces of Rugby: The union game and professionalism since*, 41-61. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.

- Ryan, G. (Ed.). (2009). *The changing face of rugby: The union game and professionalism since 1995*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Sakata, H. (2004). *The influence of foreign players on the transformation of Japanese rugby over the last three decades*. Master in Sociology Thesis, University of Canterbury, Christchurch, New Zealand.
- Scelles, N., Durand, C., Bonnal, L., Goyeau, D. & Andreff, W. (2013). Competitive balance versus competitive intensity before a match: Is one of these two concepts more relevant in explaining attendance? The case of the French football Ligue 1 over the period 2008–2011. *Applied Economics*, 45(29), 4184-4192.
- Schiera, T. M. (2006). Balancing Act: Will the European Commission Allow European Football To Reestablish the Competitive Balance That It Helped Destroy. *Brooklyn Journal of International Law*, 32, 709.
- Semens, D. A. (2010). *Economic Impact Report on Global Rugby – Part II: Tri Nations Championship*. Coventry: Coventry University Business School.
- Shewan, P. (2012). *Competitive Balance in New Zealand Rugby*. Doctoral dissertation, University of Otago, Dunedin, New Zealand.
- Siebrits, K. & Fourie, J. (2008). *Using Match Attractiveness Measures to Evaluate the Structure of the Currie Cup* (No. 16/2008). Stellenbosch University, Department of Economics.
- Silva, M. M., Mezzadri, F. M., Souza, D. L. D. & Souza, P. M. D. (2015). Public financing of brazilian rugby: the relationship federal government and brazilian confederation of rugby (CBRU). *Revista da Educação Física/UEM*, 26(2), 213-222.
- Skinner, J., Stewart, B. & Edwards, A. (2003). The Postmodernisation of Rugby Union in Australia. *Football Studies*, 6, 51-69.
- Smith, A. (2009). Club versus country: English rugby in the aftermath of the 2003 World Cup. In.: Ryan, G. (Ed.), *The Changing Faces of Rugby: The union game and professionalism since*, 109-129. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Smith, A. W. (2014). ‘Je suis socialiste et quinziste’: rugby, wine and socialism in the Aude since 1976. *National Identities*, 16(4), 291-309.
- Strydom, J. W., Jooste, C. J., & Cant, M. (2000). *Marketing management*. Kenwyn: Juta.
- Sulayman, S. (2006). Transformation policy for South African rugby: comparative perceptions. Doctoral dissertation, Cape Peninsula University of Technology, Cape Town, South Africa.

- Szymanski, S. (2003). The economic design of sporting contests. *Journal of Economic Literature*, 41(4), 1137-1187.
- Szymanski, S. (2007). The champions league and the Coase theorem. *Scottish Journal of Political Economy*, 54(3), 355-373.
- Szymanski, S. & Ross, S. F. (2007). Governance and vertical integration in team sports. *Contemporary Economic Policy*, 25(4), 616-626.
- Szymanski, S. (2011). French Rugby tackles French Football. Forbes online. Acedido em 10 de Janeiro de 2020 em <http://www.forbes.com/sites/stefanszymanski/2011/10/22/french-rugby-tackles-french-football/>.
- Taylor, A. (2003). Putting value on limping Boks' green. *Business Day*, 3 October.
- Teixeira, M. R., Matias, W. B. & Mascarenhas, F. (2017). O esporte olímpico no Brasil: recursos financeiros disponibilizados para Olimpíadas Londres 2012. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 39(3), 284-290.
- Teixeira, J., Santos, N. & Mourão, P. (2015). Changing the Hidden Rules-An Excel Template for Discussing Soccer's Competitive Balance. *International Journal of Imaging and Robotics™*, 15(4), 179-184.
- Tennant, M., Castle, C., O'Brien, M., Salamon, L. M., & Sanders, J. (2006). *Defining the Nonprofit Sector: New Zealand*. Baltimore: Johns Hopkins University.
- Thuynsma, W. F. (2012). Determining the individual attributes influencing professional male rugby athlete value in South Africa. Doctoral dissertation, University of Pretoria, Pretoria, South Africa.
- Tonazzi, A. (2003). Competition policy and the commercialization of sport broadcasting rights: the decision of the Italian Competition Authority. *International Journal of the Economics of Business*, 10(1), 17-34.
- Tucker, R., & Collins, M. (2012). What makes champions ? A review of the relative contribution of genes and training to sporting success. *British Journal of Sports Medicine* , 555-561.
- Vahlne, J. E. & Johanson, J. (2013). The Uppsala model on evolution of the multinational business enterprise—from internalization to coordination of networks. *International Marketing Review*, 30(3), 189-210.
- Van Hilvoorde, I., Elling, A. & Stokvis, R. (2010). How to influence national pride? The Olympic medal index as a unifying narrative. *International Review for the Sociology of Sport*, 45(1), 87-102.

- Verbeke, A. (2003). The evolutionary view of the MNE and the future of internalization theory. *Journal of International Business Studies*, 34(6), 498-504.
- Villarejo, D., Palao, J. M. & Ortega, E. (2010). La producción científica en rugby union entre 1998-2007 [Scientific production in Rugby union between 1998-2007]. *E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte*, 6(3), 155-161.
- Waquet, A. & Vincent, J. (2011). Wartime rugby and football: Sports elites, French military teams and international meets during the First World War. *International Journal of the History of Sport*, 28(3-4), 372-392.
- Watts, R. L. (2002). The distribution of powers, responsibilities and resources in federations. In.: Griffiths, A., & Nerenberg, K. (Eds.), *Handbook of federal countries* (pp. 449-451). McGill-Queen's Press-MQUP.
- Williams, P. (2012). Any given Saturday: competitive balance in elite English rugby union. *Managing Leisure*, 17(2-3), 88-105.
- Wrona, T. & Trąpczyński, P. (2012). Re-explaining international entry modes–interaction and moderating effects on entry modes of pharmaceutical companies into transition economies. *European Management Journal*, 30(4), 295-315.
- Yang, Q. G., & Kumareswaran, D. (2009). Uncertainty of outcome, match quality and television viewership of NPC Rugby matches. Acedido em 10 de Janeiro de 2020 em https://scholar.google.com/citations?user=Gzh79M0AAAAJ&hl=en#d=gs_md_cita-d&u=%2Fcitations%3Fview_op%3Dview_citation%26hl%3Den%26user%3DGzh79M0AAAAJ%26citation_for_view%3DGzh79M0AAAAJ%3AMXK_kJrjxJIC%26tzm%3D0.

Documentos consultados

- Australian Rugby Union - ARU. (2014). Acedido Abril 10, 2014, em www.rugby.com.au
- Irish RFU (2012). IRFU Strategic Plan 2008-2012
- International Rugby Union - iRB. (2014). Acedido Abril 10, 2014, em www.irb.com
- New Zealand Rugby Union - NZRU (2014). Acedido Abril 10, 2014, em www.allblacks.com
- South Africa Rugby Union. (2014). Acedido Abril 10, 2014, em www.sarugby.net
- South Africa, New Zealand and Australia Rugby - SANZAR. (2014). Acedido Abril 10, 2014, em www.sanzarrugby.com

ANEXOS

Anexo I

Inquérito por Questionário [english]

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
de Humanidades e Tecnologias



faculdade
de educação
física
e desporto

"Why SANZAR nations win so consistently ?"

QUESTIONNAIRE FORM

I'm here with _____, (name) do you allow me to tape this Interview ?

This is not a journalistic Interview, but an Academically Interview. That means that I cannot publish nothing under your name, I'll publish that "from all CEOs I interviewed, x% answered this question like this..."

If you don't feel comfortable on answering any question, fell free not to answer.

I constructed this Interview with 05 Topics.

A. PROFILE

1. Country: 1-Australia ☐ 2-New Zealand ☐ 3-South Africa ☐
2. Level of This Interview: 1- Country ☐ 2- Super Rugby ☐ 3- Provincial ☐ 4-Club ☐
3. Position in Organization
 - 1 ☐ CEO
 - 2 ☐ Director
 - 3 ☐ Board Member
 - 4 ☐ President / Chairman
 - 5 ☐ General Manager
 - 6 ☐ Director of Rugby
4. Gender
 - 1 Male ☐ 2 Female ☐
5. Can you please tell me your age ? ____

B. "BALANCED COMPETITIONS"

6. What is your premier Competition NAME ? _____ COD ____
7. Which are - historically - the best Teams/Clubs in (your premier Competition) ?
 1. _____ COD ____
 2. _____ COD ____
 3. _____ COD ____

8. ...and TODAY ?

1. _____ COD ____
2. _____ COD ____
3. _____ COD ____

9. How many Teams/Clubs compete in (your premier Competition)? ____

10. Where can I find the Table/Ladder/Standings/Logs from (your premier Competition) ?

11. What MUST a Team/Club COMPLY, in order to be allowed to compete in (your premier Competition) ? _____ COD ____

12. What MUST a Team/Club COMPLY, in order to be allowed to compete in (your inferior Competitions/Divisions) ? _____ COD ____

13. What are the rules for PROMOTION and RELEGATION in (ALL your Competition Divisions) ?
_____ COD ____

14. Do you have a Players Transfer Rules & Regulation in (your Competition) ?

1 Yes ☐ 2 No ☐

15. Where can I find it ?

1-online ☐ 2-handbook ☐ 3-N/A ☐

16. Are there any Problems I should be aware of, when I'll consult it ?

COD ____/ ____/ ____

17. Where may I consult the Players Transferred for the Top-2 Teams/Clubs in (your premier Competition) ? _____

18. Who are the MEMBERS of your Union/Franchise/Club and how many votes do they have?

1. _____ % COD ____
2. _____ % COD ____
3. _____ % COD ____
4. _____ % COD ____
5. _____ % COD ____
6. _____ % COD ____

19. Can you DRAW me your Organizational Chart (Organogram) ?

20. How does the "Incorporated Society/Association" work in your Country ?

1- Pty/Ltd ☐ 2- NPO (Inc Society, Inc Association, NPO) ☐

21. Do you have an Open Financial Report ?

1 Yes ☐ 2 No ☐

C. "RESOURCES"

22. Do your Entity receive any Public Financial Subvention ?

1 Yes ☐ 2 No (go to Q25) ☐

23. If so, which kind of Subvention ?

1- Direct ☐ 2- Lotto ☐ 3- Gaming Trusts ☐

24. Is it from:

1-Federal ☐ 2-Provincial ☐ 3- Local Government ☐

25. Do your Entity receive any Public non-Financial Subvention ?

1 Yes ☐ 2 No (go to Q28) ☐

26. If so, which kind of Subvention ?

_____ COD ____/____/____

27. Is it from:

1-Federal ☐ 2-Provincial ☐ 3- Local Government ☐

28. Are there any "Tax Breaks" used by your Entity ?

1 Yes ☐ 2 No ☐

29. Which is the percentage of LOCAL SPONSORS of your Entity ? ____ %

30. Which is the percentage of REGIONAL SPONSORS of your Entity ? ____ %

31. Which is the percentage of NATIONAL SPONSORS of your Entity ? ____ %

32. Which is the percentage of MULTINATIONAL SPONSORS of your Entity ? ____ %

33. Which is the percentage of Total SPONSORSHIP over Total REVENUES ? ____ %

34. Which is the percentage of EACH of the OTHER REVENUES ?

1. _____	____ % COD ____
2. _____	____ % COD ____
3. _____	____ % COD ____
4. _____	____ % COD ____
5. _____	____ % COD ____
6. _____	____ % COD ____

(Note: Please pass to Q36 if you aren't from an Amateur Club)

35. If you are from an Amateur Club, are your Club sponsors for:

	%
1- A "real" sponsor	
2- "sponsoring" to reach something outside the Club	

36. Which are the biggest problems in getting Sponsorships ? _____

_____ COD ____/____

37. What best has your Entity to offer, to a possible sponsor ? _____

- _____ COD ____/ ____
38. As a "Product", in which Media does your Entity appear regularly ? _____
 _____ COD ____/ ____/ ____
39. What could be done to show up in another Medias ? _____
 _____ COD ____/ ____
40. What are the main Expenses in you Entity (all, in %) ?
- | | |
|----------|------------------|
| 1. _____ | _____ % COD ____ |
| 2. _____ | _____ % COD ____ |
| 3. _____ | _____ % COD ____ |
| 4. _____ | _____ % COD ____ |
| 5. _____ | _____ % COD ____ |
| 6. _____ | _____ % COD ____ |

D. "PUBLIC POLICIES"

41. Is there a direct analogy of your Country FEDERAL system, to your Country Rugby ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐
42. In your Entity, is there a separation of powers, between the Members who make the RULES, and the Executive Board ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐
43. Do your Entity must COMPLY to the Above/Top Entity, when making your RULES ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐
44. How many votes (%) do your Entity need to CHANGE RULES ? _____ %
45. Who is the UMPIRE, when a dispute between Entities occurs ? _____ COD ____
46. Is there any Institutions to facilitate inter-Entities collaboration ?
 1 Yes ☐ 2 No (go to Q48) ☐
47. If so, which one(s) ? _____ COD ____
48. Do your Country Government allocates more resources for your NGB than other Sports' NGBs ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐ 3 N/A ☐
49. Do Olympic NGBs get more resources than non-Olympic NGBs ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐ 3 N/A ☐

E. "INTERNATIONAL STRATEGY" (Your Country vs. the other 02 SANZAR nations)

50. What is your Country Rugby language ? _____ COD ____
51. Do you have "different" languages within your Country ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐
52. If so, which one(s) ? _____ COD ____/ ____/ ____
53. Are there any Rugby "Language" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
 1 Yes ☐ 2 No ☐

54. Are there any Rugby "Social Customs" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
55. Are there any Rugby "National Identification" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
56. In your Country, how is Rugby importance - as a PRODUCT - vs. other Sports ?
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐
57. Are there any ETHNIC differences within your Country ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
58. Are there any Rugby "Ethnic" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
59. Are there any "Religion" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ? 1 Yes ☐ 2 ☐
60. Is there any difference on how Rugby is as National Identity vs. the other 02 SANZAR nations ? _____ COD ____
61. Are there any "Colonial Ties" between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ? _____ COD ____
62. Are there any Rugby "Sporting Policies" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ? _____ COD ____
63. Are there any Rugby "Unions" differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ? _____ COD ____
64. Are Time Zones a problem between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No (go to Q66) ☐
65. If so, for Who ? _____ COD ____
66. Are Physical Distances a problem between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No (go to Q68) ☐
67. If so, for Who ? _____ COD ____
68. Are there Big Size differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
69. Are airplane connections a problem between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
70. Are there Good Airport Facilities differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐
71. Are there any Media Strength differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ? _____ COD ____
72. Are there any differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations, about Domestic Rugby runned by Provincial Unions ? _____ COD ____
73. Are there any Competition Models differences between Your Country vs. the other 02 SANZAR nations ? _____ COD ____
74. Are Super Rugby Franchises Symmetrical in the other 02 SANZAR nations ?
1 Yes ☐ 2 No ☐

75. Is there a consumers income big difference in the other 02 SANZAR nations ?
 1 Yes ☐ 2 No (☐ to Q77)
76. If so, how would you rank them ? _____ COD ____
77. Are Players Wages different in the other 02 SANZAR nations ?
 1 Yes ☐ 2 No (go to Q79) ☐
78. If so, how would you rank them ? _____ COD ____

F. "BRANDING"

79. On a scale of 1 to 5, where 1 is not a supporter at all, and 5 is an extreme supporter, to what extent are you a rugby supporter?
 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐
80. Which **Super Rugby** rugby teams are you most aware of ? (**Obtain 3 names**)

1. Team	2. T & C scale (1-4)	3. Colors COD (1-Right, 2- Wrong, 3-N/A)	4. Logo COD (1-Right, 2- Wrong, 3-N/A)
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3

81. Which (**Currie Cup, ITM Cup or NRC**) rugby teams are you most aware of ? (**Obtain 3 names**)

1. Team	2. T & C scale (1-4)	3. Colors COD (1-Right, 2- Wrong, 3-N/A)	4. Logo COD (1-Right, 2- Wrong, 3-N/A)
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3

82. Which **national** rugby teams are you most aware of ? (**Obtain 3 names**)

1. Team	2. T & C scale (1-4)	3. Colors COD (1-Right, 2- Wrong, 3-N/A)	4. Logo COD (1-Right, 2- Wrong, 3-N/A)
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD_____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3

Note: Continuation 1 of Q80-82

If you think about trust and confidence please tell me if you have, **a great deal (1), quite a lot (2), not very much or do not at all (4) trust and confidence** in each of the teams that you have mentioned (read out each team name mentioned in Q80-Q82)

83. Which rugby team do you **personally support**? _____ COD ____

84. How long have you been a (team in Q83) supporter? _____ Years

85. Which (South African/Australian/New Zealand) rugby team do you think is the most admired in (South African/Australia/New Zealand)? (single mention only)

_____ COD ____

Note: Continuation 2 of Q80-82

Do you know what the team colour(s) of the (ask for each team) is? (if respondent says "Bulls", ask to explain colours of Currie Cup and Super Rugby teams)

Note: Continuation 3 of Q80-82

Do you know what the logo of the (ask for each team) is? (if respondent says "Bulls", ask to explain logos of Currie Cup and Super Rugby teams)

Note: Relating team from Q83

86. You mentioned that you are a (team in Q83) supporter. Out of every 10 games they play, how many do you watch (on TV or live on the field) ? _____

87. How many of these games do you watch live at the stadium where they play? _____

88. What are you prepared to pay for a ticket to watch the (team in Q83) play? U\$D _____

89. What are you prepared to pay for a (team in Q83) rugby jersey? U\$D _____

90. What is the first thing that comes to mind when you think of (team in Q83)?

_____ COD ____

91. Complete the sentence: The (team in Q83) are ... _____ COD ____

92. What is most unique about (team in Q83)? _____ COD ____

93. Finally I would just like to ask you a few questions about rugby in general. Using the scale: **strongly agree (1), agree (2), neutral (3), disagree (4), and strongly disagree (5)**. How do you feel about each of the following statements?

		Scale (1-5)
1	Rugby is run professionally in South Africa/Australia/New Zealand	1 - 2 - 3 - 4 - 5
2	I am proud to be a South African/Australian/New Zealand rugby supporter	1 - 2 - 3 - 4 - 5
3	Rugby should be managed like a business	1 - 2 - 3 - 4 - 5
4	I will recommend my team (<u>team from Q83</u>) to anyone to support	1 - 2 - 3 - 4 - 5
5	We have loads of rugby talent in South Africa/Australia/New Zealand	1 - 2 - 3 - 4 - 5
6	I am very loyal to the (<u>team from Q83</u>)	1 - 2 - 3 - 4 - 5
7	I feel positive about the future of South African/Australian/New Zealand rugby	1 - 2 - 3 - 4 - 5
8	I will probably still be supporting (<u>team from Q83</u>) in 2 years time	1 - 2 - 3 - 4 - 5
9	South Africa/Australia/New Zealand has rugby coaches of international standard	1 - 2 - 3 - 4 - 5
10	South Africa/Australia/New Zealand can win the next rugby world cup	1 - 2 - 3 - 4 - 5
11	South African/Australian/New Zealand rugby has a lot of "flair"	1 - 2 - 3 - 4 - 5

Thanks for your collaboration!

Anexo II

Inquérito por Questionário [português]

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
de Humanidades e Tecnologias



faculdade
de educação
física
e desporto

"Por que as nações do SANZAR ganham tão consistentemente ?" QUESTIONÁRIO

Estou aqui com _____ (nome), você permite que esta entrevista seja gravada ?

Esta não é uma entrevista jornalística, mas uma entrevista acadêmica. Isso significa que não posso publicar nada em seu nome, será publicado que "de todos os CEOs que entrevistei, x% respondeu a esta pergunta assim ..."

Se você não se sentir à vontade para responder a qualquer pergunta, fique à vontade para não responder.

Esta entrevista tem 05 tópicos.

A. PROFILE

1. País: 1-Austrália ☐ 2-Nova Zelândia ☐ 3- África do Sul ☐
2. Nível da Organização: 1- Nacional ☐ 2- Super Rugby ☐ 3- Provincial ☐ 4-Clube ☐
3. Cargo na Organização
 - 1 ☐ CEO
 - 2 ☐ Director
 - 3 ☐ Membro do Conselho de Administração
 - 4 ☐ Presidente / Chairman
 - 5 ☐ Director Geral
 - 6 ☐ Director de Rugby
4. Género
 - 1 ☐ Masculino
 - 2 ☐ Feminino
5. Pode-me dizer a sua idade, por favor ? ____

B. "COMPETIÇÕES EQUILIBRADAS"

6. Qual o NOME da sua competição principal ? _____ COD _____
7. Quais são – historicamente – as melhores equipes na (sua Competição principal) ?
 1. _____ COD _____
 2. _____ COD _____
 3. _____ COD _____
8. ...e HOJE ?
 1. _____ COD _____
 2. _____ COD _____

3. _____ COD _____
9. Quantas equipes competem na (sua Competição principal) ? _____
10. Onde consigo encontrar as Classificações da (sua Competição principal)?

11. O que a sua equipe PRECISA CUMPRIR para participar na (sua Competição principal)?
_____ COD _____
12. O que a sua equipe PRECISA CUMPRIR para participar nas (suas Divisões inferiores)?
_____ COD _____
13. Quais são as regras de PROMOÇÃO e REBAIXAMENTO de (todas as suas Divisões)?
_____ COD _____
14. Existe um Regulamento de Transferência de Jogadores na (sua Competição) ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não
15. Onde posso encontrá-lo ?
1-online ☐ 2-manual ☐ 3-N/A ☐
16. Há alguns problemas que eu deva saber, quando consultá-lo ? _____
_____ COD ____ / ____ / ____
17. Onde posso consultar os Jogadores Transferidos para as 2 Principais Equipes / Clubes na (sua principal competição) ? _____
18. Quem são os MEMBROS da sua União / Franquia / Clube e quantos votos eles têm ?
- | | |
|----------|-------------------|
| 1. _____ | _____ % COD _____ |
| 2. _____ | _____ % COD _____ |
| 3. _____ | _____ % COD _____ |
| 4. _____ | _____ % COD _____ |
| 5. _____ | _____ % COD _____ |
| 6. _____ | _____ % COD _____ |
19. Você pode me desenhar o organograma da sua Organização ?
-
20. Como é considerada a sua Organização, no seu país ?
1- Empresa(Pty/Ltd) ☐ 2- sem fins lucrativos (Inc Society, Inc Association, NPO) ☐
21. Os Relatórios e Contas são públicos ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não

C. "RECURSOS"

22. A sua Organização recebe algum Subsídio Público ?
 1 ☐ Sim ☐ Não (ir para Q25)
23. Se sim, que tipo de Subsídio ?
 1- Direto ☐ 2- Lotto ☐ 3- Gaming Trusts ☐
24. Qual a origem ?
 1-Federal ☐ 2-Provincial ☐ 3- Governo Local ☐
25. A sua Organização recebe algum Apoio Público não-Financeiro ?
 1 ☐ Sim ☐ Não (ir para Q28)
26. Se sim, que tipo de Apoio ?
 _____ COD ____ / ____ / ____
27. Qual a origem ?
 1-Federal ☐ 2-Provincial ☐ 3- Governo Local ☐
28. A sua Organização se beneficia de algum Benefício Fiscal ?
 1 ☐ Sim ☐ Não
29. Qual é a porcentagem de PATROCINADORES LOCAIS da sua Organização? ____ %
30. Qual é a porcentagem de PATROCINADORES REGIONAIS da sua Organização? ____ %
31. Qual é a porcentagem de PATROCINADORES NACIONAIS da sua Organização? ____ %
32. Qual é a porcentagem de PATROCINADORES MULTINACIONAIS da sua Organização?
 ____ %
33. Qual é a porcentagem de PATROCÍNIOS Totais sobre RECEITAS Totais ? ____ %
34. Qual é a porcentagem de CADA uma das outras RECEITAS ?
- | | | |
|----------|--------|----------|
| 1. _____ | ____ % | COD ____ |
| 2. _____ | ____ % | COD ____ |
| 3. _____ | ____ % | COD ____ |
| 4. _____ | ____ % | COD ____ |
| 5. _____ | ____ % | COD ____ |
| 6. _____ | ____ % | COD ____ |

(Nota: ir para Q36 se você não é dum Clube Amador)

35. Se você é dum Clube Amador, o seus Patrocinadores são:

	%
1- patrocinadores "reais"	
2- "patrocinadores" com vista a outro tipo de influência	

36. Quais os seus maiores problemas em conseguir Patrocínios ? _____
 _____ COD ____ / ____
37. O que de melhor a sua Organização tem para oferecer a um possível patrocinador ? _____
 _____ COD ____ / ____
38. Como "Produto", em que Mídias a sua Organização aparece regularmente ? _____
 _____ COD ____ / ____ / ____
39. O que poderia ser feito para aparecer em outras Mídias ? _____
 _____ COD ____ / ____

40. Quais são as principais Despesas das sua Organização (em %) ?

1.	_____	% COD	_____
2.	_____	% COD	_____
3.	_____	% COD	_____
4.	_____	% COD	_____
5.	_____	% COD	_____
6.	_____	% COD	_____

D. "POLÍTICAS PÚBLICAS"

41. Existe alguma analogia direta entre o seu País FEDERADO e a organização do Rugby Federado ?

1 ☐ Sim ☐ Não

42. Na sua Organização, existe uma separação de poderes entre os Sócios/Acionistas que fazem os ESTATUTOS, e a Direção Executiva ?

1 ☐ Sim ☐ Não

43. A sua Organização responde a uma Organização superior, quando define os seus ESTATUTOS ?

1 ☐ Sim ☐ Não

44. Qual a percentagem necessária para alterar os ESTATUTOS da sua Organização ? _____ %

45. Quem é o JUÍZ, quando ocorre uma disputa entre Organizações ? _____ COD _____

46. Existe(m) alguma(s) Instituições para facilitar a colaboração entre Organizações ?

1 ☐ Sim ☐ Não (ir para Q48)

47. Se sim, quais ? _____ COD _____

48. O Governos do seu país distribui mais recursos à Federação de Rugby do que a outras Federações ?

1 ☐ Sim ☐ Não 3 ☐ N/A

49. As Federações Olímpicas recebem mais recursos que as não-Olímpicas ?

1 ☐ Sim ☐ Não 3 ☐ N/A

E. "ESTRATÉGIA INTERNACIONAL" (o seu país vs. os outros 02 países da SANZAR)

50. Qual a Língua usada pelo rugby do seu País ? _____ COD _____

51. Existem Línguas diferentes dentro do seu País ?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não

52. Se sim, quais ? _____ COD ____/____/____

53. Existem diferenças entre a Língua usada no rugby do seu País vs os outros 02 países da SANZAR ?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não

54. Existem algumas diferenças nos costumes de rugby, entre o seu País vs os outros 02 países da SANZAR ?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não

55. Existe alguma diferença na identificação nacional do rugby do seu País vs os outros 02 países da SANZAR ?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não

56. Qual a importância do rugby – como PRODUTO – vs outros desportos ?

1 ☐ – 2 ☐ – 3 ☐ – 4 ☐ – 5 ☐

57. Existem algumas diferenças ÉTNICAS dentro do seu País ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não
58. Existem algumas diferenças ÉTNICAS do seu País vs os outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não
59. Existem algumas diferenças RELIGIOSAS do seu País vs os outros 02 países da SANZAR ? 1
Sim 2 ☐ Não ☐
60. Existem alguma diferença em como o rugby é uma Identidade Nacional entre o seu País vs os
outros 02 países da SANZAR ?
_____ COD _____
61. Existem alguns Laços Coloniais do seu País com os outros 02 países da SANZAR ?
_____ COD _____
62. Existem diferenças nas Políticas Desportivas do Rugby do seu País com os outros 02 países da
SANZAR ? _____ COD _____
63. Existem diferenças entre a Federação de Rugby do seu País e as dos outros 02 países da
SANZAR ? _____ COD _____
64. Os Fusos Horários são um problema entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não (ir para Q66)
65. Se sim, são um problema para Quem ?
_____ COD _____
66. As Distâncias são um problema entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não (ir para Q68)
67. Se sim, são um problema para Quem ?
_____ COD _____
68. Existem grandes diferenças de Tamanho entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não
69. Existem problemas de Conexões Aéreas entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não
70. Existem diferenças de Instalações Aero/Ferrovíarias entre o seu País e os outros 02 países da
SANZAR ?
1 ☐ Sim 2 ☐ Não
71. Existem diferenças de Poder Midiático entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR ?
_____ COD _____
72. Existem diferenças entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR, acerca de Rugby Local
gerido por Federações Provinciais ? _____ COD _____
73. Existem diferentes Modelos Competitivos entre o seu País e os outros 02 países da SANZAR
? _____ COD _____
74. As Franquias do Super Rugby são Simétricas, nos outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim ☐ Não
75. Existe uma grande diferença de renda dos consumidores, nos outros 02 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim ☐ Não (ir para Q77)
76. Se sim, como os ordenaria ? _____ COD _____
77. Os Salários dos jogadores são diferentes, nos outros 2 países da SANZAR ?
1 ☐ Sim ☐ Não (ir para Q79)
78. Se sim, como os ordenaria ? _____ COD _____

F. "BRANDING"

79. Numa escala de 1 a 5, em que 1 não é adepto e 5 é um torcedor fanático, que tipo de adepto de rugby é você ?

1 ☐ - 2 ☐ - 3 ☐ - 4 ☐ - 5 ☐

80. Quais as equipes do **Super Rugby** que você conhece melhor ? (**Obter 3 nomes**)

1. Equipe	2. T & C escala (1-4)	3. Cores COD (1-Certo, 2-Errado, 3-N/A)	4. Logo COD (1- Certo, 2-Errado, 3-N/A)
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3

81. Quais as equipes da (**Currie Cup, ITM Cup or NRC**) que você conhece melhor ? (**Obter 3 nomes**)

1. Equipe	2. T & C escala (1-4)	3. Cores COD (1- Certo, 2-Errado, 3-N/A)	4. Logo COD (1- Certo, 2-Errado, 3-N/A)
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3

82. Quais as **Seleções Nacionais** que você conhece melhor ? (**Obter 3 nomes**)

1. Equipe	2. T & C escala (1-4)	3. Cores COD (1- Certo, 2-Errado, 3-N/A)	4. Logo COD (1- Certo, 2-Errado, 3-N/A)
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3
COD _____	1 - 2 - 3 - 4	1 - 2 - 3	1 - 2 - 3

Nota: Continuação 1 da Q80-82

Se você pensar em confiança e segurança, por favour diga se você tem If you think about trust and confidence please tell me if you have, **muita (1), bastante (2), não muita (3) ou nenhuma (4) confiança e segurança** em cada uma das equips que mencionou (ler cada equipe mencionada na Q80-Q82)

83. De que equipe você é **adepto pessoal** ? _____ COD _____

84. Há quanto tempo você é adepto dos (equipe da Q83)? _____ Anos

85. Qual a equipa (Suláfricana/Australiana/Neozelandesa) que você pensa ser a mais admirada na (África Sul/Austrália/Nova Zelândia)? (mencionar apenas uma)

_____ COD _____

Nota: Continuação 2 da Q80-82

Você sabe quais são as Cores dos (perguntar de cada equipe)? (se o entrevistado responder "Bulls", pedir para explicar as cores na Currie Cup e Super Rugby)

Nota: Continuação 3 da Q80-82

Você sabe qual é a Logo dos (perguntar de cada equipe) is? (se o entrevistado responder "Bulls", pedir para explicar as Logos na Currie Cup e Super Rugby)

Nota: em relação à equipe da Q83

86. Você mencionou que é um adepto dos (equipe da Q83). Em cada 10 jogos que eles jogam, quantos você assiste (na TV ou ao vivo no estádio) ? _____
87. Quantos desses jogos você assiste ao vivo no estádio deles? _____
88. Por quanto você está disposto a pagar por um ingresso para ver os (equipe da Q83) jogarem? USD _____
89. Por quanto você está disposto a pagar por uma camisa dos (equipe da Q83)? USD _____
90. Qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça, quando pensa nos (equipe da Q83)? _____ COD _____
91. Complete a frase: Os (equipe da Q83) são ... _____ COD _____
92. O que há de mais único acerca dos (equipe da Q83)? _____ COD _____
93. Finalmente, gostaria de lhe perguntar algumas questões sobre rugby em geral. Usando a escala: **concordo fortemente (1), concordo (2), neutro (3), discordo (4), e discordo fortemente (5)**, como você se sente acerca das seguintes frases?

		Escala (1-5)
1	O Rugby é gerido profissionalmente na África Sul/Austrália/Nova Zelândia	1 - 2 - 3 - 4 - 5
2	Tenho orgulho de ser um adepto da África Sul/Austrália/Nova Zelândia	1 - 2 - 3 - 4 - 5
3	O Rugby deveria ser gerido como um negócio	1 - 2 - 3 - 4 - 5
4	Eu recomendarei os meus (<u>equipe da Q83</u>) para qualquer pessoa torcer	1 - 2 - 3 - 4 - 5
5	Nós temos muito talento no rugby da África Sul/Austrália/Nova Zelândia	1 - 2 - 3 - 4 - 5
6	Eu sou muito fiel aos (<u>equipe da Q83</u>)	1 - 2 - 3 - 4 - 5
7	Eu tenho um sentimento positivo acerca do futuro do rugby na África Sul/Austrália/Nova Zelândia	1 - 2 - 3 - 4 - 5
8	Eu provavelmente estarei torcendo pelos (<u>equipe da Q83</u>) daqui a 2 anos	1 - 2 - 3 - 4 - 5
9	A África Sul/Austrália/Nova Zelândia tem treinadores de nível internacional	1 - 2 - 3 - 4 - 5
10	A África Sul/Austrália/Nova Zelândia pode ganhar a próxima Rugby World Cup	1 - 2 - 3 - 4 - 5
11	Os Sulafricanos/Australianos/Neozelandeses têm uma “habilidade inata” para o rugby	1 - 2 - 3 - 4 - 5

Obrigação pela sua colaboração !

Anexo III - Outputs do SPSS

Q1 * Q2 CrosstabulationCount

Q1		Q2				Total	
		Country	Super Rugby	Provincial	Club		
Australia	Q6	Rugby Championship	2	0	0	0	2
		Super Rugby	0	8	0	0	8
		NRC	0	0	4	0	4
		Shute Shield	0	0	0	10	10
		QLD Premiership	0	0	0	5	5
		ACT Premiership	0	0	0	2	2
	Total	2	8	4	17	31	
New Zealand	Q6	Rugby Championship	1	0	0	0	1
		Super Rugby	0	4	0	0	4
		ITM Cup	0	0	8	0	8
		Hawkins Trophy	0	0	0	4	4
		North Harbour Premier	0	0	0	2	2
		Manawatu Senior 1	0	0	0	2	2
		Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	3	3
		McNamara Cup (Counties)	0	0	0	2	2
		Waikato Premier	0	0	0	2	2
		Gallaher Shield	0	0	0	3	3
	Total	1	4	8	18	31	
South Africa	Q6	Super Rugby		3	0	0	3
		Currie Cup		0	8	0	8
		Carlton League		0	0	4	4
		Pirates Grand Challenge		0	0	2	2
		Saty League (Bloemfontain)		0	0	1	1
		Peregrine League (Valke)		0	0	1	1
	Total		3	8	8	19	
Total	Q6	Rugby Championship	3	0	0	0	3
		Super Rugby	0	15	0	0	15
		Currie Cup	0	0	8	0	8
		ITM Cup	0	0	8	0	8
		NRC	0	0	4	0	4
		Hawkins Trophy	0	0	0	4	4
		Shute Shield	0	0	0	10	10
		QLD Premiership	0	0	0	5	5
		ACT Premiership	0	0	0	2	2
		North Harbour Premier	0	0	0	2	2
		Manawatu Senior 1	0	0	0	2	2
		Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	3	3
		McNamara Cup (Counties)	0	0	0	2	2
		Waikato Premier	0	0	0	2	2
		Gallaher Shield	0	0	0	3	3
		Carlton League	0	0	0	4	4
		Pirates Grand Challenge	0	0	0	2	2
		Saty League (Bloemfontain)	0	0	0	1	1
		Peregrine League (Valke)	0	0	0	1	1
	Total	3	15	20	43	81	

Q6 * Q9 * Q1 Crosstabulation

Count		Q9										Total
Q1		4	6	7	8	9	10	11	12	14	15	
Australia	Q6			0		0			0		4	4
				0		4			0		0	4
				0		0			9		0	9
				0		5			0		0	5
				2		0			0		0	2
	Total			2		9			9		4	24
New Zealand	Q6											
	Total											
South Africa	Q6											
	Total											
Total	Q6											
	Total											

Gallaher Shield	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3
Carlton League	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	4
Pirates Grand Challenge	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
Saty League (Bloemfontain)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Peregrine League (Valke)	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Total	1	1	2	6	11	3	2	18	16	14	74

\$Q7Q8*var0010*var0060 Crosstabulation

Q6				Q1			Total
				Australia	New Zealand	South Africa	
Rugby Championship		New Zealand	Count		2		2
	Best Teams ^a	Australia	Count		2		2
		South Africa	Count		2		2
	Total		Count		1		1
Super Rugby		Crusaders	Count	6	5	3	14
		Chiefs	Count	2	4	2	8
		Hurricanes	Count	2	1	4	7
		Blues	Count	1	4	0	5
		Highlanders	Count	2	2	0	4
	Best Teams ^a	Reds	Count	0	0	1	1
		Waratahs	Count	3	2	1	6
		Brumbies	Count	5	3	2	10
		Stormers	Count	0	0	2	2
		Sharks	Count	1	0	0	1
		Bulls	Count	1	1	2	4
	Total		Count	4	4	3	11
Currie Cup		Western Province	Count			16	16
	Best Teams ^a	Blue Bulls	Count			12	12
		Golden Lions	Count			11	11
		Natal Sharks	Count			4	4
	Total		Count			8	8
ITM Cup		Canterbury	Count		15		15
		Auckland	Count		9		9
	Best Teams ^a	Wellington	Count		5		5
		Hawke's Bay	Count		1		1
		Taranaki	Count		7		7
		Tasman	Count		5		5
	Total		Count		8		8
NRC		Brisbane City	Count	5			5
		Canberra Vikings	Count	1			1
	Best Teams ^a	Melbourne Rising	Count	4			4
		Perth Spirit	Count	3			3
		Sydney Stars	Count	1			1
Hawkins Trophy	Total		Count	3			3
		HSBO	Count		7		7
	Best Teams ^a	Christchurc RC	Count		4		4
		University (Canterbury)	Count		4		4

Shute Shield		Lincoln Uni	Count		1	1
		Marist Albion	Count		3	3
		Sydenham	Count		2	2
		New Brighton	Count		3	3
	Total		Count		4	4
	Best Teams ^a	Eastwood	Count	10		10
		Manly	Count	7		7
		Southern Districts	Count	2		2
		Sydney University	Count	16		16
		Randwick	Count	9		9
		Gordon	Count	2		2
	Total		Count	9		9
QLD Premiership	Best Teams ^a	Brothers	Count	9		9
		Uni QLD	Count	10		10
		East's Tigers	Count	2		2
		Sunnybank	Count	3		3
		Souths QLD	Count	2		2
	Total	GPS	Count	1		1
			Count	5		5
			Count	5		5
ACT Premiership	Best Teams ^a	Tuggeranong Vikings	Count	2		2
		West's Lions	Count	1		1
		Canberra Royals	Count	3		3
		Uni-Norths Owls	Count	1		1
		Gungahlin Eagles	Count	1		1
	Total		Count	2		2
North Harbour Premier	Best Teams ^a	North Shore	Count		4	4
		Takapuna	Count		2	2
		Massey RFC	Count		3	3
	Total		Count		2	2
Manawatu Senior 1	Best Teams ^a	Massey Uni	Count		2	2
		College OB	Count		4	4
		Kia Toa	Count		4	4
		Feilding	Count		1	1
	Total		Count		2	2
Jubilee Cup (Wellington)	Best Teams ^a	Marist St Pats	Count		6	6
		Wellington FC	Count		1	1
		Poneke	Count		3	3
		OB University	Count		4	4
		Petone	Count		2	2
		OB Marist	Count		1	1
	Total		Count		3	3
McNamara Cup (Counties)	Best Teams ^a	Ardmore Marist	Count		3	3
		Bombay	Count		3	3
		Pukekohe	Count		2	2
		Papakura	Count		1	1
		Manurewa	Count		1	1
		Karanka	Count		1	1
	Total		Count		2	2
Waikato Premier	Best Teams ^a	Hamilton OB	Count		3	3
		Fraser Tec	Count		2	2

Gallaher Shield	Total	Hamilton Marist	Count	4	4
		Waikato Uni	Count	1	1
		Otorohanga	Count	2	2
			Count	2	2
		Ponsonby	Count	4	4
	Best Teams ^a	Auckland Uni	Count	5	5
		Grammar TEC	Count	3	3
		Pakuranga	Count	1	1
		Auckland Marist	Count	1	1
	Total		Count	3	3
Carlton League	Best Teams ^a	Tukkies (UniPretoria)	Count		8
		(Pretoria) Police	Count		7
		Centurion	Count		5
	Total		Count		4
Pirates Grand Challenge	Best Teams ^a	UJ (UniJohannesburg)	Count		3
		Pirates	Count		3
		Raiders	Count		3
		Roodepoort	Count		2
	Total		Count		2
Saty League (Bloemfontain)	Best Teams ^a	Shimlas (UniFS)	Count		2
		CUT (Central UniTech)	Count		2
			Count		2
	Total		Count		1

Percentages and totals are based on respondents.

a. Group

\$Q82.1*var0010 Crosstabulation

			Q1			Total
			Australia	New Zealand	South Africa	
Unaided Awareness - International ^a	New Zealand	Count	26	26	14	66
	Australia	Count	27	19	11	57
	South Africa	Count	22	21	14	57
	England	Count	3	3	3	9
	Ireland	Count	1	2	0	3
Total		Count	27	26	14	67

Percentages and totals are based on respondents.

a. Group

Q6 * Q11 * Q1 Crosstabulation

Count		Q11													Total
Q1		4 G + 3 C	4 G + 1 C	3 G + 2 C	3 G	2 G + 1 C	2 G	Get a Licen se from NGB	to Sign a participati on agreement	Max 14 SR Players; 33 register ed Players in Australi a	Compl y with Criteri a	2G + 1C + 2G (includi ng Women)	2 G + 2 C	To Be a SR Team or Qualif y	
Australia	Q6	Super Rugby	0	0			0		4	0	0				4
		NRC	0	0			0		1	1	1				3
		Shute Shield	9	0			0		0	0	0				9
		QLD Premiership	1	1			3		0	0	0				5
		ACT Premiership	0	2			0		0	0	0				2
		Total	1 0	3			3		5	1	1				23
New Zealand	Q6	Rugby Championsh ip		0			0	0	0	0		1	0	0	1
		Super Rugby		0			0	0	3	0		0	0	0	3
		ITM Cup		0			1	0	0	1		6	0	0	8
		Hawkins Trophy		0			3	1	0	0		0	0	0	4
		North Harbour		0			0	2	0	0		0	0	0	2
		Premier													
		Manawatu Senior 1		0			1	0	0	1		0	0	0	2
		Jubilee Cup (Wellington)		0			2	0	0	0		0	1	0	3
		McNamara Cup (Counties)		0			1	1	0	0		0	0	0	2
		Waikato Premier		0			0	2	0	0		0	0	0	2
		Gallaher Shield		1			1	0	0	0		0	0	1	3
		Total		1			9	6	3	2		7	1	1	30
South Africa	Q6	Super Rugby			0	0			3				0	0	3
		Currie Cup			0	0			0				0	8	8
		Carlton League Pirates			4	0			0				0	0	4
		Grand Challenge			2	0			0				0	0	2
		Saty League (Bloemfonta in)			0	1			0				0	0	1
		Peregrine League (Valke)			0	0			0				1	0	1
		Total			6	1			3				1	8	19
	Total	Q6	Rugby Championsh ip	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0

Super Rugby	0	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	0	0	10
Currie Cup	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	8
ITM Cup	0	0	0	0	1	0	0	1	0	6	0	0	0	8
NRC	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	3
Hawkins Trophy	0	0	0	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	4
Shute Shield	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9
QLD Premiership	1	1	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	5
ACT Premiership	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
North Harbour Premier	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Manawatu Senior 1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	3
McNamara Cup (Counties)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2
Waikato Premier	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Gallaher Shield	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	3
Carlton League	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Pirates Grand Challenge	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Saty League (Bloemfontein)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Peregrine League (Valke)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Total	10	4	6	1	12	6	11	3	1	7	1	2	8	72

Q6 * Q13 * Q1 Crosstabulation

Count		Q13				Total
Q1		NO Promotion / Relegation	Last DOWN, First UP	Playoff (4+2)	Playoff Last x 1st	
Australia	Super Rugby	4	0			4
	NRC	4	0			4
	Q6 Shute Shield	9	0			9
	QLD Premiership	4	1			5
	ACT Premiership	2	0			2
	Total	23	1			24
New Zealand	Rugby Championship	1	0	0		1
	Q6 Super Rugby	4	0	0		4
	ITM Cup	1	7	0		8

South Africa	Total	Hawkins Trophy	4	0	0		4
		North Harbour Premier	2	0	0		2
		Manawatu Senior 1	2	0	0		2
		Jubilee Cup (Wellington)	3	0	0		3
		McNamara Cup (Counties)	2	0	0		2
		Waikato Premier	0	0	2		2
		Gallaher Shield	3	0	0		3
		Total	22	7	2		31
	Q6	Super Rugby	3			0	3
		Currie Cup	0			8	8
		Carlton League	2			2	4
		Pirates Grand Challenge	2			0	2
		Saty League (Bloemfontain)	1			0	1
		Peregrine League (Valke)	0			1	1
	Total		8			11	19
Total	Q6	Rugby Championship	1	0	0	0	1
		Super Rugby	11	0	0	0	11
		Currie Cup	0	0	0	8	8
		ITM Cup	1	7	0	0	8
		NRC	4	0	0	0	4
		Hawkins Trophy	4	0	0	0	4
		Shute Shield	9	0	0	0	9
		QLD Premiership	4	1	0	0	5
		ACT Premiership	2	0	0	0	2
		North Harbour Premier	2	0	0	0	2
		Manawatu Senior 1	2	0	0	0	2
		Jubilee Cup (Wellington)	3	0	0	0	3
	Total	McNamara Cup (Counties)	2	0	0	0	2
		Waikato Premier	0	0	2	0	2
		Gallaher Shield	3	0	0	0	3
		Carlton League	2	0	0	2	4
		Pirates Grand Challenge	2	0	0	0	2
		Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	1
		Peregrine League (Valke)	0	0	0	1	1
		Total	53	8	2	11	74

\$Q80.1*var0010 Crosstabulation

			Q1			Total
			Australia	New Zealand	South Africa	
Unaided Awareness - Super Rugby ^a	Crusaders	Count	6	21	10	37
	Chiefs	Count	0	17	0	17
	Hurricanes	Count	0	13	0	13
	Blues	Count	0	12	0	12
	Highlanders	Count	4	10	1	15
	Reds	Count	20	0	0	20
	Waratahs	Count	21	0	0	21
	Brumbies	Count	21	0	2	23
	Force	Count	2	0	0	2
	Rebels	Count	7	0	0	7
	Stormers	Count	0	1	10	11
	Sharks	Count	0	0	1	1
	Bulls	Count	0	0	10	10
	Lions	Count	0	0	5	5
	Cheetahs	Count	0	0	3	3
	Total	Count	27	26	14	67

Percentages and totals are based on respondents.

a. Group

\$Q16*var0010*var0060 Crosstabulation

Q6				Q1			Total
				Australia	New Zealand	South Africa	
Rugby Championship	Transfer Problems ^a	SR players playing Finals without Eligibility	Count		1		1
		iRB rules different from IOC rules	Count		1		1
		Total	Count		1		1
Super Rugby	Transfer Problems ^a	No	Count	1	1	2	4
		Aust=NZ (SR Only), SA (SR+Vodacom+Varsity)	Count	1	0	0	1
		Aust has 4 Big Leagues	Count	1	0	0	1
		Issues about What's IN	Count	1	0	0	1
		Salary Cap	Count	1	0	0	1
		Contracts different from Calendar	Count	1	0	0	1
		Retain AB/Wallabies in SR	Count	0	1	0	1
		Limited to 2 foreign players	Count	0	0	1	1
		Total	Count	4	2	3	9
		No	Count			3	3
Currie Cup	Transfer Problems ^a	"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	Count			1	1
		No spread of SR talent	Count			1	1
		No Salary Cap	Count			2	2
		the cost of signing an "Heartland" player	Count			2	2
		Total	Count			8	8
		No	Count		2		2
ITM Cup	Transfer Problems ^a	the cost of signing an "Heartland" player	Count		2		2
		players must be eligible for National Team	Count		1		1
		Total	Count		5		5
NRC	Transfer Problems ^a	No	Count	2			2
		No spread of SR talent	Count	2			2

Hawkins Trophy	Total	Count	4		4
	No	Count		1	1
	Players amateurism	Count		1	1
	Transfer Problems ^a	"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	Count	1	1
		Change of Rules in Mid-Season	Count	1	1
		SR players playing Finals without Elegibility	Count	1	1
Shute Shield	Total	Count		4	4
	No	Count	5		5
	"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	Count	1		1
	Transfer Problems ^a	Change of Rules in Mid-Season	Count	1	1
		Bottom Clubs loose players for Top Clubs	Count	1	1
		No Salary Cap	Count	1	1
QLD Premiership		Point System needs improvement	Count	1	1
	Total	Count	8		8
	No	Count	3		3
	Transfer Problems ^a	"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	Count	1	1
		Delay on Clearances	Count	2	2
	Total	Count	5		5
ACT Premiership	Transfer Problems ^a	SR players playing Finals without Elegibility	Count	1	1
	Total	Count	1		1
North Harbour Premier	Transfer Problems ^a	No	Count	1	1
		Players amateurism	Count	1	1
	Total	Count	2		2
Manawatu Senior 1	Transfer Problems ^a	No	Count	1	1
		"Shamateurism" (Shoolarships, Cars, Jobs...)	Count	1	1
	Total	Count	2		2
Jubilee Cup (Wellington)	Transfer Problems ^a	No	Count	2	2
		Delay on Clearances	Count	1	1
	Total	Count	3		3
McNamara Cup (Counties)	Transfer Problems ^a	No	Count	1	1
		Delay on Clearances	Count	1	1
	Total	Count	2		2
Waikato Premier	Transfer Problems ^a	No	Count	1	1
		Change of Rules in Mid-Season	Count	1	1
	Total	Count	2		2
Gallaher Shield		No	Count	1	1
		Change of Rules in Mid-Season	Count	1	1
	Transfer Problems ^a	SR players playing Finals without Elegibility	Count	1	1
		Recruitment from Schools (Top Clubs-resources)	Count	1	1
	Total	Count	3		3
Carlton League		No	Count		2
	Transfer Problems ^a	Change of Rules in Mid-Season	Count	1	1

Pirates Grand Challenge	Total		Count			3	3
	Transfer Problems ^a	No	Count			2	2
	Total		Count			2	2
Saty League (Bloemfontain)	Transfer Problems ^a	No	Count			1	1
	Total		Count			1	1

Percentages and totals are based on respondents.

a. Group

SQ81.1*var0010 Crosstabulation

			Q1			Total
			Australia	New Zealand	South Africa	
Unaided Awareness - Provincial ^a	Canterbury	Count	0	14	0	14
	Auckland	Count	0	20	0	20
	Wellington	Count	0	9	0	9
	Hawke's Bay	Count	0	2	0	2
	Taranaki	Count	0	2	0	2
	Tasman	Count	0	3	0	3
	Waikato	Count	0	5	0	5
	Counties Manukaw	Count	0	6	0	6
	Manawatu	Count	0	3	0	3
	North Harbour	Count	0	5	0	5
	Northland	Count	0	5	0	5
	Otago	Count	0	4	0	4
	Western Province	Count	0	0	12	12
	Blue Bulls	Count	0	0	13	13
	Golden Lions	Count	0	0	9	9
	FS Cheetahs	Count	0	0	4	4
	Natal Sharks	Count	0	0	4	4
	Brisbane City	Count	12	0	0	12
	QLD Country	Count	9	0	0	9
	Canberra Vikings	Count	9	0	0	9
	Melbourne Rising	Count	7	0	0	7
	Sydney Stars	Count	6	0	0	6
	NSWC Eagles	Count	9	0	0	9
	NH Rays	Count	12	0	0	12
	Greater Sydney Rams	Count	12	0	0	12
	Total	Count	27	26	14	67

Percentages and totals are based on respondents.

a. Group

Q22 * Q1 * Q6 Crosstabulation

Count			Q1			Total
Q6			Australia	New Zealand	South Africa	
Rugby Championship	Q22	Yes	1	1		2
	Total		1	1		2
Super Rugby	Q22	Yes	1	1	3	5
		No	3	3	0	6
	Total		4	4	3	11
Currie Cup	Q22	Yes			8	8
	Total				8	8
ITM Cup	Q22	Yes		8		8
	Total			8		8
NRC	Q22	Yes	1			1
		No	3			3
	Total		4			4
Hawkins Trophy	Q22	Yes		4		4
	Total			4		4
Shute Shield	Q22	Yes	4			4
		No	5			5
	Total		9			9
QLD Premiership	Q22	Yes	5			5
	Total		5			5
ACT Premiership	Q22	No	2			2
	Total		2			2
North Harbour Premier	Q22	Yes		2		2
	Total			2		2
Manawatu Senior 1	Q22	Yes		2		2
	Total			2		2
Jubilee Cup (Wellington)	Q22	Yes		3		3
	Total			3		3
McNamara Cup (Counties)	Q22	Yes		2		2
	Total			2		2
Waikato Premier	Q22	Yes		2		2
	Total			2		2
Gallaher Shield	Q22	Yes		3		3
	Total			3		3
Carlton League	Q22	Yes			2	2
		No			2	2
	Total				4	4
Pirates Grand Challenge	Q22	Yes			1	1
		No			1	1
	Total				2	2
Saty League (Bloemfontain)	Q22	Yes			1	1
	Total				1	1
Total	Q22	Yes	12	28	15	55
		No	13	3	3	19
	Total		25	31	18	74

Q23 * Q1 * Q6 Crosstabulation

Count			Q1			Total
Q6			Australia	New Zealand	South Africa	
Rugby Championship	Q23	Direct	1	1		2
	Total		1	1		2
Super Rugby	Q23	Direct	0	1	3	4
		Gaming Trusts	1	0	0	1
	Total		1	1	3	5
Currie Cup	Q23	Direct			7	7
		Lotto			1	1
	Total				8	8
ITM Cup	Q23	Gaming Trusts		8		8
	Total			8		8
NRC	Q23	Gaming Trusts	1			1
	Total		1			1
Hawkins Trophy	Q23	Gaming Trusts		4		4
	Total			4		4
Shute Shield	Q23	Gaming Trusts	4			4
	Total		4			4
QLD Premiership	Q23	Gaming Trusts	5			5
	Total		5			5
North Harbour Premier	Q23	Gaming Trusts		2		2
	Total			2		2
Manawatu Senior 1	Q23	Gaming Trusts		2		2
	Total			2		2
Jubilee Cup (Wellington)	Q23	Gaming Trusts		3		3
	Total			3		3
McNamara Cup (Counties)	Q23	Gaming Trusts		2		2
	Total			2		2
Waikato Premier	Q23	Gaming Trusts		2		2
	Total			2		2
Gallaher Shield	Q23	Gaming Trusts		3		3
	Total			3		3
Carlton League	Q23	Direct			1	1
		Lotto			1	1
	Total				2	2
Pirates Grand Challenge	Q23	Lotto			1	1
	Total				1	1
Saty League (Bloemfontain)	Q23	Direct			1	1
	Total				1	1
Total		Direct	1	2	12	15
	Q23	Lotto	0	0	3	3
		Gaming Trusts	11	26	0	37
	Total		12	28	15	55

Q24 * Q1 * Q6 Crosstabulation

Count			Q1			Total
Q6			Australia	New Zealand	South Africa	
Rugby Championship	Q24	Federal	1	1		2
	Total		1	1		2
Super Rugby		Federal	1	0	0	1
	Q24	Provincial	0	0	2	2
		Local	0	1	1	2
	Total		1	1	3	5
Currie Cup		Federal			1	1
	Q24	Provincial			4	4
		Local			3	3
	Total				8	8
ITM Cup	Q24	Local		8		8
	Total			8		8
NRC	Q24	Provincial	1			1
	Total		1			1
Hawkins Trophy	Q24	Local		4		4
	Total			4		4
Shute Shield		Federal	1			1
	Q24	Provincial	2			2
		Local	1			1
	Total		4			4
QLD Premiership		Provincial	3			3
	Q24	Local	2			2
	Total		5			5
North Harbour Premier	Q24	Local		2		2
	Total			2		2
Manawatu Senior 1	Q24	Local		2		2
	Total			2		2
Jubilee Cup (Wellington)	Q24	Local		3		3
	Total			3		3
McNamara Cup (Counties)	Q24	Local		2		2
	Total			2		2
Waikato Premier	Q24	Local		2		2
	Total			2		2
Gallaher Shield	Q24	Local		3		3
	Total			3		3
Carlton League	Q24	Provincial			2	2
	Total				2	2
Pirates Grand Challenge	Q24	Provincial			1	1
	Total				1	1
Saty League (Bloemfontain)	Q24	Provincial			1	1
	Total				1	1
Total		Federal	3	1	1	5
	Q24	Provincial	6	0	10	16
		Local	3	27	4	34
	Total		12	28	15	55

Q6 * Q29 * Q1 Crosstabulation

Count		Q29																		Total
Q1		Q29																		Total
		0	2	10	20	25	30	35	39	40	50	60	75	80	81	85	90	100		
Australia	Super Rugby	4	0	0	0					0	0		0	0			0	0	4	
	NRC	2	0	1	0					0	0		0	0			0	0	3	
	Q6 Shute Shield	1	0	0	1					0	0		1	1			1	2	7	
	QLD Premiership	0	0	0	0					1	1		0	2			0	1	5	
	ACT Premiership	0	1	0	0					0	0		0	0			0	1	2	
	Total	7	1	1	1					1	1		1	3			1	4	21	
	Rugby Championship	1				0	0				0	0		0		0	0	0	1	
New Zealand	Super Rugby	1				1	1				0	1		0		0	0	0	4	
	ITM Cup	3				0	1				2	0		0		1	1	0	8	
	Hawkins Trophy	1				0	0				0	0		1		1	0	1	4	
	Q6 North Harbour Premier	0				0	0				1	0		0		0	0	1	2	
	Manawatu Senior 1	0				0	0				0	0		1		0	0	1	2	
	Jubilee Cup (Wellington)	0				0	0				0	0		1		0	0	1	2	
	McNamara Cup (Counties)	0				0	0				0	0		0		0	2	0	2	
	Waikato Premier	0				0	0				0	0		0		0	0	2	2	
	Gallagher Shield	0				0	0				0	0		0		0	1	2	3	
	Total	6				1	2				3	1		3		2	4	8	30	
	Super Rugby	2		0	1			0	0			0			0			0	3	
	Currie Cup	3		0	1			1	1			1			1			0	8	
	Q6 Carlton	1		1	0			0	0			0			0			2	4	
	League Pirates Grand Challenge	1		1	0			0	0			0			0			0	2	
	Saty League (Bloemfontain)	0		0	0			0	0			0			0			1	1	
	Total	7		2	2			1	1			1			1			3	18	
South Africa	Rugby Championship	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
	Super Rugby	7	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	11	
	Currie Cup	3	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	8	
	ITM Cup	3	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	1	1	0	8	
	NRC	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	
	Hawkins Trophy	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	4	
	Q6 Shute Shield	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	2	7	
	QLD Premiership	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	0	1	5	
	ACT Premiership	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	
	North Harbour Premier	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2	
Total	Manawatu Senior 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2	
	Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2	

	McNamara Cup (Counties)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
	Waikato Premier	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
	Gallaher Shield	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3
	Carlton League	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4
	Pirates Grand Challenge	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Saty League (Bloemfontain)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	Total	20	1	3	3	1	2	1	1	1	4	2	1	6	1	2	5	15	69

Q6 * Q30 * Q1 Crosstabulation

Count		Q30												Total
Q1		0	5	10	15	20	30	40	59	70	80	90	95	
Australia	Q6 Super Rugby	3	0	0		0	0	1			0	0	0	4
	NRC	0	0	0		0	0	0			1	1	1	3
	Shute Shield	3	1	1		1	1	0			0	0	0	7
	QLD Premiership	4	0	0		0	1	0			0	0	0	5
	ACT Premiership	1	0	0		0	0	0			0	0	1	2
	Total	11	1	1		1	2	1			1	1	2	21
	Rugby Championship	1		0	0	0		0		0				1
New Zealand	Q6 Super Rugby	1		1	1	0		0		1				4
	ITM Cup	1		2	0	2		2		1				8
	Hawkins Trophy	4		0	0	0		0		0				4
	North Harbour Premier	2		0	0	0		0		0				2
	Manawatu Senior 1	1		1	0	0		0		0				2
	Jubilee Cup (Wellington)	1		0	0	1		0		0				2
	McNamara Cup (Counties)	1		1	0	0		0		0				2
	Waikato Premier	2		0	0	0		0		0				2
	Gallaher Shield	2		1	0	0		0		0				3
	Total	16		6	1	3		2		2				30
	Super Rugby	3			0				0					3
South Africa	Q6 Currie Cup	6			1				1					8
	Carlton League	4			0				0					4
	Pirates Grand Challenge	2			0				0					2
	Saty League (Bloemfontain)	1			0				0					1
	Total	16			1				1					18
Total	Q6 Rugby Championship	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Super Rugby	7	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	11

Currie Cup	6	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	8
ITM Cup	1	0	2	0	2	0	2	0	1	0	0	0	8
NRC	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	3
Hawkins Trophy	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Shute Shield	3	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	7
QLD Premiership	4	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	5
ACT Premiership	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
North Harbour Premier	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Manawatu Senior 1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
McNamara Cup (Counties)	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Waikato Premier	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Gallaher Shield	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Carlton League	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Pirates Grand Challenge	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total	43	1	7	2	4	2	3	1	2	1	1	2	69

Q6 * Q31 * Q1 Crosstabulation

Count		Q31													Total
Q1		0	3	5	10	15	19	20	30	40	50	70	80	100	
Australia	Q6 Super Rugby	1	0	0	0			0	2	0	0	0	1		4
	NRC	1	0	2	0			0	0	0	0	0	0		3
	Shute Shield	4	0	0	1			0	0	1	0	1	0		7
	QLD Premiership	1	0	0	1			1	1	0	1	0	0		5
	ACT Premiership	1	1	0	0			0	0	0	0	0	0		2
	Total	8	1	2	2			1	3	1	1	1	1		21
	Rugby Championship	0	0		1	0		0	0		0			0	1
New Zealand	Q6 Super Rugby	0	0		0	1		1	0		2			0	4
	ITM Cup	2	1		1	0		1	2		1			0	8
	Hawkins Trophy	1	0		0	1		1	0		0			1	4
	North Harbour Premier	1	0		0	0		0	0		1			0	2
	Manawatu Senior 1	1	0		1	0		0	0		0			0	2
	Jubilee Cup (Wellington)	2	0		0	0		0	0		0			0	2
	McNamara Cup (Counties)	1	0		1	0		0	0		0			0	2
	Total	8	1		2	2		1	3		1			0	21

South Africa	Waikato Premier	2	0		0	0		0	0		0			0	2
	Gallaher Shield	3	0		0	0		0	0		0			0	3
	Total	13	1		4	2		3	2		4			1	30
	Super Rugby	2			1		0	0			0				3
	Currie Cup	4			2		1	0			1				8
	Q6 Carlton League	3			0		0	1			0				4
	Pirates Grand Challenge	2			0		0	0			0				2
	Saty League (Bloemfontain)	1			0		0	0			0				1
	Total	12			3		1	1			1				18
	Rugby Championship	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Super Rugby	3	0	0	1	1	0	1	2	0	2	0	1	0	11
	Currie Cup	4	0	0	2	0	1	0	0	0	1	0	0	0	8
	ITM Cup	2	1	0	1	0	0	1	2	0	1	0	0	0	8
Total	NRC	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Hawkins Trophy	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	4
	Shute Shield	4	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	7
	QLD Premiership	1	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	0	5
	ACT Premiership	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Q6 North Harbour Premier	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2
	Manawatu Senior 1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Jubilee Cup (Wellington)	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	McNamara Cup (Counties)	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Waikato Premier	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Gallaher Shield	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Carlton League	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	4
	Pirates Grand Challenge	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Total	33	2	2	9	2	1	5	5	1	6	1	1	1	69

Q6 * Q32 * Q1 Crosstabulation

Count		Q32													Total
Q1		0	2	5	10	15	20	25	30	60	70	80	90	100	
Australia	Q6 Super Rugby	1		0	0		1	0	1		1				4
	NRC	2		1	0		0	0	0		0				3
	Shute Shield	4		1	0		1	1	0		0				7
	QLD Premiership	4		0	1		0	0	0		0				5
	ACT Premiership	2		0	0		0	0	0		0				2
	Total	13		2	1		2	1	1		1				21
	Rugby Championship	0	0		0	0	0			0			1		1
New Zealand	Q6 Super Rugby	0	0		2	1	1			0			0		4
	ITM Cup	4	1		1	0	0			2			0		8
	Hawkins Trophy	4	0		0	0	0			0			0		4
	North Harbour Premier	2	0		0	0	0			0			0		2
	Manawatu Senior 1	2	0		0	0	0			0			0		2
	Jubilee Cup (Wellington)	2	0		0	0	0			0			0		2
	McNamara Cup (Counties)	2	0		0	0	0			0			0		2
	Waikato Premier	2	0		0	0	0			0			0		2
	Gallaher Shield	3	0		0	0	0			0			0		3
	Total	21	1		3	1	1			2			1		30
	Super Rugby	0	0						0			1	1	1	3
	Currie Cup	3	1						1			1	1	1	8
South Africa	Q6 Carlton	3	0						0			1	0	0	4
	League Pirates Grand Challenge	2	0						0			0	0	0	2
	Saty League (Bloemfontain)	1	0						0			0	0	0	1
	Total	9	1						1			3	2	2	18
	Rugby Championship	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Super Rugby	1	0	0	2	1	2	0	1	0	1	1	1	1	11
Total	Q6 Currie Cup	3	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	8
	ITM Cup	4	1	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	8
	NRC	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Hawkins Trophy	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
	Shute Shield	4	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	7
	QLD Premiership	4	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
	ACT Premiership	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	North Harbour Premier	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Manawatu Senior 1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Jubilee Cup (Wellington)	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Super Rugby	0	0						0			1	1	1	3
	Currie Cup	3	1						1			1	1	1	8
	Carlton	3	0						0			1	0	0	4
	League	2	0						0			0	0	0	2
	Pirates Grand Challenge	1	0						0			0	0	0	1

McNamara Cup (Counties)	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Waikato Premier	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Gallaher Shield	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Carlton League	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4
Pirates Grand Challenge	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total	43	2	2	4	1	3	1	2	2	2	1	3	3	2	69

Q6 * Q32 * Q1
Crosstabulation

Count

Q1		Q3																								Total			
		3																											
		0	5	8	10	13	15	19	20	22	23	25	30	33	34	35	38	39	40	45	47	50	60	70	75		80	90	95
Australia	Rugby Championship	0			0		0					0	1	0	0					0	0		0	0	0	0	0		
	Super Rugby	1			0		1					1	1	0	0					0	0		0	0	0	0	0		
	NRC	0			0		0					0	0	0	0					0	0		0	0	1	0	1		
	Shute Shield	0			0		0					0	1	0	1					1	1		1	1	1	1	0		
	QLD Premiership	0			1		1					2	0	1	0					0	0		0	0	0	0	0		
	ACT Premiership	0			0		0					0	0	0	0					0	0		1	0	0	1	0		
	TOTAL	1			1		2					3	3	1	1					1	1		2	1	2	2	1		22
New Zealand	Rugby Championship	0			0	0	0	0	0	0	0		0	1		0		0	0			0	0	0					1
	Super Rugby	0			0	0	0	0	0	0	0		0	0		0		0	1			0	3	0					4
	ITM Cup	0			0	0	1	0	0	0	1		0	2		1		1	2			0	0	0					8
	Hawkins Trophy	0			1	1	1	0	0	0	0		1	0		0		0	0			0	0	0					4
	North Harbour Premier	0			0	0	0	0	0	0	0		0	0		0		0	0			2	0	0					2
	Manawatu Senior 1	0			1	0	0	0	1	0	0		0	0		0		0	0			0	0	0					2

TO TA L	Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
	McNamara Cup (Counties)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
	Waikato Premier	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Gallagher Shield	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Carlton League	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4
	Pirates Grand Challenge	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
	Saty League (Bloemfontain)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		3	1	1	6	2	4	1	3	1	1	3	5	4	1	2	2	1	6	1	1	2	8	4	2	2	1	1	1	70

Q6 * Q35.1 * Q1 Crosstabulation

Count		Q35.1											Total	
Q1		0	10	20	22	40	50	67	70	80	85	100		
Australia	Q6	Rugby Championship	0	0		1	0	0	0		0		0	1
		Shute Shield	1	1		0	0	0	2		1		3	8
		QLD Premiership	1	1		0	0	2	0		0		1	5
		ACT Premiership	0	1		0	1	0	0		0		0	2
		Total	2	3		1	1	2	2		1		4	16
	New Zealand	Q6	Hawkins Trophy	2	1	0		0	0		0	0		1
North Harbour Premier			0	0	0		0	2		0	0		0	2
Manawatu Senior 1			0	0	0		1	0		0	0		1	2
Jubilee Cup (Wellington)			1	0	0		0	0		0	0		1	2
McNamara Cup (Counties)			1	0	0		0	0		1	0		0	2
Waikato Premier			0	0	0		0	1		0	1		0	2
Gallagher Shield			1	0	1		0	1		0	0		0	3
Total			5	1	1		1	4		1	1		3	17
South Africa	Q6	Carlton League	1						1		0		1	3
		Pirates Grand Challenge	0							0		1		2
		Saty League (Bloemfontain)	1							0		0		1
		Total	2							1		1		6

Total	Q6	Rugby Championship	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
		Hawkins Trophy	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4
		Shute Shield	1	1	0	0	0	0	2	0	1	0	3	8
		QLD Premiership	1	1	0	0	0	2	0	0	0	0	1	5
		ACT Premiership	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2
		North Harbour Premier	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
		Manawatu Senior 1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2
		Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
		McNamara Cup (Counties)	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2
		Waikato Premier	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	2
		Gallaher Shield	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	3
		Carlton League	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3
		Pirates Grand Challenge	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
		Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		Total	9	4	1	1	2	6	2	2	2	1	9	39

Q6 * Q35.2 * Q1 Crosstabulation

Count		Q35.2											Total
Q1		0	1	15	20	30	33	50	60	80	90	100	
Australia	Q6	Rugby Championship	0	1		0		0	0	0	0	0	1
		Shute Shield	3	0		1		2	0	0	1	1	8
		QLD Premiership	1	0		0		0	2	0	1	1	5
		ACT Premiership	0	0		0		0	0	1	1	0	2
		Total	4	1		1		2	2	1	3	2	16
		Hawkins Trophy	1			0	0		0	0	0	1	2
New Zealand	Q6	North Harbour Premier	0			0	0		2	0	0	0	2
		Manawatu Senior 1	1			0	0		0	1	0	0	2
		Jubilee Cup (Wellington)	1			0	0		0	0	0	0	1
		McNamara Cup (Counties)	0			0	1		0	0	0	0	1
		Waikato Premier	0			1	0		1	0	0	0	2
		Gallaher Shield	0			0	0		1	0	1	0	1
South Africa	Q6	Total	3			1	1		4	1	1	1	5
		Carlton League	1		0		1					1	3
		Pirates Grand Challenge	1		1		0					0	2

	Saty League (Bloemfontain)	0		0		0						1	1
Total		2		1		1						2	6
	Rugby Championship	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Hawkins Trophy	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	4
	Shute Shield	3	0	0	1	0	2	0	0	0	1	1	8
	QLD Premiership	1	0	0	0	0	0	2	0	0	1	1	5
	ACT Premiership	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2
	North Harbour Premier	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
	Manawatu Senior 1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2
Total	Q6 Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
	McNamara Cup (Counties)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2
	Waikato Premier	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	2
	Gallaher Shield	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	3
	Carlton League	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	3
	Pirates Grand Challenge	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Saty League (Bloemfontain)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total		9	1	1	2	2	2	6	2	1	4	9	39

Q6 * Q36.1 * Q1
Crosstabulation

Count

Q1			Q3															Total
			Return on	Economy	Demographics	Super Rugby	Small Volunteer Base	Short Term	Commercial passivity	No TV exposure	All Commercial Rights are NGB's	Competition with other Sports	NO PROBLEMS	Small Awareness	Decline of the Game	Finding friends of	Decline of TV	
Australia	Q6	Rugby Championshi p	0	0		0	0	0		0	0	1	0	0	0	0		1
		Super Rugby	1	1		0	0	0		0	1	1	0	0	0	0		4
		NRC	0	0		0	0	1		1	0	0	0	1	0	0		3
		Shute Shield	2	0		1	1	1		0	0	1	1	0	1	1		9
		QLD Premiership	3	1		0	0	0		0	0	0	0	0	0	1		5
		ACT Premiership	1	0		0	0	1		0	0	0	0	0	0	0		2
		TOTAL	7	2		1	1	3		1	1	3	1	1	1	2		24
New Zealand	Q6	Rugby Championshi p	0	0	0	0	0	0	0	0		1			0	0	0	1
		Super Rugby	0	0	0	2	0	0	0	0		1			0	1	0	4
		ITM Cup	1	0	0	3	0	1	0	0		1			0	1	0	7
		Hawkins Trophy	1	0	0	0	1	1	0	1		0			0	0	0	4
		North Harbour Premier	0	0	0	0	0	0	0	0		0			1	0	1	2
		Manawatu Senior 1	0	0	0	0	2	0	0	0		0			0	0	0	2
		Jubilee Cup (Wellington)	2	0	0	0	0	0	0	0		0			0	0	0	2
		McNamara Cup (Counties)	0	1	1	0	0	0	0	0		0			0	0	0	2
		Waikato Premier	0	1	0	0	0	0	1	0		0			0	0	0	2
		Gallaher Shield	1	0	0	1	0	0	0	1		0			0	0	0	3
		TOTAL	5	2	1	6	3	2	1	2		3			1	2	1	29
		South Africa	Q6	Super Rugby	0	2	0			0		0		1				
Currie Cup	0			3	1			1		1		1					1	8
Carlton League	0			3	0			0		1		0					0	4

TOTAL	Q6	Pirates Grand Challenge	1	0	1				0	0		0					0	2	
		Saty League (Bloemfontain)	0	1	0			0	0		0						0	1	
		TOTAL	1	9	2			1	2		2						1	18	
		Rugby Championship	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2	
		Super Rugby	1	3	0	2	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0	1	0	11
		Currie Cup	0	3	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	8
		ITM Cup	1	0	0	3	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	7
		NRC	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	3
		Hawkins Trophy	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
		Shute Shield	2	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0	9
		QLD Premiership	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	5
		ACT Premiership	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		North Harbour Premier	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
		Manawatu Senior 1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		Jubilee Cup (Wellington)	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		McNamara Cup (Counties)	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		Waikato Premier	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		Gallaher Shield	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3
		Carlton League	0	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
		Pirates Grand Challenge	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		Saty League (Bloemfontain)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL		13	13	3	7	4	6	1	5	1	8	1	1	1	3	2	2	71	

Q1 * Q36.2 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q36.2											Total
		Return on Investment	Economy	Demographics	Super Rugby "cannibalism"	ITM Cup loosening Popularity and Interest	Small Volunteer Base	Short Term	Commercial passivity	No TV exposure	Competition with other Sports	Decline of TV Viewership	
Australia	Q6			1	0		0	0		0			1
	Super Rugby NRC			0	0		1	1		1			3
	Shute Shield			0	1		0	0		0			1
	Total			1	1		1	1		1			5
New Zealand	Q6												
	Rugby Championship	1	0		0	0			0		0	0	1
	Super Rugby	0	0		0	1			0		1	1	3
	ITM Cup	1	0		0	1			0		0	1	3
	Hawkins Trophy	0	2		0	0			1		0	0	3
	North Harbour Premier	1	0		0	0			0		0	0	1
	Manawatu Senior	1	0		0	0			0		0	0	1
	Jubilee Cup (Wellington)	0	0		1	0			0		0	0	1
	McNamara Cup (Counties)	2	0		0	0			0		0	0	2
	Waikato Premier	0	0		0	0			0		1	0	1
	Gallagher Shield	0	0		1	0			0		0	0	1
	Total	6	2		2	2			1		2	2	17
	Super Rugby Currie Cup	0	1		0								1
	Carlton League	0	2		1								3
South Africa	Q6												
	Pirates Grand Challenge	1	0		0								1
	Satya League (Bloemfontain)	0	0		1								1
	Total	1	0		0								1
Total		2	3		2								7

Total	Q 6	Rugby Championship	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		Super Rugby	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	1	5
		Currie Cup	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3
		ITM Cup	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	3
		NRC	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	3
		Hawkins Trophy	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3
		Shute Shield	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
		North Harbour Premier	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		Manawatu Senior 1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
		McNamara Cup (Counties)	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		Waikato Premier	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
		Gallagher Shield	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
		Carlton League	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		Pirates Grand Challenge	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
		Satya League (Bloemfontain)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total		8	5	1	5	2	1	1	1	1	2	2	29	

Q6 * Q37.1 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q37.1							Total	
		Brand Position/Association	B2 B	TV Exposure	Data Base	Sporting Success	Logo on Jersey	Community involvement		Train Billboard
Australia	Q6	Rugby Championship	1	0	0		0	0		1
		Super Rugby	2	0	1		0	0		3
		NRC	0	1	0		2	0		3
		Shute Shield	0	3	3		1	2		9
		QLD Premiership	1	3	0		1	0		5
		ACT Premiership	0	1	0		0	1		2
		Total	4	8	4		4	3		23
New Zealand	Q6	Rugby Championship	0	0	1	0	0	0		1
		Super Rugby	2	0	1	0	1	0		4
		ITM Cup	3	1	2	0	0	1		7
		Hawkins Trophy	0	0	1	1	1	0		4
		North Harbour Premier	1	1	0	0	0	0		2
		Manawatu Senior 1	0	0	0	1	0	1		2
		Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	1	0	0		2
		McNamara Cup (Counties)	0	0	0	1	0	1		2
		Waikato Premier	1	1	0	0	0	0		2
		Gallagher Shield	0	1	0	1	0	1		3
		Total	8	4	5	5	2	2	3	29
		South Africa	Q6	Super Rugby	2	0	1		0	0
Currie Cup	3			0	4		0	1	0	8
Carlton League	1			0	0		0	1	1	4
Pirates Grand Challenge	1			1	0		0	0	0	2
Saty League (Bloemfontain)	0			0	0		1	0	0	1
Total	7			1	5		1	2	1	18
Rugby Championship	1			0	1	0	0	0	0	2
Total	Q6	Super Rugby	6	0	3	0	1	0	0	10
		Currie Cup	3	0	4	0	0	1	0	8
		ITM Cup	3	1	2	0	0	0	1	7
		NRC	0	1	0	0	0	2	0	3

Hawkins Trophy	0	0	1	1	1	1	0	0	4
Shute Shield	0	3	3	0	0	1	2	0	9
QLD Premiership	1	3	0	0	0	1	0	0	5
ACT Premiership	0	1	0	0	0	0	1	0	2
North Harbour Premier	1	1	0	0	0	0	0	0	2
Manawatu Senior 1	0	0	0	1	0	0	1	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	1	0	0	0	0	2
McNamara Cup (Counties)	0	0	0	1	0	0	1	0	2
Waikato Premier	1	1	0	0	0	0	0	0	2
Gallaher Shield	0	1	0	1	0	1	0	0	3
Carlton League	1	0	0	0	0	1	1	1	4
Pirates Grand Challenge	1	1	0	0	0	0	0	0	2
Saty League (Bloemfontain)	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Total	19	13	14	5	3	8	7	1	70

Q6 * Q79 * Q1 Crosstabulation

Count					
Q1			Q79		Total
			4	5	
Australia	Q6	Rugby Championship	0	1	1
		Super Rugby	1	4	5
		NRC	2	2	4
		Shute Shield	4	6	10
		QLD Premiership	1	4	5
		ACT Premiership	0	2	2
	Total		8	19	27
New Zealand	Q6	Super Rugby	2	2	4
		ITM Cup	4	3	7
		Hawkins Trophy	2	2	4
		North Harbour Premier	0	2	2
		Manawatu Senior 1	0	2	2
		Jubilee Cup (Wellington)	0	1	1
		McNamara Cup (Counties)	0	2	2
		Waikato Premier	0	1	1
		Gallaher Shield	1	2	3
	Total		9	17	26
South Africa	Q6	Super Rugby		2	2
		Currie Cup		7	7
		Carlton League		3	3
		Pirates Grand Challenge		1	1
	Total	Saty League (Bloemfontain)		1	1
				14	14

Total	Q6	Rugby Championship	0	1	1
		Super Rugby	3	8	11
		Currie Cup	0	7	7
		ITM Cup	4	3	7
		NRC	2	2	4
		Hawkins Trophy	2	2	4
		Shute Shield	4	6	10
		QLD Premiership	1	4	5
		ACT Premiership	0	2	2
		North Harbour Premier	0	2	2
		Manawatu Senior 1	0	2	2
		Jubilee Cup (Wellington)	0	1	1
		McNamara Cup (Counties)	0	2	2
		Waikato Premier	0	1	1
		Gallagher Shield	1	2	3
		Carlton League	0	3	3
		Pirates Grand Challenge	0	1	1
		Saty League (Bloemfontain)	0	1	1
		Total	17	50	67

Q6 * Q80.1.1 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q80.1.1												Total
		Crusaders	Chiefs	Hurricanes	Blues	Highlanders	Reds	Waratahs	Brumbies	Stormers	Bulls	Lions	Cheetahs	
Australia	Rugby Champions hip					0	1	0	0					1
	Super Rugby					0	0	2	3					5
	NRC					1	1	1	1					4
	Q Shute Shield					2	0	8	0					10
	QLD Premiership					0	4	0	1					5
	ACT Premiership					0	0	0	2					2
	Total					3	6	11	7					27
New Zealand	Super Rugby	1	1	1	1	0								4
	ITM Cup	2	2	1	2	0								7
	Hawkins Trophy	2	0	0	0	2								4
	Q North Harbour Premier	0	0	0	2	0								2
	Manawatu Senior 1	0	0	2	0	0								2

South Africa	Q 6	Jubilee Cup (Wellington)	0	0	1	0	0										1
		McNamara Cup (Counties)	0	2	0	0	0										2
		Waikato Premier	0	1	0	0	0										1
		Gallaher Shield	0	0	0	2	1										3
		Total	5	6	5	7	3										26
		Super Rugby								0	1	1	0				2
		Currie Cup								2	3	1	1				7
		Carlton League								1	2	0	0				3
		Pirates															
		Grand Challenge								0	0	1	0				1
Total	Q 6	Saty League (Bloemfontain)								0	0	0	1				1
		Total								3	6	3	2				14
		Rugby Championship	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0			1
		Super Rugby	1	1	1	1	0	0	2	3	0	1	1	0			11
		Currie Cup	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	1	1			7
Total	Q 6	ITM Cup	2	2	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0			7
		NRC	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0			4

Hawkins Trophy	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Shute Shield	0	0	0	0	2	0	8	0	0	0	0	0	0	10
QLD Premiership	0	0	0	0	0	4	0	1	0	0	0	0	0	5
ACT Premiership	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
North Harbour Premier	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Manawatu Senior 1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
McNamara Cup (Counties)	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Waikato Premier	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Gallaher Shield	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Carlton League	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	3
Pirates Grand Challenge	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Saty League (Bloemfontain)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1

Total	5	6	5	7	6	6	11	7	3	6	3	2	67
-------	---	---	---	---	---	---	----	---	---	---	---	---	----

Q6 * Q80.1.2 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q80.1.2										Total 1
		Crusade rs	Chief s	Blue s	Highlande rs	Red s	Warata hs	Brumbi es	Storme rs	Bull s	Lion s	
Australia	Rugby Championship	0				0	1	0				1
	Super Rugby	1				3	1	0				5
	Q NRC	1				2	1	0				4
	6 Shute Shield	1				3	1	5				10
	QLD Premiership	0				1	2	2				5
	ACT Premiership	0				1	1	0				2
	Total	3				10	7	7				27
	Super Rugby	2	1	0	0				0			3
New Zealand	Q ITM Cup	2	2	1	1				0			6
	Hawkins Trophy	2	0	0	1				1			4
	North Harbour	0	2	0	0				0			2
	Q Premier											
	6 Manawatu Senior 1	0	1	0	1				0			2
	Jubilee Cup (Wellington)	0	1	0	0				0			1
	McNamara Cup (Counties)	0	0	2	0				0			2

South Africa	Q	Waikato Premier	1	0	0	0				0			1
		Gallaher Shield	2	1	0	0				0			3
		Total	9	8	3	3				1			24
		Super Rugby	2			0				0	0	0	2
		Currie Cup	5			0				0	2	0	7
		Carlton League	0			0				0	1	2	3
		6 Pirates Grand Challenge	0			1				0	0	0	1
		Saty League (Bloemfontai n)	0			0				1	0	0	1
		Total	7			1				1	3	2	14
		Rugby Championshi p	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Total	Q	Super Rugby	5	1	0	0	3	1	0	0	0	0	10
		Currie Cup	5	0	0	0	0	0	0	0	2	0	7
		ITM Cup	2	2	1	1	0	0	0	0	0	0	6
		NRC	1	0	0	0	2	1	0	0	0	0	4
		6 Hawkins Trophy	2	0	0	1	0	0	0	1	0	0	4
		Shute Shield	1	0	0	0	3	1	5	0	0	0	10
		QLD Premiership	0	0	0	0	1	2	2	0	0	0	5
		ACT Premiership	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	2
		North Harbour Premier	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2

Manawatu Senior 1	0	1	0		1	0	0	0	0	0	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	0	1	0		0	0	0	0	0	0	0	1
McNamara Cup (Counties)	0	0	2		0	0	0	0	0	0	0	2
Waikato Premier	1	0	0		0	0	0	0	0	0	0	1
Gallaher Shield	2	1	0		0	0	0	0	0	0	0	3
Carlton League	0	0	0		0	0	0	0	0	1	2	3
Pirates Grand Challenge	0	0	0		1	0	0	0	0	0	0	1
Saty League (Bloemfontain)	0	0	0		0	0	0	0	1	0	0	1
Total	19	8	3		4	10	7	7	2	3	2	65

Q6 * Q80.1.3 * Q1 Crosstabulation

Count		Q80.1.3														Total
Q1		Crusaders	Chiefs	Hurricanes	Blues	Highlanders	Reds	Waratahs	Brumbies	Force	Rebels	Stormers	Sharks	Bulls	Cheetahs	
Australia Q6	Rugby Championship	0				0	0	0	1	0	0					1
	Super Rugby	1				0	1	1	2	0	0					5
	NRC	0				0	0	0	0	0	4					4
	Q Shute Shield	2				0	2	0	3	1	2					10
	QLD Premiership	0				1	0	1	1	1	1					5
	ACT Premiership	0				0	1	1	0	0	0					2
	Total	3				1	4	3	7	2	7					27

New Zealand	Q 6	Super Rugby	1	1	0	1	0											3
		ITM Cup	1	2	1	1	1											6
		Hawkins Trophy	0	0	3	0	1											4
		North Harbour	1	0	1	0	0											2
		Premier Manawatu Senior	1	0	0	0	1											2
		1 Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	0	1											1
		McNamara Cup (Counties)	2	0	0	0	0											2
		Waikato Premier	0	0	1	0	0											1
		Gallaher Shield	1	0	2	0	0											3
		Total	7	3	8	2	4											24
South Africa	Q 6	Super Rugby	0						1			1	0	0	0			2
		Currie Cup	1						1			4	0	1	0			7
		Carlton League	0						0			1	1	0	1			3
		Pirates Grand Challenge	1						0			0	0	0	0			1
		Saty League (Bloemfontain)	1						0			0	0	0	0			1
		Total	3						2			6	1	1	1			14
Total	Q 6	Rugby Championship	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		Super Rugby	2	1	0	1	0	1	3	0	0	1	0	0	0	0	0	10
		Currie Cup	1	0	0	0	0	0	1	0	0	4	0	1	0	0	0	7
		ITM Cup	1	2	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6
		NRC	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	4
		Hawkins Trophy	0	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
		Shute Shield	2	0	0	0	0	2	0	3	1	2	0	0	0	0	0	10
		QLD Premiers hip	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	5
		ACT Premiers hip	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		North Harbour Premier	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2

Manawatu Senior 1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
McNamara Cup (Counties)	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Waikato Premier	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Gallaher Shield	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Carlton League	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	3
Pirates Grand Challenge	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total	13	3	8	2	5	4	3	9	2	7	6	1	1	1	1	65

Q6 * Q80.2.1 * Q1 Crosstabulation

Count		Q80.2.1				Total	
Q1		1	2	3	4		
Australia	Q6	Rugby Championship	0	1	0	0	1
		Super Rugby	4	0	1	0	5
		NRC	0	4	0	0	4
		Shute Shield	3	4	3	0	10
		QLD Premiership	0	2	0	3	5
		ACT Premiership	0	2	0	0	2
	Total	7	13	4	3	27	
New Zealand	Q6	Super Rugby	3	1	0	0	4
		ITM Cup	2	3	1	1	7
		Hawkins Trophy	4	0	0	0	4
		North Harbour Premier	0	1	1	0	2
		Manawatu Senior 1	0	1	1	0	2
		Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	0	1
		McNamara Cup (Counties)	1	1	0	0	2
		Waikato Premier	0	1	0	0	1
		Gallaher Shield	0	1	1	1	3
	Total	11	9	4	2	26	
South Africa	Q6	Super Rugby	2	0			2
		Currie Cup	7	0			7
		Carlton League	1	1			2
		Pirates Grand Challenge	1	0			1
		Saty League (Bloemfontain)	1	0			1
			Total	12	1		
Total	Q6	Rugby Championship	0	1	0	0	1
		Super Rugby	9	1	1	0	11
		Currie Cup	7	0	0	0	7
		ITM Cup	2	3	1	1	7
		NRC	0	4	0	0	4

Hawkins Trophy	4	0	0	0	4
Shute Shield	3	4	3	0	10
QLD Premiership	0	2	0	3	5
ACT Premiership	0	2	0	0	2
North Harbour Premier	0	1	1	0	2
Manawatu Senior 1	0	1	1	0	2
Jubilee Cup (Wellington)	1	0	0	0	1
McNamara Cup (Counties)	1	1	0	0	2
Waikato Premier	0	1	0	0	1
Gallaher Shield	0	1	1	1	3
Carlton League	1	1	0	0	2
Pirates Grand Challenge	1	0	0	0	1
Saty League (Bloemfontain)	1	0	0	0	1
Total	30	23	8	5	66

Q32 * Q50 * Q1 Crosstabulation

Count		Q50		Total
Q1		English	Afrikaans	
Australia	0	13		13
	5	2		2
	10	1		1
	Q32 20	2		2
	25	1		1
	30	1		1
	70	1		1
	Total	21		21
New Zealand	0	21		21
	2	1		1
	10	3		3
	Q32 15	1		1
	20	1		1
	60	2		2
	90	1		1
	Total	30		30
South Africa	0	3	4	7
	2	1	0	1
	Q32 30	1	0	1
	80	0	3	3
	90	2	0	2
	100	2	0	2
	Total	9	7	16
	0	37	4	41
Total	2	2	0	2
	5	2	0	2
	10	4	0	4
	15	1	0	1
	Q32 20	3	0	3
	25	1	0	1
	30	2	0	2
	60	2	0	2
	70	1	0	1
	80	0	3	3

	90	3	0	3
	100	2	0	2
Total		60	7	67

Q32 * Q51 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q51		Total
		Yes	No	
Australia	Q32	0	9	12
		5	2	2
		10	1	1
		20	2	2
		25	1	1
		30	1	1
		70	1	1
	Total	3	17	20
New Zealand	Q32	0	8	21
		2	0	1
		10	0	3
		15	1	1
		20	0	1
		60	2	2
		90	0	1
	Total	19	11	30
South Africa	Q32	0		7
		2		1
		30		1
		80		3
		90		2
		100		2
	Total	16		16
Total	Q32	0	17	40
		2	0	2
		5	2	2
		10	1	4
		15	1	1
		20	2	3
		25	1	1
		30	1	2
		60	2	2
		70	1	1
		80	0	3
		90	0	3
		100	0	2
	Total	38	28	66

Q32 * Q52.1 * Q1 Crosstabulation

Count			Q52.1				Total
Q1			English	11 Official South African Languages	Pacific Islands Languages	Maori	
Australia	Q32	0	3				3
	Total		3				3
		0	1		1	11	13
		2	0		0	1	1
New Zealand	Q32	10	0		0	3	3
		20	1		0	0	1
		90	0		0	1	1
	Total		2		1	16	19
South Africa		0		7			7
		2		1			1
	Q32	30		1			1
		80		3			3
		90		2			2
		100		2			2
	Total			16			16
		0	4	7	1	11	23
Total		2	0	1	0	1	2
		10	0	0	0	3	3
	Q32	20	1	0	0	0	1
		30	0	1	0	0	1
		80	0	3	0	0	3
		90	0	2	0	1	3
		100	0	2	0	0	2
	Total		5	16	1	16	38

Q32 * Q52.2 * Q1 Crosstabulation

Count			Q52.2				Total
Q1			11 Official South African Languages	Pacific Islands Languages	Maori	Chinese	
Australia	Q32	0		3			3
	Total			3			3
		0	0	4	1	1	6
		2	0	1	0	0	1
New Zealand	Q32	10	1	0	0	1	2
		20	0	1	0	0	1
	Total		1	6	1	2	10
		0	0	7	1	1	9
Total	Q32	2	0	1	0	0	1
		10	1	0	0	1	2
		20	0	1	0	0	1
	Total		1	9	1	2	13

Q32 * Q52.3 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q52.3		Total
			Maori	Chinese	
Australia	Q32	0		3	3
	Total			3	3
New Zealand	Q32	0	1	1	2
		20	1	0	1
	Total		2	1	3
Total	Q32	0	1	4	5
		20	1	0	1
	Total		2	4	6

Q32 * Q53 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q53		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0	6	7	13
		5	0	2	2
		10	0	1	1
		20	0	2	2
		25	1	0	1
		30	0	1	1
		70	1	0	1
		Total	8	13	21
			5	16	21
			0	1	1
New Zealand	Q32	10	0	3	3
		15	0	1	1
		20	0	1	1
		60	1	1	2
		90	0	1	1
		Total	6	24	30
South Africa	Q32	0		7	7
		2		1	1
		30		1	1
		80		3	3
		90		2	2
		100		2	2
		Total		16	16
Total	Q32	0	11	30	41
		2	0	2	2
		5	0	2	2
		10	0	4	4
		15	0	1	1
		20	0	3	3
		25	1	0	1
		30	0	2	2
		60	1	1	2
		70	1	0	1
		80	0	3	3
		90	0	3	3
		100	0	2	2
		Total	14	53	67

Q32 * Q54 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q54		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0	1	12	13
		5	0	2	2
		10	0	1	1
		20	0	2	2
		25	1	0	1
		30	0	1	1
		70	0	1	1
		Total	2	19	21
		0	5	15	20
		2	0	1	1
New Zealand	Q32	10	1	2	3
		15	0	1	1
		20	1	0	1
		60	0	2	2
		90	0	1	1
		Total	7	22	29
		0	1	6	7
South Africa	Q32	2	0	1	1
		30	0	1	1
		80	2	1	3
		90	0	2	2
		100	0	2	2
		Total	3	13	16
		0	7	33	40
Total	Q32	2	0	2	2
		5	0	2	2
		10	1	3	4
		15	0	1	1
		20	1	2	3
		25	1	0	1
		30	0	2	2
		60	0	2	2
		70	0	1	1
		80	2	1	3
		90	0	3	3
		100	0	2	2
		Total	12	54	66

Q32 * Q55 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q55		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0	4	9	13
		5	1	1	2
		10	1	0	1
		20	0	2	2
		25	1	0	1
		30	0	1	1
		70	1	0	1
		Total	8	13	21
		0	1	19	20
		2	0	1	1
New Zealand	Q32	10	0	3	3
		15	0	1	1
		20	1	0	1
		60	0	2	2
		90	1	0	1
		Total	3	26	29
		0		7	7
South Africa	Q32	2		1	1
		30		1	1
		80		3	3
		90		2	2
		100		2	2
		Total		16	16
		0	5	35	40
Total	Q32	2	0	2	2
		5	1	1	2
		10	1	3	4
		15	0	1	1
		20	1	2	3
		25	1	0	1
		30	0	2	2
		60	0	2	2
		70	1	0	1
		80	0	3	3
		90	1	2	3
		100	0	2	2
		Total	11	55	66

Q32 * Q56 * Q1 Crosstabulation

Count			Q56					Total
Q1			1	2	3	4	5	
Australia	Q32	0			3	6	3	12
		5			0	2	0	2
		10			1	0	0	1
		20			1	0	1	2
		25			0	1	0	1
		30			1	0	0	1
		70			0	0	1	1
		Total			6	9	5	20
New Zealand	Q32	0	20					20
		2	1					1
		10	3					3
		15	1					1
		20	1					1
		60	2					2
		90	1					1
		Total	29					29
South Africa	Q32	0	4	3				7
		2	1	0				1
		30	0	1				1
		80	2	1				3
		90	0	2				2
		100	0	2				2
		Total	7	9				16
Total	Q32	0	24	3	3	6	3	39
		2	2	0	0	0	0	2
		5	0	0	0	2	0	2
		10	3	0	1	0	0	4
		15	1	0	0	0	0	1
		20	1	0	1	0	1	3
		25	0	0	0	1	0	1
		30	0	1	1	0	0	2
		60	2	0	0	0	0	2
		70	0	0	0	0	1	1
		80	2	1	0	0	0	3
		90	1	2	0	0	0	3
		100	0	2	0	0	0	2
		Total	36	9	6	9	5	65

Q32 * Q57 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q57		Total	
		Yes	No		
Australia	Q32	0	5	7	12
		5	1	1	2
		10	1	0	1
		20	2	0	2
		25	1	0	1
		30	0	1	1
		70	1	0	1
	Total	11	9	20	
New Zealand	Q32	0	19	1	20
		2	1	0	1
		10	3	0	3
		15	1	0	1
		20	1	0	1
		60	2	0	2
		90	1	0	1
	Total	28	1	29	
South Africa	Q32	0	7		7
		2	1		1
		30	1		1
		80	3		3
		90	2		2
		100	2		2
		Total	16		16
Total	Q32	0	31	8	39
		2	2	0	2
		5	1	1	2
		10	4	0	4
		15	1	0	1
		20	3	0	3
		25	1	0	1
		30	1	1	2
		60	2	0	2
		70	1	0	1
		80	3	0	3
		90	3	0	3
		100	2	0	2
		Total	55	10	65

Q32 * Q58 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q58		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0	4	9	13
		5	1	1	2
		10	1	0	1
		20	0	2	2
		25	1	0	1
		30	0	1	1
		70	0	1	1
		Total	7	14	21
			13	7	20
New Zealand	Q32	0	1	0	1
		2	2	1	3
		10	1	0	1
		15	1	0	1
		20	1	0	1
		60	1	1	2
		90	1	0	1
		Total	20	9	29
South Africa	Q32	0	3	4	7
		2	0	1	1
		30	0	1	1
		80	3	0	3
		90	2	0	2
		100	2	0	2
		Total	10	6	16
			20	20	40
Total	Q32	0	1	1	2
		2	1	1	2
		5	3	1	4
		10	1	0	1
		15	1	2	3
		20	1	0	1
		25	0	2	2
		30	1	1	2
		60	0	1	1
		70	3	0	3
		80	3	0	3
		90	2	0	2
		100	37	29	66
		Total			

Q32 * Q59 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q59		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0		13	13
		5		2	2
		10		1	1
		20		2	2
		25		1	1
		30		1	1
		70		1	1
		Total		21	21
New Zealand	Q32	0	2	18	20
		2	0	1	1
		10	0	3	3
		15	0	1	1
		20	0	1	1
		60	0	2	2
		90	0	1	1
		Total	2	27	29
South Africa	Q32	0		7	7
		2		1	1
		30		1	1
		80		3	3
		90		2	2
		100		2	2
		Total		16	16
Total	Q32	0	2	38	40
		2	0	2	2
		5	0	2	2
		10	0	4	4
		15	0	1	1
		20	0	3	3
		25	0	1	1
		30	0	2	2
		60	0	2	2
		70	0	1	1
		80	0	3	3
		90	0	3	3
		100	0	2	2
		Total	2	64	66

Q32 * Q60 * Q1 Crosstabulation

Count						
Q1		Q60			Total	
		No	Yes (SA=NZ, but Australia less)	Yes (NZ=1; SA=2; Aust=5)		
Australia	Q32	0	1	10	2	13
		5	0	2	0	2
		10	0	1	0	1
		20	0	2	0	2
		25	0	1	0	1
		30	0	1	0	1
		70	0	1	0	1
Total		1	18	2	21	
New Zealand	Q32	0	1	13	6	20
		2	0	1	0	1
		10	0	3	0	3
		15	0	0	1	1
		20	0	1	0	1
		60	0	2	0	2
		90	0	0	1	1
Total		1	20	8	29	
South Africa	Q32	0	4	2	1	7
		2	0	1	0	1
		30	1	0	0	1
		80	2	1	0	3
		90	0	2	0	2
		100	0	2	0	2
		Total	7	8	1	16
Total	Q32	0	6	25	9	40
		2	0	2	0	2
		5	0	2	0	2
		10	0	4	0	4
		15	0	0	1	1
		20	0	3	0	3
		25	0	1	0	1
		30	1	1	0	2
		60	0	2	0	2
		70	0	1	0	1
		80	2	1	0	3
		90	0	2	1	3
		100	0	2	0	2
Total		9	46	11	66	

Q32 * Q61 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q61			Total	
		No	Yes, ANZAC	Yes, Commonwealth		
Australia	Q32	0	4	3	5	12
		5	1	0	1	2
		10	0	0	1	1
		20	0	2	0	2
		25	0	0	1	1
		30	1	0	0	1
		70	1	0	0	1
		Total	7	5	8	20
New Zealand	Q32	0	2	7	11	20
		2	0	1	0	1
		10	2	0	1	3
		15	0	0	1	1
		20	0	1	0	1
		60	1	1	0	2
		90	0	0	1	1
		Total	5	10	14	29
South Africa	Q32	0	3		4	7
		2	0		1	1
		30	0		1	1
		80	2		1	3
		90	0		2	2
		100	0		2	2
		Total	5		11	16
		Total	Q32	0	9	10
2	0			1	1	2
5	1			0	1	2
10	2			0	2	4
15	0			0	1	1
20	0			3	0	3
25	0			0	1	1
30	1			0	1	2
60	1			1	0	2
70	1			0	0	1
80	2			0	1	3
90	0			0	3	3
100	0			0	2	2
Total	17			15	33	65

Q32 * Q62 * Q1 Crosstabulation

Count		Q62													Total
Q1		Do n't know	N o	Yes, "Transform ation" in South Africa	Yes, NZ=Au st; SA is more Hierarc hical	Yes, in SA kids get bigg er; No Scru ms (Au st)	Y, NZ= SA but in Aust , Club s are stron ger	Y, Player availab ility	Y, N Z has A C C	Y, but I do n't know the m	Y, Aust=S A (Leaders are business men), NZ has Grassro ots leaders	Y, NZ equalita rism; Aust private driven; SA barriers to particip ate	Y, NZ Central ized Contra cts	Y, Aust =NZ as use Local Gvnt facilit ies, not SA	
Australia	0		1	1			2	1	2	2	1				10
	5		1	0			1	0	0	0	0				2
	1		1	0			0	0	0	0	0				1
	0														
	2		2	0			0	0	0	0	0				2
	0														
	2		1	0			0	0	0	0	0				1
	5														
	3		0	1			0	0	0	0	0				1
	0		0	0			0	0	0	1	0				1
	0														
	Total		6	2			3	1	2	3	1				18
New Zealand	0	1	5	10	1	1	1					1	0		20
	2	0	0	0	0	0	0					0	1		1
	1	0	2	0	1	0	0					0	0		3
	0														
	1	0	0	0	0	0	0					1	0		1
	5														
	2	0	0	1	0	0	0					0	0		1
	0														
	6	0	0	2	0	0	0					0	0		2
	0														
	9	0	0	1	0	0	0					0	0		1
	0														
	Total	1	7	14	2	1	1					2	1		29
South Africa	0	1	3	3									0	0	7
	2	0	1	0									0	0	1
	3	0	1	0									0	0	1
	0														
	8	0	3	0									0	0	3
	0														
	9	0	0	0								2	0	0	2
	0														
	1	0	0	0									0	2	2
	0														
	Total	1	8	3									2	2	16
Total	0	2	9	14	1	1	3	1	2	2	1	1	0	0	37
	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2
	5	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
	0														
	1	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1

20	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
25	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
30	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
60	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
70	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
80	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
90	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	3
100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
Total	2	21	19	2	1	4	1	2	3	1	2	3	2	63

Q32 * Q63 * Q1 Crosstabulation

Count		Q63											Total
Q1		I don't know	No	Aust doesn't have Provincial Rugby	Yes, S.Africa has more Teams & 2x TV Viewers	Y, SA=NZ (no Independent Boards), Aust has Indep Board	Y, SARU=NZ RU (Wealthier) than ARU	Y, NZ (Contract s Top-Bottom), Aust=SA (Federations)	Y, NZ=S A but in Aust, Clubs are stronger	Y, NZ=S A but in Aust there's an Assime try	Y, NZ=Aust, SA has Governm ent interfere nce	Y, in SA there are Pty vs Unio ns	
Austra lia	Q3	0	1	4	3		1	2	2				13
	2	5	0	1	0		0	0	1				2
		10	0	1	0		0	0	0				1
		20	0	1	0		0	0	1				2
		25	0	0	0		0	1	0				1
		30	0	1	0		0	0	0				1
		70	0	0	0		0	0	1				1
	Total	1	8	3			1	3	5				21
New Zealan d	Q3	0	2	1	2	0		1	0	2	2		19
	2	2	0	0	0	0		1	0	0	0		1
		10	0	1	0	1		0	0	1	0		3
		15	0	1	0	0		0	0	0	0		1
		20	0	0	1	0		0	0	0	0		1
		60	0	0	1	0		0	0	0	1		2
		90	0	0	0	0		0	1	0	0		1
	Total	2	12	4		1		2	1	3	3		28
South Africa	Q3	0	1	4	1	1		0				0	7
	2	2	0	0	0	0		0				1	1
		30	0	1	0	0		0				0	1
		80	0	1	0	0		2				0	3

90	0	0	2	0			0				0	2
10	0	0	0	0			2				0	2
0												
Total	1	6	3	1			4				1	16
0	4	1	6	1	0	1	3	2	2	2	0	39
2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2
5	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2
10	0	2	0	0	1	0	0	0	1	0	0	4
15	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
20	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	3
25	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
30	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
60	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2
70	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
80	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	3
90	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0	3
10	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
0												
Total	4	2	10	1	1	1	9	6	3	3	1	65
		6										

Q32 * Q64 * Q1 Crosstabulation

Count			Q64		Total
Q1			Yes	No	
Australia	Q32	0	9	4	13
		5	2	0	2
		10	1	0	1
		20	2	0	2
		25	1	0	1
		30	1	0	1
		70	1	0	1
		Total	17	4	21
New Zealand	Q32	0	13	7	20
		2	1	0	1
		10	3	0	3
		15	1	0	1
		20	1	0	1
		60	1	1	2
		90	1	0	1
		Total	21	8	29
South Africa	Q32	0	6	1	7
		2	0	1	1
		30	1	0	1
		80	3	0	3
		90	2	0	2
		100	2	0	2
		Total	14	2	16
		0	28	12	40
Total	Q32	2	1	1	2
		5	2	0	2
		10	4	0	4
		15	1	0	1
		20	3	0	3
		25	1	0	1
		30	2	0	2
		60	1	1	2

	70	1	0	1
	80	3	0	3
	90	3	0	3
	100	2	0	2
Total		52	14	66

Q32 * Q65 * Q1 Crosstabulation

Count			Q65		Total
Q1			Players (Travelling)	TV Viewers	
Australia	Q32	0	2	7	9
		5	0	2	2
		10	1	0	1
		20	0	2	2
		25	0	1	1
		30	0	1	1
		70	0	1	1
		Total	3	14	17
New Zealand	Q32	0	6	7	13
		2	0	1	1
		10	0	3	3
		15	0	1	1
		20	1	0	1
		60	0	1	1
		90	0	1	1
		Total	7	14	21
South Africa	Q32	0	6	0	6
		30	0	1	1
		80	3	0	3
		90	0	2	2
		100	2	0	2
		Total	11	3	14
		0	14	14	28
		2	0	1	1
Total	Q32	5	0	2	2
		10	1	3	4
		15	0	1	1
		20	1	2	3
		25	0	1	1
		30	0	2	2
		60	0	1	1
		70	0	1	1
		80	3	0	3
		90	0	3	3
		100	2	0	2
		Total	21	31	52

Q32 * Q66 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q66		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0	8	5	13
		5	2	0	2
		10	1	0	1
		20	2	0	2
		25	1	0	1
		30	1	0	1
		70	1	0	1
		Total	16	5	21
		0	15	5	20
		2	0	1	1
New Zealand	Q32	10	3	0	3
		15	1	0	1
		20	1	0	1
		60	2	0	2
		90	1	0	1
		Total	23	6	29
		0	2	5	7
South Africa	Q32	2	0	1	1
		30	1	0	1
		80	2	1	3
		90	2	0	2
		100	2	0	2
		Total	9	7	16
		0	25	15	40
Total	Q32	2	0	2	2
		5	2	0	2
		10	4	0	4
		15	1	0	1
		20	3	0	3
		25	1	0	1
		30	2	0	2
		60	2	0	2
		70	1	0	1
		80	2	1	3
		90	3	0	3
		100	2	0	2
		Total	48	18	66

Q32 * Q67 * Q1 Crosstabulation

Count		Q67		Total
Q1		Players (Travelling)	Fans (Travelling)	
Australia	Q32	0	8	8
		5	2	2
		10	1	1
		20	0	2
		25	1	1
		30	0	1
		70	1	1
	Total	15	1	16
New Zealand	Q32	0	15	15
		10	3	3
		15	1	1
		20	1	1
		60	1	2
		90	1	1
	Total	22	1	23
South Africa	Q32	0	2	2
		30	1	1
		80	2	2
		90	2	2
		100	2	2
	Total	9		9
Total	Q32	0	25	25
		5	2	2
		10	4	4
		15	1	1
		20	3	3
		25	1	1
		30	2	2
		60	1	2
		70	0	1
		80	2	2
		90	3	3
		100	2	2
	Total	46	2	48

Q32 * Q68 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q68	Total
			Yes	
Australia	Q32	0	13	13
		5	2	2
		10	1	1
		20	2	2
		25	1	1
		30	1	1
		70	1	1
	Total		21	21
New Zealand	Q32	0	20	20
		2	1	1
		10	3	3
		15	1	1
		20	1	1
		60	2	2
		90	1	1
	Total		29	29
South Africa	Q32	0	7	7
		2	1	1
		30	1	1
		80	3	3
		90	2	2
		100	2	2
	Total		16	16
Total	Q32	0	40	40
		2	2	2
		5	2	2
		10	4	4
		15	1	1
		20	3	3
		25	1	1
		30	2	2
		60	2	2
		70	1	1
		80	3	3
		90	3	3
		100	2	2
	Total		66	66

Q32 * Q69 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1			Q69	Total
			No	
Australia	Q32	0	13	13
		5	2	2
		10	1	1
		20	2	2
		25	1	1
		30	1	1
		70	1	1
	Total		21	21
New Zealand	Q32	0	20	20
		2	1	1
		10	3	3
		15	1	1
		20	1	1
		60	2	2
		90	1	1
	Total		29	29
South Africa	Q32	0	7	7
		2	1	1
		30	1	1
		80	3	3
		90	2	2
		100	2	2
	Total		16	16
Total	Q32	0	40	40
		2	2	2
		5	2	2
		10	4	4
		15	1	1
		20	3	3
		25	1	1
		30	2	2
		60	2	2
		70	1	1
		80	3	3
		90	3	3
		100	2	2
	Total		66	66

Q32 * Q70 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q70		Total
		Yes	No	
Australia	Q32	0	13	13
		5	2	2
		10	1	1
		20	2	2
		25	1	1
		30	1	1
		70	1	1
	Total		21	21
New Zealand	Q32	0	1	19
		2	0	1
		10	1	2
		15	0	1
		20	0	1
		60	0	2
		90	0	1
	Total	2	27	29
South Africa	Q32	0	7	7
		2	1	1
		30	1	1
		80	3	3
		90	2	2
		100	2	2
	Total		16	16
Total	Q32	0	1	39
		2	0	2
		5	0	2
		10	1	3
		15	0	1
		20	0	3
		25	0	1
		30	0	2
		60	0	2
		70	0	1
		80	0	3
		90	0	3
		100	0	2
	Total	2	64	66

Q32 * Q71 * Q1 Crosstabulation

Count		Q71						Total
Q1		I don't know	No	Yes, SA=NZ, but Australia Less	Yes, Aust is more powerfull	Yes, in SA, TV owns 2 Teams; NZ sells w ITM	Yes, in NZ is a lot Stronger than other 2	
Australia	0	0	2	8		1	2	13
	5	0	0	2		0	0	2
	10	0	1	0		0	0	1
	Q32 20	1	0	1		0	0	2
	25	0	1	0		0	0	1
	30	0	0	1		0	0	1
	70	0	0	1		0	0	1
	Total	1	4	13		1	2	21
New Zealand	0	2	8	7	1	1	1	20
	2	0	0	1	0	0	0	1
	10	0	1	2	0	0	0	3
	Q32 15	0	0	0	0	0	1	1
	20	0	1	0	0	0	0	1
	60	0	0	2	0	0	0	2
	90	0	0	1	0	0	0	1
	Total	2	10	13	1	1	2	29
South Africa	0		6	0		1		7
	2		1	0		0		1
	30		1	0		0		1
	Q32 80		3	0		0		3
	90		0	2		0		2
	100		0	2		0		2
	Total		11	4		1		16
	0	2	16	15	1	3	3	40
Total	2	0	1	1	0	0	0	2
	5	0	0	2	0	0	0	2
	10	0	2	2	0	0	0	4
	15	0	0	0	0	0	1	1
	20	1	1	1	0	0	0	3
	Q32 25	0	1	0	0	0	0	1
	30	0	1	1	0	0	0	2
	60	0	0	2	0	0	0	2
	70	0	0	1	0	0	0	1
	80	0	3	0	0	0	0	3
	90	0	0	3	0	0	0	3
	100	0	0	2	0	0	0	2
	Total	3	25	30	1	3	4	66

Q32 * Q72 * Q1 Crosstabulation

Count		Q72										Total
Q1		Don't know	No	Yes, Aust doesn't have Provincial Rugby	Yes, NZ & Aust don't have Currie Cup	Yes, SA=NZ, Australia doesn't play 2nd Semester	Yes, SA=NZ, but Australia only in Sydney+Brisbane	Yes, SA=NZ, Aust has stronger identification with States	Yes, NZ has many more Clubs	Yes, NZ=Aust, SA Club rugby isn't good	Yes, SA Players don't play Club nor Currie Cup	
Australia	0		5	5	0		2	0	1			13
	5		0	0	0		0	2	0			2
	10		1	0	0		0	0	0			1
	Q3 20		1	1	0		0	0	0			2
	25		0	0	0		1	0	0			1
	30		1	0	0		0	0	0			1
	70		0	0	1		0	0	0			1
	Total		8	6	1		3	2	1			21
New Zealand	0	2	5	8		1	1		1	1		19
	2	0	0	1		0	0		0	0		1
	10	1	0	1		0	1		0	0		3
	Q3 15	0	1	0		0	0		0	0		1
	20	0	0	1		0	0		0	0		1
	60	0	0	1		1	0		0	0		2
	90	0	0	1		0	0		0	0		1
	Total	3	6	13		2	2		1	1		28
South Africa	0	1	3	1	1		0			0	1	7
	2	0	0	0	0		0			0	1	1
	30	0	1	0	0		0			0	0	1
	Q3 80	0	1	0	0		0			2	0	3
	90	0	0	0	0		2			0	0	2
	100	0	2	0	0		0			0	0	2
	Total	1	7	1	1		2			2	2	16
Total	0	3	13	14	1	1	3	0	2	1	1	39
	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2
	5	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
	10	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	4
	15	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	20	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	3
	Q3 25	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	30	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	60	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2
	70	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	80	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	3
	90	0	0	1	0	0	2	0	0	0	0	3
	100	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	Total	4	21	20	2	2	7	2	2	3	2	65

Q32 * Q73 * Q1 Crosstabulation

Count		Q73							Total
Q1		Don't know	No	SA has Vodacom Cup; Aust doesn't have Provincial Rugby	Yes, NZ & Aust don't have Currie Cup	Yes, SA=NZ, Aust don't have Currie/ITM Cup	Yes, SA=NZ, but Australia Private Schools are TOP Comp	Yes, TV coverage of 3rd Tier (NZ=SA, Aust not)	
Australia	0	1	5	2		4	1	0	13
	5	1	1	0		0	0	0	2
	10	0	0	0		0	0	1	1
	Q32 20	1	1	0		0	0	0	2
	25	0	1	0		0	0	0	1
	30	0	1	0		0	0	0	1
	70	0	0	1		0	0	0	1
	Total	3	9	3		4	1	1	21
New Zealand	0	1	4	2	1	12			20
	2	0	1	0	0	0			1
	10	0	0	1	0	2			3
	Q32 15	0	1	0	0	0			1
	20	0	0	0	1	0			1
	60	0	0	0	0	2			2
	90	0	0	0	0	1			1
	Total	1	6	3	2	17			29
South Africa	0	1	2	0	1	3			7
	2	0	0	0	0	1			1
	Q32 30	0	1	0	0	0			1
	80	0	1	2	0	0			3
	90	0	0	0	0	2			2
	100	0	2	0	0	0			2
	Total	1	6	2	1	6			16
Total	0	3	11	4	2	19	1	0	40
	2	0	1	0	0	1	0	0	2
	5	1	1	0	0	0	0	0	2
	10	0	0	1	0	2	0	1	4
	15	0	1	0	0	0	0	0	1
	20	1	1	0	1	0	0	0	3
	Q32 25	0	1	0	0	0	0	0	1
	30	0	2	0	0	0	0	0	2
	60	0	0	0	0	2	0	0	2
	70	0	0	1	0	0	0	0	1
	80	0	1	2	0	0	0	0	3
	90	0	0	0	0	3	0	0	3
	100	0	2	0	0	0	0	0	2
	Total	5	21	8	3	27	1	1	66

Q32 * Q74 * Q1 Crosstabulation

Count					
Q1			Q74		Total
			Yes	No	
Australia	Q32	0	8	5	13
		5	1	1	2
		10	1	0	1
		25	1	0	1
		30	0	1	1
		70	0	1	1
	Total		11	8	19
New Zealand	Q32	0	12	5	17
		2	0	1	1
		10	2	1	3
		15	0	1	1
		60	2	0	2
		90	0	1	1
	Total		16	9	25
South Africa	Q32	0	4	2	6
		2	1	0	1
		30	1	0	1
		80	3	0	3
		90	0	2	2
		100	2	0	2
	Total		11	4	15
Total	Q32	0	24	12	36
		2	1	1	2
		5	1	1	2
		10	3	1	4
		15	0	1	1
		25	1	0	1
		30	1	1	2
		60	2	0	2
		70	0	1	1
		80	3	0	3
		90	0	3	3
		100	2	0	2
	Total		38	21	59

Q32 * Q75 * Q1 Crosstabulation

Count			Q75		Total
Q1			Yes	No	
Australia	Q32	0	8	0	8
		5	2	0	2
		10	1	0	1
		20	0	1	1
		25	0	1	1
		30	1	0	1
		70	1	0	1
	Total		13	2	15
New Zealand	Q32	0	10	8	18
		2	1	0	1
		10	3	0	3
		15	1	0	1
		20	1	0	1
		60	2	0	2
South Africa	Q32	0	18	8	26
		30	3	4	7
		80	1	0	1
		90	2	1	3
		100	2	0	2
	Total		10	5	15
Total	Q32	0	21	12	33
		2	1	0	1
		5	2	0	2
		10	4	0	4
		15	1	0	1
		20	1	1	2
		25	0	1	1
		30	2	0	2
		60	2	0	2
		70	1	0	1
		80	2	1	3
		90	2	0	2
		100	2	0	2
	Total		41	15	56

Q32 * Q76 * Q1 Crosstabulation

Count		Q76								Total
Q1		Aust > SA > NZ	Aust > NZ > SA	SA > Aust = NZ	SA = Aust > NZ	Aust > SA = NZ	SA > NZ > Aust	SA > Aust > NZ	NZ > Aust > SA	
Australia	0	2	0		2	2				6
	5	0	0		0	2				2
	Q32 10	0	1		0	0				1
	30	0	1		0	0				1
	70	0	0		0	1				1
	Total	2	2		2	5				11
New Zealand	0	0	3	1	3	1	3			11
	2	0	0	0	0	0	1			1
	Q32 10	0	0	1	0	1	0			2
	15	1	0	0	0	0	0			1
	20	0	1	0	0	0	0			1
	60	0	1	0	0	0	1			2
South Africa	Total	1	5	2	3	2	5			18
	0		0			0	1	1	1	3
	30		1			0	0	0	0	1
	Q32 80		2			0	0	0	0	2
	90		0			2	0	0	0	2
	100		2			0	0	0	0	2
Total	Total		5			2	1	1	1	10
	0	2	3	1	5	3	4	1	1	20
	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	5	0	0	0	0	2	0	0	0	2
	10	0	1	1	0	1	0	0	0	3
	15	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Q32 20	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	30	0	2	0	0	0	0	0	0	2
	60	0	1	0	0	0	1	0	0	2
	70	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	80	0	2	0	0	0	0	0	0	2
	90	0	0	0	0	2	0	0	0	2
	100	0	2	0	0	0	0	0	0	2
	Total	3	12	2	5	9	6	1	1	39

Q32 * Q77 * Q1 Crosstabulation

Count						
Q1				Q77		Total
				Yes	No	
Australia	Q32	0		7	2	9
		5		0	1	1
		10		0	1	1
		20		1	1	2
		25		0	1	1
		30		1	0	1
		70		1	0	1
		Total		10	6	16
		0		7	9	16
		2		1	0	1
New Zealand	Q32	10		1	2	3
		15		1	0	1
		20		1	0	1
		60		2	0	2
		90		0	1	1
		Total		13	12	25
South Africa	Q32	0		1	5	6
		30		1	0	1
		80		0	3	3
		90		0	2	2
		100		0	2	2
		Total		2	12	14
Total	Q32	0		15	16	31
		2		1	0	1
		5		0	1	1
		10		1	3	4
		15		1	0	1
		20		2	1	3
		25		0	1	1
		30		2	0	2
		60		2	0	2
		70		1	0	1
		80		0	3	3
		90		0	3	3
		100		0	2	2
		Total		25	30	55

Q32 * Q78 * Q1 Crosstabulation

Count		Q78						Total
Q1		Aust > SA > NZ	Aust > NZ > SA	SA > Aust = NZ	NZ > SA > Aust	NZ = SA > Aust	SA > Aust > NZ	
Australia	0	3	3			1	0	7
	20	0	0			0	1	1
	30	0	0			0	1	1
	70	0	1			0	0	1
	Total	3	4			1	2	10
New Zealand	0		2	3	1		1	7
	2		0	0	1		0	1
	10		0	0	0		1	1
	15		0	1	0		0	1
	20		0	1	0		0	1
South Africa	60		0	2	0		0	2
	Total		2	7	2		2	13
Total	0		1				0	1
	30		0				1	1
	Total		1				1	2
Total	0	3	6	3	1	1	1	15
	2	0	0	0	1	0	0	1
	10	0	0	0	0	0	1	1
	15	0	0	1	0	0	0	1
	20	0	0	1	0	0	1	2
Total	30	0	0	0	0	0	2	2
	60	0	0	2	0	0	0	2
	70	0	1	0	0	0	0	1
	Total	3	7	7	2	1	5	25

Q2 * Q29 * Q1 Crosstabulation

Count		Q29																	Total
Q1		0	2	10	20	25	30	35	39	40	50	60	75	80	81	85	90	100	
Australia	Super Rugby	4	0	0	0					0	0		0	0			0	0	4
	Q2 Provincial	2	0	1	0					0	0		0	0			0	0	3
	Club	1	1	0	1					1	1		1	3			1	4	14
	Total	7	1	1	1					1	1		1	3			1	4	21
New Zealand	Country	1				0	0				0	0		0		0	0	0	1
	Q2 Super Rugby	1				1	1				0	1		0		0	0	0	4
	Provincial	3				0	1				2	0		0		1	1	0	8
	Club	1				0	0				1	0		3		1	3	8	17
South Africa	Total	6				1	2				3	1		3		2	4	8	30
	Q2 Super Rugby	2		0	1			0	0			0			0			0	3
	Provincial	3		0	1			1	1			1			1			0	8
	Club	2		2	0			0	0			0			0			3	7
Total	Total	7		2	2			1	1			1			1			3	18
	Country	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Q2 Super Rugby	7	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	11
	Provincial	8	0	1	1	0	1	1	1	0	2	1	0	0	1	1	1	0	19
Total	Club	4	1	2	1	0	0	0	0	1	2	0	1	6	0	1	4	15	38
	Total	20	1	3	3	1	2	1	1	1	4	2	1	6	1	2	5	15	69

Q2 * Q30 * Q1 Crosstabulation

Count		Q30												Total
Q1		0	5	10	15	20	30	40	59	70	80	90	95	
Australia	Super Rugby	3	0	0		0	0	1			0	0	0	4
	Q2 Provincial	0	0	0		0	0	0			1	1	1	3
	Club	8	1	1		1	2	0			0	0	1	14
	Total	11	1	1		1	2	1			1	1	2	21
New Zealand	Country	1		0	0	0		0		0				1
	Q2 Super Rugby	1		1	1	0		0		1				4
	Provincial	1		2	0	2		2		1				8
	Club	13		3	0	1		0		0				17
South Africa	Total	16		6	1	3		2		2				30
	Q2 Super Rugby	3			0				0					3
	Provincial	6			1				1					8
	Club	7			0				0					7
Total	Total	16			1				1					18
	Country	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Q2 Super Rugby	7	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	11
	Provincial	7	0	2	1	2	0	2	1	1	1	1	1	19
Total	Club	28	1	4	0	2	2	0	0	0	0	0	1	38
	Total	43	1	7	2	4	2	3	1	2	1	1	2	69

Q2 * Q31 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q31													Total
		0	3	5	10	15	19	20	30	40	50	70	80	100	
Australia	Super Rugby	1	0	0	0			0	2	0	0	0	1		4
	Q2 Provincial	1	0	2	0			0	0	0	0	0	0		3
	Club	6	1	0	2			1	1	1	1	1	0		14
	Total	8	1	2	2			1	3	1	1	1	1		21
New Zealand	Country	0	0		1	0		0	0		0			0	1
	Q2 Super Rugby	0	0		0	1		1	0		2			0	4
	Provincial	2	1		1	0		1	2		1			0	8
	Club	11	0		2	1		1	0		1			1	17
	Total	13	1		4	2		3	2		4			1	30
South Africa	Super Rugby	2			1		0	0			0				3
	Q2 Provincial	4			2		1	0			1				8
	Club	6			0		0	1			0				7
	Total	12			3		1	1			1				18
Total	Country	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Q2 Super Rugby	3	0	0	1	1	0	1	2	0	2	0	1	0	11
	Provincial	7	1	2	3	0	1	1	2	0	2	0	0	0	19
	Club	23	1	0	4	1	0	3	1	1	2	1	0	1	38
Total		33	2	2	9	2	1	5	5	1	6	1	1	1	69

Q2 * Q32 * Q1 Crosstabulation

Count

Q1		Q32													Total
		0	2	5	10	15	20	25	30	60	70	80	90	100	
Australia	Super Rugby	1		0	0		1	0	1		1				4
	Q2 Provincial	2		1	0		0	0	0		0				3
	Club	10		1	1		1	1	0		0				14
	Total	13		2	1		2	1	1		1				21
New Zealand	Country	0	0		0	0	0			0			1		1
	Q2 Super Rugby	0	0		2	1	1			0			0		4
	Provincial	4	1		1	0	0			2			0		8
	Club	17	0		0	0	0			0			0		17
	Total	21	1		3	1	1			2			1		30
South Africa	Super Rugby	0	0						0			1	1	1	3
	Q2 Provincial	3	1						1			1	1	1	8
	Club	6	0						0			1	0	0	7
	Total	9	1						1			3	2	2	18
Total	Country	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Q2 Super Rugby	1	0	0	2	1	2	0	1	0	1	1	1	1	11
	Provincial	9	2	1	1	0	0	0	1	2	0	1	1	1	19
	Club	33	0	1	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	38
Total		43	2	2	4	1	3	1	2	2	1	3	3	2	69

Q80.1.1 * Q80.2.1 * Q83 Crosstabulation

Count			Q80.2.1				Total
Q83			1	2	3	4	
New Zealand	Q80.1.1	Chiefs	1	1		0	2
		Hurricanes	1	3		0	4
		Blues	0	1		2	3
		Highlanders	0	3		0	3
		Lions	1	0		0	1
	Total		3	8		2	13
Australia	Q80.1.1	Reds	0	0		1	1
		Waratahs	1	1		0	2
		Brumbies	1	0		0	1
		Total	2	1		1	4
South Africa	Q80.1.1	Crusaders	1	0			1
		Stormers	1	0			1
		Bulls	0	1			1
		Lions	1	0			1
		Cheetahs	1	0			1
	Total		4	1			5
Crusaders	Q80.1.1	Crusaders	3				3
		Total	3				3
Chiefs	Q80.1.1	Chiefs	1				1
		Total	1				1
Blues	Q80.1.1	Blues	1				1
		Total	1				1
Highlanders	Q80.1.1	Highlanders	1				1
		Total	1				1
Reds	Q80.1.1	Reds		1		1	2
		Total		1		1	2
Waratahs	Q80.1.1	Waratahs			1		1
		Total			1		1
Brumbies	Q80.1.1	Brumbies	2	2			4
		Total	2	2			4
Stormers	Q80.1.1	Stormers	1				1
		Total	1				1
Bulls	Q80.1.1	Bulls	3				3
		Total	3				3
Lions	Q80.1.1	Lions	1				1
		Total	1				1
Cheetahs	Q80.1.1	Cheetahs	1				1
		Total	1				1
Blue Bulls	Q80.1.1	Bulls	1				1
		Total	1				1
FS Cheetahs	Q80.1.1	Bulls	1				1
		Total	1				1
Auckland	Q80.1.1	Blues			1		1
		Total			1		1
Counties Manukaw	Q80.1.1	Chiefs		1			1

	Total		1			1
North Harbour	Q80.1.1	Crusaders	1			1
	Total		1			1
Northland	Q80.1.1	Blues			2	2
	Total				2	2
HSBO	Q80.1.1	Highlanders	1			1
	Total		1			1
Eastwood	Q80.1.1	Waratahs	1			1
	Total		1			1
Manly	Q80.1.1	Waratahs	1		1	2
	Total		1		1	2
Southern Districts	Q80.1.1	Waratahs			1	1
	Total				1	1
Warringah	Q80.1.1	Highlanders			1	1
	Total				1	1
Gordon	Q80.1.1	Waratahs		1		1
	Total			1		1
Eastern Suburbs	Q80.1.1	Waratahs		1		1
	Total			1		1
Parramatta	Q80.1.1	Waratahs		1		1
	Total			1		1
Kiama RFC	Q80.1.1	Waratahs	1			1
	Total		1			1
Brothers	Q80.1.1	Reds		1		1
	Total			1		1
Sunnybank	Q80.1.1	Reds				1
	Total				1	1
Bowen RFC	Q80.1.1	Reds		1		1
	Total			1		1
Wests Lions	Q80.1.1	Brumbies		1		1
	Total			1		1
Canberra Royals	Q80.1.1	Brumbies		1		1
	Total			1		1
Massey Uni	Q80.1.1	Hurricanes			1	1
	Total				1	1
Karaka	Q80.1.1	Chiefs		1		1
	Total			1		1
Waikato Uni	Q80.1.1	Chiefs		1		1
	Total			1		1
		Crusaders	5	0	0	5
		Chiefs	2	4	0	6
		Hurricanes	1	3	1	5
		Blues	1	1	3	7
		Highlanders	2	3	1	6
Total	Q80.1.1	Reds	0	3	0	6
		Waratahs	4	4	3	11
		Brumbies	3	4	0	7
		Stormers	2	0	0	2
		Bulls	5	1	0	6
		Lions	3	0	0	3
		Cheetahs	2	0	0	2

Total	30	23	8	5	66
-------	----	----	---	---	----

Q81.1.1 * Q81.2.1 * Q83 Crosstabulation

Count			Q81.2.1				Total
Q83			1	2	3	4	
New Zealand	Q81.1.1	Auckland	1	1	0		2
		Wellington	0	1	0		1
		Taranaki	0	1	0		1
		Waikato	0	1	0		1
		Counties Manukaw	1	0	0		1
		Manawatu	0	1	0		1
		North Harbour	0	1	0		1
		Northland	0	0	1		1
		Otago	0	0	1		1
		Golden Lions	1	0	0		1
		Sydney Stars	0	2	0		2
		Total	3	8	2		13
Australia	Q81.1.1	Brisbane City	0	0		1	1
		Canberra Vikings	0	1		0	1
		NH Rays	2	0		0	2
		Total	2	1		1	4
South Africa	Q81.1.1	Canterbury	1	0			1
		Western Province	1	1			2
		Blue Bulls	1	0			1
		Golden Lions	1	0			1
		Total	4	1			5
Crusaders	Q81.1.1	Canterbury	2	1			3
		Total	2	1			3
Chiefs	Q81.1.1	Tasman		1			1
		Total		1			1
Blues	Q81.1.1	Northland		1			1
		Total		1			1
Highlanders	Q81.1.1	Otago		1			1
		Total		1			1
Reds	Q81.1.1	Brisbane City			2		2
		Total			2		2
Waratahs	Q81.1.1	Melbourne Rising		1			1
		Total		1			1
Brumbies	Q81.1.1	QLD Country		2	0		2
		Canberra Vikings		1	0		1
		NH Rays		0	1		1
		Total		3	1		4
Stormers	Q81.1.1	Western Province	1				1
		Total	1				1
Bulls	Q81.1.1	Blue Bulls	2	1			3
		Total	2	1			3
Lions	Q81.1.1	Golden Lions	1				1

	Total		1				1
Cheetahs	Q81.1.1	Blue Bulls	1				1
	Total		1				1
Blue Bulls	Q81.1.1	Blue Bulls	1				1
	Total		1				1
FS Cheetahs	Q81.1.1	Blue Bulls	1				1
	Total		1				1
Auckland	Q81.1.1	Auckland	1				1
	Total		1				1
Counties Manukaw	Q81.1.1	Counties Manukaw		1			1
	Total			1			1
North Harbour	Q81.1.1	North Harbour		1			1
	Total			1			1
Northland	Q81.1.1	Northland	1		1		2
	Total		1		1		2
HSBO	Q81.1.1	Canterbury		1			1
	Total			1			1
Eastwood	Q81.1.1	NSWC Eagles			1		1
	Total				1		1
Manly	Q81.1.1	NH Rays	1	1			2
	Total		1	1			2
Southern Districts	Q81.1.1	Greater Sydney Rams			1		1
	Total				1		1
Warringah	Q81.1.1	NH Rays			1		1
	Total				1		1
Gordon	Q81.1.1	NH Rays			1		1
	Total				1		1
Eastern Suburbs	Q81.1.1	NSWC Eagles			1		1
	Total				1		1
Parramatta	Q81.1.1	Greater Sydney Rams			1		1
	Total				1		1
Kiama RFC	Q81.1.1	NSWC Eagles		1			1
	Total			1			1
Brothers	Q81.1.1	QLD Country		1			1
	Total			1			1
Sunnybank	Q81.1.1	Brisbane City				1	1
	Total					1	1
Bowen RFC	Q81.1.1	Brisbane City		1			1
	Total			1			1
Wests Lions	Q81.1.1	Canberra Vikings			1		1
	Total				1		1
Canberra Royals	Q81.1.1	Canberra Vikings			1		1
	Total				1		1
Massey Uni	Q81.1.1	Manawatu	1				1
	Total		1				1
Karaka	Q81.1.1	Counties Manukaw		1			1
	Total			1			1
Waikato Uni	Q81.1.1	Waikato			1		1
	Total				1		1
Total	Q81.1.1	Canterbury	3	2	0	0	5

Auckland	2	1	0	0	3
Wellington	0	1	0	0	1
Taranaki	0	1	0	0	1
Tasman	0	1	0	0	1
Waikato	0	1	1	0	2
Counties Manukaw	1	2	0	0	3
Manawatu	1	1	0	0	2
North Harbour	0	2	0	0	2
Northland	1	1	2	0	4
Otago	0	1	1	0	2
Western Province	2	1	0	0	3
Blue Bulls	6	1	0	0	7
Golden Lions	3	0	0	0	3
Brisbane City	0	1	2	2	5
QLD Country	0	3	0	0	3
Canberra Vikings	0	2	2	0	4
Melbourne Rising	0	1	0	0	1
Sydney Stars	0	2	0	0	2
NSWC Eagles	0	1	2	0	3
NH Rays	3	1	3	0	7
Greater Sydney Rams	0	0	2	0	2
Total	22	27	15	2	66

Q82.1.1 * Q82.2.1 * Q83 Crosstabulation

Count			Q82.2.1			Total
Q83			1	2	3	
New Zealand	Q82.1.1	New Zealand	13			13
	Total		13			13
Australia	Q82.1.1	New Zealand	1			1
		Australia	3			3
	Total		4			4
South Africa	Q82.1.1	New Zealand	2			2
		South Africa	3			3
	Total		5			5
Crusaders	Q82.1.1	New Zealand	3			3
	Total		3			3
Chiefs	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Blues	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Highlanders	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Reds	Q82.1.1	Australia		1	1	2
	Total			1	1	2
Waratahs	Q82.1.1	New Zealand		1		1
	Total			1		1
Brumbies	Q82.1.1	Australia		4		4
	Total			4		4
Stormers	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Bulls	Q82.1.1	South Africa	3			3
	Total		3			3
Lions	Q82.1.1	South Africa	1			1
	Total		1			1
Cheetahs	Q82.1.1	South Africa	1			1
	Total		1			1
Blue Bulls	Q82.1.1	South Africa	1			1
	Total		1			1
FS Cheetahs	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Auckland	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Counties Manukaw	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
North Harbour	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Northland	Q82.1.1	New Zealand	2			2
	Total		2			2
HSBO	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Eastwood	Q82.1.1	Australia	1			1
	Total		1			1

Manly	Q82.1.1	Australia	1	1		2
	Total		1	1		2
Southern Districts	Q82.1.1	Australia		1		1
	Total			1		1
Warringah	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Gordon	Q82.1.1	Australia	1			1
	Total		1			1
Eastern Suburbs	Q82.1.1	Australia		1		1
	Total			1		1
Parramatta	Q82.1.1	Australia		1		1
	Total			1		1
Kiama RFC	Q82.1.1	Australia	1			1
	Total		1			1
Brothers	Q82.1.1	Australia	1			1
	Total		1			1
Sunnybank	Q82.1.1	Australia			1	1
	Total				1	1
Bowen RFC	Q82.1.1	Australia		1		1
	Total			1		1
Wests Lions	Q82.1.1	Australia			1	1
	Total				1	1
Canberra Royals	Q82.1.1	Australia	1			1
	Total		1			1
Massey Uni	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Karaka	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Waikato Uni	Q82.1.1	New Zealand	1			1
	Total		1			1
Total		New Zealand	34	1	0	35
	Q82.1.1	Australia	9	10	3	22
		South Africa	9	0	0	9
	Total		52	11	3	66

Anexo IV - Histórico das Classificações de Todas as Competições Pesquisadas, na África do sul, Austrália e Nova Zelândia

1. Tier 1 (International)

Histórico da Classificação do Rugby Championship (1996-2019)

Year	Winner	Games	Games	Games	Games	Points	Points	Points	Bonus	Table
		played	won	drawn	lost	for	against	difference	points	points
1996	New Zealand	4	4	0	0	119	60	59	1	17
1997	New Zealand	4	4	0	0	159	109	50	2	18
1998	South Africa	4	4	0	0	80	54	26	1	17
1999	New Zealand	4	3	0	1	103	61	42	0	12
2000	<i>Australia</i>	4	3	0	1	104	86	18	2	14
2001	<i>Australia</i>	4	2	1	1	81	75	6	1	11
2002	New Zealand	4	3	0	1	97	65	32	3	15
2003	New Zealand	4	4	0	0	142	65	77	2	18
2004	South Africa	4	2	0	2	110	98	12	3	11
2005	New Zealand	4	3	0	1	111	86	25	3	15
2006	New Zealand	6	5	0	1	179	112	67	3	23
2007	New Zealand	4	3	0	1	100	59	41	1	13
2008	New Zealand	6	4	0	2	152	106	46	3	19
2009	South Africa	6	5	0	1	158	130	28	1	21
2010	New Zealand	6	6	0	0	184	111	73	3	27
2011	<i>Australia</i>	4	3	0	1	92	79	13	1	13
2012	New Zealand	6	6	0	0	177	66	111	2	26
2013	New Zealand	6	6	0	0	202	115	87	4	28
2014	New Zealand	6	4	1	1	164	91	73	4	22
2015	<i>Australia</i>	3	3	0	0	85	48	37	1	13
2016	New Zealand	6	6	0	0	262	84	178	6	30
2017	New Zealand	6	6	0	0	246	119	127	4	28
2018	New Zealand	6	5	0	1	225	132	93	5	25
2019	South Africa	3	2	1	0	97	46	51	2	12

2. Tier 2 (Franquias do Super Rugby)

Histórico das Finais do Super Rugby (1996-2019)

		Winner	Runner-up
SPC	1986	Crusaders	
SPC	1987	Crusaders & Blues	
SPC	1988	Blues	
SPC	1989	Blues	
SPC	1990	Blues	
	1991	não se realizou	
Super 6	1992	Reds	
Super 10	1993	Lions	Blues
Super 10	1994	Reds	Sharks
Super 10	1995	Reds	Lions
Super 12	1996	Blues	Sharks
Super 12	1997	Blues	Brumbies
Super 12	1998	Crusaders	Blues
Super 12	1999	Crusaders	Highlanders
Super 12	2000	Crusaders	Brumbies
Super 12	2001	Brumbies	Sharks
Super 12	2002	Crusaders	Brumbies
Super 12	2003	Blues	Crusaders
Super 12	2004	Brumbies	Crusaders
Super 12	2005	Crusaders	Waratahs
Super 14	2006	Crusaders	Hurricanes
Super 14	2007	Bulls	Sharks
Super 14	2008	Crusaders	Waratahs
Super 14	2009	Bulls	Chiefs
Super 14	2010	Bulls	Stormers
Super 15	2011	Reds	Crusaders
Super Rugby	2012	Chiefs	Sharks
Super Rugby	2013	Chiefs	Brumbies
Super Rugby	2014	Waratahs	Crusaders
Super Rugby	2015	Highlanders	Hurricanes
Super Rugby	2016	Hurricanes	Lions
Super Rugby	2017	Crusaders	Lions
Super Rugby	2018	Crusaders	Lions
Super Rugby	2019	Crusaders	Jaguars

3.1. Tier 3 (Campeonatos inter-Provinciais) - África do Sul

Histórico das Finais da Currie Cup (1889-2019)

	<u>Champion</u>	<u>Vice-Champ</u>
1889	Western Province	
1892	Western Province	
1894	Western Province	
1895	Western Province	
1896	Western Province	
1898	Western Province	
1899	Griqualand West	
1904	Western Province	
1906	Western Province	
1908	Western Province	
1911	Griqualand West	
1914	Western Province	
1920	Western Province	
1922	Golden Lions	
1925	Western Province	
1927	Western Province	
1929	Western Province	
1932	Western Province & Border	
1934	Western Province & Border	
1936	Western Province	
1939	Transvaal	Western Province
1946	Northern Transvaal	Western Province
1947	Western Province	Transvaal
1950	Transvaal	Western Province
1952	Transvaal	Boland
1954	Western Province	Northern Transvaal
1956	Northern Transvaal	Natal
1968	Northern Transvaal	Transvaal
1969	Northern Transvaal	Western Province
1970	Griqualand West	Northern Transvaal
1971	Transvaal	Northern Transvaal
1972	Transvaal	Eastern Transvaal
1973	Northern Transvaal	Free State
1974	Northern Transvaal	Transvaal
1975	Northern Transvaal	Free State
1976	Free State	Western Province
1977	Northern Transvaal	Free State

1978	Northern Transvaal	Free State
1979	Western Province	Northern Transvaal
1980	Northern Transvaal	Western Province
1981	Northern Transvaal	Free State
1982	Western Province	Northern Transvaal
1983	Western Province	Northern Transvaal
1984	Western Province	Natal
1985	Western Province	Northern Transvaal
1986	Western Province	Transvaal
1987	Northern Transvaal	Transvaal
1988	Northern Transvaal	Western Province
1989	Northern Transvaal	Western Province
1990	Natal	Northern Transvaal
1991	Northern Transvaal	Transvaal
1992	Natal	Transvaal
1993	Transvaal	Natal
1994	Transvaal	Free State
1995	Natal	Western Province
1996	Natal	Transvaal
1997	Western Province	Cheetahs
1998	Blue Bulls	Western Province
1999	Golden Lions	Natal
2000	Western Province	Natal
2001	Western Province	Natal
2002	Blue Bulls	Golden Lions
2003	Blue Bulls	Sharks
2004	Blue Bulls	Cheetahs
2005	Cheetahs	Blue Bulls
2006(*)	Cheetahs	Blue Bulls
2007	Cheetahs	Golden Lions
2008	Sharks	Blue Bulls
2009	Blue Bulls	Cheetahs
2010	Sharks	Western Province
2011	Golden Lions	Sharks
2012	Western Province	Sharks
2013	Sharks	Western Province
2014	Western Province	Golden Lions
2015	Golden Lions	Western Province
2016	Cheetahs	Blue Bulls
2017	Western Province	Sharks
2018	Sharks	Western Province
2019	Cheetahs	Golden Lions

3.2. Tier 3 (Campeonatos inter-Provinciais) - Nova Zelândia

Histórico das Finais do National Provincial Championship e Ranfurly Shield (1976-2019)

Year	First division winner	Runners	Ranfurly Shield Holders
		Up	
1976	Bay of Plenty		Manawatu
1977	Canterbury		Manawatu
1978	Wellington		North Auckland
1979	Counties Manukau		Auckland
1980	Manawatu		Waikato
1981	Wellington		Wellington
1982	Auckland		Canterbury
1983	Canterbury		Canterbury
1984	Auckland		Canterbury
1985	Auckland		Auckland
1986	Wellington		Auckland
1987	Auckland		Auckland
1988	Auckland		Auckland
1989	Auckland		Auckland
1990	Auckland		Auckland
1991	Otago		Auckland
1992	Waikato		Auckland
1993	Auckland		Waikato
1994	Auckland		Canterbury
1995	Auckland		Auckland
1996	Auckland		Auckland
1997	Canterbury		Waikato
1998	Otago		Waikato
1999	Auckland		Waikato
2000	Wellington		Canterbury
2001	Canterbury		Canterbury
2002	Auckland		Canterbury
2003	Auckland		Auckland
2004	Canterbury		Canterbury
2005	Auckland		Canterbury
2006	Waikato	Wellington	North Harbour
2007	Auckland	Wellington	Auckland
2008	Canterbury	Wellington	Wellington
2009	Canterbury	Wellington	Southland

2010	Canterbury	Waikato	Canterbury
2011	Canterbury	Waikato	Taranaki
2012	Canterbury	Auckland	Waikato
2013	Canterbury	Wellington	Counties Manukau
2014	Taranaki	Tasman	Hawke's Bay
2015	Canterbury	Auckland	Waikato
2016	Canterbury	Tasman	Canterbury
2017	Canterbury	Tasman	Canterbury
2018	Auckland	Canterbury	Otago
2019	Tasman	Wellington	Canterbury

3.3. Tier 3 (Campeonatos inter-Provinciais) - Austrália

Histórico das Finais do National Rugby Championship (2014-2019)

	<u>Champion</u>	<u>Vice-Champ</u>
2014	Brisbane City	Perth Spirit
2015	Brisbane City	Canberra Vikings
2016	Perth Spirit	NSW Country Eagles
2017	QLD Country	Canberra Vikings
2018	Fijian Drua	QLD Country
2019	Western Force	Canberra Vikings

4.1 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Pretória

Histórico das Finais da *Carlton League* (1938-2019)

	<u>Champion</u>	<u>Vice Champ</u>
2019	-	-
2018	UP-Tuks	Naka Bulle
2017	Harlequins/Police	UP-Tuks
2016	Centurion	Naka Bulle
2015	UP-Tuks	Police
2014	UP-Tuks	Police
2013	UP-Tuks	Oostelike Eagles
2012	Police	UP-Tuks
2011	UP-Tuks	Police
2010	UP-Tuks	Police
2009	Police	UP-Tuks
2008	UP-Tuks	TUT
2007	UP-Tuks	Police
2006	Police	TUT
2005	TUT	(No final. Most league points)
2004	TUT	UP-Tuks
2003	Technikon	UP-Tuks (w.o.)
2002	UP-Tuks	Technikon
2001	Correctional Services	UP-Tuks
2000	Technikon	UP-Tuks
1999	Centurion	Pretoria
1998	Pretoria	(No final. Most league points)
1997	Police	Pretoria
1996	Police	NKP
1995	Police	Correctional Services
1994	Police	NKP
1993	Correctional Services	Police
1992	NKP	Harlequins
1991	Police	NKP
1990	Pretoria	Police
1989	Pretoria	Defence Force
1988	UP-Tuks	Pretoria
1987	UP-Tuks & Police	Police
1986	Defence Force	UP-Tuks
1985	UP-Tuks	Harlequins
1984	UP-Tuks	Harlequins

	<u>Champion</u>
1978	UP-Tuks
1977	UP-Tuks
1976	UP-Tuks
1975	UP-Tuks
1974	Police
1973	Police & Pretoria
1972	UP-Tuks
1971	UP-Tuks
1970	Pretoria
1969	UP-Tuks
1968	Police
1967	Police
1966	UP-Tuks
1965	Oostelike
1964	Oostelike & Defence Force
1963	UP-Tuks
1962	Police
1961	Police
1960	Defence Force & UP-Tuks
1959	Police
1958	Pretoria
1957	Police
1956	Police
1955	Police
1954	Pretoria
1953	Police
1952	Harlequin
1951	Harlequin
1950	Police
1949	Police & Harlequin
1948	Police & Pretoria
1947	Police
1946	Police
1945	Police
1944	Police
1943	Police

1983	UP-Tuks	Pretoria
1982	UP-Tuks	Harlequins
1981	Defence Force	UP-Tuks
1980	Police	UP-Tuks
1979	UP-Tuks & Police	Police

1942	Garrison
1941	Police
1940	Pretoria
1939	Police
1938	Garrison

4.2 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Johannesburg

Histórico das Finais da *Pirates Grand Challenge* (1889-2019)

	<u>Champion</u>	<u>Runner-up</u>
2019	Wits University	NWU - Pukke
2018	NWU - Pukke	Roodepoort
2017	NWU - Pukke	University of Johannesburg
2016	University of Johannesburg	Pirates
2015	NWU - Pukke	University of Johannesburg
2014	University of Johannesburg	Raiders
2013	Roodepoort	University of Johannesburg
2012	University of Johannesburg	Raiders
2011	University of Johannesburg	Raiders
2010	University of Johannesburg	
2009	NWU - Pukke	
2008	NWU - Pukke	University of Johannesburg
2007	University of Johannesburg	
2006	NWU - Pukke	
2005	NWU - Pukke	
2004	NWU - Pukke	
2003	NWU - Pukke	
2002	NWU - Pukke	
2001	Pirates	
2000	RAU	
1999	Randfontein	
1998	Pirates	
1997	Pirates	
1996	RAU	
1995	RAU	
1994	Roodepoort	
1993	Roodepoort	
1992	Roodepoort	
1991	RAU	
1990	Roodepoort	
1989	Roodepoort	
	In 1989 the name reverted	back to the <u>Pirates Grand Challenge</u>
1988	Roodepoort	
1987	Roodepoort	
1986	RAU	

	<u>Champion</u>
1958	Diggers
1957	Westfield
1956	Diggers & West Rand
1955	Diggers
1954	Diggers
1953	Diggers
1952	Wesrand
1951	Diggers
1950	ERPM
1949	Diggers
1948	Diggers
1947	Wesrand
1946	Springs, Pirates, Brakpan
1940-1945	No competition due to war
1939	New States Areas
1938	Springs
1937	Springs
1936	Pretoria Police
1935	Pretoria Police
1934	Pretoria Police
1933	New State Areas
1932	Pretoria Police
1931	Simmer & Jack
1930	Harlequins
1929	Pretoria
1928	Harlequins
1927	Pretoria
1926	Pretoria
1925	Harlequins
1924	Pretoria
1923	Pretoria & ERPM
1922	Simmer & Jack
1921	Simmer & Jack
1920	Pretoria
1919	(Rebuild competition) Pretoria

1985	Roodepoort		1916-1918	No competition due to war
1984	RAU		1915	Diggers
1983	Alberton & Wanderers		1914	Pirates
1982	Alberton		1913	ERPM
1981	RAU		1912	ERPM
1980	RAU		1911	ERPM
1979	RAU & Alberton		1910	Germiston
	From 1978 to 1988 the	competition was known as the Trek Competition	1909	Diggers
1978	Diggers		1908	Diggers
1977	Diggers		1907	Germiston
1976	Germiston/Simmer		1906	Mines
1975	Diggers		1905	Wanderers
1974	Diggers		1904	Pretoria
1973	Germiston/Simmer		1903	Diggers
1972	Vereeniging & Diggers		1902	Wanderers
1971	Vereeniging		1900-1901	No competition due to war
1970	Diggers		1899	Diggers
1969	Vereeniging		1898	Diggers
1968	Diggers		1897	Diggers
1967	Wits University		1896	Diggers
1966	Diggers		1895	Diggers
1965	Wesrand & Vereeniging		1894	Pirates
1964	Wesrand		1893	Pirates
1963	Vereeniging		1892	Pirates
1962	Diggers		1891	Pirates
1961	Diggers		1890	Pirates
1960	Diggers		1889	Pretoria
1959	Diggers			

4.3 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Bloemfontein

Histórico das Finais da *Saty League* (1889-2019)

	Champ	Vice		Champ	Vice
2010	Shimlas (UFS)	Irawas (UFS U23)	2015	Irawas (UFS U23)	Shimlas (UFS)
2011			2016	Shimlas (UFS)	
2012	Shimlas (UFS)		2017	Shimlas (UFS)	
2013			2018	Shimlas (UFS)	
2014	Shimlas (UFS)	Irawas (UFS U23)	2019	Shimlas (UFS)	Ixias (CUT)

4.4 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Sydney

Histórico das Finais da Shute Shield (1874-2019)

Year	Premiers	Runners-up
2019	Sydney University	Warringah
2018	Sydney University	Warringah
2017	Warringah	Northern Suburbs
2016	Northern Suburbs	Sydney University
2015	Eastwood	Manly
2014	Eastwood	Southern Districts
2013	Sydney University	Eastwood
2012	Sydney University	Southern Districts
2011	Eastwood	Sydney University
2010	Sydney University	Randwick
2009	Sydney University	Randwick
2008	Sydney University	Randwick
2007	Sydney University	Eastern Suburbs
2006	Sydney University	Randwick
2005	Warringah	Sydney University
2004	Randwick	Eastwood
2003	Eastwood	Randwick
2002	Eastwood	Sydney University
2001	Sydney University	Eastwood
2000	Randwick	Sydney University
1999	Eastwood	Sydney University
1998	Gordon	Northern Suburbs
1997	Manly	Eastwood
1996	Randwick	Warringah
1995	Gordon	Canberra
1994	Randwick	Warringah
1993	Gordon	Warringah
1992	Randwick	Gordon
1991	Randwick	Eastern Suburbs
1990	Randwick	Eastern Suburbs
1989	Randwick	Eastwood
1988	Randwick	Warringah
1987	Randwick	Warringah
1986	Parramatta	Randwick
1985	Parramatta	Randwick
1984	Randwick	Parramatta

Year	Premiers	Runners-up
1945	Sydney University	Parramatta
1944	Eastern Suburbs	Sydney University
1943	Manly	Eastern Suburbs
1942	Manly	Sydney University
1941	Eastern Suburbs	Sydney University
1940	Randwick	Manly
1939	Sydney University	Randwick
1938	Randwick	Western Suburbs
1937	Sydney University	Western Suburbs
1936	Drummoyne	Sydney University
1935	Northern Suburbs	Manly
1934	Randwick	Manly
1933	Northern Suburbs	Manly
1932	Manly	Drummoyne
1931	Eastern Suburbs	Manly
1930	Randwick	<i>Round Robin</i>
1929	Western Suburbs	Northern Suburbs
1928	Sydney University	YMCA Sydney
1927	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1926	Sydney University	Randwick
1925	Glebe-Balmain	<i>Round Robin</i>
1924	Sydney University	Western Suburbs
1923	Sydney University	Glebe-Balmain
1922	Manly	Glebe-Balmain
1921	Eastern Suburbs	Manly
1920	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1919	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1918	<i>no competition</i>	
1917	<i>no competition</i>	
1916	<i>no competition</i>	
1915	<i>no competition</i>	
1914	Glebe	<i>Round Robin</i>
1913	Eastern Suburbs	<i>Round Robin</i>
1912	Glebe	Western Suburbs
1911	Newtown	Sydney University
1910	Newtown	<i>Round Robin</i>

1983	Manly	Randwick
1982	Randwick	Warringah
1981	Randwick	Manly
1980	Randwick	Gordon
1979	Randwick	Parramatta
1978	Randwick	Eastern Suburbs
1977	Parramatta	Randwick
1976	Gordon	Eastwood
1975	Northern Suburbs	Parramatta
1974	Randwick	Parramatta
1973	Randwick	Western Suburbs
1972	Sydney University	Gordon
1971	Randwick	Manly
1970	Sydney University	Eastern Suburbs
1969	Eastern Suburbs	Gordon
1968	Sydney University	Manly
1967	Randwick	Gordon
1966	Randwick	Eastwood
1965	Randwick	Northern Suburbs
1964	Northern Suburbs	Sydney University
1963	Northern Suburbs	Sydney University
1962	Sydney University	Randwick
1961	Sydney University	Drummoyne
1960	Northern Suburbs	Manly
1959	Randwick	Northern Suburbs
1958	Gordon	Manly
1957	St George	Gordon
1956	Gordon	St George
1955	Sydney University	Gordon
1954	Sydney University	St George
1953	Sydney University	Eastern Suburbs
1952	Gordon	Manly
1951	Sydney University	Eastern Suburbs
1950	Manly	Gordon
1949	Gordon	Sydney University
1948	Randwick	Manly
1947	Eastern Suburbs	Manly
1946	Eastern Suburbs	Randwick

1909	Glebe	South Sydney
1908	Newtown	Sydney University
1907	Glebe	Sydney University
1906	Glebe	<i>Round Robin</i>
1905	South Sydney	<i>Round Robin</i>
1904	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1903	Eastern Suburbs	<i>Round Robin</i>
1902	Western Suburbs	<i>Round Robin</i>
1901	Glebe	<i>Round Robin</i>
	Sydney University	<i>(Joint Premiers)</i>
1900	Glebe	<i>Round Robin</i>
1899	Wallaroos	Sydney University
1898	Pirates	Sydney University
1897	Randwick	Pirates
1896	Randwick	Wentworth
1895	Randwick	Wallaroos
1894	Randwick	Wallaroos
1893	Sydney University	Randwick
1892	Wallaroos	Sydney University
1891	Sydney University	Zealandia
1890	Sydney University	Strathfield
1889	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1888	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1887	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1886	Gordon	<i>Round Robin</i>
1885	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1884	Burwood	<i>Round Robin</i>
1883	Redfern	<i>Round Robin</i>
1882	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1881	Sydney University	<i>Round Robin</i>
1880	Wallaroos	<i>Round Robin</i>
1879	Wallaroos	<i>Round Robin</i>
1878	Wallaroos	<i>Round Robin</i>
1877	Wallaroos	<i>Round Robin</i>
1876	Wallaroos	<i>Round Robin</i>
1875	Balmain	<i>Round Robin</i>
1874	Waratah	<i>Round Robin</i>

4.5 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Brisbane

Histórico das Finais da *Queensland Premiership* (1899-2019)

Year	Premiers	Runners-Up	Year	Premiers	Runners-Up
2019	University of Queensland	Brothers	1966	Brothers	University of Queensland
2018	GPS Old Boys	University of Queensland	1965	University of Queensland	GPS Old Boys
2017	University of Queensland	GPS Old Boys	1964	University of Queensland	Teachers
2016	Brothers	University of Queensland	1963	Teachers	University of Queensland
2015	Southern Districts	Eastern Districts	1962	University of Queensland	Southern Districts
2014	University of Queensland	Sunnybank	1961	GPS Old Boys	University of Queensland
2013	Eastern Districts	GPS Old Boys	1960	University of Queensland	Brothers
2012	University of Queensland	Sunnybank	1959	Brothers	University of Queensland
2011	Sunnybank	Brothers	1958	Southern Districts	University of Queensland
2010	University of Queensland	Sunshine Coast	1957	University of Queensland	Southern Districts
2009	Brothers	Southern Districts	1956	University of Queensland	GPS Old Boys
2008	Eastern Districts	Brothers	1955	University of Queensland	Southern Districts
2007	Sunnybank	Gold Coast	1954	University of Queensland	GPS Old Boys
2006	West Brisbane	Brothers	1953	Brothers	University of Queensland
2005	Sunnybank	Gold Coast	1952	University of Queensland	Brothers
2004	Gold Coast	University of Queensland	1951	Brothers	GPS Old Boys
2003	Canberra	Gold Coast	1950	Brothers	University of Queensland
2002	Canberra	Eastern Districts	1949	Brothers	University of Queensland
2001	Canberra	Gold Coast	1948	University of Queensland	GPS Old Boys
2000	Southern Districts	West Brisbane	1947	University of Queensland	Brothers
1999	Eastern Districts	West Brisbane	1946	Brothers	GPS Old Boys
1998	Southern Districts	West Brisbane	1940-45	Not Awarded	
1997	Eastern Districts	Southern Districts	1939	Y.M.C.A	
1996	GPS Old Boys	Southern Districts	1938	Eagle Junction	
1995	Southern Districts	Eastern Districts	1937	Eagle Junction	
1994	Southern Districts	Sunnybank	1936	Eagle Junction	
1993	Southern Districts	Sunnybank	1935	Eagle Junction	
1992	Southern Districts	University of Queensland	1934	University	
1991	Southern Districts	West Brisbane	1933	Y.M.C.A	

1990	University of Queensland	Brothers	1932	University	
1989	University of Queensland	Southern Districts	1931	University	
1988	University of Queensland	Southern Districts	1930	University	
1987	Brothers	Southern Districts	1929	Y.M.C.A.	
1986	Southern Districts	Brothers	1920-28	Not Awarded	
1985	West Brisbane	University of Queensland	1919	Christian Brothers F.C.	
1984	Brothers	Eastern Districts	1916-18	Not Awarded	
1983	Brothers	University of Queensland	1915	Christian Brothers F.C.	
1982	Brothers	University of Queensland	1914	Christian Brothers F.C.	
1981	Brothers	North Brisbane	1913	Not played	
1980	Brothers	Southern Districts	1912	Christian Brothers F.C.	
1979	University of Queensland	Brothers	1911	Christian Brothers F.C.	
1978	Brothers	University of Queensland	1910	Christian Brothers F.C.	
1977	West Brisbane	Brothers	1909	Valley F.C.	
1976	Teachers-Norths	GPS Old Boys	1908	Valley F.C.	
1975	Brothers	GPS Old Boys	1907	North Brisbane F.C.	
1974	Brothers	GPS Old Boys	1906	North Brisbane F.C.	
1973	Brothers	GPS Old Boys	1905	North Brisbane F.C.	
1972	GPS Old Boys	University of Queensland	1904	North Brisbane F.C.	
1971	Brothers	Eastern Districts	1903	Toombul & Nundah. F.C.	
1970	University of Queensland	GPS Old Boys	1902	South Brisbane F.C.	
1969	University of Queensland	Brothers	1901	South Brisbane F.C.	
1968	Brothers	University of Queensland	1900	City F.C.	
1967	University of Queensland	GPS Old Boys	1899	Past Grammar School F.C.	

4.6 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Canberra

Histórico das Finais da *John I Dent Cup* (1889-2019)

	<u>Champion</u>	<u>Vice-Champ</u>		<u>Champion</u>
2019	Canberra Royals	Tuggeranong Vikings	1978	West's Lions
2018	Vikings	Canberra Royals	1977	Canberra Royals
2017	Canberra Royals	West's Lions	1973–76	West's Lions
2016	Tuggeranong Vikings	Queanbeyan Whites	1971–72	Northern Suburbs
2015	Canberra Royals	Tuggeranong Vikings	1969–70	West's Lions
2011–14	Tuggeranong Vikings		1968	Canberra Royals
2010	Queanbeyan		1967	Northern Suburbs
2009	Tuggeranong Vikings		1964–66	Canberra Royals
2007–08	Queanbeyan Whites		1963	Northern Suburbs
2006	Tuggeranong Vikings		1960–62	<u>RMC</u>
2005	West's Lions		1959	Queanbeyan Whites
2004	Tuggeranong Vikings		1957–58	Canberra Royals
2003	Gungahlin Eagles		1956	Northern Suburbs
2000–02	West's Lions		1955	<u>RMC</u>
1997–99	Tuggeranong Vikings		1954	Canberra Royals
1996	West's Lions		1951–53	<u>RMC</u>
1994–95	Tuggeranong Vikings		1950	RMC No. 2 ^[4]
1993	West's Lions		1949	<u>RMC</u>
1992	ANU		1948	RMC & Northern Suburbs
1987–91	Canberra Royals		1947	Eastern Suburbs
1986	Daramalan		1942–46	<u>RMC</u>
1985	Canberra Royals		1941	Eastern Suburbs & RMC
1984	Daramalan		1940	Northern Suburbs
1981–83	Queanbeyan Whites		1939	<u>Royal Military College (RMC)</u>
1979–80	Canberra Royals		1938	<u>Royal Military College (RMC)</u>

4.7 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - zona a norte da Baía de Auckland (Sede: Albany)

Histórico das Finais da *North Harbour Premier* (1889-2019)

	Champion	Vice
2019	East Coast Bays	Northcote
2018	Northcote	East Coast Bays
2017	Northcote	Takapuna
2016	Massey	Takapuna
2015	Massey	North Shore
2014	North Shore	Massey
2013	Massey	North Shore
2012	Western Pioneers	Silverdale
2011	North Shore	Silverdale
2010	Northcote	North Shore
2009	Takapuna	Northcote
2008	Takapuna	North Shore
2007	Takapuna	Marist
2006	Takapuna	Glenfield
2005	Massey	Takapuna
2004	Massey	
2003	Silverdale	
2002	Takapuna	North Shore
2001	North Shore	
2000	Takapuna	Glenfield
1999	Takapuna	Silverdale
1998	Takapuna	North Shore
1997	Takapuna	North Shore
1996	Takapuna	Hellensville
1995	Takapuna	Northcote
1994	Takapuna	ECB
1993		

4.8 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Auckland

Histórico das Finais da *Gallaher Shield* (1883-2019)

	Champion	Vice
2019	Ponsonby	Marist
2018	Ponsonby	Auckland Uni
2017	Auckland Uni	Suburbs
2016	Suburbs	Grammar TEC
2015	Grammar TEC	Auckland Uni
2014	Auckland Uni	Grammar TEC
2013	Pakuranga	Auckland Uni
2012	Grammar Carlton	Marist Brothers OB
2011	Ponsonby	Grammar Carlton
2010	Ponsonby	
2009	Ponsonby	
2008	Ponsonby	Waitemata
2007	Ponsonby	Waitemata
2006	Ponsonby	
2005	Ponsonby	
2004	Ponsonby	
2003	Waitemata	
2002	Ponsonby	
2001	Ponsonby	
2000	Otahuhu	
1999	Teachers Eastern	
1998	Teachers Eastern	
1997	Auckland Uni	
1996	Marist	
1995	Ponsonby	
1994	Marist	
1993	Ponsonby	
1992	Suburbs	
1991	Marist	
1990	Ponsonby	

	Champion
1973	Manukau
1972	Grammar
1971	Auckland Uni
1970	Grammar
1969	Otahuhu
1968	Manukau
1967	Grammar
1966	Auckland Uni
1965	Otahuhu
1964	College Riffles
1963	Otahuhu
1962	Waitemata
1961	Otahuhu
1960	Otahuhu
1959	Otahuhu
1958	Waitemata
1957	Auckland Uni
1956	Auckland Uni / Otahuhu
1955	Auckland Uni
1954	Ponsonby
1953	Grammar
1952	Auckland Uni
1951	Grammar
1950	Marist
1949	Auckland Uni
1948	Ponsonby
1947	Marist
1946	Grafton
1945	Whenuapai
1944	Auckland Uni

	Champion
1927	Ponsonby
1926	Ponsonby
1925	Ponsonby
1924	Ponsonby
1923	Marist
1922	Grammar
1921	Grafton
1920	Grammar
1919	College Riffles
1918	Auckland Uni
1917	Railway
1916	Auckland Uni
1915	Marist
1914	Auckland Uni
1913	Ponsonby
1912	Marist
1911	City
1910	Ponsonby
1909	Ponsonby
1908	Ponsonby
1907	City
1906	City
1905	City
1904	Newton
1903	City
1902	City
1901	City
1900	City
1899	North Shore
1898	Newton

1989	Marist	
1988	Ponsonby	
1987	Auckland Uni	
1986	Ponsonby	
1985	Ponsonby	
1984	Auckland Uni	
1983	Ponsonby	
1982	Otahuhu	
1981	Ponsonby	
1980	Takapuna	
1979	Ponsonby	
1978	Ponsonby	
1977	Suburbs	
1976	Ponsonby	
1975	Waitemata	
1974	Auckland Uni	

1943	Garrison
1942	Motor Transport Pool
1941	Papakura Army
1940	Takapuna
1939	Marist
1938	Ponsonby
1937	Ponsonby
1936	Ponsonby
1935	Technical Old Boys
1934	Grafton
1933	Marist / Ponsonby / Auckland Uni
1932	Grammar
1931	Grammar
1930	Ponsonby
1929	Ponsonby
1928	Auckland Uni

1897	Ponsonby
1896	Parnell / Newton / City
1895	Grafton
1894	Parnell
1893	Parnell
1892	Parnell
1891	Ponsonby / Parnell
1890	Ponsonby
1889	Ponsonby
1888	Grafton
1887	Ponsonby
1886	Grafton
1885	Ponsonby
1884	Ponsonby
1883	Ponsonby

4.9 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - região sul de Auckland (Sede: Pukekohe)

Histórico das Finais da *McNamara Cup* (1996-2019)

	Champion	Vice		Champion
2019	Bombay	Ardmore Marist	1986	Manurewa
2018	Ardmore Marist	Patumahoe	1985	Bombay
2017	Bombay	Karaka	1984	Manurewa
2016	Bombay	Ardmore Marist	1983	Ardmore
2015	Bombay	Karaka	1982	Papakura
2014	Bombay	Karaka	1981	Ardmore
2013	Ardmore Marist	Pukekohe	1980	Manurewa
2012	Patumahoe		1979	Ardmore
2011	Pukekohe		1978	Manurewa
2010	Waiuku		1977	Manurewa
2009	Patumahoe		1976	Manurewa
2008	Ardmore Marist		1975	Manurewa
2007	Pukekohe		1974	Papakura/Manurewa
2006	Patumahoe		1973	Papakura
2005	Pukekohe		1972	Papakura
2004	Pukekohe		1971	Manurewa
2003	Waiuku		1970	Manurewa
2002	Ardmore Marist		1969	Manurewa
2001	Ardmore Marist		1968	Papakura
2000	Waiuku		1967	Manurewa
1999	Pukekohe		1966	Manurewa
1998	Manurewa		1965	Manurewa
1997	Manurewa		1964	Pukekohe
1996	Papakura		1963	Manurewa
1995	Manurewa		1962	Manurewa
1994	Manurewa		1961	Manurewa
1993	Manurewa		1960	Ardmore/Pukekohe
1992	Manurewa		1959	Onewhero Utd
1991	Manurewa		1958	Papakura/Waiuku
1990	Manurewa		1957	Papakura
1989	Bombay		1956	Papakura
1988	Manurewa		1955	City Ramblers
1987	Bombay			

4.10 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Waikato (capital e sede: Hamilton)

Histórico das Finais da *Waikato Premier* (2000-2019)

	Champion	Vice		Champion
2019	Hautapu	Fraser Tech	1992	Taupiri
2018	Hamilton OB	Hautapu	1991	Hamilton OB
2017	Hamilton OB	Otorohanga	1990	Fraser Tech
2016	Melville	Hamilton OB	1989	Hamilton OB
2015	Hamilton Marist	Waikato Uni	1988	Fraser Tech/Hamilton OB
2014	Hamilton Marist	Hamilton OB	1987	Fraser Tech
2013	Hamilton Marist	Otorohanga	1986	Ngaruawahia
2012	Otorohanga	Fraser Tech	1985	Ngaruawahia
2011	Fraser Tech	Hamilton OB	1984	Hamilton OB
2010	Fraser Tech	Morrinsville	1983	Hamilton Marist
2009	Morrinsville		1982	Hamilton OB
2008	Fraser Tech	Hautapu	1981	Melville
2007	Hautapu		1980	Hamilton Marist
2006	Hautapu		1979	Hamilton OB
2005	Hamilton OB		1978	Melville
2004	Hamilton OB		1977	Hamilton OB
2003	Hamilton Marist		1976	Fraser Tech
2002	Hamilton Marist		1975	Fraser Tech
2001	Hamilton OB		1974	Tokoroa
2000	Fraser Tech		1973	Hamilton OB
1999	Hautapu		1972	Hamilton Marist
1998	Hautapu		1971	Fraser Tech
1997	Hamilton OB		1970	Frankton
1996	Fraser Tech		1969	Frankton
1995	Fraser Tech		1968	Hamilton OB
1994	Hamilton Marist		1967	Putaruru Athletic
1993	Hamilton OB			

4.11 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) – Manawatu (Sede: Palmerston North)

Histórico das Finais da *Hankins Shield* (1886-2019)

	Champion	Vice
2019	Feilding	Massey Uni
2018	Feilding OB-Orua	Feilding
2017	OB Marist	Kia Toa
2016	Massey Uni	Kia Toa
2015	College OB	Kia Toa
2014	College OB	Kia Toa
2013	Kia Toa	Massey Uni
2012	College OB	Massey Uni
2011	Massey Uni	
2010	Massey Uni	Feilding OB-Orua
2009	Kia Toa	Massey Uni
2008	Kia Toa	Te Kawau
2007	College OB	Feilding
2006	College OB	Massey Uni
2005	College OB	Feilding OB
2004	Massey Uni	HSOB
2003	Te Kawau	OB Marist
2002	Te Kawau	OB Marist
2001	HSBO	College OB
2000	Te Kawau	OB Marist
1999	Te Kawau	HSBO
1998	OB Marist	Feilding OB
1997	Te Kawau	Feilding OB
1996	Orua	OB Marist
1995	OB Marist	Feilding OB
1994	Feilding OB	Te Kawau
1993	Kia Toa	Feilding OB
1992	OB Marist	Kia Toa
1991	College OB	OB Marist
1990	College OB	HSBO

	Champion	Vice
1989	HSBO	Massey Uni
1988	Massey Uni	
1987	Massey Uni	College OB
1986		
1985	Feilding	OB Marist
1984	Feilding	
1983	OB Marist	(shared)
1982	Massey Uni	
1981		
1971		
1970	Feilding	
1969	Feilding	
1968		
1967		
1966		
1965		OB Marist
1964		
1963		
1962	Feilding	
1961		
1960	Feilding	
1959		
1954	Feilding	
1896	Feilding	
1886	Feilding	

4.12 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Wellington

Histórico das Finais da *Jubilee Cup* (1879-2019)

	Champion	Vice
2019	Northern United	Wainuiomata
2018	OB Uni	Northern United
2017	OB Uni	Hutt OB Marist
2016	Tawa	Marist St Pats
2015	OB Uni	Marist St Pats
2014	Hutt OB Marist	Wainuiomata
2013	Tawa	Oriental-Rongotai
2012	Marist St Pats	Oriental-Rongotai
2011	Oriental-Rongotai	Northern United
2010	Northern United	Poneke
2009	Marist St Pats	Northern United
2008	Northern United	Marist St Pats
2007	Hutt OB Marist	Marist St Pats
2006	Northern United	Poneke
2005	Petone	Northern United
2004		
2003		
2002		

4.13 Tier 4 (Campeonatos locais/distritais) - Christchurch

Histórico das Finais da *Hawkins Cup* (1889-2019)

	Champion	Vice		Champion
2020	Lincoln Uni	Marist Albion	1997	Sydenham
2019	HSOB	Lincoln Uni	1996	Sydenham
2018	Lincoln Uni	New Brighton	1995	HSBO
2017	Lincoln Uni	University	1994	Marist
2016	Lincoln Uni	New Brighton	1993	Burnside
2015	Lincoln Uni	Christchurch RC	1992	Burnside
2014	HSOB	Sydenham	1991	Marist
2013	New Brighton	HSOB	1990	University
2012	Burnside	Sydenham	1989	Marist & Shirley
2011	HSOB	University	1988	Marist
2010	Christchurch RC	Burnside	1987	University
2009	Christchurch RC	Linwood	1986	Shirley
2008	HSBO		1985	Marist
2007	HSBO		1984	New Brighton
2006	Burnside		1983	University
2005	Christchurch		1982	University
2004	HSBO		1981	Lincoln College
2003	Marist Albion		1980	University
2002	HSBO		1979	HSBO
2001	HSBO		1978	New Brighton
2000	Christchurch		1977	University
1999	Sydenham		1976	Christchurch
1998	Sydenham		1975	Christchurch

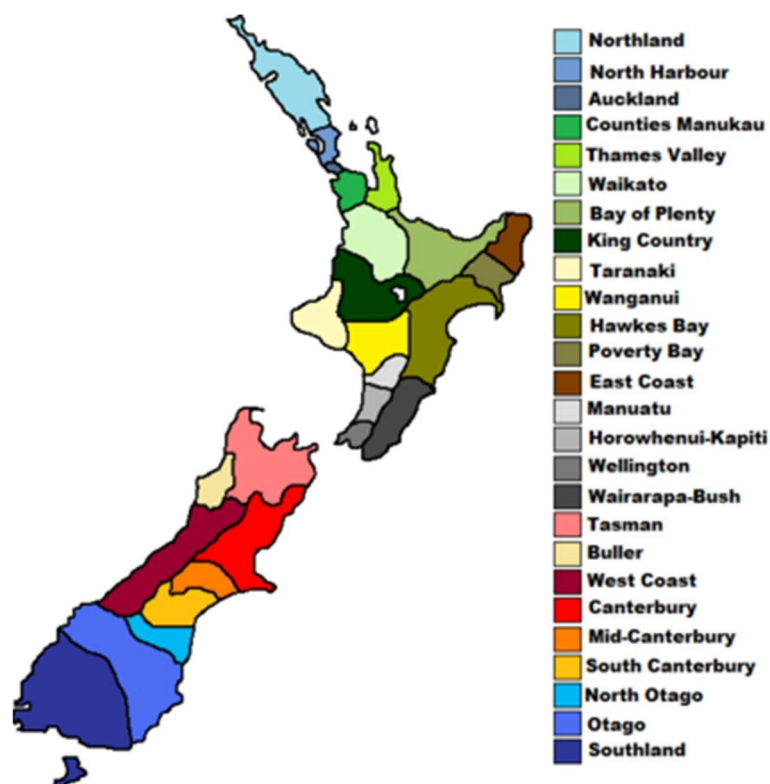
Anexo V – fotos das Competições da SANZAR



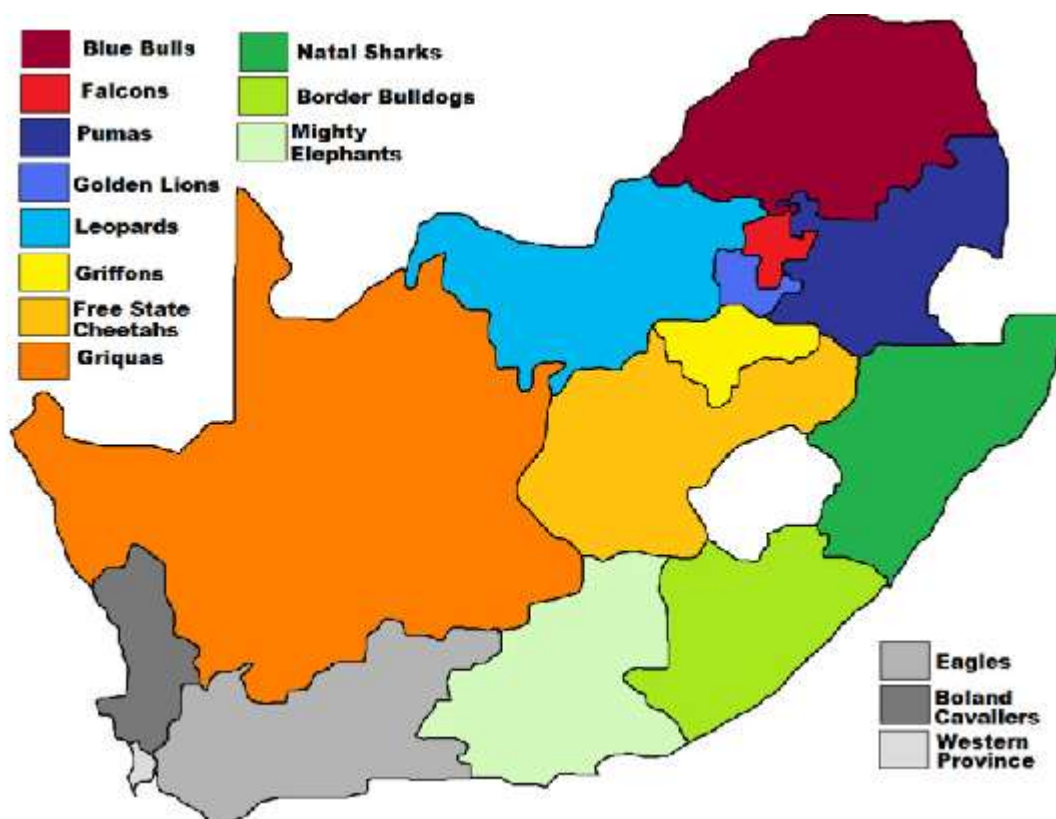
Rugby Championship – países participantes



Super Rugby – franquias participantes



National Provincial Championship (NZ) – federações provinciais



Currie Cup (Africa Sul) – federações provinciais

Anexo VI - Carta de Apresentação da CBRu



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY

July 7th, 2015

To: Mr. Hamish Riach – CEO of CRFU

From: Agustin Danza – CEO of the Brazilian Rugby Union (CBRu)

Dear Hamish,

The Brazil Rugby Union (CBRu) would like to introduce to you Mr. José Alpuim. José is a Brazilian, works as an Assistant Professor on Financial Management at Instituto Federal de Brasília (www.ifb.edu.br) and is currently a PhD student in Universidade Lusófona of Lisbon, Portugal. His PhD Thesis is about SANZAR organization and he would like to know if there is a possibility of an academic interview with you.

José was a Brazil Women Manager in CBRu, from January 2008 until July 2009. He also was a CBRu Regional Developing Officer who promoted the Game in the North East of Brazil from October 2005 until December 2009.

He has been a rugby player all his life. Now is an amateur coach, and through many other milestones achieved, he was Brazil Women 7s Manager at RWC7s 2009, in Dubai.

His main Research Question (RQ) is "What makes SANZAR nations win consistently?", and he is focusing on Sport Management issues for his PhD, such as International Strategy, Branding, Funding/Financing (Public/Private), Federalism and Balanced Competitions.

He has a Brazilian grant to go to New Zealand, from July 14 until the end of July, thus he will be available in any date in between.

We hope you understand how much your interview could help his research and this way could improve the organization of rugby institutions of Brasil.

Looking forward to hearing from you,

Best Regards,

Agustin Danza

www.brasilrugby.com.br

Tel: +55 11 3864-1336 | Fax: +55 11 3045-3215 | Email: office@brasilrugby.com.br
Rua Tapinas, 22- conjunto 61- Itaim Bibi | São Paulo, SP – Brasil | CEP: 04531-050

ANEXO VII – Lista dos entrevistados

31/jul	Brendan Morris	SANZAR	CEO	SANZAR
23/out	Dan Retief		Journalist	
17/ago	Geoff Shaw	Reds / ARU	Past-Manager	ARU
10/set	Ben Whittaker	ARU	HP Director	ARU
	Paul McLean	ARU	Board Member	ARU
14/ago	Ross Xenos	RUPA	CEO	ARU
01/out	Dan Tatham	NZRU	Director	NZRU
	Rob Fisher	NZRU	President	NZRU
25/ago	Michael Jones	ACT BRUMBIES	CEO	SR Australia
30/jul	Peter Rowles	WARATAHS	Past-Manager	SR Australia
02/set	Greg Harris	WARATAHS	CEO	SR Australia
24/ago	Peter McGrath	ACT BRUMBIES	Past-Manager	ACT RFU
25/ago	Sean Hammond	ACT BRUMBIES	Board Member	ACT RFU
17/ago	Michael Backstorm	QLD RFU	General Manager	QLD RFU
03/set	Bruce Worboys	NSW RFU	General Manager	NSW RFU
20/jul	Hamish Riach	CRUSADERS	CEO	SR NZ
22/set	Michael Redman	BLUES	CEO	SR NZ
24/set	Andrew Flexman	CHIEFS	CEO	SR NZ
29/set	Avan Lee	HURRICANES	CEO	SR NZ
26/out	Rudolf Straeuli	LIONS	CEO	SR Af Sul
29/out	Rory Duncan	CHEETAHS	CEO	SR Af Sul
30/out	Barend van Graan	BULLS	CEO	SR Af Sul
11/ago	Gary Flowers	NH Rays	CEO	NRC
01/set	Hannah Catchpole	Sydney Stars	General Manager	NRC
12/set	Matt Kaye	QLD Country	General Manager	NRC
20/jul	Hamish Riach	Canterbury RFU	CEO	NPC
		North Harbour		
24/set	Brett Hollister	RFU	CEO	NPC
28/set	John Kowles	Manawatu RFU	CEO	NPC
01/out	Steve Rogers	Wellington RFU	CEO	NPC
01/out	Will Caccia-Birtch	Wellington RFU	General Manager	NPC
08/out	Andrew Maddock	Counties RFU	CEO	NPC
11/out	Jeremy Parkinson	Northland	CEO	NPC
14/out	Blair Foote	Waikato RFU	CEO	NPC
15/out	Andy Dalton	Auckland RFU	CEO	NPC
20/out	Pieter Burguer	Pumas RU	CEO	Currie Cup

21/out	Eugene Hare	Blue Bulls RU	CEO	Currie Cup
30/out	Barend van Graan	Blue Bulls	CEO	Currie Cup
26/out	Edgar Rathbone	Golden Lions RU	CFO	Currie Cup
27/out	Jurie Coetzee	Falcons	CEO	Currie Cup
27/out	Andres de Kock	Leopards RU	CEO	Currie Cup
28/out	Riaan Vorster	Griquas	CEO	Currie Cup
29/out	Rory Duncan	FS Cheetahs	CEO	Currie Cup
29/out	Eugene van Wyk	Griffons	CEO	Currie Cup
17/ago	Gaven Head	Sunnybank	President	QLD
18/ago	Pat Richards	Easts Tigers	General Manager	QLD
19/ago	David Park	GPS	President	QLD
19/ago	Tony Shepley	Souths	President	QLD
12/set	Matt Kaye	Brothers	President	QLD
24/ago	David Bensley	Wests	President	ACT
25/ago	Darren Goodwin	Royals	President	ACT
04/ago	Tony Crawford	Northern Suburbs	President	Shute Shield
05/ago	David Begg	Manly	President	Shute Shield
05/ago	Ian MacDonald	Manly	Past-President	Shute Shield
12/ago	Graham Hearl	Gordon	President	Shute Shield
13/ago	Phillip Parsons	Warringah	President	Shute Shield
14/ago	John Murray	Eastern Sub	President	Shute Shield
01/set	Hannah Catchpole	Sydney Uni	General Manager	Shute Shield
02/set	Paul McLean	ARU	Board Member	Shute Shield
02/set	Brian Blackblock	Parramatta	President	Shute Shield
04/set	John O'Neil	Southern	President	Shute Shield
22/jul	Dave Barker	Marist Albion	President	Christchurch
23/jul	Peter Magdson	Lincoln Univ	Club Captain	Christchurch
24/jul	Alan Direen	HSBO	President	Christchurch
24/jul	Mark Meats	University	Chairman	Christchurch
23/set	Alan Linstorm	Glenfield	President	NH
25/set	Mark Joint	Massey	President	NH
12/out	Frano Botica	Northcote	ex-All Black	NH
28/set	John Whitehead	Massey Uni	President	Manawatu
29/set	Sean O'Connor	Feilding	President	Manawatu
01/out	Scott Fuller	WellingtonFC	President	Wellington
01/out	Ian Cuff	OB Uni	Director of Rugby	Wellington
13/out	Glenn Flavell	Ardmore Marist	President	Counties
13/out	Craig Lewis	Karaka	President	Counties
14/out	Owen Booth	Waikato Uni	President	Waikato
14/out	Marcus Freke	Hamilton OB	President	Waikato
13/out	Kim Kwok	Ponsonby	Director of Rugby	Auckland
15/out	Ken Baguley	Varsity	Board Member	Auckland

15/out	Brandon Jackson	Grammar TEC	President	Auckland
22/out	Donovan Proudfoot	Centurion	GM	Pretoria
22/out	Japie van Risp	Police	GM	Pretoria
27/out	Jan McLachlan	Impala RC	President	NW
28/out	Ernest Bech	Crusaders	President	Bloemfontein
30/out	Brad Guymer	Pirates	GM	Johannesburg
30/out	Desmond Booysen	Raiders	GM	Johannesburg